

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

JOÃO HECKER LUZ

**JOSEPH LUTZENBERGER: VIDA GAÚCHA E IDENTIDADE GERMÂNICA NO RIO GRANDE
DO SUL DO SÉCULO XX**

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JOÃO HECKER LUZ

**JOSEPH LUTZENBERGER: VIDA GAÚCHA E IDENTIDADE
GERMÂNICA NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XX**

Tese de Doutorado em História para obtenção do título doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero

Porto Alegre

2023

Ficha Catalográfica

L979j Luz, João Hecker

Joseph Lutzenberger vida gaúcha e identidade germânica no Rio Grande do Sul do século XX / João Hecker Luz. – 2023.
313.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Antonio De Ruggiero.

1. Imigração alemã. 2. José Lutzenberger. 3. História do Rio Grande do Sul. 4. Arquitetura. 5. História do Brasil. I. De Ruggiero, Antonio. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

JOÃO HECKER LUZ

**JOSEPH LUTZENBERGER: VIDA GAÚCHA E IDENTIDADE
GERMÂNICA NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XX**

Tese de Doutorado em História para obtenção do título doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

APROVADA EM: ____ DE _____ DE _____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Antonio De Ruggiero (Orientador)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Professora Doutora Cláudia Musa Fay
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Professor Doutor Alexandre Karsburg
Universidade Federal de Santa Maria

Professora Doutora Rosane Neumann
Universidade Federal do Rio Grande

Professor Doutor Marcos Witt
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Dedico esta obra acadêmica à riqueza e à duplicidade
contida na figura de Lutzenberger (*in memoriam*)
entre os extremos de Joseph a José.

RECONHECIMENTO E GRATIDÃO

À família Lutzenberger por sua colaboração - José, Emma, José Antônio, Magdalena, Rose (*in memoriam*), Lilly e Lara Lutzenberger, em especial por dividir suas preciosidades. Nesse grupo, incluo a Giseli Messa.

À minha família pelo imenso aporte - Sérgio, Anna - pelas duras críticas e as eternas revisões.

Pelo carinho e atenção à Luciana Ehlers.

À amiga e colega, contumaz colaboradora dentro PPG, Fernanda Ambiedo.

Ao professor orientador, Antonio De Ruggiero.

Às pessoas que contribuíram de maneira decisiva nos “bastidores”: Milena Kunrath (tradutora), Lou Zanetti (revisora de linguagem), José Luiz Caldas (informática).

Aos funcionários - da Secretaria PPG - História; da Biblioteca da PUCRS; da Biblioteca Fac. Arquitetura UFRGS (Carmen); dos arquivos (Moisés Vellinho, APERS, IBA/UFRGS; Memorial legislativo/RS, Setor de arquivo/PMPA, Arquivo do Vale); Junta Comercial/RS em particular a sua presidente Lauren de Vargas Momback e o Secretário-Geral José Jacoby (os funcionários: Sandra Machado e Lucas Lumertz); o tiozinho do “Xerox” da esquina.

Aos colegas pesquisadores de Lutzenberger que forçaram maior atenção e cuidados na minha produção acadêmica: Baptista, Grieneisen, Hädrich, Luz, Pereira, Ravazzolo, Weimer.

Aos que contribuíram de outras formas - Elizabeth Torresini; Círio Simon (pelos esclarecimentos sobre o IBA); Ronaldo Marcos Bastos pelas dicas e imagens; Juliana Erpen; Ana Berlese; Flávio Kiefer (fotos casa restaurada); Carmen Englert (*in memoriam*), Joa“Quim” Eduardo Wiltgen Barbosa; Oscar Linck (genealogia); Lucia Maia.

Aos bravos imigrantes,

sem esquecer todos os que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento desta

tese,

SOU MUITO GRATO!

RESUMO

Estudo histórico biográfico da vida de Joseph Lutzenberger, compreendendo o recorte histórico entre 1889, quando nasceu, em Altötting, na Alemanha Bávara, até 1951, ano de sua morte, já na condição de cidadão brasileiro, em Porto Alegre (RS). O estudo tem por objetivo analisar o processo de assimilação de Lutzenberger, utilizando-se como base o estudo biográfico, permeado, em parte, pela micro-história e História Oral. Contém a descrição analítica da vida de Lutzenberger, na Alemanha e no Brasil. Para o período no Velho Mundo, toma-se por base as informações obtidas na autobiografia, iniciada em 1929, em que Lutzenberger narra as suas origens, as principais passagens da infância, sua formação estudantil, acadêmica e militar, suas experiências profissionais e bélicas nos campos de batalha na França e Bélgica durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918). O que desencadeia uma série de eventos que determinam seu desejo de migrar. Ao chegar ao Brasil, já empregado, inicia o seu processo de assimilação e de criação da nova identidade como estrangeiro no Rio Grande do Sul. Nessa etapa de sua vida é possível a busca “local” por dados em documentos e em relatos orais sobre o tempo em que reside e vem a falecer no hemisfério Sul. A análise biográfica é complementada em pesquisa da realidade “gaúcha” de Lutzenberger. O estudo avança na análise desta opção e na construção de suas redes sociais, a incluir seu casamento com Emma Kroeff que gera a sua prole gaúcha. Concomitante aos filhos ocorre a sua ascensão profissional com destaque para as principais construções no estado gaúcho. Lutzenberger amplia a atividade profissional e torna-se professor, escolha que coincide com as guinadas autoritárias do Estado Novo (1937) e da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942), eventos com reflexos deletérios na comunidade teuto-gaúcha, da qual Lutzenberger faz parte. Os resultados do estudo mostram a efetiva assimilação e a adoção da cultura local por parte de Lutzenberger no contexto da sociedade gaúcha evidenciadas na sua inserção social, nos hábitos cotidianos, nas produções profissionais e artísticas.

Palavras-chave: Imigração Alemã; Joseph Lutzenberger; Estudo Biográfico; Assimilação; Primeira Guerra Mundial; Estado Novo.

ABSTRACT

This is a biographical historical study of the life of Joseph Lutzenberger, comprising the historical period from 1889, when he was born, in Altötting, in German Bavaria, to 1951, the year of his death, already as a Brazilian citizen, in Porto Alegre (RS). The aim of this study is to analyze Lutzenberger's assimilation process, using a biographical study as a basis, partially permeated by microhistory and Oral History. It contains an analytical description of Lutzenberger's life in Germany and in Brazil. Information obtained in the autobiography, which begins in 1929, is taken as a basis for the period in the Old World, in which Lutzenberger tells his origins, the main passages of his childhood, his school, academic and military background, his professional and military experiences in the battlefields in France and Belgium during World War I (1914-1918). Germany is defeated, which triggers a series of events that determine his desire to immigrate. Upon his arrival in Brazil, already employed, he begins his process of assimilation and creation of a new identity as a foreigner in Rio Grande do Sul. At this stage of his life, it is possible to search "locally" for data in documents and oral reports about the time he lived and about his death in the Southern Hemisphere. The biographical analysis is complemented by a research into Lutzenberger's "gaucho" reality (in Rio Grande do Sul). The study goes further into the analysis of this option and in the construction of his social networks, including his marriage to Emma Kroeff, who gives birth to his offspring from Rio Grande do Sul. Simultaneous to the children, his professional rise takes place, with emphasis on the main constructions in the state of Rio Grande do Sul. Lutzenberger expanded his professional activity and became a teacher, a choice that coincided with the authoritarian shifts of the Estado Novo ("New State") (1937) and Brazil's entry into World War II (1942), events with harmful effects on the German-gaucho community, of which Lutzenberger is a member. The results of the study show the effective assimilation and adoption of the local culture by Lutzenberger in the context of Rio Grande do Sul society, evidenced in his social insertion, in his daily habits, in his professional and artistic productions.

Keywords: German immigration; Joseph Lutzenberger; Biographical Study; Assimilation; World War I; Estado Novo.

ZUSAMMENFASSUNG

Hierbei handelt es sich um eine historisch-biografische Studie über Joseph Lutzenberger, die den Zeitraum von 1889, als er im bayerischen Altötting geboren wurde, bis 1951, dem Jahr, in dem er als Brasilianischer Staatsbürger in Porto Alegre (RS) starb, umfasst. Diese Studie zielt darauf ab, auf der Grundlage einer biographischen Studie, die teilweise von Mikrogeschichte und mündlicher Geschichte durchdrungen ist, Lutzenbergers Assimilationsprozess zu analysieren. Es enthält eine analytische Beschreibung von Lutzenbergers Leben in Deutschland und in Brasilien. Für die Zeit in der Alten Welt werden die Informationen aus seiner 1929 begonnenen Autobiographie zugrunde gelegt, in der Lutzenberger seine Herkunft, die wichtigsten Ereignisse seiner Kindheit, seine studentische, akademische und militärische Ausbildung, seine beruflichen und kriegerischen Erfahrungen auf den Schlachtfeldern in Frankreich und Belgien während des Ersten Weltkriegs (1914-1918) schildert. Trotz all seiner Bemühungen kommt es zur deutschen Niederlage und damit zu einer Reihe von Ereignissen, die seinen Wunsch auszuwandern, bestimmen. Als er bereits als Angestellter in Brasilien ankam, begann er den Prozess der Assimilation und der Schaffung einer neuen Identität als Ausländer in Rio Grande do Sul. Über diesen Lebensabschnitt ist es möglich, 'vor Ort' nach Informationen in Dokumenten und in mündlichen Berichten über die Zeit zu suchen, in der er in der südlichen Hemisphäre lebte und starb. Die biografische Analyse wird durch die Erforschung von Lutzenbergers 'gaúcha'-Realität ergänzt. Die Studie analysiert diese Wahl und den Aufbau seiner sozialen Netzwerke, einschließlich seiner Ehe mit Emma Kroeff, aus der seine Gaucho-Nachkommen hervorgehen. Zeitgleich mit den Kindern erfolgt sein beruflicher Aufstieg mit Schwerpunkt auf den wichtigsten Bauwerken im Bundesstaat Rio Grande do Sul. Lutzenberger erweiterte seine berufliche Tätigkeit und wurde Lehrer, eine Entscheidung, die mit der autoritären Wende des (Neuen Staats) Estado Novo (1937) und dem Eintritt Brasiliens in den Zweiten Weltkrieg (1942) zusammenfiel. Diese Ereignisse hatten eine schädliche Auswirkung auf die Deutsch-Gaúcha-Gemeinschaft, zu der Lutzenberger gehörte. Die Ergebnisse dieser Studie zeigen, dass Lutzenberger sich die lokale Kultur im Kontext der Gaucho-Gesellschaft effektiv angeeignet hat, was sich in seiner sozialen Integration, seinen täglichen Gewohnheiten und seinen beruflichen und künstlerischen Produktionen widerspiegelt.

Schlüsselworte: Deutsche Einwanderung; Joseph Lutzenberger; Biographische Studie; Assimilation; Erster Weltkrieg; Estado Novo (Neuer Staat).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Magdalena Lutzenberger	17
Figura 2 - Altar da igreja-mor de Altötting e sua Virgem Negra.....	65
Figura 3 - A Virgem Negra esculpida em madeira da Tília.....	66
Figura 4 - Parte externa do templo do “Gnadenkapelle”.....	70
Figura 6 - Família de linces eurásianos	73
Figura 7 - Praça da igreja atualmente em Altötting	74
Figura 8 - Seminário Real Burghausen frequentado por Lutzenberger	76
Figura 9 - Família Lutzenberger	79
Figura 10 - Friedrich von Thiersch.....	82
Figura 11 - Cúpula construída para "Kurhaus" de Wiesbaden	83
Figura 12 - Câmara Legislativa e Prefeitura de Praga, estilo Art Nouveau.....	90
Figura 13 - Vista externa do Monastério Salesciano de Dietramszell	95
Figura 15 - O orgulhoso oficial Lutzenberger	106
Figura 16 - Aquarela de Lutzenberger retratando máscara antigases (1/05/1917)	110
Figura 17 - Cartão postal produzido por Lutzenberger para o Exército Alemão.....	115
Figura 18 - Camponês em traje típico da Bavária de Lutzenberger.....	123
Figura 19 - Cabine de Lutzenberger na viagem do navio Gelsia (Holanda-Brasil).....	140
Figura 20 - Recorte fotográfico do Contrato	155
Figura 21 - Imagem do Cinema Apolo	160
Figura 22 - Jantar de despedida do ex-governador Borges de Medeiros.	162
Figura 23 - Clube Caixeiral de Porto Alegre.	163
Figura 24 - Visão superior da igreja	164
Figura 25 - Vitrais da igreja São José, de José Lutzenberger.	166
Figura 26 - Construção da igreja São José e a Pedra Fundamental.	169
Figura 27 - Igreja São José do Centenário.....	170
Figura 28 - Esboço da igreja São José do Centenário feito por Lutzenberger.....	170
Figura 29 - Rua São Rafael (atual av. Alberto Bins), local da futura	171
Figura 30 - Papel timbrado de Lutzenberger ao se tornar profissional autônomo	174
Figura 31 - Hotel Esplêndido	182
Figura 32 - Brasão da Feira Centenária da Imigração, 1924 - Novo Hamburgo.	185
Figura 33 - Documento de Casamento de Joseph Lutzenberger/Emma Kroeff.....	187
Figura 34 - Assinaturas dos noivos.....	188
Figura 35 - Casal Emma e José (o urso) passeando na pacata Novo Hamburgo	189
Figura 36 - Frontão da igreja matriz São Luis de Novo Hamburgo	189
Figura 37 - Frontão da igreja de Altötting (Alemanha).....	190
Figura 38 - Foto interna da residência de Lutzenberger	192
Figura 39 - Emma toma chimarrão.....	193
Figura 40 - Pedro Adams Filho e José Lutzenberger.....	195
Figura 41 - Noivos José e Emma.....	197
Figura 42 - Genealogia de Joseph Lutzenberger	199
Figura 43 - Primogênito Lutzenberger e "Thêre"	200
Figura 44 - Magdalena, Emma e Rose na rua da Praia (Porto Alegre).....	204
Figura 45 - Rose Lutzenberger	207
Figura 46 - Rose, desenhada pelo pai	207
Figura 47 - Casa Lutzenberger restaurada	208
Figura 48 - Casa de aluguel de Oscar Bastian Pinto.....	209
Figura 49 - Placa indicativa de Lutzenberger	210
Figura 50 - Vitrô do lar dos Lutzenberger	211
Figura 51 - Estojo de aquarelas e material de desenho técnico	213
Figura 52 - Anúncio de doação ao Pão dos Pobres.....	215
Figura 53 - Prédio do Pão dos Pobres (1930).....	217
Figura 54 - "Cartão-postal" do Pão dos Pobres	217
Figura 55 - Prédio do Pão dos Pobres.....	218

Figura 57 - Prédio Bastian Pinto atual.....	220
Figura 58 - Folheto da AGESA	222
Figura 59 - Relação das obras na Exposição do Centenário Farroupilha	225
Figura 60 - Pavilhão Cultural, em 1935.....	225
Figura 61 - Excerto do processo de naturalização de Lutzenberger	227
Figura 62 - Carteira do CREA-RS de Lutzenberger.....	228
Figura 63 - Material didático de Lutzenberger (IBA).....	233
Figura 64 - Ato de assinatura do novo prédio do IBA	234
Figura 65 - Aula de Estereometria Lutzenberger docente	236
Figura 66 - Atestado do início da docência no IBA	237
Figura 67 - Cartão postal da igreja de Santo Ângelo (RS)	243
Figura 68 - Anúncio do escritório de Lutzenberger.....	243
Figura 69 - Referência de estojo - série cartões postais.....	244
Figura 70 - Estojo - séries dos cartões postais.....	244
Figura 71 - Lendas brasileiras (capa e ilustração)	246
Figura 72 - Cavaleiro europeu	247
Figura 73 - Cavaleiro gaúcho	247
Figura 74 - Gaúcho tocando o gado	248
Figura 75 - Gaúcho de carroça	248
Figura 76 - Soldado farroupilha mira.....	249
Figura 77 - Estouro da boiada	250
Figura 79 - Eleição	253
Figura 80 - Identidade de estrangeiro	258
Figura 81 - Validação anual da identidade	258
Figura 82 - Mulheres fofocando	263
Figura 83 - Decoração militar e José Antônio	268
Figura 84 - Comemoração dos 25 anos de casamento	269

LISTA DE MAPAS

Mapa I - Divisão Política da Alemanha (cidades onde Lutzenberger trabalhou)	64
Mapa II - República Tcheca e Praga	89
Mapa III - Bavária e localidades onde Lutzenberger trabalhou	124
Mapa IV – Estado do Rio Grande do Sul e cidades com as principais obras de Lutzenberger	271

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	34
1.1 - ANÁLISE BIOGRÁFICA	34
1.2 HISTÓRIA ORAL.....	42
1.3 MICRO-HISTÓRIA	45
1.4 ASSIMILAÇÃO E A IDENTIDADE DE LUTZENBERGER NO RS.....	50
2 FAMÍLIA LUTZENBERGER FORMAÇÃO E GRANDE GUERRA.....	64
2.1 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO NATAL DE LUTZENBERGER.....	65
2.2 LINHAGEM E GENEALOGIA	71
2.3 FORMAÇÃO ESTUDANTIL.....	74
2.4 ACADEMIA E VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS	81
2.5 GRANDE GUERRA E JOSEPH LUTZENBERGER	93
2.6 DERROTA DA ALEMANHA NA GUERRA	117
3 IMIGRAÇÃO ALEMÃ AO RS E OS ANOS INICIAIS DE LUTZENBERGER EM PORTO ALEGRE.....	125
3.1 ASPECTOS GERAIS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ PARA O RIO GRANDE DO SUL.....	125
3.2 POLÍTICA GAÚCHA NA REPÚBLICA.....	129
3.3 ASPECTOS PROFISSIONAIS E A CONSTRUÇÃO DAS REDES SOCIAIS DE LUTZENBERGER EM PORTO ALEGRE.....	136
3.4 O CASAMENTO	180
4 DESCENDÊNCIA, ASCENSÃO PROFISSIONAL, AUTORITARISMO	199
4.1 A PROLE.....	199
4.2 ATIVIDADE PROFISSIONAL AUTÔNOMA E DOCÊNCIA.....	213
4.3 PALÁCIO DO COMÉRCIO.....	236
4.4 O ESTADO NOVO E O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	252
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	273
REFERÊNCIAS	282
ANEXOS	305

INTRODUÇÃO

Na presente tese, intitulada JOSEPH LUTZENBERGER¹: vida gaúcha e identidade germânica no Rio Grande do Sul do século XX, aborda-se o público e o privado de um imigrante alemão e descreve-se, parcialmente, a trajetória de sua vida, destacando-se os fenômenos sociais subjacentes ao processo de assimilação e adaptação junto à sociedade local da época. O imigrante aqui retratado aparece no seu contexto microsocial, em Porto Alegre (RS), a partir da década de 1920, período bastante conturbado e de profundas mudanças, como o demonstram fatos agudos históricos na perspectiva mundial dos acontecimentos². Nessa realidade política, emergiu outra sociedade, criada com o intento de converter os sujeitos à nova ordem social, em que a vida privada dos indivíduos vinculava-se às questões políticas e a ética de convívio social modelava as relações familiares, este fortemente marcado por longos períodos autoritários.

A reconstrução do ambiente social e dos valores instituídos sobre esse imigrante, surgiu na análise de diversas fontes, oferecendo um importante testemunho daquela realidade social “presenciada” por Joseph Lutzenberger, trazendo à luz a possibilidade de ponderações no campo acadêmico científico e preenchendo algumas lacunas sobre a imigração, em especial a alemã.

Analisa-se o arquivo particular, repleto de documentos de cunho privado e pessoal, desse militar, tendo-se a rara oportunidade de conhecer e ter acesso a uma figura não tão pública, em oposição ao que já é de domínio público, ou seja, as muitas produções artísticas, profissionais e sociais de Lutzenberger: pinturas, aquarelas, projetos e obras arquitetônicas.

Esta Tese estrutura-se em quatro capítulos, desenvolvidos no decorrer do estudo e da análise das informações apuradas.

Na Introdução apresenta-se a trajetória da escolha do tema, o corpus de estudo e seus objetivos. Contempla-se ainda a revisão bibliográfica e a fonte de informação. A presente Tese tem por delimitação temporal (recorte histórico) a própria existência do protagonista, compreendendo o período de 1889, quando nasce em Altötting, na Alemanha Bávara, indo até 1951, ano de sua morte, já na condição de cidadão brasileiro, em Porto Alegre (RS).

¹ Ao longo do estudo usa-se Joseph, seu nome de nascimento ou José, em português, adotado por ele quando chega no RS.

² A tomada do poder pelos fascistas na Itália, em 1922, marco inicial de uma tendência de governos autoritários. Cabe destacar também a subida de Hitler ao poder em 1933 e o Estado Novo no Brasil em 1937. Como referência para tal período utiliza-se, entre outros: Abreu (2007); Bellintani (2002); Campos (1982); DNP (1939) Ficher; Getz (1996); Gertz (1991); Kipper (1979); Oliveira (1919); Pedroso (2005); Perrazzo (1999); Tavares (1982); Torres (1999).

No primeiro capítulo são apresentados os referenciais teórico-metodológicos, tendo-se como base o estudo biográfico, permeado, em parte, pela micro-história, pelo suporte da História Oral e a revisão bibliográfica sobre o objeto de estudo: Joseph Lutzenberger.

A literatura já existente serviu de apoio para o trabalho desenvolvido, no que tange à análise da trajetória de vida de Joseph Lutzenberger, para além de seu arquivo pessoal. Contempla ainda os conceitos sobre identidade e assimilação para análise ao longo da tese.

No segundo capítulo trata-se da vida do futuro imigrante ainda no Continente Europeu, observando-se as suas origens, a infância e sua formação estudantil, acadêmica e militar. Este capítulo inclui também os anos de experiência profissional e suas constantes trocas de empregos. O capítulo finaliza com a grande guerra e as consequências da derrota alemã³.

No terceiro capítulo lança-se um olhar mais específico sobre a vida de Lutzenberger e o seu processo de identidade e de assimilação no Rio Grande do Sul; destaca-se o período inicial da sua chegada. A incluir uma análise da empresa que o contratou e suas principais obras nesta firma. Contemplando ainda o início da criação de suas redes sociais.

No quarto capítulo, avança-se nas observações sobre seu casamento e o surgimento da prole nativa. Abordam-se as guinadas autoritárias oriundas do Estado Novo e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e, os anos finais de Lutzenberger.

Por fim, apresentam-se as Considerações Finais do estudo.

O tema imigração alemã sempre me suscitou grande interesse, descendente que sou de “germânicos”, e mantenho tal sentimento — fascínio declarado pela complexidade que tal temática evoca. O passado é um segredo velado que é necessário conhecer, se possível algumas de suas particularidades, como em uma biografia. Ao fim da graduação decidi continuar os estudos de maneira mais ordenada e utilizei esse pretexto para aprofundar o conhecimento na história comum de minha e de tantas outras famílias de imigrantes.

Desde muito cedo, ainda na Graduação, havia desenvolvido interesse sobre os meus antepassados, em especial sobre a minha família materna, os Kroeff, apenas mais uma dentre os milhares de deportados do Velho Continente, e que se dirigiram à localidade de Hamburguer-Berg (RS) (LUZ, 2010, p. 14).

O mestrado me direcionou para novos caminhos e saberes ocultos, além de “possibilitar” o convívio com parentes até então desconhecidos, um achado de grande valia, pois era preciso

³Em especial a visão de Martelo (2013) sobre a [não] culpabilidade da Alemanha. A pesquisa apoia-se igualmente na literatura *consagrada*: Arthur (2011); Becker (2014); Blanc (2019); Blin (1939); Chéradame (1917); Coelho (1934); Compagnon (2014); Ferguson (2014); Ferro (1992; 2017); Fromkin (2005); Garambone (2003); Gregory (1979); Jukes (1979); MacMilliam (2004; 2014) McMeekin (2011); Messenger (1978); Stone (2010); Sondhaus (2013); Toynbee (1917).

telefonar e visitar uma gama considerável de pessoas ligadas por sangue, que não sabiam da minha existência e muito menos da curiosidade que nutria sobre nossos antepassados em comum.

Epistemologicamente, um conhecimento tende a gerar outro saber, e a antiga certeza se transforma imediatamente em outra questão angustiante que requer resposta. É semelhante a qualquer busca na atividade humana procura-se os caminhos mais fáceis e os presumidamente mais generosos. O historiador segue a mesma lógica e foi assim que procurei os parentes mais próximos, aqueles com os quais eu possuía algum tipo de contato para facilitar a confecção da dissertação. Das muitas questões a responder, após trilhar um bom percurso do mestrado, e tendo entrevistado uma parcela considerável de parentes, queria “achar” algumas fotos do meu antepassado, o Coronel⁴ Jacob Kroeff Filho, pois sua vida já não era mais um mistério para mim, mas a sua imagem me era rara e escassa. Naquele momento, minha mãe, Anna, sugeriu que eu falasse com os Englert, em especial com a prima Carmen Englert⁵. Minha mãe deu-me essa bela contribuição, pois, após o contato telefônico, descobri que, além de prestativa, Carmen morava próximo à minha residência e pude visitá-la logo. Finalmente, poderia ter acesso às fotos do casal Jacob e Teresa Kroeff, e me preocuparia com outras questões não resolvidas da dissertação.

Em nossa prolixa conversa, Carmen (ENGLERT, 2009) comentou que eu estava enganado e não era a sua mãe Hildegard a última a sair da casa paterna, mas a outra irmã dela, a Emma. Talvez coubesse à Emma um “espólio” maior das lembranças do casal, algo que a própria Carmen não se arriscou a afirmar. Assim, novamente, via contato telefônico, eu deveria buscar essas informações com os descendentes da Emma Kroeff.

Sobre Emma, ela casara tarde com um alemão [nato], o qual havia combatido na Grande Guerra, mas, de fato, ele era mais conhecido por ser arquiteto, engenheiro e, principalmente, por seu filho famoso, que tanto lutara pela ecologia, e tinha o mesmo nome do pai — José Antônio Kroeff Lutzenberger. Fora isso, tudo era incógnita sobre o marido de Emma.

Graças as minhas boas relações com Carmen Englert, ela providenciou o contato com a mais velha das filhas do casal “Lutz” (como era conhecido em família). Logo na primeira visita encontrei várias fotos do coronel Kroeff, conversamos bastante sobre nossa família, e obtive as desejadas fotos que ilustraram minha dissertação. Passei horas por lá, tendo a oportunidade de conhecer melhor meu objeto de estudo no mestrado, o coronel Kroeff, pois, guardadas no armário branco estavam as memórias de ambas as famílias de Magdalena (Kroeff e

⁴Lembrando que a dissertação aborda os três Jacob Kroeff. Jacob Kroeff Filho era coronel da guarda nacional.

⁵Prima de meu avô Egon Kroeff e filha de Gastão Englert e Hildegart Kroeff (irmã de Emma).

Lutzenberger)⁶. E a tarde propiciou-me uma aprazível surpresa ao ter acesso a muito mais do que as fotos do casal Kroeff: Magdalena me permitiu dar uma olhada quase demorada nas várias pastas do seu pai, o que, instantaneamente, me interessou⁷. E se, em alguns momentos, a espera faz o tempo dilatar, em outros, ali, vendo as fotos, quando estava me divertindo, tudo me pareceu rápido demais. Talvez ao ver o meu interesse nas coisas do pai, Magdalena reforçava a sua generosidade, que se transformara em sugestão ou convite... – “Queres vir outro dia e dar uma olhada melhor nas fotos do pai?”. A porta estava aberta, o contato feito e com certeza eu voltaria, mas agora seria com o intuito de conhecer o outro lado da família Kroeff: o “agregado” Lutzenberger.

Figura 1 - Magdalena Lutzenberger



Fonte: Arquivo do Autor, 2016.

Outra contribuição que não se pode esquecer foi a mensagem tranquilizadora que a fisioterapeuta Giseli dividiu comigo. Essa sorridente profissional já atendia Magdalena por alguns anos, e mantinha com ela uma ligação estreita de amizade e de confidências, comentou sobre a satisfação de sua paciente em me receber. Soma-se a tudo isso a cordial recepção que tive de Lara, sobrinha de Magdalena, que se tornara responsável pela tia⁸.

⁶ Mais tarde viria a conhecer as duas netas da Emma: Lilly, que desempenhou importante papel no meu mestrado, e a Lara que deu igual atenção aos meus estudos no Doutorado.

⁷ Não tenho precisão de quantas vezes me políciei para não gastar tempo demais em tudo aquilo oriundo da “Bavária”! Mas da maneira devida, dividi o meu interesse nas duas famílias!

⁸ O ecologista José Antonio Lutzenberger por perder a sua esposa cedo e ter muitos compromissos na sua luta em prol da natureza, teve que contar com o auxílio da irmã Magdalena que, em certa medida, teve maiores

Coube-me, em consequência dos meus esforços, ao concluir o mestrado, seguir na vida profissional decorrente da aprovação no concurso público do magistério estadual⁹, atividade que exerço em paralelo ao doutorado¹⁰. Na profissão de professor há duas opções para se obter um salário melhor: aumentar a carga horária ou se qualificar para, talvez, ter recompensa econômica. Assim, voltar para a academia via doutorado seria um ganho tanto intelectual quanto material. Passado o tempo do estágio probatório¹¹ poderia pleitear uma redução da carga horária e, principalmente, conhecer a trajetória de vida (a biografia) de Joseph Lutzenberger.

Nesse sentido, a tese avançou na seara do que eu já estou, em parte, acostumado e familiarizado, estudos sobre a imigração alemã para o RS. Sem me esquecer das óbvias mudanças, lançando sobre o tema outro olhar, pois, agora pesquisaria a imigração individual e urbana na figura de José Lutzenberger ao invés dos três Jacob, conforme constatado no mestrado, cuja experiência e os saberes arduamente conquistados elevaram o nível de minha produção intelectual.

Assim, nesta tese, busca-se contemplar os emergentes mecanismos de investigação histórica, mesmo baseando-se em metodologias já existentes, conforme delinea Barros (2005, p. 238):

Uma dimensão implica em um tipo de enfoque ou em um “modo de ver” (ou em algo que se pretende ver em primeiro plano não observação de uma sociedade historicamente localizada); uma abordagem implica em um “modo de fazer a história” a partir dos materiais com os quais deve trabalhar o historiador (determinadas fontes, determinados métodos, e determinados campos de observação); um domínio corresponde a uma escolha mais específica, orientada em relação a determinados sujeitos ou objetos para os quais será dirigida a atenção do historiador (campos temáticos como o da “história das mulheres” ou da “história do Direito”).

Neste estudo, segue-se a norma culta e o rigor científico ao se elaborar uma pesquisa que busca respostas críticas e balizadas. E é igualmente importante a maneira com que essa investigação foi desenvolvida. O caminho e suas direções são, em parte, a própria pesquisa:

responsabilidades e envolvimento com o cuidado da jovem sobrinha Lara. Nesse sentido, Lara comentou que a situação havia se invertido e era ela agora a responsável pelos cuidados da tia.

⁹Aprovado e admitido como professor Regente de História, o que rendeu mais uma visita a Magdalena, para comunicá-la do meu sucesso e que o projeto de doutorado sobre o seu pai estava em andamento. Assim, a cada ano repetia o mesmo mantra do projeto futuro de felicidade... - Um dia vou começá-lo, eu repetia, e ela achava tudo engraçado e assentia com um sorriso aberto.

¹⁰Aqui cabe um desabafo, pois não se pode relativizar os maus tratos, descasos e abusos tão comuns aos profissionais do magistério estadual do RS. Na verdade, tamanho é o descaso das autoridades, de que ser professor é apenas um subemprego aos olhos do empregador, e isso contamina o empregado e leva-o a seguir nessa infeliz lógica.

¹¹Que deveria ser restrito a “apenas” três anos consecutivos, mas devido à atividade sindical, greves e, principalmente, a represália da direção da minha escola, a estabilidade só chegou após a reclamação formal junto à Secretaria de Educação que fez o processo andar mesmo que tardiamente.

quais fontes, lugares e de que modo foram feitas essas opções, ou como foram analisados os dados coletados ao longo da pesquisa. E aqui é fundamental frisar: por mais coerentes e racionais que sejam as escolhas, elas são sempre escolhas humanas e limitadas, esbarrando na capacidade delimitada do pesquisador.

O que se investiga nesta Tese é o fenômeno da imigração alemã no Rio Grande do Sul, experiência individual e coletiva que mudou tanto a paisagem física quanto a humana no extremo Sul do país. O tema da imigração é abrangente e obriga que se repensem algumas temáticas a serem abordados em detrimento de outras, “ignoradas”, sempre em busca de um trabalho de qualidade e não menos relevante, uma tarefa exequível e com objetivos alcançáveis. A segmentação e o enfoque na imigração urbana são uma dessas reduções que ajudam a limitar o presente estudo.

Escrever sobre imigração é realizar um estudo sobre as constantes mudanças que os seres humanos se impõem mutuamente. Mudar é sempre uma possibilidade aparentemente nova, de êxito ou fracasso, alegria ou tristeza. Entender parte desse anseio de quem decide ou migra é uma imposição dessa jornada. Os seres humanos estão em constantes mudanças e adaptações, seja ao clima, à paisagem e às necessidades de suas mentes, ou para sobreviver aos desígnios de outros seres humanos, pois viver ou sobreviver é adaptar-se e manter-se vivo apesar das dificuldades. Trata-se de luta diária que se impõe a esse frágil ser que tem na mente uma das estruturas mais privilegiadas, em detrimento da força ou agilidade, se comparadas com as dos demais animais.

Logo, num universo de milhares de imigrantes alemães ou “germânicos” que se direcionaram ao Rio Grande do Sul, aqui se mantêm olhos e mentes atentos a um indivíduo e a sua família. A imigração urbana é um fenômeno que não cessa, sendo contínuo e rotineiro em um mundo globalizado. Não só por suas constantes levas de imigrantes, mas na eterna adequação ao novo: o lugar de chegada! O foco em Lutzenberger é ver como ocorrem as mudanças nesse novo lugar, as trocas, as imposições, as reflexões. O que é imposto, o que é escolha e o que é negociação. Palavras que parecem ter pouca diferenciação, mas se tornam conceitos desenvolvidos ao longo do texto.

No atual estudo, imigração como ato de mudança de vida é pensada no sentido amplo, mas atento ao específico. Assim, enfatiza-se a escala do estudo, o que remete a uma metodologia particular ao mundo social. A derrota da Alemanha é o principal motivo da imigração do nacionalista Lutzenberger. E mesmo que essa fase introdutória possa parecer sem sentido, ela é um poderoso indicativo das escolhas futuras de felicidade de seus cidadãos, o que inclui o destino do objeto de estudo: Lutzenberger e a possibilidade / necessidade de migrar,

além de demonstrar a sua “maleabilidade”, ou adaptabilidade. Supõe-se que aquele que sobrevive a uma guerra seja muito adaptável, pois a guerra transforma quem a ganha e modifica quem a perde. E mesmo sendo um evento social, o relato de um indivíduo não deve ser negligenciado, mas considerado uma importante fonte de informação que nutre a História Ciência.

A autobiografia, sustento, é a forma mais subjetiva de historiografia. É história na primeira pessoa do singular. Por necessidade, contém informação que não pode ser comprovada – pensamentos e emoções – e é frequentemente confundida com um romance. De fato, a autobiografia situa-se na fronteira que divide a história e a literatura imaginativa (KLÜGER, 2009, p. 24).

É preciso ter a mente mais receptiva e, de modo arguto, fazer uso salutar do texto, o que não se invalida pelos excessos, abusos e demais equívocos que o “narrador” que produz e conduz ao distanciamento da verdade ou do fato realmente vivenciado, ao acrescentar fatos ficcionais por conta própria na trajetória pessoal em sua narrativa biográfica. Contudo, é necessário reconhecer que o gênero biográfico tem suas particularidades e, como mostra a citação, a clara dicotomia do vivido e do imaginado (percebido) nem sempre é óbvia, pois a fronteira se desloca constantemente entre o desejo, a sensação e a crença para aquilo que, de fato, “houve”; sucedeu; o factual em si. Ocorrem essas imperfeições que não são exclusivas na fronteira do narrado, pois, com frequência, muitas das análises científicas são “frias”. Somos seres pensantes que analisam, ao mesmo tempo, observam, porque viver é igualmente criar... criar sentidos, criar noções e recriar fatos. E não há como esquecer ainda do labor científico, pois, ao se descrever, se impõe alguma interpretação para atingir ou convencer os demais de determinado ponto de vista.

A interpretação não é condição isenta para além dos humanos que, na maioria dos casos, conseguem maior êxito sendo indiferentes, mas nunca são imunes às adversidades humanas. Grande parte do trabalho de historiador é ser “especialista em fazer interpretações das interpretações dos outros” (GALLOIS, 1998, p. 314).

Tudo isso se torna ainda mais complexo, difuso e partidário, em uma trajetória de vida que se quer analisar. Nessa visão particular, tem-se a incursão do micro ao individual, ou seja, através das lentes, ou letras de Lutzenberger, e busca-se esmiuçar o aspecto pouco compreendido quando se olha apenas o macro, o amplo, coletivo e genérico. O relato de um indivíduo é mais um alento para saber se aproximar do que ocorreu. É mais uma peça nítida no grande mosaico que a realidade histórica, em toda a sua amplitude e complexidade. Os relatos individuais e as análises que os seguem contribuem para outras percepções, para uma

visão mais apurada, se possível, da trajetória de vida, em especial a adaptação a que Lutzenberger teve que se submeter ao decidir morar em definitivo no Brasil.

Vida essa que evidencia a necessidade de migrar, e é muito mais do que estar em um novo local no dia seguinte ao traslado. Trata-se de processo complexo que se estende por semanas, meses, anos e, por que não dizer, décadas, entre as quais as de 1920-30-40-50. Migrar é mudar de “ares”, adquirir uma nova realidade tanto privada quanto social. Uma evolução longa que não pode ser considerada somente um ato, mas uma legítima epopeia de trocas e negociações diante da nova realidade, como a presenciada na cidade de Porto Alegre e suas particularidades. Nessa realidade, inclui-se a máquina partidária PRR e seus desdobramentos, entre os quais as problemáticas administrações públicas e o surgimento de figuras autoritárias, como a de Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas, que não só moldam à realidade social, mas têm influência direta e decisiva na trajetória de José Lutzenberger em seu processo assimilatório.

É um desafio propor algo novo e singelo sobre um tema tão estudado como a Imigração alemã para o Sul do Brasil. Contudo, as dificuldades estão aí para serem desafiadas e vencidas. Mas o desafio deve ser exequível, obrigando uma abordagem reduzida do fenômeno geral, focando em alguns aspectos, do mesmo modo que a delimitação dessa grande temática — a imigração. Assim, o estudo aprofunda-se no oficial do exército bávaro, o arquiteto/engenheiro Joseph Lutzenberger, cuja história pessoal se entrelaça com a da imigração germânica no Rio Grande do Sul do século XX, neste sentido, “a questão passa por problematizar os sujeitos, inserindo-os em distintos contextos e relações sociais, percebendo semelhanças e, principalmente, diferenças” (KARSBURG, 2015, p. 32). Pode-se, assim, saber que mudanças foram impostas ao imigrante e a comparação é relevante e necessária.

No início deste doutorado teve-se um grande percalço: a humanidade enfrentou uma pandemia que “congelou” tanto a vida social quanto a privada. Os arquivos públicos fecharam suas portas e um número escasso de pessoas podia sair para as ruas, de modo que também fiquei recluso. Num estranho mundo paralelo, a maioria das atividades sociais parou. Na premissa de que tal mal não perdurasse, esperava-se que o confinamento não durasse mais do que algumas semanas. Mas... as semanas tornaram-se meses, atingiram um ano de inatividade, e o confinamento se prolongou muito além dos doze meses. Mesmo sem a atividade profissional no magistério, tudo ficou mais difícil de executar. A falta de contato humano cobrou seu preço. De alguma maneira cada de um nós sofreu, a sua maneira, esse brutal isolamento. Contudo, o prazo do doutorado não se dilatou, e ao que parece encolheu diante de mim; o implacável tempo avançou como de costume, não poupando o limite de quatro anos a ser cumprido. Portanto, do tempo previsto para o doutorado, esse lapso sanitário se ocupou

quase da metade do que me era garantido e aos demais doutorandos. E quem vivenciou esse período testemunhou que houve muito sofrimento, angústia, e a falta de perspectiva graçou. O inimigo invisível, o vírus, ameaçava entrar por debaixo da porta, vir colado às embalagens e repassado com um singelo aperto de mãos. Tudo contribuiu para uma gama infindável de situações deletérias, e, se não bastassem as milhares de mortes, houve toda sorte de perturbação do tecido social mundial. Não vou me alongar mais sobre essa calamidade a que o mundo teve que sobreviver; redigi essas linhas biográficas sob a tutela de um inimigo onipresente. Outra questão que poderia ter dado mais tempo e tranquilidade para a confecção da tese seria a dispensa de até 30% de minha carga horária como professor regente. Licença essa negada pela Secretaria de Educação/RS e pela justiça estadual/RS que julgou desnecessário reverter o caso. Após o fim do confinamento continuei trabalhando, como de costume, pelas manhãs, a incluir o dia da defesa. Diante dessas particularidades, e da redução de tempo tive que tomar algumas medidas para que os danos não fossem suficientemente amplos para impedir que a tese fosse finalizada no prazo e com a qualidade desejada. Logo, a pesquisa e a redação da tese demandaram esforços extras da minha parte. Como de costume, nunca podemos contar com as condições ideais, mas no meu caso a situação se agravou em demasia.

Deixando de lado as questões particulares, retomo o objeto de estudo, e reforço: com os olhos voltados somente para Lutzenberger o estudo poderia tornar-se superficial e mal tangenciaria as questões sociais, sendo o contexto social mais bem compreendido em contraste com outros personagens (KARSBURG, 2015). O recorte temporal é importante para os historiadores e crucial em uma Tese histórica, com enfoque na trajetória de vida. O escopo temporal pode ser dividido, coincidindo com a vida do protagonista, englobando o seu local de origem, a Alemanha, e de morte, o Rio Grande do Sul. Continuou-se, assim, a respeitar dois marcos fundamentais da historiografia ocidental, ou clivagens históricas: as duas grandes guerras mundiais, uma lutada e outra vivenciada por Lutzenberger. É aí que se reforça essa gama de vínculos cronológicos ao explorar a história das emoções:

[...] uma história da Alemanha entre as duas guerras mundiais deveria comportar uma discussão não apenas sobre economia, as relações entre homens e mulheres, as ideologias do comunismo, do fascismo, do liberalismo, e assim por diante, mas também sobre as emoções privilegiadas – e desvalorizadas – durante aquele período pelos grupos dominantes e marginalizados (ROSENWEIN, 2011, p.47).

Portanto, o recorte temporal é útil para delimitar e aprofundar o objeto de estudo, pois não se pode falar sobre tudo o tempo todo. Assim, cabe ressaltar que se trata, em especial, da virada do século XIX para o XX e as décadas seguintes, com um Lutzenberger adulto lidando

com as complicações da vida que qualquer ser humano tem que resolver. A historiografia pauta-se nessas clivagens e, por que não, a seguir, nesse sentido: nas duas grandes guerras mundiais citadas, e, no Brasil, nos golpes de 1930¹³ e 1937¹⁴. Ressalta-se que Lutzenberger já morava aqui desde agosto de 1920¹⁵.

Diante desses redemoinhos políticos e tanta agitação social, Lutzenberger tenta sobreviver com os menores danos possíveis. Sua vida privada vai, aos poucos, se separando da pública, como fizeram muitos brasileiros e teuto-gaúchos, diante de um governo que apagou os limites do saudável entre o público e o privado. Estado que cobra impostos e abusa de seu cidadão. Esse é recompensado nas eleições, em que um pouco de sua opinião é exposta. Mas se isso não era pouco, no Estado Novo a situação se agravou, o Estado avançou e diminuiu a cidadania:

[...] o povo, no Brasil é, para os governos, o vil rebanho que trabalha para a glória dos políticos, para os governos que acabrunham de impostos e se proclamam beneméritos, quando não fazendo senão sangrar o povo com financeiros magarefes, conseguem diminuir os “déficits” absolutamente injustificáveis num Estado em que as rendas nunca diminuem, ao contrário, de ano para ano vão em considerável crescente (SERVA, s.d., p. 222).

Além disso, mais uma etapa no cerceamento das liberdades estaria prestes a acontecer na vida dos brasileiros, a incluir Lutzenberger, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial se opondo ao Eixo, liderado pela Alemanha e com o apoio da Itália e Japão. Esse novo conflito não lutado por Lutzenberger, mas sentido com grande proximidade na sua condição de “nativo” da Alemanha¹⁶, interferiu na sua assimilação e muda a vida desse imigrante.

Sobre a imigração tem-se a nítida noção de que este tema, devido a sua importância, já gerou grande quantidade de informações e saberes científicos, e muito se produziu sobre os

¹³ Em 24 de outubro de 1930, o então governo federal foi destituído por uma revolução, GOLPE, e instituiu-se um novo governo provisório, tendo como chefe o gaúcho Getúlio Vargas. Em 1934 foi elaborada uma nova Constituição para dar segurança jurídica ao governo com uma eleição indireta entre os constituintes vencida por Vargas. Mesmo Vargas ganhando a eleição, o país ficou dividido. E por três anos não se cumpriu a promessa de se respeitar a nova Carta, o que provocou novos embates.

¹⁴ Está se falando do Estado Novo, um governo com características fascistas.

¹⁵ Em 1924 houve outro princípio revolucionário e a disputa para o governo estadual. Os opositores do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), liderados por Assis Brasil, de fato pegaram em armas e por pouco não aconteceu outra guerra civil no RS.

¹⁶ Como Lutzenberger já se encontrava no Brasil na eclosão da Segunda Guerra Mundial, opta-se por não prolongar o estudo das razões da Guerra em si, sendo, costumeiramente, aceito pela historiografia que o início europeu do conflito foi a deliberada invasão alemã na Polônia. Sem ampliar a discussão, outros pensadores preferem recuar um pouco no tempo, 1935, tendo por marco inicial do conflito mundial a invasão da Manchúria (China) pelo Japão. Contudo, o pertinente para a tese é entender as agressões alemãs a navios brasileiros, a ruptura das relações diplomáticas e a oposição declarada entre as duas nações: Alemanha e Brasil.

seus reflexos. Skinner lembra alguns perigos, e assim retoma-se o tema na forma de um aviso, pois é crucial não se ater ao conhecimento genérico, mas dar atenção aos detalhes.

A tendência de buscar aproximações a um tipo ideal dá passo a uma forma de história dedicada, quase sempre, a demonstrar “antecipações” precoces de doutrinas posteriores e, conseqüentemente, alguns escritores pela sua clarividência (SKINNER, 2017, p. 366).

Logo, esta tese é um estudo analítico biográfico sobre Joseph Lutzenberger, no intuito de obter mais respostas sobre a imigração alemã, em especial a identidade e assimilação dos imigrados. No presente estudo consideram-se outros aspectos, sem ignorar a vasta bibliografia sobre o tema. Assim, foi preciso efetuar uma revisão bibliográfica das obras que tangenciam o amplo tema da imigração, em especial a alemã; saber o que se produziu e se produz sobre o tema. Para otimizar essa tarefa se fez uso, em parte, das referências já utilizadas na dissertação de mestrado de Luz (2010), e na bibliografia “clássica”, ou referências contumazes sobre o tema: Gertz (1991); Roche (1969); Seyferth (1974); Silva (2006); Stoltz (1997); Truda (1930); Tubino (2007); Willems (1980).

Contudo, não se pode ignorar novas interpretações e autores atuais. Na obra intitulada “Imigração: diálogos e novas abordagens”, Fernandes (2012) salienta que há sempre questões que, talvez, não tenham recebido a devida atenção, seja por falta de interesse dos pesquisadores, ou devido às dificuldades naturais de acesso a materiais “originais”, ou ainda não contemplados por razões diversas.

Em relação a esta pesquisa, iniciou-se a jornada com certo cabedal de conhecimentos, lastro esse criado não somente na dissertação de mestrado, mas ao longo dos anos, em leituras contínuas sobre a imigração Alemã, em especial a que tomou forma no Rio Grande do Sul, revendo os seus antecedentes, origens, em 1824, e a presença predominante na ocupação dos campos, pois os colonos eram, em essência, produtores rurais, a incluir os empreendedores rurais, entre os quais os Kroeff¹⁷ (LUZ, 2010).

Neste estudo, contudo, o olhar se direciona para o universo urbano, campo de trabalho do arquiteto / engenheiro Lutzenberger, que pode assim levar a cabo o seu sustento graças as suas habilidades de trabalhador qualificado. Assim, o trabalhador urbano e bastante habilitado, como o era Lutzenberger, vê-se como um reflexo dessa realidade da imigração contínua e numerosa que cria as condições favoráveis para que esse imigrante tardio chegue ao RS, sendo contratado ainda na Alemanha.

¹⁷ Família da esposa de José Lutzenberger, Emma Kroeff.

Com a intenção de se explicitar a necessidade de renovação na pesquisa em imigração na busca de novas verdades (sim, no plural), aproveita-se a citação do filósofo Rorty (2005, p. XIV): “existem verdades lá fora que nunca descobriremos? E perguntaríamos: existem maneiras de falar e de agir que ainda não exploramos? em vez de se perguntar se a natureza intrínseca da realidade ainda está à vista”.

Na presente tese avança-se no tema, com os olhos atentos à imigração alemã dita urbana, com enfoque renovado, apostando, assim, em aspectos de originalidade, pois, respondem-se questões sobre identidade e assimilação nas constantes mudanças na vida de Lutzenberger.

Contudo, nem sempre é possível ser apenas crítico e racional, afastando-se das impressões e opiniões, pois, é muito tênue e artificial a linha entre o racional e o não racional, como salienta Bezerra (2008, p. 44)¹⁸.

Assim, a História concebida como processo, busca aprimorar o exercício da problematização da vida social, com ponto de partida para a investigação produtiva e criativa, buscando identificar as relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos; perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdade e desigualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar as relações possíveis com o passado.

Esse é outro ponto crítico no fazer histórico científico. Faz-se, assim, história, ciência útil e aplicável, e, pelo menos para parte da sociedade, “[...] é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos, o desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços” (BEZERRA, 2008, p. 42).

Nesse sentido, nesta tese houve certa obrigação em redigir alguns breves resumos que envolvem os temas transversais da vida gaúcha, e no que isso concerne a José Lutzenberger. E isso é pertinente porque as opiniões históricas divergem muito. É preciso que o historiador pesquisador elabore minimamente e exponha parte de seu entendimento do passado histórico, isto é, daquilo que ele acredita ser a tônica do que estuda, o recorte histórico do período e os episódios que ali aconteceram. E não se pode negar que se está propondo aqui mais um viés histórico dos eventos supracitados, pois, a simples reprodutibilidade isenta nas ciências humanas é mais desejada do que alcançada.

Um colega pesquisador, ao se debruçar sobre os arquivos da Grande Guerra, terá uma interpretação igualmente isenta e idêntica, sendo ele sérvio, austríaco, alemão ou “gaúcho”? E aqueles que seguem acreditando na lisura do PRR, ou na honestidade de seus governantes?

¹⁸ Novamente busca-se o “progresso humano” com a contribuição das Ciências Humanas, tanto individual quanto social.

Ao longo desse processo, a objetividade expande o seu campo semântico e ultrapassa a metáfora do mecanismo. Ela passa a abarcar fenômenos e áreas da ciência que não eram contempladas quando da sua formulação. Fenômenos que não estão estritamente falando, na esfera do visível (ÁVILA, 2019, p. 244-5).

Ao escrever sobre imigração busca-se uma coleta mais abrangente no tempo e no espaço, com a intenção de corroborar mais evidências e ter mais subsídios para entender como se chegou a esse cenário em que Lutzenberger se integrou e passou a viver. Portanto, se espera legitimar a decisão de escrever a respeito dos temas e realidades anteriores, não assistidas em primeira mão pelo arquiteto Lutzenberger, mas que determinaram, em grande medida, sua chegada e permanência. Os textos que embasam a tese são fruto da necessidade imperiosa de se ter opinião, pois, mesmo com as melhorias da tecnologia, ainda não é possível fazer uso interpretativo por meio de aparatos tecnológicos avançados — computadores — para interpretar as informações coletadas.

Isso sem fugir do complicado conceito de “verdades” que, nas ciências humanas, como na história, em particular, tem um tortuoso caminho e muitas formas de serem definidas. Reproduz-se, aqui, a “versão” de Rorty, e não se deve ter esse apego tão forte a uma linha tênue e nem sempre nítida do racional e do subjetivo, ou do factual ou sensível.

Nós oferecemos reinterpretações contenciosas dessas distinções e as descrevemos de modo nada tradicionais. Negamos, por exemplo, que a busca pela verdade objetiva seja uma busca pela correspondência com a realidade e insistimos que, em lugar disso, ela deve ser vista como um acordo intersubjetivo o mais amplo possível (RORTY, 2005, p. 64).

Logo, é preciso estar atento a essas particularidades humanas. Mais uma evidência de que ao se estudar um ser humano, mesmo em um estudo científico, é preciso paixão, interesse e curiosidade muito além da objetividade científica no exercício da tarefa. Assim, a subjetividade não concorre com a objetividade, ambas, ora juntas, ora separadas, visam ao mesmo resultado: produzir um estudo de qualidade.

Desse modo, a tese não é a redação de uma biografia “unitária” que responde as questões mais básicas. Ela é um estudo biográfico sobre identidade e assimilação, em que se aborda a vida de um imigrante para compreendê-lo.

Nesse sentido, objetiva-se compreender o fenômeno da imigração quanto às razões que levam um indivíduo adulto e responsável por si a trocar de pátria. No caso específico do objeto deste estudo, as razões pessoais e circunstanciais que motivaram Lutzenberger a migrar para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Apresenta-se assim o objetivo geral, que é entender a identidade e o processo de assimilação de um imigrante alemão no Rio Grande do Sul. Para

tanto, se deseja realizar um estudo analítico biográfico sobre a vida de Lutzenberger, que é uma das maneiras de desvelar como um estrangeiro [alemão] se altera socialmente em relação ao novo meio que escolhe para viver. A partir desse foco principal busca-se conhecer aspectos da vida escolar e profissional de Lutzenberger na Alemanha, a incluir os vários aspectos beligerantes da Alemanha e de Lutzenberger e os reflexos da Grande Guerra para ambos. Analisa-se a trajetória de vida do imigrante no Rio Grande do Sul, sua atuação profissional e a inserção social na sociedade gaúcha e a criação das redes sociais utilizadas para isso, além de apontar partes das relações desse indivíduo com a sociedade gaúcha e sua associação a grupos políticos / religiosos ou étnicos com o intuito de aproximar e mesclar ainda mais os novos ambientes desde a sua chegada. Já no final da tese, visa-se compreender as consequências na vida de Lutzenberger, na guinada autoritária imposta pelo Estado Novo e a entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra.

Na lista de práticas e ações investigativas obrigatórias para a realização de um trabalho acadêmico, constava a realização da Revisão Bibliográfica, que compreendeu a averiguação de textos, artigos e demais publicações elaboradas sobre Joseph Lutzenberger. E aqui há uma distinção dos materiais encontrados. Primeiro, menciona-se as obras que tem Lutzenberger como figura central, como na monografia de Maria Teresa Baptista (2007), em que a autora desenvolve sua obra em um apanhado biográfico sobre a vida de Lutzenberger. Na dissertação de Caroline Hädrich (2021), esse autor segue o mesmo tom e busca uma análise das obras arquitetônicas e artísticas. Caminho esse seguido por Ângela Ravazzolo (2005) que analisa as aquarelas de Lutzenberger, em que essa autora busca compreender e analisar as obras bidimensionais. Já a dissertação do professor Maturino Luz (2004), inacessível por um bom tempo na biblioteca da UFRGS, pauta-se em uma análise centrada nas inúmeras edificações realizadas pelo arquiteto / engenheiro que contempla um grande número de ilustrações, o que sugere o acesso ao arquivo pessoal de Lutzenberger. Portanto, a boa vontade da família em dividir o legado de Lutzenberger é uma marca comum aos seus membros, os quais almejam ver seu antepassado em uma posição digna, que faça justiça à vasta contribuição na construção civil e nas artes no Estado gaúcho.

Por último, das obras localizadas, tem-se a tese com informações inéditas da vida pregressa de Lutzenberger na Europa. Em extenso e elaborado trabalho da arquiteta e professora Grieneisen (2019) percebe-se que a autora tem o domínio da língua alemã, por ter direcionado a tese para uma investigação da vida de Lutzenberger na Alemanha, com informações que rivalizam, em parte, com a autobiografia de Lutzenberger. O trabalho de Vera Grieneisen

avança na análise sobre Lutzenberger num estudo comparativo, incluídas as relações parentais com outros três arquitetos alemães¹⁹ que produziram obras em Porto Alegre (RS).

O pesquisador Günther Weimer (1987; 1994; 2003; 2004a; 2004b) também merece distinção pelo seu amplo repertório de livros, sobre a arquitetura gaúcha, produzido ao longo de muitos anos, em que captam a realidade passada no estado do Rio Grande do Sul. Weimer escreve, pondera e dá notoriedade às vivências, obras e à participação de arquitetos e engenheiros que residiram ou realizaram importantes obras no RS, com destaque aos de origem germânica, como Lutzenberger. Seus livros são manuais de apoio constante para sanar as dúvidas corriqueiras de uma tese que aborda a vida profissional de um arquiteto.

Cabe destacar que os principais autores adotados, a partir da revisão bibliográfica, Weimer (1987; 1994; 2003; 2004a; 2004b); Luz (2004); Grieneisen (2019); Hädrich (2021), também apresentam sugestões das influências e mudanças que Lutzenberger sofreu ao longo de sua carreira no Rio Grande do Sul.

Leu-se muito para a presente tese e se buscou subsídio em diversos campos do conhecimento com obras lidas e relidas para melhor se extrair as informações ali contidas. As obras não mencionadas referem-se às que não abordavam Lutzenberger em destaque, mas foram arroladas em cada capítulo ou segmento em que se considerou pertinente para a temática observada. A revisão bibliográfica redirecionou os rumos iniciais do projeto de tese para direções inusitadas e não estudadas anteriormente, como um foco na identidade e na assimilação do imigrante Lutzenberger.

Destaca-se que houve mudanças e ênfase na pesquisa, pois, na constante revisão bibliográfica teve-se acesso às produções relacionadas a Lutzenberger e que são um indicativo predominante das abordagens no meio acadêmico daquilo que foi escrito, revelado ou omitido. Os estudos produzidos e lidos sobre Lutzenberger têm qualidade, levando a um necessário redimensionamento para as questões ainda não abordadas²⁰. Uma via nova foi explorada e resultou na possibilidade de maior serventia da tese, ao se estudar caminhos ainda não percorridos²¹, o que contribuiu para a maior compreensão do fenômeno social da imigração e da trajetória de vida de Joseph Lutzenberger.

¹⁹ Outros dois arquitetos alemães: Otto Hermann Menchen Theodor; Alexander Wiederspahn, pois o terceiro é o engenheiro brasileiro de ascendência alemã Rudolph Alexander Ahrons (GRIENEISEN, 2019, p. 11).

²⁰O que nos obriga a avançar em outras linhas, dando menor atenção às edificações e mais à sua trajetória de vida, com a inclusão da esposa e filhos.

²¹A divulgação da tese amplia o seu escopo simplesmente acadêmico e visa despertar a curiosidade sobre essa figura caleidoscópica.

Com essa digressão relativa ao que foi elaborado sobre Lutzenberger, questiona-se: O que acrescentar à temática da imigração, visando conhecer aspectos históricos que não foram expressos ainda? Um exemplo é o levantamento mais apurado da Firma Weise, Mennig & Cia, de seu histórico, suas lideranças, dentre outros aspectos que não receberam a atenção dos demais pesquisadores, não obstante a qualidade dos trabalhos anteriores. Nesse sentido, há uma constante de ver apenas na Alemanha as razões da imigração de Lutzenberger sem se olhar com afinco para o cenário local, Porto Alegre, antes da sua chegada.

No intuito de se observar as redes de relações, os envolvimentos de Lutzenberger com os grupos étnicos, este estudo assume profundidade com as fontes apresentadas e tem-se a possibilidade de respostas honestas com as lentes ampliadoras sobre a vida de Lutzenberger.

O assalto contra a história pôde assumir formas diversas, algumas estruturalistas e outras não, mas todas elas questionavam a disciplina em seus objetos - ou seja, o primeiro dado ao estudo das conjunturas, econômicas ou demográficas, e das estruturas sociais – e em suas certezas metodológicas, consideradas como mal asseguradas em relação às novas exigências teóricas (CHARTIER, 2002, p. 62).

O desafio é, em parte, corroborar e avançar na validação das biografias²², trajetória de vida, como ferramenta capaz de trazer entendimento do passado vivido e reconstituído, da prática que sofre oposição em alguns setores da academia, como destaca Dosse (2009, p.16) para vencer essa barreira: “Um muro tem separado o biográfico do histórico, taxando-o de elemento parasita capaz de perturbar os objetivos científicos”. A intenção é de abalar esse muro e, a partir do estudo biográfico, pautado na trajetória de vida do imigrante Joseph Franz Seraph Lutzenberger (1882-1951) e contribuir para a compreensão do fenômeno da imigração, da identidade pessoal e sua adaptação à cultura gaúcha. Em outras palavras: “[...] pode-se dizer que as identidades são afirmadas por meio de um processo subjetivo, conformado por situações de interação. Ou seja, as identidades são definidas diante do outro” (VARGAS, 2017, p.124). Lutzenberger chega para o urbano, com sua capacidade e seus conhecimentos, como arquiteto, fundamentais no processo de integração à nova sociedade. Assim, das muitas possibilidades que se quer, o fio condutor desta pesquisa vem a ser a trajetória de vida de uma pessoa e seu núcleo familiar, e a pesquisa biográfica ganha evidência.

Percebe-se que o retorno da biografia, pelo menos no âmbito da história, não significa simplesmente a retomada de um gênero velho, mas está inserido em um processo de profunda transformação das bases teórico-metodológicas da disciplina, com um conseqüente repensar de questões clássicas como: a relação indivíduo/sociedade, as formas narrativas do conhecimento histórico entre outras (SCHMIDT, 2000, p. 51).

²²Estudos Biográficos.

A tese avança ao se olhar com afinco para a trajetória da vida de Lutzenberger e utilizam-se algumas clivagens sociais comuns, pois, conforme destaca Farge (2011, p.13), o desejo é por eventos significativos: “na disciplina histórica, não há dúvida de que as situações, os acontecimentos, os lugares e os objetos que provocam sofrimento estão sobrerrepresentados”. Esses eventos perpassam a vida do imigrante e influenciam a sua assimilação.

Sobre o Corpus e a escolha dos materiais que são a base para o estudo, a intenção inicial, em qualquer estudo, é obter o máximo possível de informações e assim trabalhar na análise das questões levantadas. E, nesta pesquisa, é centrar-se nos arquivos que os descendentes possuem e ampliar os demais espaços de pesquisa, notadamente os arquivos das instituições públicas. Assim sendo, na condição de estrangeiro, Lutzenberger suscita a criação de papéis pelo Estado que quer determinar algum de seus passos na sociedade brasileira. Seguiu-se de maneira inversa essa trilha.

Contudo, os dados nem sempre estão disponíveis e, às vezes, não se tem acesso a tudo o que é necessário para o desenrolar de uma pesquisa porque nem sempre se tem certeza do que mirar. A pesquisa, em muitos casos, assume uma angustiante autonomia e vai apontando, a seu bel-prazer, para diversas direções aleatórias. São novas evidências não pensadas, respostas — não imediatas — a serem desenterradas. Mesmo com o conhecimento prévio do tema (imigração alemã), não se está imune à incapacidade de achar a solução imposta pelos documentos e onde o domínio, em muitos dos casos, é precário.

Repete-se, assim, o caminho aparentemente lógico na busca por respostas, contando com a boa vontade dos arquivos públicos e de seus funcionários. A memória estatal nem sempre tem o apreço com a memória material, pois essa não recebe o devido encaminhamento pelo ente público. Contudo, houve uso “satisfatório” dos seguintes arquivos públicos: Arquivo Público do Vale [de Novo Hamburgo], com dados de algumas das construções realizadas por Lutzenberger na cidade natal da esposa²³, em que fica evidente o contato com a elite local, e mais bem descrito na temática sobre assimilação. Com o mesmo propósito, fez-se o escrutínio e com buscas adicionais no Arquivo Municipal de Porto Alegre Moisés Vellinho. Nessa instituição, pôde-se ter contato com o projeto de tombamento da casa construída e habitada por Lutzenberger e seus familiares²⁴. A casa preservada mantém características das moradas na Alemanha.

²³ Deve-se levar em conta a rede social da esposa, a facilidade do idioma e “da cultura” germânica.

²⁴ A casa permaneceu na família. Ali morou a viúva e seus filhos, esses inclusive na fase adulta. Atualmente, é sede da firma de terras e compostos orgânicos “VIDA”, ligadas aos Lutzenberger.

O Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS)²⁵, onde estão depositados os documentos do poder judiciário do RS, possibilita conhecer as “pendengas jurídicas”, como a certidão de casamento, quando Lutzenberger era ainda um estrangeiro.

No Arquivo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em especial a coleção do I.B.A. (Instituto de Belas Artes), pôde-se acessar a “ficha funcional” do professor Lutzenberger, que lecionou durante anos na disciplina “Perspectiva”. Nessa ficha, ele aparece como cidadão brasileiro, adequando-se às novas normas impostas pelo Estado Novo e à obrigatoriedade de empregos estatais apenas para cidadãos brasileiros, além de ter o seu nome redigido em português²⁶.

Em relação ao último, na Junta Comercial/RS, teve-se acesso restrito à busca nos seus arquivos, e contou-se com a rara colaboração e interesse demonstrado pelo órgão estatal, na figura de seus funcionários e chefia. Desse modo, respondeu-se questões ignoradas em relação à vida profissional inicial de Lutzenberger e as origens da firma Weise Mennig & Cia, responsável pela sua seleção e escolha como seu novo arquiteto. Ou seja, documento fundamental para a sua chegada e permanência em Porto Alegre.

Assim, mesclou-se a atenção nos arquivos citados, suscitados pelo próprio objeto de estudo, após as primeiras análises do seu arquivo pessoal-familiar. Em boa medida, esses são o Corpus do estudo.

Por mais significativo que o arquivo particular seja, ele também sofre escolhas, ou cortes que determinam a redução de seu escopo. Mesmo cientes de que aqueles itens, em sua totalidade, pudessem melhor responder e respaldar as questões levantadas pela tese, e ali contidas, é preciso optar pelo que é relevante para responder as questões que determinam a busca de informações sobre a vida de Lutzenberger e sua trajetória com a declarada intenção de conhecer mais desta figura e, portanto, sua adaptação ao novo meio. Contudo, volta-se à questão do tempo e dos recursos, justificando sua redução, optando-se, assim, em fazer uso de seus fragmentos. Essa escolha, porém, não ocorreu de imediato, porque se buscou evitar o arbitrarismo acelerado ao se observar o seu arquivo pessoal.

Como procedimento de trabalho para uma busca mais efetiva, procurou-se tanto não eliminar dados cruciais quanto não prolongar, além do necessário, a intromissão na casa dos outros. Lançou-se o olhar para o conjunto, o repertório do arquivo particular para focar o que

²⁵ Aqui é um esclarecimento devido à própria organização do arquivo “novos” documentos, após o processo de seleção e higienização é disponibilizado ao público. Isso obriga outras visitas ao arquivo, mesmo tratando do passado, mas com atualizações constantes.

²⁶ Fato esse que só vim a conhecer, o quanto se trata de prática antiga de Lutzenberger, em seu primeiro documento profissional, o contrato com a firma Weise Mennig & Cia, que tive acesso apenas na reta final da tese.

mais dialogava com os objetivos traçados para a pesquisa. Isso fez com que o recorte temporal ganhasse evidência ao dar preferência à fase adulta de Lutzenberger: priorizando-se os itens relacionados à profissão, os relatos do tempo da guerra e outros indícios sobre quem ele era e no que se tornou com o processo contínuo de adaptação no Rio Grande do Sul.

Ao se realizar a procura, no arquivo pessoal, as recordações materiais estavam armazenadas em caixas plásticas, as quais eram abertas com angústia e na presença da neta, Lara Lutzenberger, a quem a família, em comum acordo, determinou a guarda delas²⁷. Em sua morada, e, normalmente, aos sábados à tarde, dividia-se a curiosidade e os muitos achados. Com a finalidade de armazenar essas descobertas foram fotografados os materiais que, numa primeira olhada, eram mais pertinentes e até visualmente agradáveis. Num segundo momento, e diante da tela do computador, essas imagens produzidas passavam por outro olhar mais demorado e menos vertical. Aqui, a tecnologia fotográfica teve grande serventia para o armazenamento, e a interpretação acaba por ser humana, nem sempre racional ou apenas objetiva. A máquina, ferramental de análise, ainda não consegue produzir respostas mínimas, e o exame continua, há muito tempo, uma atividade exclusiva para o pesquisador, com suas virtudes e mazelas.

A partir desse cabedal, os materiais que passaram pelo segundo escrutínio foram colocados em posição de destaque e passaram a assumir o protagonismo para atender as demandas das questões originais. Na miscelânea de materiais pesquisados²⁸ e presentes no arquivo de Lutzenberger, um objeto saltou aos olhos desde o início: a extensa autobiografia²⁹, manuscrita em nanquim, com 80 páginas de extensão, em idioma alemão. Esse documento autobiográfico foi o núcleo duro da pesquisa para a sua vida na Alemanha, mas com o aporte de tantos outros, ao se delinear a sua trajetória, foi além dos textos ali deixados.

Para se ir além deste texto e impressões próprias de Lutzenberger se buscou alguns depoimentos dos seus familiares. Neste contexto não se auferiu um rigor acadêmico na captação das informações obtidas em conversas. Fato esse que ocorreu em especial nas recorrentes visitas a Magdalena Kroeff Lutzenberger, inclusive as idas a sua residência em um período após a conclusão da dissertação (31/09/2011; 30/03/2013; 19/07/2013; 09/04/16), onde já se delimitava a busca por questões mais específicas sobre seu pai Lutzenberger. E mesmo não acatando o rigor exigido pela academia, as informações obtidas foram pertinentes e se preferiu não as descartar, mesmo ciente de se tratar de relatos familiares, que podem resultar em visões

²⁷ A maior parte (em quantidade), mas não da totalidade dos materiais pessoais, outra neta e as filhas possuem itens como: fotos, quadros, desenhos etc.

²⁸ Além de algumas cartas e outros itens.

³⁴ Fundação Biblioteca Nacional

excessivamente simpáticos a trajetória de vida analisada. Nestas portanto não foram transcritas e não se encontraram referências na bibliografia final. Contudo se teve outro cuidado, quando via entrevista estruturada se obteve o depoimento da sobrinha de José Lutzenberger, Carmen Kroeff Englert, em 10/03/2009 que, portanto, também serve de base para algumas informações adicionais a presente tese. Sobre a contribuição via depoimentos, por último já de maneira específica para este trabalho se coletou as impressões da filha caçula Rose Kroeff Lutzenberger com o auxílio da colega Fernanda Ambiando, em depoimento obtido em 19/05/2019 na residência dela.

Há, portanto, uma busca mais específica em arquivos, como a historiografia acadêmica, para um historiador de ofício. Essa postura, mesmo que habitual nas pesquisas com abordagem histórica, não obtiverem os mesmos cuidados dos demais pesquisadores da trajetória de vida de Lutzenberger que preferiram atender a outras possibilidades.

Outra inovação e possibilidade desta tese é a rara oportunidade de busca “autônoma” das páginas digitalizadas do jornal “A Federação” e do periódico “Diário de Notícias”, ambos publicados em Porto Alegre, importantes veículos de mídia social que estão, em parte, disponíveis ao público via Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional. Portanto, foi possível ter acesso a questões do tempo de vida de Lutzenberger e seus contemporâneos e conterrâneos, para esclarecer aspectos da identidade e adaptação de Lutzenberger.

Logo, o trabalho e as escolhas geraram conhecimento social válido para o amplo campo de estudos da imigração e para conhecer sua identidade e assimilação ao se analisar a trajetória de vida de José Lutzenberger.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

*And all this science
I don't understand
It's just my job
Five days a week³⁰*

Elthon John

Neste capítulo, são descritos os mecanismos e as ferramentas pelas quais a tese é trilhada para as questões a serem respondidas. Como opção se enfatiza o uso plural de métodos e metodologias, pois a complexidade humana necessita de diversas abordagens, que assim enriquecem a busca proposta nos objetivos pelas questões abertas. Isso não necessariamente faz uma metodologia entrar em conflito com as demais, mas, de fato, espera-se criar um ambiente favorável para a compreensão do fenômeno histórico e que possa, conjuntamente, dar uma base mais assertiva ao processo como um todo. Por um lado, isso acaba por eliminar o uso exclusivo ou total de qualquer metodologia de modo estanque. A subdivisão aqui apresentada é, na verdade, um conjunto de matrizes mediante as quais ocorreu a busca pelos objetivos, sem esquecer que a investigação é da compreensão do processo de identidade e assimilação de Lutzenberger, em que ambos os termos receberam as necessárias abordagens. Assim, expõem-se, aqui, os aspectos de apoio da metodologia utilizada, segmentada em: análise biográfica, história oral, micro-história, além das definições necessárias para cada método utilizado.

1.1 ANÁLISE BIOGRÁFICA

Escrever sobre a vida de alguém é, necessariamente, conhecê-la. E esse conhecimento passa pelas análises, por documentos, críticas e questões a serem respondidas. A análise biográfica tem como escopo a totalidade biológica de um indivíduo, o que não necessariamente obriga que se veja essa vida com a mesma intensidade. Pode-se privilegiar segmentos, fatos ou eventos que mereçam maior atenção. Assim, esta tese é fruto dessas opções de se olhar para a formação educacional de Lutzenberger, sua preparação militar, prática profissional etc. Não obstante, o presente estudo analisa a vida inteira, respeitando a cronologia desde a origem até o seu fim, o que, obrigatoriamente, envolve o seu nascimento, em Altötting, e sua morte ocorrida em Porto Alegre, conceituando-se, assim, um estudo biográfico, que se adapta à formalidade mais exigente, que compreende toda a sua existência. Nesse sentido, é importante

³⁰ Tradução livre: E toda essa ciência/ Eu não entendo/ É apenas o meu trabalho/ Cinco dias por semana (ELTHON JOHN, 2021).

frisar que existem divergências, até mesmo entre os acadêmicos, em que não se pode igualar a análise biográfica com o estudo de trajetória de vida, pois, para um grupo isso é encarado como uma diminuição do escopo do trabalho que aborda apenas parte, ou uma parcela da vida de um sujeito. Assim, mesmo havendo disputas conceituais na diferenciação de trajetória de vida e análise biográfica, na tese respeita-se a condicionante de ver a vida “inteira” de Lutzenberger para se legitimar uma análise biográfica. Resolvido esse preâmbulo, emerge a questão de ordem pragmática, de como elaborar tal análise. Dessa forma, para dar conta da vida de uma pessoa, opta-se, primeiro, pela metodologia de análise biográfica.

O termo “biografia” só aparece ao longo do século XVII, para designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (tais como o panegírico, o elogio, a oração fúnebre e a hagiografia) (LORIGA, 2011, p. 17).

Conforme se constata na academia, sempre há diferentes maneiras de se elaborar um estudo biográfico, e pode-se utilizar o resumo elaborado pelo pesquisador Carneiro (2018), que apresenta três tipos básicos de estudo biográfico. O primeiro seria aquele produzido como “informações biográficas em bloco” (CARNEIRO, 2018, p. 34), ou, em termos mais específicos, uma prosopografia – “reconstituição dos currículos vitae de um grupo social” (CARNEIRO, 2018, p. 34). Quem desenvolve um trabalho próximo a esse é Griensein (2019), o qual compara e estuda em conjunto a vida de três arquitetos estrangeiros, e um quarto que é filho de estrangeiro³¹. Sua intenção é o cotejo dos quatro indivíduos em conjunto, em que salienta suas semelhanças e diferenças, além de apresentar um resumo biográfico de cada um deles. Nesse modo de pesquisa, o indivíduo pode receber menor destaque, pois a biografia elaborada é uma introdução para a análise e comparações propriamente ditas. O estudo em conjunto busca apontar as afinidades e diferenças internas do coletivo, o grupo pesquisado. De maneira sucinta, esse modo de interpretação e análise foi utilizado para se descobrir as origens da firma Weise³² e de seus sócios, aparecendo como uma ferramenta auxiliar no presente estudo, mas que foge do âmago da tese, que foca em José Lutzenberger. Contudo, mesmo de uso parcial, o estudo analítico de biografias coletivas, ou em bloco, auxiliou a obtenção de informações válidas sobre quem eram os empregadores de Lutzenberger, sendo possível entender um pouco mais do coletivo e do social dos imigrantes no RS, pois todos os proprietários eram de origem germânica.

³¹Todos de origem alemã.

³²Depois transformada em Weise e Mennig, tendo seu nome definitivo, dentro do escopo da pesquisa, de Weise Mennig & Cia.

Sob esse ponto de vista, o campo historiográfico tem ampliado o estudo que visa responder questões a partir do indivíduo para o coletivo. Mesmo centrando-se em um grupo é possível, no estudo sobre a individualidade, possibilitar a compreensão de fenômenos mais complexos.

Desde meados da década de 70, os estudos biográficos em torno de personalidades pertencentes às elites sociais têm tido uma crescente importância para os historiadores. A tendência de aproximação da História cultural, Social, Política e Econômica, bem como a interdisciplinaridade, têm marcado o campo historiográfico e contribuído para um saber histórico mais diversificado (FERNANDES, 2012, p. 182)³³.

O segundo tipo apresentado por Carneiro (2018) seria a análise da biografia que leva em consideração o contexto, o que, necessariamente, amplia o uso do entorno para se relatar a vida e os acontecimentos do indivíduo pesquisado. Essa abordagem, com um olhar *dividido* entre o indivíduo e o seu entorno, é a que mais se aproxima do tipo de análise utilizada para compreender o processo de assimilação e a criação da identidade “local” de Lutzenberger na tese, mesmo que, em alguns casos, se faça uso da interpretação como é descrito no terceiro tipo. Portanto, há uma mescla dos tipos propostos por Carneiro (2018), e essas divisões não são estanques e apresentam áreas de execução em comum na análise da biografia.

Por fim, o terceiro exemplo de biografia analítica é aquele em que há uma reconstituição do indivíduo a partir de textos pré-existentes, em que o autor parte “de texto cuja explicação é obtida através de um trabalho de interpretação contextual” (CARNEIRO, 2018, p. 34). Nesse último caso, o autor dá como exemplo a biografia mais fluida de Martin Guerre, escrita por Natalie Davis (1987). Por ter lido essa obra, posso atribuir a ela algumas liberdades que a autora toma para concluir aspectos não mencionados ou evidentes das fontes penais do julgamento contra o pastor que assume a identidade de outra pessoa. Mas o verdadeiro Martin Guerre retorna para a sua morada e encontra o “impostor” dividindo o lar com a sua esposa. Esse modo de análise biográfica, em que há uma reconstrução histórica a partir de textos, é aplicado na investigação das informações presentes e ausentes na autobiografia de Lutzenberger, o que, novamente, reforça que a tese dialoga mais com os modos desenvolvidos nos dois últimos modelos propostos por Carneiro (2018), mantendo o foco na análise da vida de Lutzenberger. Pela falta de possibilidade de checar a totalidade das informações descritas por Lutzenberger em sua autobiografia, elabora-se uma análise voltada para a “interpretação contextual”.

³³O autor refere-se a 1970.

Em outras palavras, é preciso parafrasear a grata interpretação criada por Márcia Gonçalves sobre a biografia do importante escritor brasileiro. A citação é precisa e condizente com o que se quer [re]produzir, reabilitando ainda mais o gênero biográfico crítico:

[...] sua biografia há de ser, sobretudo, uma interpretação. “Interpretação de Machado de Assis devia ser o título deste Livro”. Com essas palavras, Lúcia Miguel Pereira sintetizou, entre outros argumentos, a perspectiva por ela construída para realizar seu estudo crítico e biográfico sobre Machado de Assis (GONÇALVEZ, 2009, p. 191).

A pesquisa é fruto de texto, análises e compreensão de muitos pesquisadores com acesso ao passado histórico preservado. E se reforça o cuidado de se fugir da falsa impressão de domínio sobre o decorrido e aquilo que se determina compreender à exaustão, o passado da alguém. Sobre esse aspecto reforça-se que é preciso ter um consistente conhecimento sobre a vida do objeto de estudo, sem cair no simples especulativo, pecado que Davis (1987) nem sempre consegue evitar em sua obra e serve de alerta para nós pesquisadores biográficos. Nesse sentido, é crucial que se apresentem noções básicas das opiniões e percepções que o presente autor tem sobre o entorno histórico de Lutzenberger e do RS, o que, necessariamente, adiciona algumas páginas a mais na tese.

Ainda sobre uma metodologia que se aplique ao fazer científico e histórico, nem sempre a tarefa é exitosa ou fácil.

Qualifico a história como um estudo cientificamente conduzido, e não como uma ciência – pela mesma razão que, ao traçar o plano da *Encyclopédie française*, não quis dar-lhe por base, como os ritos exigiam, uma classificação geral das Ciências; pela razão de que falar em Ciências é antes de tudo evocar a ideia de uma soma de resultados, de um tesouro, se quiserem, mais ou menos recheado de moedas, uma preciosas outras não; não acentuar o que é a força motora do sábio, isto é a inquietação (FEBVRE, 1989, p. 30).

Nessa perspectiva, a biografia de Lutzenberger é considerada um microcosmo da realidade complexa e desafiadora de cada imigrante que, semelhante a ele, abandona a sua morada natal e parte para uma nova realidade física e cultural. Assim, a tese contém um misto de subjetivo e objetivo, de dúvidas e escolhas do autor e dos materiais a sua disposição. E também nesse ponto há perdas, pois não há como reproduzir ou ter acesso a cada instante da existência de Lutzenberger, tanto a já apagada, perdida, quanto a preservada ou armazenada por ele, pelos familiares, pelos arquivos oficiais etc.

O fazer histórico científico também sofre alterações ao longo dos anos; sua prática é atualizada e melhorada, como nas novas incursões das mentes abertas. A biografia [antiga] praticamente resumida à Hagiografia (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p.17) que se centra apenas nos momentos positivamente exaltáveis ou nos seres perfeitos perde terreno nos estudos

contemporâneos. Logo, é preciso buscar um entendimento amplo: o meio, as relações, o entorno do biografável que ganha em evidência, e as ditas vidas ordinárias tornam-se alvo das pesquisas mais recentes, pois enriquecem o conhecimento histórico e são passíveis de oferecer a compreensão dos fenômenos coletivos históricos.

A preocupação é dar novo fôlego às análises biográficas, como vários exemplos dados pelos pesquisadores que aprofundam o tema: Avelar (2012; 2018); Eakin (2019); Schmidt (2012; 2018), dentre outros teóricos de base para o uso científico das biografias nas academias e na presente tese. Mas como nem tudo são flores, as mudanças nem sempre são bem-vindas e a biografia analítica ainda sofre discriminação:

o renovado interesse pela biografia suscitou preocupações com trabalhos de pesquisa mais rigorosos, capazes de demonstrar as tensões existentes entre a ação humana e as estruturas sociais, colocando o personagem e seu meio numa relação dialética e assegurando à história o caráter de um processo com sujeito (AVELAR, 2012, p.67).

Aos poucos, a análise biográfica crítica ganha destaque e se legitima no mundo acadêmico. Ela dá mostras que podem contribuir para o fazer da História que não é considerada apenas um emaranhado de eventos sociais e de seres coletivos. A sociedade é composta de indivíduos, tanto na vida quanto na morte, sendo preciso lembrar a presença dos seres autônomos, que vivem, lutam e deixam sua marca em seu trajeto. Assim, a biografia é, em última análise, uma luta contra o apagamento desse ser unitário, imaginando que o mundo é apenas um conjunto de valas comuns, negando a existência das famílias e dos indivíduos.

Estabelecendo uma extensão da casa e da família, a sepultura figurava como uma crescente individualização da vivência social da morte, cada vez mais distante do coletivismo que caracterizava o enterramento *ad sanctus* e o viver urbano intramuros (NASCIMENTO, 2009, p.15)³⁴.

Porém, ao distinguir a presença do indivíduo na sociedade, e, a partir desta particularidade, reconhecer a necessidade imperativa de estudá-lo, não se está negando o caráter social e coletivo das pessoas, pois mesmo sem entrar num impreciso embate é tenaz comentar:

[...] a biografia também desfaz a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. O indivíduo não existe só. Ele só existe “numa rede de relações sociais diversificadas”. Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como as ideias, representações e imaginário de um indivíduo convergem para o contexto social ao qual pertence (DEL PRIORE, 2018, p. 79).

Para a pesquisa do arquiteto Lutzenberger utiliza-se uma lupa que foca em Lutzenberger para exprimir o seu local de trabalho, seu cotidiano e as demais pessoas da sociedade porto-

³⁴ *ad sanctus* = ao santo. Quer dizer enterrado coletivamente dentro da igreja sem identificação.

alegrense onde conviviam mutuamente. Com isso em mente, a análise da vida de Lutzenberger é um esforço no mesmo sentido, pois se espera oferecer colaboração crítica para o estudo da identidade e entendimento do fenômeno da imigração, em especial a assimilação desse imigrante junto da comunidade de Porto Alegre.

Contudo, para se entender o fenômeno da imigração, busca-se uma delimitação, tornando o trabalho exequível e mais detalhado. A abordagem biográfica pode, assim, ser aplicada mesmo estando cientes das críticas que esse gênero acalenta. Conhecer a vida e obra de Lutzenberger é olhar a imigração sob outro prisma:

É, provavelmente na França, que a biografia foi mais vituperada. A batalha contra a *história historizante*, travada nas páginas da *Revue de synthèse historique*, foi vencida pelos historiadores dos Annales, que se dedicam a apreender, para além dos acontecimentos particulares, o substrato profundo da história: as estruturas sociais, as representações mentais, os fenômenos de longa duração (LORIGA, 2011, p. 45).

O estudo biográfico ampliado³⁵ pode servir de pretexto para resgatar um momento, um contexto, uma época como destaca Dosse (2009, p.100). Esse autor possui uma obra qualificada, que relata a evolução das biografias na Europa, em particular na França, citando, analisando e comentando as formas de seu uso, que, ao longo das décadas, dão provas mais do que suficientes para a legitimação dessa abordagem histórica. A quem ainda persiste com esta dúvida indica-se a leitura do texto de Dosse (2009), calcado em seus exemplos, em que o estudo biográfico analítico contribui para o fazer histórico científico.

Nesse rico manancial, inesgotável, a biografia percorre caminhos inusitados, entre os quais o relato histórico sobre uma árvore imigrante, conhecido como elefante cinza que abusa do solo, rouba a água e cresce com uma velocidade impressionante (HASSE, 2006). Ou da biografia de um prédio: “Quem escreve essas linhas é o Hospital Schalatter. Você espantado? Nunca viu um prédio escrever um livro? Pois se prepare que este velho, com mais de cem anos de idade, tem muito o que contar” (MENDONÇA, 2010, p.12).

No desenvolvimento da tese é preciso realçar o interesse deste autor em relação às biografias, sendo sua companheira em muitas leituras sobre figuras de destaque, com vidas marcantes, ou ainda de interesse específico. Para tanto, relaciona-se algumas das biografias que foram lidas e que, de certa maneira, condicionam a escrita da tese, o contexto de como são

³⁵ Biográfico ampliado, dando conta de questões mais coletivas, reforçando o olhar nas relações familiares, sociais e econômicas, não de um indivíduo isolado, mas de um coletivo, ou seja, “os” Lutzenberger residentes em Porto Alegre. Um exemplo aproximado disso seria o estudo da “dinastia” dos Guinle (BULCÃO, 2015). Cada nova geração da família recebe a devida atenção numa “minibiografia” de seus membros, sendo o contexto histórico de cada indivíduo retratado, portanto, um estudo coletivo como demonstrado por Carneiro (2018, p. 34) em seu primeiro modo de estudo biográfico.

escritas e as inusitadas abordagens como influências não só como se considera a História (sendo ela ciência ou não), mas como se pode redigir sobre o passado.

Ainda no campo do inusitado, há a biografia de seres inventados, como a escrita por Bowler (2007), ao escrever sobre a simpática figura do velhinho de botas negras e roupa vermelha: “Papai Noel, uma Biografia”, figura mítica que mereceu ter sua trajetória narrada. No campo mais pessoal, portanto, em primeira pessoa, a Autobiografia também é um fenômeno a ser reconhecido. Sem entrar muito na questão religiosa de valores pessoais, da fé, que contribuições a humanidade teria tido se Jesus Cristo tivesse escrito ele próprio a sua biografia e não fosse a sua vida descrita apenas por outros, observadores mundanos. Portanto, a visão pessoal, e talvez unilateral, pode somar na elaboração científica do conhecimento acumulado sobre o passado, assim se busca saber quem foi o enigmático inventor, ao se ler: minhas invenções de Tesla (TESLA, 2012). Ou, em situações ainda mais extremas, como quando há a declarada intenção do autor de revisitar e limpar o passado de seu próprio pai, como no livro que, ao mesmo tempo, é uma Autobiografia [do filho] e uma biografia paterna do líder contraventor Pablo Escobar³⁶ na sua Colômbia ensanguentada, e a intenção se mescla com a realidade factual.

Este livro tampouco é a verdade absoluta. É um exercício de busca e uma aproximação à vida de meu pai. É uma investigação pessoal e íntima. É a redescoberta de um homem, com todas as suas virtudes, mas também com todos os seus defeitos. A maior parte dos relatos aqui presentes me foi transmitida por ele, nas noites longas e frias de seu último ano de vida, ao redor de fogueiras; outros, ele me deixou por escrito, quando seus inimigos estavam muito perto de aniquilar a nós todos (ESCOBAR, 2015, p. 12).

De volta à biografia de acadêmicos, outra obra de impacto e que dá sentido às biografias³⁷ como fio condutor da narrativa histórica crítica é: “A beleza e a dor sobre a Primeira Guerra Mundial”. O livro é a coletânea comparativa³⁸ das biografias de personagens reais e suas transformações ao longo do Conflito:

O leitor acompanhará dezenove indivíduos, todos reais (o livro não contém nada fictício, pois seu conteúdo se baseia nos diferentes tipos de documentos que essas pessoas nos deixaram), todos eles resgatados de anonimato ou esquecidos e situados nas camadas mais baixas das hierarquias (ENGLUD, 2014, p.11).

³⁶Traficante e narcoterrorista considerado um dos homens mais ricos do mundo e fez fortuna a partir da violência extrema e desenfreada na Colômbia.

³⁷Lembrando que o autor em questão não se interessa pela polêmica da dicotomia entre Trajetória de Vida e Biografia. E como ressalta o autor, o livro é composto por trechos escritos que abarcam recortes no período da Grande Guerra e outros que servem para o breve resumo histórico de cada indivíduo retratado.

³⁸Que remete ao primeiro modo proposto por Carneiro (2018).

Esse talvez seja um exemplo mais bem elaborado de como escrever sobre um grande evento, tendo-se como ponto de partida e chegada, segmentos descritivos das vidas avulsas que colidem ao longo dos tristes eventos coletivos. Segue-se nos demais formatos de biografias com outras abordagens, refletindo o *métier* do [auto]biografado. Com poucos textos, em páginas repletas de fotos de pessoas famosas, e, às vezes, estranhas, nas quais pode-se construir um entendimento sobre o autobiografado com outra percepção, imaginação, a trajetória do profissional da luz, do fotógrafo de Novo Hamburgo (RS) Alceu Feijó, em: “A Imagem além do Tempo” (FEIJÓ, 2016). Ou ainda o relato pessoal em que as músicas executadas e a relação das apresentações recebem a mesma importância do que os relatos da vida do músico instrumentista no sugestivo título: “Mentiras... ou não, uma quase autobiografia de Turíbio Santos” (SANTOS, 2002).

Com essa gama de exemplos é preciso reconhecer que a biografia³⁹ pode ser uma força capaz de enriquecer e, portanto, melhorar o fazer científico histórico. Nesse sentido, a autobiografia de Lutzenberger é um importante êmbolo para se estudar a vida deste indivíduo. Trata-se de farto material para destrinchar o passado de uma pessoa, em uma base para novas compreensões da imigração. Além disso, volta-se a enfatizar a participação de Joseph Lutzenberger na Grande Guerra, pois essa é uma faceta pouco explorada nos estudos encontrados após a revisão bibliográfica. A Grande Guerra iria redefinir o mundo ocidental como um indelével recorte não só histórico, mas social e cultural, fato que merece a devida atenção a um ato longo e tão traumático para a humanidade, com profundas marcas no indivíduo:

[...] sociologia do “pequeno”, quer dizer, sociologia dos objetos situados relativamente na parte inferior da hierarquia social dos objetos de estudo, ou “pequena” sociologia; sabemos que a dignidade dos objetos sociais está na medida dignidade social desses mesmos objetos que foram convertidos em objetos intelectuais... (SAYAD, 2012, p. 22).

Na verdade, o problema continua o de sempre: “o que se pode aproveitar dos interesses e dos saberes acadêmicos para se obter elementos de conhecimento útil?” (JOHNSON, 2000, p. 17). Pesquisar analiticamente a vida de um imigrante, um soldado e, principalmente, suas relações com o novo mundo é entender um pouco mais de todos os porto-alegrenses, gaúchos, humanos.

Em suma, destaca-se, aqui, a necessidade relacionada à atividade de pensar. “Devemos considerar o fato de que pensar é uma atividade de esforço, não um mero manuseio de um

³⁹Talvez descrita como “trajetória de vida” por alguns historiadores mais formalistas.

caleidoscópio de imagens mentais. A tentativa de pensar sobre problemas, como tarefa comum de introspecção e observação” (SKINNER, 2017, p. 385).

O quanto é laborioso o exercício mental, a longa jornada que se abre para uma tese, exercício que deve ter não só profundidade, mas utilidade. Assim, a noção de que o fazer científico deve retornar à sociedade, sem se cair em utopias exageradas:

[...] o que emerge num primeiro olhar é a crença num ensino de História redentor, capaz de modificar a sociedade, “para descobrir soluções, ideias e caminhos para o futuro”, que “passe de imediato àquela ação capaz de dar ao povo brasileiro o Brasil pelo qual ele realmente anseia” (ALMEIDA NETO, 2011, p. 28).

Portanto, cabe aos pesquisadores fazerem uso das expertises alheias. E mesmo sendo a tese um processo individual, o labor acadêmico tem que se servir dos demais peritos do assunto ou tema, ou de pessoas relacionadas ao objeto de estudo para que essas possam dar contribuições inusitadas, enriquecendo o fazer acadêmico. Nessas ações, se responde os objetivos traçados, com a possibilidade de texto mais narrativo, atrativo e pleno. O fazer acadêmico precisa de constantes reavaliações, pois,

[...] sempre devemos estar dispostos a rever objetivos, reelaborar ou até mesmo abandonar hipóteses, refazer perguntas, reconstruir objetos e, se possível encontrar as próprias metodologias de investigação quando as que temos não nos servem. [...] Durante o percurso da investigação é comum se apresentarem caminhos não previstos pelo projeto original, fazendo com que ideias e hipóteses mudem ao longo do trabalho (KARSBURG; VENDRAME, 2016, p. 92).

Nesse sentido, a história oral tem papel importante, pois, é possível resgatar informações daquelas pessoas que conviveram com José Lutzenberger.

1.2 HISTÓRIA ORAL

A tese não é um trabalho pautado na história oral, mas deve-se a ela relevantes contribuições, entre as quais as informações obtidas nas múltiplas visitas à Magdalena Lutzenberger e a entrevista com Rose Lutzenberger, aglutinadas ainda às informações soltas que, eventualmente, alguns parentes, instigados, comentavam e dividiam com o pesquisador. E com isso não se quer fugir ou negar a possibilidade de alguns equívocos ou excessos de nossos informantes. O que se quer, em muitos dos casos, é exatamente a vivência, a ideia e, principalmente, a percepção desses interlocutores que modificam a própria lembrança ao longo dos anos, fato em oposição à memória das máquinas e dos arquivos mortos.

O passado narrado da vida de um ser humano não pode ser transmitido de forma técnica. É um produto inacabado e, portanto, cambiante da memória e sua recuperação, do qual são partes constitutivas a seletividade, a relevância,

a estrutura simbólica e outras características de atos transmitidos de forma hermenêutica (STRAUB, 2009, p. 84-5).

Mas não é isso que se busca? A verdade subjetiva daqueles que vivenciaram as inusitadas situações que se tenta analisar? Às vezes, os colegas profissionais, acadêmicos do passado, com seus dedos de inquisidores apontam com ênfase para as fontes faltosas, da memória escrita ou falada, a ponto da quase invalidação delas. O que, em parte, causa muitos atritos e dissabores aos historiadores que recorrem a tais fontes. A pergunta que surge diante da invalidação do ato humano é questionar: com o desenvolvimento da tecnologia, será preciso dar lugar a profissionais autômatos, ciborgues humanoides, mais isentos e técnicos do que nós? Seria o fim dos historiadores humanos, agora considerados incapazes, parciais e limitados? Deseja-se, de fato, uma análise asséptica e desumana? Acredita-se que não, e assim continua-se a servir-se das imperfeitas fontes orais e [auto]biográficas...

Nesse caso, é necessário destacar o ponto, as falas ouvidas, as fontes orais que adentraram no escopo da tese e são úteis e válidas. Não se trata de negar as suas máculas, mas tentar entender como elas se originam para não apenas refutá-las, mas para fazer um uso mais adequado de suas riquezas e singularidades. Não se aceita tudo. Pelo contrário, busca-se um novo entendimento de como elas, as falas – as memórias são produzidas e chegam até nós historiadores profissionais. Assim, respeitando-se o momento do entrevistado, que pode ser crucial,

conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. [...] Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o transmitido. Essa constatação se aplica a toda forma de memória (POLLACK, 1989, p. 8-9).

Desse modo, destaca-se a relevância da história oral e seu contínuo questionamento sobre memória, e a [re]construção do próprio passado pelos sujeitos entrevistados. Relembra-se que a autobiografia de Lutzenberger é uma das peças centrais desta investigação, e é sabido que a memória é uma construção que espelha, em muito, o momento exato captado, e, no caso da Autobiografia, é quando se a redige⁴⁰. É algo que se pode constatar na prática do historiador, ou, trocando em miúdos, na redução dos temas abordados pelas pessoas ouvidas, ou na estrutura da autobiografia. Uma vida não se exprime em vários tomos, nem mesmo uma trajetória de vida tem o seu escopo preenchido numa ou em várias entrevistas. O recorte é imperfeito e seletivo, contudo, se busca o âmago, um aspecto ou informações sobre o tema específico ou direcionado.

⁴⁰Lutzenberger escreve sua autobiografia em dois momentos a partir de 1929, e encerra as atividades para serem retomadas em fevereiro de 1937. O que não impossibilita, eventualmente, que o autor acrescente informações pontuais como as mortes de parentes, ocorridas na Alemanha.

A História Oral na tese é complementar e busca enriquecer o processo como um todo, junto das demais informações coletadas. Examina-se e, quando possível, responde-se a difícil e complexa tarefa comum a qualquer tipo de história, a imperfeita ação de se diferenciar o fato de sua retenção ou elaboração. Isto porque “a memória autobiográfica é um processo de interação entre a memória episódica (eventos pessoais) e a memória semântica (significado pessoal dado aos eventos), entre cognição e emoção” (LIMA, 2020, p. 222).

Nesse aspecto, julga-se importante incluir mais uma citação para evidenciar a preocupação historiográfica com essa delicada questão da veracidade do relato, ou do testemunho dado por aqueles que tiveram contato mais direto com a pessoa pesquisada. Essa prática não se limita apenas à figura de Lutzenberger, mas, no exercício histórico do testemunho sobre a vida de alguém, aqui, em particular, o político gaúcho Fernando Ferrari, conhecido como o: “mãos limpas”⁴¹, pois, é preciso conhecer a percepção das demais pessoas, para que se tenha uma visão ampla, e talvez precisa, de quem é essa pessoa. Conforme o relato da filha de Fernando Ferrari, é necessário haver pluralidade das vivências, e na introdução de seu artigo sobre o pai, ela relata: “coube-me a grata tarefa de entrevistar conterrâneos de Fernando Ferrari, que o conheceram pessoalmente, conviveram com ele, acompanharam sua trajetória política ou, de alguma forma, tiveram envolvimento com seu trabalho” (FERRARI, 2013, p. 191).

A História Oral surge como outro modo de entendimento do processo de captação das informações. Assim, buscando uma contemporaneidade, a História Oral tem o papel de elucidar algumas questões que o registro histórico não dá conta, entre as quais as dúvidas ligadas à percepção sobre um tema ou questão particular de Lutzenberger, para fazer emergir outras abordagens de como ele era compreendido pelos seus pares, pessoas que eventualmente conviveram com Lutzenberger. Mesmo ciente das muitas críticas da historiografia tradicional que não acolhe com bons olhos e ouvidos a História Oral, considerada, por muitos, aquém da realidade factual, a História Oral ainda carrega em si uma parcialidade inaceitável para parte dos eruditos que

[...] se centram no fato de que os depoimentos, sempre parciais, transmitem uma versão dos acontecimentos, e não a sua reconstituição; a visão do ator social pode ser deturpada ou enganadora; por fundarem-se na memória, que é falha e deficiente, as narrativas podem ser defeituosas, imprecisas, com episódios deslocados temporalmente e tendo elementos omitidos; o fato passado e o depoimento presente fazem com que a memória reinterprete os fatos (PROCHNOV, 2014, p. 12-13).

⁴¹“Em 1946, ao denunciar, em carta aos jornais da capital federal, um episódio de corrupção no SAPS, pediu demissão do cargo e retornou ao Rio Grande do Sul, onde se filiou ao PTB, integrando, juntamente com outros jovens, a Ala Moça do partido” (FERRARI, 2022).

Contudo, a História Oral revela muitas verdades e anseios daqueles que não são “ouvidos”. “Outro meio de resistência nas sociedades africanas é a tradição oral, que fica entre o mito e a história” (FERRO, 2017, p.126). Mesmo com algum descrédito do historiador francês Ferro, a História Oral é um importante testemunho, e ignorá-la poderia ser um erro mais contundente do que não aceitá-la como uma manifestação legítima da percepção verdadeira a partir da testemunha ouvida. É importante lembrar que na História Oral há uma “construção de fontes e documentos” baseada em “narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006, p.15) que se coadunam ou não com as nossas interpretações e conhecimentos do passado histórico. Não se trata de aceitar acriticamente o relato, mas de reconhecer a possibilidade de uma nova via de interpretação⁴². Essas críticas, às vezes exacerbadas, não reconhecem que uma interpretação pode ser tão valiosa quanto uma descrição. Para minimizar essa impressão de oposição frente à História Oral cita-se Arthur (2011, p.10): “foi um privilégio ouvir as vozes desses homens e dessas mulheres, muitos dos quais estão mortos há muito, e tentar dar vida outra vez às suas vigorosas lembranças. As palavras são deles” (ARTHUR, 2011, p.10).

Ao relacionar as informações obtidas via História Oral com outros modos históricos, parece que esses excessos interpretativos, creditados, com frequência, às falas, testemunhos etc., tendem a ser não verídicos, mas isso é fato comum a qualquer reconstrução do passado e não uma exclusividade na História Oral. Quem sabe, na História Oral, seja possível cometer esses ruídos com maior frequência. No entanto, esses problemas nunca foram exclusivos da História Oral.

1.3 MICRO-HISTÓRIA

A proposta desta tese não é apenas tecer e redigir, criando uma narrativa da vida de Lutzenberger, mas apontar questões e análises sobre a mesma. Nela se impulsiona a influência de uma metodologia desenvolvida no próprio seio da historiografia acadêmica, mais precisamente na Itália, que conta com algumas décadas de prática e de maturidade reconhecidas no meio universitário. A micro-história mescla metodologia e teoria, pois ela é uma junção de técnicas de pesquisa que incluem a análise biográfica, a prática de investigação onomástica, a história oral, dentre outras metodologias que visam à compreensão do passado histórico. Tem

⁴²Reforçando a ideia de caminhos não aventados no projeto original ou inicial (KARSBURG; VENDRAME, 2016).

apreço por detalhes ou índices que podem revelar informações perdidas, além de contemplar uma escala particular de pesquisa.

A micro-história é, portanto, uma teoria e método analítico que têm vários autores, em especial Ginzburg (2006) que, em “O queijo e os vermes”, desenvolve uma análise biográfica ao relatar a vida cotidiana e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Conhecer Menocchio⁴³ é adentrar em um vasto universo paralelo esquecido pelas pessoas, mas preservados e denunciados pelos registros processuais da época remota. Assim, Ginzburg busca os sinais, os indícios que possam construir ou corroborar o entendimento histórico mais amplo, baseado não só, mas a partir de detalhes. Em outra obra, “Mitos, emblemas e sinais”, Ginzburg (1990) relaciona os indícios históricos quando comparados com a atividade do caçador que se orienta por sinais inteligíveis para ele, que espera assim obter sucesso na caça. Em outras palavras, é o entendimento acumulado que possibilita o diálogo com o documento histórico analisado, e, a partir das evidências, uma visão de como era o personagem analisado.

Para olhar a vida de um indivíduo tem-se como ponto de partida o micro para melhor compreender o macro. Opta-se pelo uso parcial de aspectos elaborados pela micro-história, esteio formal, porém, de uso livre nas incursões ao passado germânico e gaúcho de Lutzenberger. Assim, a micro-história funciona como um esboço de embasamento teórico, além de prover exemplos dos ilustres historiadores.

Ao resgatarmos um pouco da vida individual de cada imigrante, pensamos em resgatar também a identidade de cada um deles, buscando a emergência do que não está à vista, permitindo, dessa forma, a reconstituição da complexidade, da originalidade, do cotidiano dessas sociedades e desses indivíduos (D’AVILA, 2004, p. 17).

O uso parcial da metodologia da micro-história⁴⁴ serve de mecanismo para responder indagações e para entender as diversas camadas históricas tanto do Rio Grande do Sul quanto da trajetória de Lutzenberger, figura que, aos poucos, ganha contornos mais nítidos no que tange à construção de sua identidade e adaptação após o ato de migrar. E, de acordo com os critérios de Levi (2006), há uma tendência de revalidação das biografias e até mesmo das autobiografias,

[...] a meu ver, a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo às relações com as ciências sociais, os problemas das escalas de análises e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles mais complexos, nos referimos aos seus limites de liberdade e da racionalidade humanas (LEVI, 2006, p. 165).

⁴³Moleiro, o “biografado” perseguido pela inquisição. O livro é permeado de descobertas de Ginzburg (2006) sobre esse insólito e rico personagem.

⁴⁴O que afirmativamente falta da metodologia micro-história, no presente estudo, seria uma gama maior de documentos, a fim de realizar uma análise comparativa extensiva de casos. Portanto, é correto e necessário afirmar que foi realizado um estudo com a influência de alguns cânones da micro-história, mas não uma análise genuinamente de micro-história.

Assim, ao estudar a vida, a biografia de Lutzenberger não se busca apenas questões particulares ou privadas de um indivíduo, mas procura-se esmiuçar o que está dentro desses novos saberes e que podem contribuir para a compreensão mais ampla dos fenômenos sociais, inclusive as relações de convivência em sociedade ou as “relações entre regras e práticas” (LEVI, 2006). Isso faz com que se busque, inclusive, conhecimentos dos outros campos das ciências humanas que se interligam para responder as velhas questões acadêmicas. O conhecimento biográfico de Lutzenberger contribui para uma compreensão mais dilatada do nosso passado comum, a realidade social: “[...] a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para ele na medida em que forma um coerente” (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 35).

Estudar e analisar a biografia de Lutzenberger é ir ao encontro de suas motivações, razão e significado de tais aspectos, que, mesmo estudados no âmbito individual, são portais para estudos mais amplos de como as pessoas interagem em sociedade, e requisitar novamente a imigração, em seus aspectos particulares e genéricos. Entender esse indivíduo é levantar um conhecimento soterrado e esquecido que desvenda novas e importantes revelações sobre as relações humanas em sociedade, coletivas por excelência.

Trata-se, portanto, de não descrever “literalmente” quem foi Lutzenberger, mas encontrar uma gama de novas informações que possam ser acrescentadas à temática historiográfica que ganha força, pois,

é preciso analisar o conjunto de relações objetivas que uniram o nosso biografado aos outros personagens envolvidos no mesmo campo de ação e confrontados com o mesmo espaço de possibilidades. Isso quer dizer: é imprescindível trazer outros sujeitos ao enredo de nosso texto, mostrando que havia indivíduos que atuam de modo similar aos biografados (KARSBURG, 2015, p. 36).

A micro-história, portanto, também é um método que visa essa prática científica, oriunda do campo social, das Ciências Históricas, oferece mecanismos e suporte teórico apurados para elaboração e procura de respostas das questões objetivas. Replica-se a necessidade de se olhar com maior atenção para um público esquecido.

O advento da democracia política e social, [...] A compaixão pelos deserdados, a solidariedade com os pequenos, a simpatia pelos “esquecidos da história” inspirava um vivo desejo de reparar a injustiça da história para com eles e restituir-lhes o lugar a que tinham direito (REMOND, 2003, p. 19).

Entender as mudanças da sociedade é também uma das funções da micro-história, que, contudo, não se interessa apenas pela visão particularizada de um indivíduo, pois não se deve

perder de vista que a história é composta de narrativas, trajetórias de vida, muitas vidas. A micro-história oferece outro enfoque de investigação.

O uso do recorte horizontal não se limita simplesmente a pinçar informações a respeito do personagem histórico que buscamos e excluir o restante, como se nada existisse para além dele. Os sujeitos devem ser linhas condutoras para nos guiar por diferentes contextos, tal como o “fio de Ariadne” conduz o pesquisador no labirinto documental. [...] Essas linhas, portanto, revelam outros nomes, indivíduos de estratos sociais diferentes de posições políticas e religiosas diversas, de opiniões e ideias distintas que, em certos momentos, se relacionam com aquele que investigamos e estiveram diante do mesmo horizonte de possibilidades (KARSBURG; VENDRAME, 2016, p. 94).

Assim, os conhecimentos acumulados na análise da vida de Lutzenberger são novos argumentos. Pode-se dizer que há uma grande diferença entre “adivinhar” e prognosticar. Mesmo se tratando do passado, o conceito utilizado para o futuro (prognóstico) se mostra, aqui, equivalente por analogia. Tem-se, assim, as possibilidades de criar algo com base em evidências, mesmo quando essas são escassas. Fala-se, aqui, sobre certa liberdade criativa que cabe ao pesquisador dosar, e a eterna disputa entre a objetividade e a subjetividade, esta última, aos poucos, ganha novos tomos: “não quero aqui questionar as contribuições do discurso científico para a análise biográfica, mesmo porque hoje sabemos que é possível conciliar subjetividade autoral e objetividade analítica em escrita de História” (ZALLA, 2018, p. 19).

Outra contribuição da micro-história é a preocupação metodológica em aspectos mais particulares, específicos da história, e, sobremaneira, com a vida de indivíduos que possam esclarecer dados não nítidos na imagem coletiva. Essa visão é cada dia mais utilizada nas ciências humanas, pois, o coletivo, às vezes, pode esconder nuances cruciais, omitindo esclarecimentos ignorados no macro: “[...] a escala de proximidade é um dado de partida da própria etnografia, mas também foi importante a outra situação que aludiu: a invisibilidade e ausência de coisas em escala maior” (LOUÇÃ, 2021). Contudo, não se pode perder de vista o caráter científico dessa abordagem, que visa contribuir para um entendimento de parcelas mais diminutas da história social.

Estudar a vida de um imigrante alemão ajuda na compreensão *macro* da sociedade gaúcha, sendo crucial para entender as parcelas do todo.

Essa nova abordagem reivindica, entre seus procedimentos principais, a “mudança de escalas” do nível de observação e de estudo dos problemas históricos. Isso significa que ela utiliza o acesso aos níveis “micro-históricos” – a escalas pequenas ou reduzidas de observação, que podem ser locais, mas também individuais ou referidas a um fragmento (ROJAS, 2012, p. 89).

Assim, o macro evento da imigração alemã pode ser analisado em uma escala menor, oferecida na análise da vida de Joseph Lutzenberger, em que se busca entender a formação de sua identidade e a assimilação dele no RS. E a micro-história possibilita uma área de contato permanente com a análise biográfica. Estudar a cultura dos imigrantes não é apenas entender um dentre tantos, mas elaborar caminhos para encontrar esses mecanismos de avaliação coletivos e o entendimento social.

Queremos entender o macro, a partir do micro. Propor uma investigação capilar sobre um moleiro pode parecer paradoxal ou absurdo, quase como o retorno ao tear mecânico numa era de teares automáticos. [...] Não é um objetivo de pouca importância entender às classes mais baixas o conceito histórico de “indivíduo” (GINZBURG, 1989, p. 20).

O indivíduo se torna coletivo ao constituir família, prole. Outros aspectos de relevância para o imigrante, que criam raízes mais profundas, é o nascimento dos filhos. Mas, retomando-se a tarefa do historiador, não se pode perder de vista a necessidade de realizar o ofício profissional na devassa por respostas, isto é, realizá-la amparada na coletividade de informações com metodologias apropriadas. A história social é uma “forma de abordagem que prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades coletivos — sociais” (CASTRO, 1997, p. 90-1). Portanto, quando se trabalha com história de vida

[...] devemos adotar certos procedimentos metodológicos para evitar interpretações apressadas e imprecisas; relacionar nossos sujeitos a outros sujeitos semelhantes é imprescindível, pois assim, mais longe ficaremos do erro da generalização, que é acreditar que o particular explicaria o grupo, e do equívoco da simplificação, como se o grupo fosse capaz de esclarecer a existência do particular, condicionando o indivíduo e não lhe dando margem de liberdade ou criatividade (KARSBURG; VENDRAME, 2016, p. 104).

No universo da imigração, Lutzenberger é o foco das análises, mas não é figura solitária, pois suas pegadas, traços e imagens são analisados com base em literatura específica sobre biografia, ou histórias de vida, dentre as quais se destacam os autores: Karsburg (2015); Karsburg, Vendrame (2016); Schmidt (2000) trazendo ideias e percepções do conceito geral de imigração.

Pesquisar mais profundamente a vida de Lutzenberger é entender, em parte, o fenômeno geral da imigração, essa infelizmente sem um rosto. Os pesquisadores neste campo têm mudado não somente o enfoque, mas as dinâmicas, os métodos empregados, na solução de problemas advindos do fenômeno Imigração. O estudo da história assim se modifica, destacando-se a

extensiva produção já existente sobre imigração, a qual recebe novos conceitos que podem elucidar muitos aspectos a serem considerados na vida social do engenheiro imigrante.

O que se pauta, em parte, é conhecer outras concepções, que visam ao uso da biografia, tema como base para estudos e análises que abrem caminhos a serem seguidos para responder as velhas questões. Rojas (2012) mostra essas possibilidades, em especial com a micro-história, corrente que é um auxílio metodológico e pode ser uma importante ferramenta no fazer científico.

[...] Eduardo Grendi, Giovanni Levi e seus discípulos, que incursionaram preferencialmente no tema da relação entre os indivíduos ou atores e seu contexto, avançando no estudo da chamada análise das redes micro-históricas. A partir dessa abordagem, esses autores puderam reproblematicar temas como o da biografia, o da relação entre os diversos sistemas de normas e os espaços de transgressão, os modos concretos de ajuste do funcionamento de um mecanismo econômico, as formas de coesão e comportamento das elites, a mudanças geral dos padrões de expectativas e de percepções de uma classe ou as formas específicas de inscrição dos grupos dentro de uma entidade urbana global, entre outras (ROJAS, 2012, p. 101).

A micro-história se insere como mais um modo metodológico empregado, parcialmente, para desenvolver a prática científica e produzir os efeitos desejados na pesquisa sobre um imigrante e o seu entorno. Outra questão fundamental para o exercício acadêmico é transformar as expressões de uso corrente, ao longo do estudo, entre as quais cultura, adaptação, identidade e etnia em conceitos mais precisos.

1.4 ASSIMILAÇÃO E A IDENTIDADE DE LUTZENBERGER NO RS

Na conceituação mais restrita dos termos que se emprega nesta tese é preciso evitar o excesso de possibilidades de interpretação daquilo que se quer pesquisar e como entender a expressão em sua raiz. Nesse sentido, elencam-se algumas definições para os termos fundamentais sobre o processo de assimilação e da criação da identidade do imigrante Lutzenberger em Porto Alegre. O que se quer, aqui, é dar um embasamento circunscrito, mas não absoluto, aos termos que, por excelência, são polissêmicos, com vários significados, podendo direcionar para uma compreensão diferente da originalmente pensada.

Nas primeiras páginas de sua autobiografia, Lutzenberger exprime sua identidade que é o ponto de partida para a narrativa pessoal. Ele apresenta dicotomia entre igualdade(s) e diferença(s), quando se compara com a sua prole nativa.

Já que o Nosso Senhor os fez brasileiros, como me deixou ser alemão, vocês devem ser então bons cidadãos da vossa pátria, mas além disso honrar também a língua e modos dos vossos pais (LUTZENBERGER, 1929, p. 1).

Lutzenberger passa por um processo em que se autorredefine, e muda a sua Identidade. Essa é palavra-chave — identidade — é conceito norteador que dá conta do processo de “retomada” da vida cotidiana no local para onde se migra. A identidade é uma temática mais desenvolvida por outras ciências humanas — na Antropologia e na Sociologia. Nessas ciências, a identidade é reconhecida como a igualdade de um indivíduo com o seu grupo, mais igualmente a falta de igualdade, diante do estranhamento do imigrante nova cultura.

Já sabemos que a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído. A teoria cultural recente expressa essa mesma ideia por meio do conceito de representação. Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistema de representação (WOODWARD, 2014, p.89).

Tem-se, assim, um olhar sobre o que Lutzenberger vai encontrar e a que se sujeitar nesse cenário gaúcho, logo, parte integrante da adaptação e da criação de sua identidade são os ajustes necessários para a nova vida. A temática é discutida em outros círculos da ciência social e como aporte adotou-se, entre outros, Andrade (1999); Brandão (1986); Candau (2021); Jacques (1979; 2014); Magalhães (1998). Na literatura específica dessas áreas, podendo causar estranhamento aos colegas historiadores não afeitos aos teóricos aqui citados como referência, afirma-se que o uso de pesquisadores alheios ao campo histórico é um modo de diversificar e melhorar o entendimento e a análise dos conceitos sobre esses termos.

Sobre o processo de assimilação reconhece-se a complexidade e a riqueza do termo que apresenta as várias nuances que o tema exige. Nas novas redes que Lutzenberger cria em Porto Alegre evidencia-se a transformação de sua cultura “ancestral⁴⁵”. Antes de escrever sobre adaptação é preciso entender a identidade cultural porque, em grande medida, a adaptação e a criação da identidade são o jogo interativo entre culturas e percepções humanas, tanto individuais quanto coletivas. A cultura anterior se choca com a nova.

Cultura é palavra-chave que abarca vários aspectos da condição humana. Saber o que é cultura, responder, em parte, os contornos mais delineados é contribuir para as questões sobre Lutzenberger e a imigração alemã para o RS. Dessa maneira, pensar sobre cultura é enfatizar a bagagem cultural do imigrante, os valores recebidos na escola, na vivência com a família e na sociedade, aspectos de uma construção continuada daquilo que nos molda. Esse direcionamento é importante no caso de Lutzenberger, identificado como estrangeiro, imigrante e possuidor de “outra cultura”, uma herança própria da Alemanha, que pode ser encarada do seguinte modo:

⁴⁵O termo ancestral apresenta algumas comparações perigosas, quando estamos nos referindo à imigração. Por ser o estrangeiro que migra, Lutzenberger faz uso de sua ancestralidade, e também seus filhos, mas estes já “contaminados” pelo aspecto cultural nativo.

“Herdam o quê? O modo de viver, os costumes, os valores, o etos. A Cultura” (ANDRADE, 1999, p. 18).

E o que seria a cultura alemã ou uma etnicidade germânica, então? O termo etnia é uma evolução do conceito herdado fundamentalmente da biologia como o adendo do pensamento das ciências sociais. Na biologia, originalmente pensava-se em raça, conjunto de condicionantes orgânicas, dotando o ser de suas características predominantemente físicas, como a aparência externa. Essa definição parece limitada para as ciências sociais, possuidora da preocupação em estudar e compreender o modo de vida em sociedade. Nesse contexto, a etnia seria a raça mais todo o conjunto de realizações de determinado grupo social, pois, adiciona-se ao quesito aparência a condição cultural, por exemplo: hábitos, línguas, práticas sociais etc. Portanto, etnia seria a condição física quanto à aparência do grupo com as demais características sociais semelhantes entre seus membros. No caso de Lutzenberger e os demais teutos, de maneira sucinta, seria um grupo heterogêneo, com uma cultura similar ou próxima, com um passado histórico ou mitológico em comum.

Para os alemães e os teuto-descendentes a questão da etnicidade tem desdobramentos estreitos que se relacionam diretamente com nacionalidade e cidadania. Essa é uma questão fundamental, apontada por vários pesquisadores do tema: Gans (2004); Magalhães (1998), Rambo⁴⁶(1994), Seyferth (1974; 1994) que elaboram as diferenças presentes entre pátria, nação e pertencimento, questão basilar e crucial na cultura alemã e de seus descendentes no próprio país ou no exterior. Cada pesquisador tem, a seu modo, a necessidade de esmiuçar as particularidades que justificam a elaboração mais demorada sobre o tema.

Assim, as palavras: *Volkstum*⁴⁷; *Deuschtum*⁴⁸; *Heimat*⁴⁹; *Vaterland*⁵⁰ fundamentam o que é “ser alemão” e pertencer a uma mesma etnia. E o mais importante: o que é ser alemão no estrangeiro, como Lutzenberger ou os teuto-descendentes, notadamente Leopold Weise e Eduardo Mennig, proprietários da firma que o contratam e possuidores de afinidades étnicas.

⁴⁶Em um artigo, portanto, de maneira reduzida.

⁴⁷“*Volkstum*”: relacionado à “indole nacional”, ascendência (“sangue”), cultura e língua de um indivíduo; remete à “essência de um povo” (GANS, 2004, p. 114).

⁴⁸“*Deuschtum*” – próximo de Germanidade, ou referente à nação alemã no sentido cultural e amplo que esse termo carrega em si.

⁴⁹Ao definir as “colônias alemãs” no Brasil, como “Heimat” (um dos termos da língua alemão traduzíveis como pátria) os teuto-brasileiros estavam, ao mesmo tempo, resguardando seu significado étnico restrito e seu pertencimento ao Brasil. O termo Heimat deriva de Heim (lar) e, nesse sentido, seu pertencimento ao Brasil (SEYFERTH, 1994, p.19).

⁵⁰“*Heimat*” e “*Vaterland*” – “Embora apareçam nos dicionários de “alemão-português” como sinônimos, eles possuem diferentes semânticas: Heimat denota os sentimentos pessoais que se nutre pela terra natal (uma aldeia ou um município) ou, o lugar em que se nasceu; Vaterland é um termo emprestado das línguas Latinas e utilizado no vocabulário jurídico pelo nacionalismo oficial, para designar o país de origem de um determinado cidadão” (MAGALHÃES, 1998, p. 83).

Essas expressões utilizadas não apresentam o mesmo “valor” na cultura brasileira e o que se pode afirmar mediante distinta construção histórica do que vem a ser o nacionalismo e a cidadania para brasileiros natos. É crucial entender que cada uma das palavras-chave é, em parte, complemento de outra, e não apenas um sinônimo da anterior. A cada definição tem-se uma nova realidade que tenta dar conta do que é ser e se sentir parte da etnia alemã, como declara Lutzenberger vivendo no exterior. Aqui aparecem questões fundamentais para o processo de adaptação dos alemães e descendentes.

Dentro da etnicidade, a língua é um dos mais destacados elementos aglutinadores na construção de uma coesão social. No entendimento de Rambo (1994, p. 45), “para os teuto-brasileiros, mais do que para qualquer outro identificador, cabia à língua desempenhar essa função”, e grande parte dos demais aspectos da cultura deriva disso⁵¹. O “Volkstum”, ou nacionalidade (RAMBO, 1994, p. 45), é outra questão fundamental, e a preocupação é evitar entrar na seara sobre discussão meramente etimológica das expressões. O que se pretende é destacar a diferença crucial no conceito de cidadania entre o ponto de vista da Alemanha, dos alemães e, em grande parte, da Europa e sua visão antagônica a dos países descobertos e colonizados, como norma recorrente daquilo que ocorreu na América.

A raiz do problema, o fulcro do conflito entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros, encontra-se na concepção desencontrada dos conceitos de nacionalidade e cidadania. Na tradição histórica alemã também de outras tradições europeias, a nacionalidade configura uma condição humana desvinculada da condição de cidadania. Esse fato deve-se ante de mais nada à conceituação de nacionalidade a partir de uma série de fatores que independente da vinculação com algum estado e, como consequência, o fato de alguém com ele estar comprometido como cidadão. Entre os determinantes de nacionalidade, enumeram-se sempre a raça, a etnia, a cultura com seus valores, a história, a tradição, a maneira de ser própria e peculiar daí decorrente e, principalmente, a língua (RAMBO, 1994, p. 43-44).

Porém, a língua não é o principal determinante para a garantia da cidadania. É preciso conhecer a normativa jurídica: *jus sanguinis* e *jus solis*, figuras diferentes que abordam como as nações concedem a cidadania a seus habitantes ou residentes. A definição de cada um desses aspectos consta, a seguir, com a abordagem resumida, para diminuir as dúvidas sobre a questão. Ambas são normas recorrentes na maioria dos países.

⁵¹A importância da língua como um dos cruciais fatores para se “aceitar” no processo de adaptação, Luyten (1981, p.76) comenta a dificuldade de manter a língua após várias gerações, e assim frear o processo de aculturação plena, na perda da cultura anterior. “Assim, a terceira e a quarta gerações já não têm tanta segurança ou ignoram a maneira de empregar corretamente o holandês para determinadas situações, sofrendo as consequências de um bilinguismo”. Com imigrantes e seus descendentes de outras etnias, a situação é semelhante, com poucas variações, por isso se insiste na maneira de encarar a língua como a melhor expressão da evolução da aculturação de um grupo e suas fases de marginalidade, por ser ela, justamente, um aspecto de difícil solução quando se entra no campo do bilinguismo ou biculturalismo.

O *jus sanguinis* — do latim “direito de sangue” — garante ao indivíduo o direito à cidadania de um país por meio de sua ascendência e preservação de sua cultura, pois quem detém tais parâmetros será considerado um entre eles. Ser alemão é, portanto, portar-se como tal⁵².

Em contrapartida, o *jus solis*⁵³, do latim, o equivalente em português a “direito de solo”⁵⁴. No Brasil, o histórico e a formação do povo como nação garante a grupos e a etnias das mais diversas a imediata assimilação jurídica para os neófitos⁵⁵.

Por conseguinte, [parte] dos teuto-brasileiros se consideravam alemães pela preservação de sua identidade na manutenção de sua cultura, religião etc, caso de Lutzenberger, motivo pelo qual começa sua autobiografia dizendo-se alemão. A herança jurídica é acentuada, garantida a possibilidade de manutenção de “velhos hábitos”, o que não os impedia de serem também cidadãos brasileiros, gaúchos, e respeitar as leis vigentes na localidade. A assimilação⁵⁶ e o bilinguismo⁵⁷ podem ser encarados como a necessidade de preservação da identidade germânica por parte de Lutzenberger, que aos olhos de imigrantes não era excludente. Muito menos um impedimento da cidadania local era falar alemão. Adorar, em alemão, é, contudo, respeitar as leis e ser um exemplar cidadão brasileiro e gaúcho.

Os imigrantes deixam o seu país carregando consigo toda a “bagagem cultural”, porém nem sempre pretendem reconstruir tudo baseado no sistema de valores original, ainda que a sociedade hospedeira assim lhe permita. Eles manifestarão padrões de comportamento algo distinto dos padrões de sua sociedade de origem e de acordo com a posição social que a mantém, ainda mesmo que tenham tido contacto mínimo com diferentes sistemas de valor (MAEYAMA, 1973, p. 420).

⁵²Atualmente, lê-se que “a Alemanha, em contrapartida, liberalizou ligeiramente suas leis de cidadania em anos recentes. Até 2000, a nacionalidade dependia inteiramente da origem dos genitores, mas atualmente crianças podem adquirir a cidadania alemã no nascimento, se um dos pais tem visto permanente por pelo menos três anos ou reside no país há um mínimo de oito anos (ONDE-NASCER, 2022).

⁵³Um total de 30 Estados outorga nacionalidade a todos os nascidos em seu território, inclusive filhos de diplomatas ou de forças inimigas ocupando o país. São eles: Antígua e Barbuda, Argentina, Barbados, Belize, Brasil, Canadá, Chade, Chile, Cuba, Dominica, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Fiji, Granada, Guatemala, Guiana, Honduras, Jamaica, Lesoto, México, Paquistão, Panamá, Paraguai, Peru, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Uruguai, Venezuela (JUSBRASIL, 2022)”.

⁵⁴ A Constituição de 1891 outorgou aos estrangeiros a nacionalização, ou de outro modo garantiu seus direitos plenos como se aqui houvessem nascido. “No Brasil, deu-se o nome de grande naturalização ao procedimento adotado pela Constituição de 1891 (a primeira Constituição da República) que, em seu artigo 64, § 4º estabelecia que seriam considerados “cidadãos brasileiros os estrangeiros que, achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o ânimo de conservar a nacionalidade de origem (JUSBRASIL, 2022).

⁵⁵Dá ao indivíduo o direito à nacionalidade do lugar onde nasceu, a incluir filhos de pessoas presas, imigrante ilegais etc. Nossa trajetória de país colonizado, justifica o “aceite” daqueles filhos de estrangeiros que aqui nasceram, e por conta disso são considerados cidadãos sem maiores exigências legais.

⁵⁶ Garantido o uso da língua primária, o alemão.

⁵⁷ O bilinguismo ou o biculturalismo, em uma expressão mais abrangente, deve ser visto como a conservação de outros aspectos culturais.

Para se ter uma ideia dessa realidade, a contribuição da pesquisadora Constantino (1990, p. 360) transmite, em parte, como seria a mentalidade ou dentro da cabeça de alguns imigrantes, a sua psique, que lutam para manter parte de sua cultura, trajetória e costumes. A pesquisadora, a partir da longa experiência no estudo da imigração italiana, com um grupo considerável de indivíduos, conclui:

mas há também um desejo primordial na manutenção da identidade étnica. Trata-se da necessidade que tem o imigrante de pertencer ao seu grupo de origem por razões psicológicas. Busca amenizar o sentimento de ruptura que faz sofrer. Tem consciência que a sua participação no grupo é forma de resistência para que suas tradições não sejam esquecidas ou substituídas. Precisou sempre e precisa ainda trabalhar no sentido de fortalecer tal identidade.

A longa tradição erudita alemã em engenharia só reforçava os ímpetos étnicos e comerciais da firma Weise Mennig & Cia, que traria um competente e treinado profissional identificado com valores germânicos para colaborar com o empreendimento que tanto queriam fazer florescer. Assim, Lutzenberger é chamado e permanece aqui vivendo como um alemão também, e sua percepção é incrementada na viagem ao Brasil, pois sua autoimagem adapta-se à nova condição. Era preciso reconhecer que sua identidade se modificaria ao entrar em contato com outra cultura. A mudança é gradual, e Lutzenberger acabou por se tornar duas entidades. A primeira, ou a mais velha, relutava em se modificar, mas se adaptou, conviveu com os valores da Alemanha e cedeu, com ajustes feitos e refeitos para levar a vida no Brasil, onde se criou uma segunda identidade, mais afeita à realidade que o cercava. Houve um intercâmbio de culturas, em nível individual ou coletivo, e isso está patente nos imigrantes mais antigos, os quais apresentam um grau mais elevado de contaminação com a “cultura” local.

Essa noção é reforçada por Luyten (1981, p.76). Uma cultura pode se justapor, se aglutinar à outra, ou ainda manter muitos traços “originais”, portanto, mais inalterada, mesmo que fora de cânones costumeiros⁵⁸. Lutzenberger, nas relações iniciais, prefere, julga, manter sua essência cultural germânica imutável, ou a menor influência da cultura “regional” gaúcha e brasileira; manteve grande parte dos valores da cultura alemã o mais intacta possível, mesmo que nesse processo tenha a preocupação de aprender o novo idioma, sobreviver com outro padrão alimentício, o que, provavelmente, incluía o feijão preto (HARNISCH, 1941, p. 330), uma novidade inexistente na Alemanha, e outras mudanças imperativas, a incluir as involuntárias presentes no cotidiano gaúcho⁵⁹ e suas conexões imediatas.

⁵⁸Questão delicada em que normalmente envolve grande dose de autoritarismo, intolerância etc. como postura oficial do Brasil em tempos de guerra e prática corriqueira para os fervorosos nacionalistas brasileiros.

⁵⁹Atividades como pegar o bonde e ter determinada jornada de trabalho. Sujeitar-se às condições locais de clima e a uma miríade de sutis e novas situações.

Logo, na impossibilidade da manutenção de uma cultura intacta (inviolada), Lutzenberger tem a convivência contínua com ambas as culturas, a anterior, original (a germânica), e a “atual”, brasileira e porto-alegrense, num jogo de equilíbrio, alimentando e retroalimentando o seu cotidiano. Há, aí, uma óbvia tolerância, fruto da imperiosa necessidade de aceitar e se adaptar aos novos costumes e não uma simples imposição. Desse modo, cultura⁶⁰ se transmuta em identidade(s).

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição e a definição dos outros (identidade atribuída)) tem funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra os inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (MUNANGA, 1994, p. 177).

Como ponto de partida para discussão é patente que a realidade alterada, comum aos imigrantes, passe a ser repensada. O cálculo das possibilidades de ganho está sempre presente e não só é aconselhável, mas recomendável tomar partido de qualquer benefício que o imigrado possa obter no seu novo lar, mesmo que isso custe a sua cultura ou valores anteriores (ancestrais). Com isso em mente, as primeiras conexões (rede de intercâmbio e associação) desenvolvidas por Lutzenberger ocorreram no seio da comunidade teuta, que representava uma numerosa e destacada parcela da população urbana gaúcha de Porto Alegre, seu maior centro populacional, econômico e político. A esse respeito,

[...] fica patente a significativa participação dos arquitetos teutos e alemães na definição de Porto Alegre e a substancial contribuição na arquitetura da cidade durante a República Velha. ..., fazendo com que a cidade de Porto Alegre se configurasse como a mais alemã de todas as capitais estaduais brasileiras (WEIMER, 1994 p. 197).

Nas décadas de 1922-30, Porto Alegre possuía grande contingente de teuto-gaúchos que preservavam a sua cultura, logo, era apinhada⁶¹ de descendentes alemães, alguns deles com considerável capital, seja político ou econômico⁶². Lutzenberger podia e, certamente, precisava desse lastro cultural para fomentar sua carreira que crescia e daria uma importante guinada.

⁶⁰Utiliza-se o termo no singular, cultura e não culturas, apenas para a fluidez do texto. A questão não é uma drástica redução das culturas gaúchas ou brasileiras, sendo ambas muito plurais e diversificadas. Como de fato por extensão ocorre na Alemanha, na Bavária etc.

⁶¹Para uma quantificação aproximada repete-se o dado de que em “[...] 1920, o Almanaque do Comércio dava o total de 350 000, ou seja, 1/5 da população” (ROCHE, 1969, p. 169). Essas estatísticas devem sempre levar em consideração a negligência estrutural de não “contar” os indígenas.

⁶²Por capital, ou poder, que em português é bastante autoexplicativo, a possibilidade de ação dentro da sociedade, e mesmo que visto separadamente há uma relação muitíssimo estreita entre poder político e econômico, ambos trabalham para se complementar e crescerem mutuamente.

Assim, para uma expressão mais precisa do que se entende por adaptação, esta é considerada um complexo processo com trocas constantes e duradouras entre indivíduos, grupos que se encontram, cambiam e barganham parcelas de significações próprias, entre as quais: crenças, linguagens, valores sociais, mentalidades, religiosidade. Para uma ideia mais precisa, cita-se trecho sobre o conceito desenvolvido por Truzzi (2012, p. 524):

- a) atributo de mudanças na personalidade de *indivíduos* expostos a situações culturais distintas (ele reservará o conceito de *aculturação* (WILLEMS, 1980, p. 1-2) para tratar das mudanças na cultura de dois ou mais *grupos* em contato direto e contínuo);
- b) que varia em grau e ritmo, segundo a distância cultural, frequência e tipo de contato;
- c) que pode gerar ainda conflitos mentais (e daí marginalidade individual);
- d) que apresenta caráter exclusivamente cultural, e não racial ou biológico, como comumente interpretávamos defensores do chamado *melting pot* nacional;
- e) que pode ser de natureza bilateral, ainda que prevaleça a influência da sociedade inclusiva sobre o grupo minoritário.

Ver e rever aspectos da vida de indivíduos ou grupos étnicos, como dos alemães, é o fulcro da pesquisa, dentre esses indivíduos, Lutzenberger. Saber como se adapta. Como foi absorvido. Que parcelas particulares apresentam, mas também aspectos comuns, em grande parte dos [demais] imigrantes, iluminam-se em Lutzenberger e em sua realidade externa, particularmente em seu entorno: Novo Hamburgo, São Leopoldo, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde o processo ocorre de fato.

Rever a imigração ao estudar a assimilação de Lutzenberger é ver uma via de mão dupla: “a imigração tem impactos tanto sobre o país de origem quanto sobre o país de destino” (WOODWARD, 2014, p.22). Essa é a importância da análise do campo sócio-histórico gerado com a chegada de Lutzenberger e tanto outros, por apresentarem aspectos novos sobre a imigração germânica para o Rio Grande do Sul, processo de múltiplas matizes e realidades.

Contrariamente à história das ideias, a matéria desta história conceitual do político não pode se limitar à análise a ao comentário das grandes obras, mesmo se aquelas se permitem, em certos casos, serem consideradas como polos, cristalizando as questões que uma época se coloca e as respostas que tentar apontar (ROSAVALLON, 1995, p. 17).

Mesmo com os estudos sobre assimilação em uma temática mais ampla que é imigração, um olhar mais detalhado, micro, na chegada de Lutzenberger, traz novos e complexos entendimentos de um imigrante com grande parte de sua existência já vivida na Europa natal, e, com razões bastante singulares, migra, solitariamente, cheio de expectativas para o Novo Mundo. Ações coletivas de pessoas no cenário social, mais especificamente no campo político, são prerrogativas basilares à historiografia:

se a descrição das forças e dos comportamentos políticos é prática largamente difundida na história, e desde os tempos mais recuados, o historiador cujo papel não se limita a descrever, mas cujo ofício consiste em compreender, explicar, esbarra desde sempre com o problema de buscar-lhes o significado no seio das sociedades nas quais se pode observá-los (BERSTEIN, 1998, p. 330).

Nessas oportunidades da assimilação é que se lançou um olhar com maior ênfase e cuidado — não um olhar restritivo a um indivíduo, pois é preciso considerar as contribuições, as relações e todo o enredo — sobre como a assimilação se fez possível na nova morada, diante das recentes alterações da vida social.

Ao se analisar a memória material de Lutzenberger descobre-se sua preocupação em o que deixar em seu arquivo pessoal — o legado, as relações da família, a descendência e a inclusão na nova realidade brasileira. Em suma, tudo tem importância: as memórias, as pegadas, os indícios deixados por ele no Rio Grande do Sul.

O trabalho de criar e fazer com que se desenvolvesse a própria ideia de pessoa com uma construção simbólica de significações que os homens fazem a respeito de si próprios. Podemos aprender que tal como acontece com tudo o mais sobre o que o homem pensa, por ter a ver com a sua vida, a pessoa é também uma ideia (BRANDÃO, 1986, p. 27).

Nesse sentido, Lutzenberger é uma ideia em formação; sua chegada não apaga seu passado e nem é essa a intenção. Tedesco (2006, p. 42-43), ao estudar a migração na Itália da década de 1990, aponta a complexidade da situação:

[...] a imigração não possui só o lado instrumental, principalmente econômico e expresso nas formas de trabalho; as dimensões culturais, sociais e antropológicas caminham juntas no processo e não podem ser descuidadas. O imigrante desloca-se de um local para outro; desloca seus ritos, tradições e valores, e é pressionado a incorporar os de outros. Essa dupla identidade constitui a figura sociocultural do estrangeiro.

Portanto, é comum o estrangeiro, o imigrante, reautodefinir-se no seu destino, criando a sua dupla identidade. Para problemas gerados pela falta de definição do “EU”, algo que possibilita maiores e/ou menores possibilidades de assimilação / marginalização dos indivíduos estudados, tem-se alguns estudos de caso, entre os quais o do judeu austríaco Stefan Zweig (que migra para o Brasil onde se matará); o de André Rebouças (negro brasileiro que estuda engenharia e questiona a sua e a condição dos escravos no Brasil); e, por fim, a situação de Cornelius May (negro convertido em pastor protestante, que viaja pela Europa e África pregando). Sptizer (2001, p. 167)⁶³ nos oferece essa ampla abordagem de indivíduos e suas complexas transformações (baseando sua obra no processo de assimilação dos três indivíduos

⁶³Utiliza-se o termo adaptação como sinônimo de assimilação.

supracitados). Destaca-se, aqui, a angústia desses personagens em se autodefinirem quem eram de fato.

Perscrutando seus valores e práticas, questionando a validade e a viabilidade da abordagem assimilacionista, cada qual veio a se perguntar: “Quem sou eu? Negro ou Branco? Africano? Europeu? Judeu?” Com o tempo, cada qual foi levado a explorar alternativas pessoais ao assimilacionismo – a buscar adaptar-se à sua situação, de acordo com as limitações pessoais e as circunstâncias históricas.

Lutzenberger, no anseio de progredir, não apaga sua condição prévia, ou seja, seus “ritos, tradições e valores”, como destaca Tedesco (2006), mas aproxima-se de grupos, indivíduos que passaram a apresentar ou apresentam a sua própria ambiguidade, no hibridismo cultural, dupla identidade. Como preservar a língua, os costumes, a incluir a culinária, em seu modo de existir, pois o imigrante ou “o estrangeiro vive numa cultura ambígua” (TEDESCO, 2006 p. 45). Assim, alguns imigrantes tornam-se mais teutos na sua chegada, ao reavaliar a sua nova situação / condição na nova morada.

A pesquisadora Seyferth (1994) faz uso do termo específico *Deutschbrasilianertum*⁶⁴, traduzido como um conceito de germanidade residual e presente nos teuto-brasileiros. A autora explica que a tradição alemã de valores ou cidadania é garantida pelo sangue e a preservação da cultura.

Com base nisso, reivindica-se o direito à existência de um grupo étnico teuto-brasileiro cujo ponto de referência espacial são as chamadas “colônias alemãs”. É preciso observar que o termo “colônia”, nesse contexto, não diz respeito apenas ao meio rural ou às legiões de assentamentos de imigrantes alemães, mas também às comunidades (no sentido de comunidades étnicas) que congregam pessoas dessa origem nas cidades maiores como Porto Alegre (SEYFERTH, 1994, p. 18).

Nesse sentido, Lutzenberger se associa ou se identifica com os demais alemães⁶⁵ aqui no estado gaúcho, aqueles que preservavam algo de seu modo de vida herdado ou vivenciado na Alemanha, em comunidade.

A comunidade étnica teuto-brasileira foi definida objetivamente por seus membros a partir do uso e costumes alemães (incluindo, entre outras coisas, hábitos alimentares, organização do espaço doméstico, formas de sociabilidade, comportamento religioso etc.), da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico (como as sociedades de tiro, de ginástica, de canto, escolares, de auxílio mútuo) (SEYFERTH, 1994, p.15).

⁶⁴Numa tradução aproximada: alemães abasileirados.

⁶⁵Aqui é necessário utilizar alemães como um termo abrangente que abarca não só alemães natos ou de cidadania alemã, mas os indivíduos que se autodenominam ou são denominados pela sociedade como descendentes das localidades com cultura germânica.

Esse ponto de vista ganha relevância para uma ampla aceitação entre os mesmos e depois entre os seus pares. Em relação à associação entre grupos com afinidades étnicas, Silva (2006) estuda os “primeiros” teutos no Rio Grande do Sul e aponta a “antiguidade” da questão de quanto se deve ou não ceder ou apagar do legado anterior. Pode-se ser “alemão” no exterior? Essa é uma preocupação histórica dupla para os chegados e para aqueles que ficaram na pátria-mãe e “criticam” os que imigram. Nesse sentido, a opinião pública na própria Alemanha tinha em suas críticas, muitas vezes, a dos alemães que permaneciam na Alemanha, que se levantavam contra esse abandono da pátria-mãe irreversível. Para pontuar uma dessas opiniões, busca-se o proeminente político e principal líder da unificação alemã, que não poupa juízos e explicita seu antagonismo aos que partiam, imigravam.

Para Bismarck, o alemão que deixava seu país como quem se despe de uma roupa velha, não mais era alemão. Os adversários não raros envolviam-se em polêmicas apaixonadas, o mesmo acontecendo em relação aos lugares de destino, entre os quais o Brasil e os Estados Unidos (FOUQUET, 1974, p. 74)⁶⁶.

Certamente, a perda de braços, soldados e contribuintes era um afronte a esse estadista, que via na razão do Estado a sua própria. Quanto maior sua nação melhor, mesmo as custas da insatisfação geral de seus concidadãos. Crescer e multiplicar são um mote antigo e verdadeiro para as nações ambiciosas e seus líderes calculistas e carismáticos⁶⁷. Tem-se, assim, ampla justificativa para a aversão aos que buscavam uma vida melhor. Mas a troca de lugar de convivência deixava definitivamente as “vestes puídas”? para manter a analogia, utiliza-se a expressão “roupa velha” proposta por Bismarck.

Aqui, no Brasil, como local receptivo, a discussão teve outro rumo, desde a primeira chegada, em 1824, e continua nas diferentes levas que ocorreram com a vinda de imigrantes. A demanda visa saber o que é ser alemão e brasileiro ao mesmo tempo. Questão presente, que não se extingue no caso de Lutzenberger e demais teutos que se reuniam em comunidades⁶⁸ de “salvamento” de sua cultura. Gertz (1994, p. 32) demonstra a preocupação de Karl von

⁶⁶“Do governo Bismarck (1862–1890) não partiu qualquer ação no sentido de “resgatar” os alemães do Brasil: pelo contrário, o mesmo considerava os emigrantes traidores” (GANS, 2004, p. 115).

⁶⁷Anterior a Bismarck, Napoleão é outro exemplo disso. As terras conquistadas tornavam a França maior e mais populosa. Os fins justificam os meios.

⁶⁸“Para que se associar? Fundar e integrar associações e clubes não é uma tarefa simples. Porque se está fazendo uma aposta no futuro em troca de um sacrifício no presente: pode ser um sacrifício de dinheiro e/ou de tempo para que depois se possa gozar de benefícios na forma de bens ou serviços que, se a associação não prosperar, simplesmente não existirão. Contudo, imigrantes de fala italiana e seus descendentes fizeram esse tipo de aposta no futuro, criando associações dos mais diversos tipos no Rio Grande do Sul” (SILVA JÚNIOR, 2005, p. 93) e também os teutos! A igreja São José é um destes exemplos em que a comunidade bem gestada dá “lucros”, ou melhor, garante a sobrevida do culto cristão em alemão.

Koseritz⁶⁹ sobre onde o imigrante alemão deve se inserir na sociedade receptora sem perder sua essência, e, de maneira genérica, a língua, os costumes e algumas “roupas”⁷⁰. Koseritz era um dos expoentes na divulgação de ideias que pleiteavam a participação política dos colonos (teuto-gaúchos) (ARENDR; SILVA, 2000) e no seu engajamento nas questões locais.

Não há forma melhor de os seus descendentes mostrarem sua gratidão, do que unidos levar avante a grandiosa obra herdada de seus antepassados, em homenagem a eles e para a bênção das gerações futuras. Porque, enquanto persistir e florescer a escola alemã no Rio Grande do Sul, a germanidade não naufragará entre nós (AMSTAD, 1999, p. 504-505).

Em uma terminologia mais afeita às ciências humanas, o antropólogo Oliveira (1976; 2006), em seus estudos sobre as populações originais, os indígenas brasileiros, descreve o conceito de “identidade não renunciada⁷¹”, em que esta [identidade] estaria apenas latente, mantida em um “cantinho do eu”. Sem dúvida, uma marca na vida de Lutzenberger e muitos dos seus “associados”, os teuto-gaúchos que preferem manter os costumes como a língua alemã viva, nem todas as roupas velhas perdem assim a sua serventia no Brasil.

O conceito é elucidativo para a situação de muitos grupos étnicos e se molda no caso dos teuto-gaúchos que não fugiram desta questão, preferindo a preservação de sua cultura latente, persistindo na duplicidade da vida de imigrante. Até que ponto uma cultura pode e deve soterrar a anterior? Aqui, toma-se a liberdade para a apropriação deste *leitmotiv*⁷²: a identidade não renunciada, em grande parte, o que ocorreu com os teutos e demais grupos étnicos que decidiram conter a assimilação, ou substituição de sua cultura ancestral⁷³; a do seu país de origem ou de seus antepassados pela da pátria atual ou cultura majoritária circundante, e manter alguns traços comuns, mas com mudanças de sua cultura ancestral. É assim que pessoas e entes, na segunda ou terceira geração, optam por manter resquícios com maior ou menor grau de pureza da sua cultura germânica. Ou, dito de outro modo, no caso dos povos ancestrais:

⁶⁹Karl von Koseritz, imigrante alemão e político que chegou no RS em 1851, com 16 anos, como combatente militar contra a invasão do território gaúcho e nacional pelo argentino Rosa, o que só reforça as constantes e inúmeras tentativas de mudar o limite da fronteira entre o Brasil e seus vizinhos. Cogitado inclusive para assumir a presidência do RS antes do golpe republicanos de 1889. No ano seguinte, foi duramente perseguido pelos republicanos, fato que o levou a fugir para a capital federal (Rio de Janeiro) após ser confinado na residência de um amigo em Pedras Brancas (atual município de Guaíba, RS). Tal era o esgotamento que ele veio a falecer, ainda no trajeto, sendo uma das raras vítimas fatais do golpe impetrado pelos militares em 15 de novembro.

⁷⁰ Para se empregar a expressão de Bismarck (FOUQUET, 1974).

⁷¹Em parte, pode-se fazer a analogia relacionada às comunidades germânicas de: canto, tiro etc., que seriam santuários no sentido de ambiente protegido, locais que privilegiariam a manutenção de certos valores de seus ancestrais, ou hábitos comuns no velho mundo. Assim tais centros recreativos seriam os pontos apropriados de convívio e preservação, ou até na exaltação destes aspectos culturais, em que o *eu latente* germânico poderia aflorar.

⁷² Leitmotiv (do alemão, motivo condutor). Empregado aqui como: ideia recorrente que reaparece de modo constante em obra literária, discurso publicitário ou político, com valor simbólico e para expressar uma preocupação dominante.

⁷³ Mesmo que essa cultura tenha se tornado híbrida, por influência das marcas do clima, da realidade local etc.

[...] esse caso sugere que bem se trata do que Erikson denomina [...] *surrendered identity*, a saber, uma identidade latente que é apenas “renunciada” como método e em atenção a uma *práxis* ditada pelas circunstâncias, mas que a qualquer momento pode ser atualizada, invocada (ERIKSON apud OLIVEIRA, 2006, p. 79)⁷⁴.

Assim, ao se falar em efetividade dos grupos étnicos seria a sobrevivência da cultura, costumes não apenas trazidos, mas renovados com o constante intercâmbio com a terra natal [dos ancestrais], criando, em parte, outra cultura, essa híbrida, com aspectos renovados e outros perdidos⁷⁵. O imigrante pode ser considerado estrangeiro no local onde nasceu, e não ser reconhecido, como possuidor da mesma cultura, no lar de seus antepassados.

Desse modo, o convívio dentro do mesmo grupo teria a função de manter os valores, e estes seriam um elo entre os membros de determinada etnia, como a germânica para Lutzenberger e sua constante rede étnica em construção. Certamente, os ganhos não são apenas econômicos; eles vão além, e acalentam a saudade, o acesso a alimentos, livros e demais “sentimentos” materiais. Mesmo com medo dos significados que a palavra tem hoje no mundo da política, trata-se do fator identitário⁷⁶, Silva *et al.* (2014), no fragmento a seguir, abrange o que se quer expressar com o termo identidade:

em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo (SILVA *et al.*, 2014, p. 93).

A população germânica, bastante vasta, à época, no Rio Grande do Sul, recebia levas contínuas de alemães e povos⁷⁷ que tinham o idioma como língua comum ou primária. A língua ainda é uma das mais importantes referências para a identidade étnica, conforme o demonstra Souza (2015) no estudo contemporâneo sobre identidade e a permanência da língua luso-brasileira em Londres e seu cenário multiétnico. Souza relata a sua abordagem e a opção por crianças no seu estudo de casos:

[...] eu me concentrei em três das crianças para avaliar como elas são influenciadas pela percepção de autoidentificação de suas mães. Assim, esse artigo busca apresentar uma visão sobre a importância da língua na construção da identidade de um grupo de mães de herança brasileira na Inglaterra, e como

⁷⁴OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006. In: ERIKSON, Erik. **Identity, Youth and crisis**. New York: W.W. Norton & co. inc., 1968.

⁷⁵O que fica evidente no retorno da professora Schreiner, a terra dos seus antepassados.

⁷⁶Alguns pensadores de “esquerda” julgam as pautas identitárias (sexo, gêneros, raça) como questões menores, ou até diversionistas diante da pobreza e mazelas do capitalismo.

⁷⁷Como os austríacos, os judeus germanizados que são “identificados” como meros alemães.

o seu posicionamento afeta a identidade de seus próprios filhos e suas práticas linguísticas (2015, p. 55).

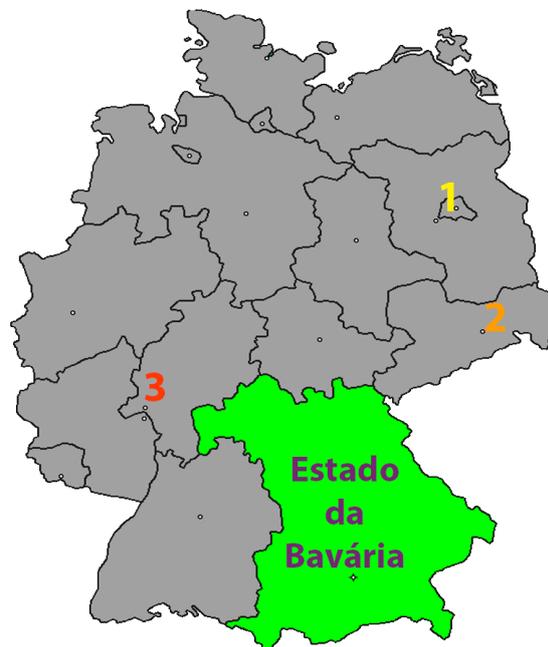
Em suma, espera-se ter dado aspecto restrito aos conceitos empregados. Lutzenberger luta pela criação de sua identidade diante da realidade que lhe é imposta em Porto Alegre, e busca criar os elos para ativar o seu processo de assimilação na nova sociedade. Agora, é preciso conhecer quem é Lutzenberger, o que leva ao próximo capítulo: A família Lutzenberger, a formação educacional, profissional e a Grande Guerra.

2 FAMÍLIA LUTZENBERGER FORMAÇÃO E GRANDE GUERRA

Durante o século XIX, muitos desses Estados ampliados — como a Baviera — constituíram poderosos mitos e tradições locais, inventando e sustentando um forte particularismo regional que não seria facilmente subjugado em uma Alemanha unificada (FULLBROOK, 2012, p.118).

Neste capítulo, trata-se do levantamento inicial dos principais aspectos biográficos de Lutzenberger e de sua formação escolar, profissional e militar. Mas antes é necessário dar uma breve olhada na Bavária, região nativa dos Lutzenberger e sua genealogia, o que inclui a trajetória de seus antepassados em resumos ou blocos (CARNEIRO, 2018). O texto se apoia, em grande medida, nas informações fornecidas pelo próprio Lutzenberger, em sua autobiografia, que constitui a fonte principal de suas origens e desenvolvimento como pessoa no Velho Continente. Neste capítulo constam os indícios para entendimento de quem é Lutzenberger e como ocorreu o processo de criação de identidade e sua assimilação no Brasil.

Mapa I - Divisão Política da Alemanha (cidades onde Lutzenberger trabalhou)



Legenda -1 – Berlim (Capital nacional); 2- Wiebaden (capital do Estado de Hesse); 3- Dresden (capital do estado da Saxónia)

Fonte: Wiki/Baviera (adaptado)

2.1 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO NATAL DE LUTZENBERGER

A família Lutzenberger pode ser localizada no extremo Sul da Baviera, alternando a sua estada, basicamente, em um triângulo formado pelas três cidades: Ingolstadt, Burghausen e Altötting, quando Lutzenberger descreve as andanças e características de seus antepassados naquela região. A cidade natal é Altötting⁷⁸, conhecida por ser o centro de peregrinação cristã da região há muitos séculos. Isso fez prosperar, ali, uma rica comunidade sustentada pelo turismo religioso, situação que permanece, e a imagem da santa ainda atrai muitos peregrinos e recursos para a localidade. Em sua autobiografia, Lutzenberger faz um breve histórico da cidade natal, mesclando informações diversas sobre a família, a genealogia e questões sobre si que quer comentar.

Altötting - Sobre o planalto bávaro numa área bastante plana, quando também não em forma de terraço, os antigos glaciares – morainas dos Alpes que outrora deslocaram-se até esse ponto, aproximadamente 2 km da antiga cidade construída fortificada e situada junto ao Inn, Neuötting. Por centenas de anos, construída como local aberto, é certo que anteriormente – se eu não me engano – teria sido no período Pós-carolíngio uma residência real, porém transformou-se logo exclusivamente em local de peregrinação, o maior da Alemanha, uma cidade de igrejas e mosteiros. Na sua antiga origem romana, mais tarde ampliada capela gótica, a mãe de Deus, a patrona da Baviera em uma figura de madeira, forma tornada preta através do tempo e da fumaça, foi adorada, daí a preta, mas não negra – mãe de Altötting. Essa figura misericordiosa, com frequência alegada milagrosa, tornou-se lá por um longo tempo e ainda hoje um centro religioso da Baviera (LUTZENBERGER, 1929, p.8).

Figura 2 - Altar da igreja-mor de Altötting e sua Virgem Negra



Fonte: Altötting, 2022.

⁷⁸O coração religioso da Baviera, de acordo com o Papa Bento XVI (PEREGO, 2006, p.19).

Figura 3 - A Virgem Negra⁷⁹ esculpida em madeira da Tília.



Fonte: Immaculate, 2022.

Ao se olhar para a região, hoje, pouca coisa alterou e as motivações são as mesmas dos tempos dos Lutzenberger, pois estes se mudaram para a localidade muito mais pelas oportunidades financeiras do que pela devoção em si. A exceção seria a sua mãe Leni, que, em seu relato, revela a fé mais genuína⁸⁰:

Quando criança de 5 anos, ela perdeu a mãe e, logo em seguida, o pai. Seus ainda jovens irmãos não sabiam por onde começar com duas pequenas jovens, a Leni, e a pouco mais velha Rosel (Rose Maria) foram enviadas para o convento da Ordem de Santa Úrsula, em Straubing, Rosel mais tarde permaneceu como irmã para a vida toda, com o nome de Benedikta I, enquanto Leni estranhamente, contra toda sua predisposição – eu exprimi para ela algumas vezes mais tarde meu espanto e acredito que ela, mesmo às vezes, se admirou – retornou para a vida mundana. Teve, que ser assim, senão não teriam vindo ao mundo Jolch⁸¹ I e II etc. etc. e este livro não teria sido escrito. Segundo a sua tradição familiar e parece que também especialmente como consequência desta criação no convento, ela permaneceu a vida toda uma mulher silenciosa, devota e rigidamente religiosa, que suportou todas as

⁷⁹“Além do processo natural de escurecimento da madeira, a Madona Altötting é enegrecida pela fuligem de todas as velas acesas ao longo dos séculos e, portanto, é reverenciada como a “Madona Negra”. A escultura é datada por volta de 1330” (ALTOETTING, 2022).

⁸⁰A mãe Leni, por falta de recursos econômicos, é enviada a um convento para ser educada pelas religiosas. Em situação análoga, sua futura esposa Emma Kroeff tem o mesmo destino, mas motivado pelos privilégios econômicos de seus pais, em São Leopoldo (RS). Emma perde duas irmãs que morreram antes de se tornarem freiras. Diante da tragédia familiar, Emma, provavelmente, teve seus votos religiosos alterados, desistindo da vida eclesiástica.

⁸¹Um dos apelidos que seu pai deveria ter e que Lutzenberger igualmente utilizava. Pelo visto, a tradição era forte e foi repassada ao seu filho, José Antônio, com o mesmo apelido de Jolch. Um dos seus sobrinhos, o “Quim” Barbosa, em conversa, disse que Lutzenberger era também conhecido como o Tio Sepp.

grandes e pequenas dificuldades da vida com grande tranquilidade e devoção (LUTZENBERGER, 1929, p.29).

Por ter desistido da vida monástica, Leni casou e teve descendência, o que incluiu José Lutzenberger. A igreja católica e seus ritos eram uma afirmação da nacionalidade bávara introjetados na cultura familiar dos Lutzenberger e de seus conterrâneos.

Lá foram depositados em urnas os corações retirados dos corpos dos príncipes bávaros, para lá foram ainda, na minha época, peregrinos de muito longe com cruces de madeira e também fluíam doações de tal forma que surgiram para a pequena localidade um grande número de igrejas e mosteiros. No século XVII foi fundado lá um tipo de capítulo de Sé sem bispo, e construído um monastério e, para os cônegos, numerosas casas junto à praça das capelas, uma das quais, mais tarde foi adquirida pelo meu avô e finalmente se tornou minha casa de nascimento (LUTZENBERGER, 1929, p.9).

Fora da esfera da religião, a Bavária, nos idos da unificação alemã⁸² passava por um momento de transição política interna. Joseph Wilhelm Michael Lutzenberger, pai de Lutzenberger, vivenciou tais disputas (nascido em 29.04.1850) “na velha casa de família em Burghausen” (LUTZENBERGER, 1929, p. 20). Sobre o contexto específico Lutzenberger não dá pistas, mas informa sobre esse período após a Alemanha unificada:

[...] era hora de casar-se devidamente como burguês. Como isso se deu, eu não sei. Os pais sempre silenciaram sobre isso, apesar de algumas escutas de minha parte, mas certamente o casamento foi tratado, como era geralmente nos círculos burguesas das pequenas cidades, pelos parentes ou conhecidos. Seja como for, ele casou-se em 14.10.1879 com Magdalena Lerno (LUTZENBERGER, 1929, p. 20).

O reino bávaro, liderado pelo contraditório rei Ludovico II, era um dos principais opositores e uma das raras vozes destoantes para os planos de unificação alemã de Bismarck, líder, mantendo as rédeas do processo todo, a ponto de exercer grande influência no rei da Prússia, que, às vezes, não partilhava das mesmas convicções de seu voluntarioso primeiro-ministro. A Bavária, em muito, se sentia mais ligada à Áustria católica do que à Prússia luterana.

De facto, só uma <<ameaça francesa>> poderia levar os Estados do sul da Alemanha, que se tinham mantido independentes⁸³, a entrar para a Confederação alemã. E assim, antes mesmo da capitulação de Paris, o chanceler prussiano, que já tinha conseguido que os Estados do sul participassem na guerra franco-alemã, conseguiu fazê-los assentir ao Império. A 18 de janeiro de 1871, na sala dos Espelhos do Palácio de Versalhes, os príncipes alemães ofereciam ao rei da Prússia Guilherme I, a coroa imperial, a unidade da Alemanha consumava-se, ao mesmo tempo que se implantava a sua supremacia no continente (MILZA, 2007, p.11).

⁸²Reforçando um período que compreende aproximadamente os anos de 1840-1871.

⁸³“Na Alemanha, a ambígua promessa de constituição contida no tratado de 1815, ao constituir-se a Confederação Germânica, não foi honrada pela Prússia nem por alguns dos outros estados. Os governantes do Sul – Baviera, Baden, e Vurtembergue – outorgaram constituições baseadas na Carta Francesa e concederam certa forma de representação nacional, mas fizeram-no apenas por uma questão de autoconservação” (TALMON, 1967, p.32).

A Bavária teve que ceder, mesmo que o processo de unificação nunca fosse completo⁸⁴. Mas, devido a sua importância e possível alinhamento com a Áustria, igualmente católica, a Bavária pode barganhar alguns privilégios, como a escolha de seus servidores por concursos públicos (KITCHEN, 2013, p.80)⁸⁵, manter o seu parlamento estatal e administrar seu próprio exército em tempo de paz. Algo que resguardava algum prestígio para a coroa local, conforme presenciada por Lutzenberger, que, décadas mais tarde, após a unificação, seguia firmando seu juramento ao rei da Bavária⁸⁶.

Na visita anual ao príncipe herdeiro Ruprecht⁸⁷, que me perguntou, como anualmente, se eu seria um primo do seu oficial, capitão Lutzenberger (filho do tio-avô Ludwig), o que eu confirmava novamente a cada ano (LUTZENBERGER, 1929, p.58).

Sobrevivia a Bavária, e a Alemanha unificada avançava com olhos para mais mercados e declarada intenção de ampliar seus domínios. Voltava com muita ambição tanto para o Oeste quanto para o Leste europeu. Ao Sul teria o império Austro-húngaro que servira como limite. A Alemanha vinha para competir com os demais impérios, seus concorrentes e os países de ponta avaliavam a situação presente com essa nova e poderosa força que se agigantava a olhos vistos, preocupando as demais nações europeias. A Alemanha importunava a Bavária, e, pelo que se percebe, os demais reinos da Europa. Para Ferro (1993, p.71), a Inglaterra e a França desenvolveram-se antes da “Alemanha, que cresceu subitamente com uma força fulminante e manifestou uma impaciência agressiva numa Europa demasiadamente pequena para as suas ambições”.

Contudo, pouco mudava para os bávaros e os Lutzenberger. A Baviera continuava a se governar, mantendo exército e parlamento próprios.

Tio Xaver envolveu-se na sua carreira profissional ao lado de suas atividades jurídicas gradualmente cada vez mais na vida política. Ele foi durante longos anos deputado estadual bávaro e um dos líderes do Partido de

⁸⁴Evidente na resistência do Reino da Bavária e de seus súditos na retomada da Alemanha pós-derrota em 1918, os alemães, em especial os bávaros, se questionam sobre a validade da unificação alemã. “A história nacional, à medida que a discussão sobre as responsabilidades da população pelo custo da guerra apontava para a incontestável hegemonia prussiana no interior da federação germânica desde a unificação em 1871. Alguns movimentos falavam abertamente em separatismo. Tentativas de golpe aquarteladas ocorreram em diferentes cidades, sobretudo na região da Baviera, que fora a mais resistente à Prússia” (BARBOSA; MAGNOLI, 2011, p.254).

⁸⁵ Maximilian Josef Garnerin ou Conde de Montgelas (1759–1838) estadista bávaro, implementou mudanças político-administrativas no reino.

⁸⁶Lutzenberger cita esses encontros nas memórias do período compreendido entre 08.08.1916 - 29.09.1916, nas lutas em Argonnerwald (Fr.) (LUTZENBERGER, 1929, p. 57).

⁸⁷ Rodolfo Maria Leopoldo Fernando (em alemão: Rupprecht Maria Luitpold Ferdinand) (Munique, 18 de maio de 1869 — Schloss Leutstetten, Starnberg, 2 de agosto de 1955), foi o último príncipe herdeiro da Baviera (RODOLFO, 2022). Com a derrota na primeira guerra a Alemanha e a Bavaria tornam-se repúblicas e o herdeiro não assumiu o trono. Anos mais tarde, por ser contrário aos nazistas, Rodolfo foge para Itália.

Centro Alemão⁸⁸ (Partido do povo católico) tanto no parlamento regional quanto como deputado federal alemão no parlamento alemão do antigo *Reich*. É verdade que ele não era o orador mais popular, mas um dos realmente líderes que, em proporção, não intervia com frequência e obviedade e uma conhecida personalidade combativa política e também pelas suas fortes posições católicas. Ele sempre foi nosso orgulho. Quando crianças, tínhamos permissão de visitá-lo, em Munique, no edifício do Parlamento, e, os poderosos lacaios uniformizados nos impressionavam – ele mesmo os chamava de macacos pálidos –, trocávamos amabilidades possíveis na menção do nome de Sua Majestade com todos os funcionários reais de baixo escalão (LUTZENBERGER, 1929, p. 28).

Lutzenberger relata as importantes conexões da família e inicia, em seus escritos, a busca por um antepassado nobre, pois, pertencer à ou ter ligações com a nobreza era fator decisivo para o sucesso de qualquer empreitada. Isto porque, em um ato caridoso, o nobre poderia ajudar os iguais e iniciativas incipientes poderiam virar negócios de monta. Nesse sentido, a primeira menção do ofício de gráficos é atribuída a

Johann Jakob Lutzenberger, nascido em Ingostadt, como filho de Michael Lutzenberger, *Mayer* (proprietário de terra ou administrador) de Kirchheim junto a Augsburg. Foi mencionado já em 1733 como tipógrafo contribuinte de Burghausen, onde casou-se em 02/09/1733. Ele, como tipógrafo, teria tido permissão do governo de utilizar suas relações com Ingostadt e com a corte dos príncipes (LUTZENBERGER, 1929, sem numeração, entre as páginas 10-11).

Os Lutzenberger ligados à realidade e tempo não dispensaram o apadrinhamento e, neste sentido, a trajetória da gráfica contou com um desses atos benevolentes de um soberano *amigo*: “[...] já que seu filho Johann Nepomuk Ferdinand Lutzenberger – tornou-se proprietário da tipografia da Universidade dos príncipes eleitores, em Ingolstadt” (LUTZENBERGER, 1929, página não numerada, entre as páginas 10 e 11). Carinhosamente, Lutzenberger refere-se a esse antepassado que fundou uma dinastia no ramo gráfico como João Ninguém, talvez dimensionando o valor de seu negócio iniciante, contudo,

O “João Ninguém” veio de alguma maneira – talvez a pé – de Ingolstadt a Burghausen, encontrou aqui o primeiro trabalho e relações, e supostamente com a esposa e aparência burguesa, deveria, com certeza, ser respeitado e não ter uma personalidade desprivilegiada para conseguir que lhe fosse concedido pelo príncipe eleitor Carl Albrecht em 27 de junho de 1736 a fundação de uma tipografia com o título de um dos tipógrafos do governo do príncipe eleitor (LUTZENBERGER, 1929, p. 11).

Lutzenberger reconhece alguma habilidade social de seu ancestral que colocou a família em uma trajetória mais bem-sucedida no aspecto cultural e econômico. Logo, os Lutzenberger

⁸⁸*Deutsche Zentrumspartei*, partido mais antigo fundado na Alemanha, em 1870, orientado pelos valores católicos, forte nas zonas católicas da Alemanha. Até 1933, um dos partidos mais importantes nos sistemas políticos do Império Alemão e da República de Weimar. (N.T.).

teriam seus frutos espalhados pela região Sul triangular da Bavária, compreendida entre os povoados de Ingolstadt a Burghausen e Altötting. A mudança definitiva da gráfica familiar para Altötting foi um ato de Joseph que era o avô do arquiteto Lutzenberger. Por lá, seu antepassado, de mesmo nome, faleceu em 1869 (LUTZENBERGER, 1929, p. 13), criando a tradição familiar de enterrar os membros da família em Altötting.

Mas por que a mudança da gráfica (em 1847)? A resposta não deve ser creditada ao acaso, pois a localidade, Altötting, tinha aumentado consideravelmente o fluxo de peregrinos a partir do ano de 1489 (IMMACULATE, 2021), quando a virgem Maria foi avistada em duas ocasiões, interferindo pessoalmente e restabelecendo a vida de uma criança de três anos de idade, morta por afogamento. Esse fato impulsionou a esperança de novas graças divinas, trazendo um número crescente de visitantes. Dali em diante, a cidadezinha ganhou fama e fortuna e os Lutzenberger partiram para lá para buscar parte desta prosperidade.

Figura 4 - Parte externa do templo do “*Gnadenkapelle*”⁸⁹.



Fonte: Gnadenkapelle, 2021.

Atender o público religioso que visitava Altötting em grande quantidade era proveitoso para os Lutzenberger, exercendo aí importante papel de gráficos especializados nas publicações vendidas a esse público específico e contínuo. O enorme fluxo ajudou a tornar Altötting a capital de peregrinação Católica na região. E semelhante a milhares de pessoas, todos os anos os Lutzenberger também aproveitavam os bons ventos e supostos milagres para buscar a benção de melhora da sorte e novas oportunidades no ramo da tinta negra.

⁸⁹*Gnadenkapelle* = Capela da Graça. Localizada na praça central da cidade, com placas deixadas pelos crentes, indicando as graças obtidas pela intervenção divina da Virgem Negra de Altötting.

2.2 LINHAGEM E GENEALOGIA

Quanto à linhagem, Lutzenberger reconhece não ter encontrado antepassados nobres, o que tanto gostaria, mas não omite o seu desejo. Como mero plebeu era preciso seguir à risca o ofício de gráfico:

segundo a tradição da família, ela deveria ter sido nobre anteriormente, porém o quanto foi me dado a conhecer, o título de nobreza não foi mantido posteriormente por nenhum dos antepassados assim desse nome. Segundo a afirmação de uma velha tia, um dos bisavôs teria explicado: "melhor bom burguês do que pequeno nobre" e com isso permaneceu, razoavelmente. Deve existir hoje ainda uma linha nobre de Lutzenberger, porém eu nunca encontrei um representante dela. Parece que a família nunca conheceu muita celebridade, na *Konversationslexikon*⁹⁰ iríamos procurar inutilmente, porém conduziria aproximadamente a esse sobrenome, tanto quanto eu uma vez li em algum lugar (LUTZENBERGER, 1929, p. 2).

Ser nobre⁹¹ era sinônimo de pessoa com antepassado bem-sucedido, seja pelas armas, artes ou comércio. Lutzenberger, ao escrever suas memórias, estaria preocupado em dotar a si e a algum ancestral com esse passado mais digno, ou elevado. Mesmo que Lutzenberger tenha encontrado esse nobre, ele escreveu:

[...] a procedência de Hans Lutzenberger – como só fiquei sabendo mais tarde – de Füssen na Suábia bávara – realmente “enobrecido”, segundo o livro de brasões Siebmacher – corresponde ao rumor familiar da origem nobre do Tirol, que realmente é proveniente do Tirol-Voralberg ainda livre cidade imperial de Augsburg (LUTZENBERGER, 1929, p.7, reverso).

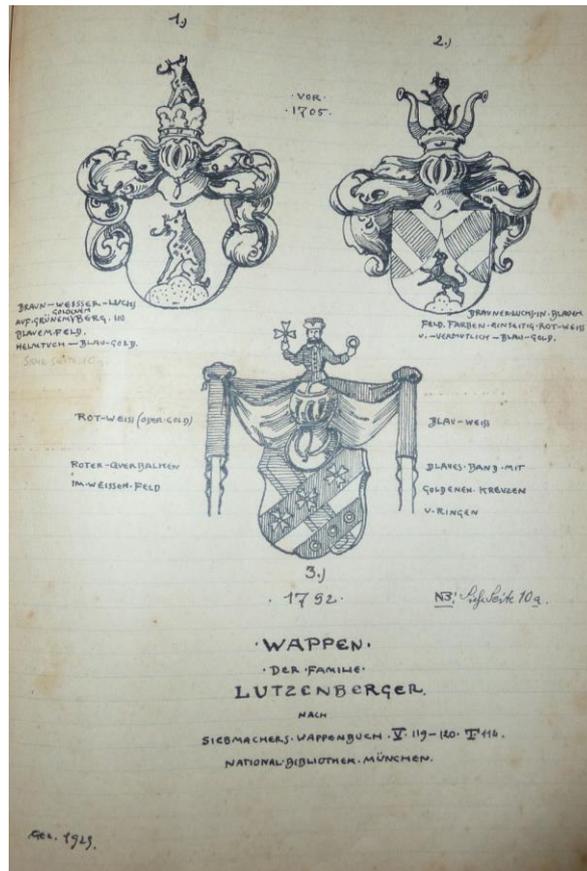
Satisfeito, em parte, tendo encontrado o nobre, Lutzenberger não se considerou vencido e desenhou brasões em suas memórias, mesmo reconhecendo que, talvez, eles pudessem pertencer a outro ramo não especificamente da sua linhagem:

[...] nossa família também foi seguida de um brasão, como antigamente quase todas as famílias livres. Não quero afirmar que os brasões da família Lutzenberger disponíveis no livro de brasões de Siebmacher (V 119 - 120) na biblioteca nacional bávara sob a designação “nobre” ou “enobrecida” são exatamente do nosso ramo, para isso seriam necessárias primeiro investigações para além do ano de 1700. Mas já que eu copiei os brasões como estudante, mencionei-os aqui, de qualquer forma eles são interessantes para a origem do sobrenome (LUTZENBERGER, 1929, p. 4).

⁹⁰ *Konversationslexikon*, principal enciclopédia alemã do século XIX. (N.T.)

⁹¹Para um país com antiga tradição republicana, como o Brasil, pode parecer um exagero ou vaidade para o arquiteto esmiuçar esse desejo de possuir sangue azul, contudo, a monarquia era o sistema político-cultural tanto da Bavária quanto da Alemanha que garantia alguns benefícios para a casta dos nobres (DÖNHOF, 2002), e levou alguns anos para ser apagado por completo, assim Lutzenberger almejava ter esse lustro a mais.

Figura 5 - Supostos brasões familiares de Lutzenberger



Fonte: Lutzenberger (1929, p.3)

Resolvida essa questão, houve uma busca pelas origens do nome “Lutzenberger”. O termo *Lut* ou *Lux* são expressões polivalentes, portanto,

Lutzenberger pode significar “aquele das pequenas ou belas montanhas”. *Lutt* – *Lux* etc. no sentido de pequeno deve ter sido anteriormente usual no alemão, mas como palavra no geral como muitas outras desaparecidas, obteve a designação *Lütt* – *eine Lütte* exatamente uma bela menina, donzela, apenas no Baixo-alemão⁹². Ou provavelmente Lutzenberger = Luxenberger – “aquele de Luxenberg”. O *Lux*⁹³ (lince) é hoje totalmente extinto, antigamente, porém comum nos Alpes, predador semelhante ao cachorro ou hiena, cuja designação posteriormente foi mais utilizada como *lux* também para outros pequenos predadores como marta, etc. Assim mostra nitidamente um dos velhos brasões mantidos na biblioteca pública de Munique, um linco sentado e, em um outro, uma marta saltando sobre três picos de montanhas (LUTZENBERGER, 1929, p.2).

⁹² *Plattdeutsch*, dialeto Baixo-alemão - conjunto das línguas da área dialetal das línguas germânicas ocidentais faladas no Norte da Alemanha e no Leste dos Países Baixos. O baixo-alemão, em muitos aspectos, é parecido com a língua inglesa e o frísio, sendo fragmentado em vários grupos linguísticos. (N.T.)

⁹³ Cujá origem etmológica vem do grego: “O nome “linco” originou-se da palavra grega λύγξ, via latim *lynx* derivada da raiz protoindo-europeia *leuk-* (“luz”, “brilhância”), em referência à luminescência de seus olhos refletores” (LINCE, 2021).

Figura 6 - Família de lincos eurásianos



Fonte: Freepik, 2021.

O lince predador eurásiano é caçado por avançar nos animais domésticos de consumo, resultando na sua extinção e, somente por volta de 1980 foi reintroduzido nas florestas da Bavária. Lutzenberger faz uso desta ligação com o mundo animal para mostrar sua linhagem, mesmo que em algumas representações se apresente como um grotesco urso⁹⁴. Contudo, anos mais tarde, a imagem do lince iria embelezar a janela da residência da rua Jacinto Gomes, sua última morada em Porto Alegre, reforçando a predileção da segunda versão sobre a origem de seu sobrenome. Após falar sobre sua cidade, sobre a genealogia e o sobrenome, Lutzenberger avança e conta a sua trajetória.

Nasceu na sexta-feira, 13 de janeiro de 1882, como o menino mais velho e herdeiro, por assim dizer, sem dúvida, em convite amigável. Se a data duplamente infeliz de nascimento – sexta feira e além disso, 13 – segundo a visão de um grupo de velhas senhoras seria considerado especialmente como um sinal de má sorte ou também de acordo com o aprendizado de outro grupo como uma mútua invocação do mal atingindo a boa sorte, minha vida percorrida até agora ainda não é capaz de julgar. Eu já tive de fato alguma sorte na vida, mas também o mais frequente – como se cuida em dizer, mais exatamente do que bonito – devidamente “caído na merda”, porém até agora sempre saí de lá rastejando (LUTZENBERGER, 1929, p. 32).

Lutzenberger faz um resumo da experiência vivida até os 44 anos. Inicia a escrever a autobiografia em tempo presente no ano de 1929, homem maduro, com larga experiência profissional, pai de três filhos e com fortes vínculos em Porto Alegre. Relata a primeira fase - a de bebê - embasado no relato materno:

Primeiro existia o jovem cagador de fralda – segundo relato da mãe – um gritador obstinado, que liquidou diferentes babás. Então a pátria próxima tornou-se o chão, embaixo das camas e caixas, mais tarde, dentro e sobre a mesma exploração. Para o primeiro contato com o mundo exterior, eu e minha irmã, colocados numa espécie de jaula de macacos de ferro feita para nós, fomos trazidos para fora na frente de uma das grandes janelas. Lá nos

⁹⁴ Em especial quando se compara com a sua delicada e civilizada esposa: Emma Kroeff.

sentávamos durante o dia inteiro, feito inofensivos, suspensos sobre a rua diante da tanto bela quanto calma *Kapellenplatz* de Altötting e podíamos nos conceder, o que se pode fazer dentro de uma gaiola (LUTZENBERGER, 1929, p. 33).

Figura 7 - Praça da igreja atualmente em Altötting



Fonte: Kapellplatz, 2021.

Como de costume, para ser mais irônico, vai e volta em suas narrativas, misturando o tratamento de linguagem da 1ª Pessoa (plural/singular) com a 3ª. Pessoa, e comenta algumas brincadeiras, a praça principal da cidade, seu parquinho de diversões.

Já que a ampla *Kapellenplatz* com sua campina etc. oferecia muito espaço para brincadeiras, nosso jardim encontrava-se à margem, afastado, se podia estar lá ou no caminho para lá e estes caminhos conduziam então frequentemente nas cercanias do lugar (LUTZENBERGER, 1929, p. 33).

2.3 FORMAÇÃO ESTUDANTIL

Os anos passaram, e, na condição de primogênito, Lutzenberger recebeu educação e atenção especial, sendo prioridade familiar dotá-lo de um aprendizado apurado, capacitando-o para as futuras funções frente ao negócio familiar. Para tanto, necessitava mudar de lar, fixar residência em outras localidades, abandonar a família para procurar uma educação mais refinada. Na função de estudante levava uma vida rígida em Altötting, que seguia os rumos do Estado da Prússia, onde iniciara a educação infantil obrigatória na Alemanha.

Entre essas coisas, o rapaz tinha crescido naturalmente e porque ele era mais alto do que os outros – ele parecia como os cachorros novos das grandes raças, esbelto, magro, mas ter sido dotado com grandes barbatanas nas pernas da frente e de trás – foi para a escola já antes da idade da obrigação escolar com 5 anos e 1/2. Com isso começo a severa disciplina escolar daquele tempo, na verdade também a seriedade da vida, pois agora as horas do dia estavam rigorosamente divididas e a pontualidade a mais estrita obrigação (LUTZENBERGER, 1929, p.34).

Pelos relatos, constata-se que Lutzenberger sempre teve uma altura elevada se comparado às crianças a sua volta. Esse foi, portanto, um diferencial em toda a vida dele. Chamava a

atenção desde cedo, por seu porte longilíneo e magro. E ele continua seu relato, dizendo ser um aluno aplicado e pontual, devido à rigidez já nos primórdios de seus dias na função de aluno. A escola e a pontualidade eram valores para os Lutzenberger, e lhes eram passados.

Eu me lembro de ter aparecido apenas uma única vez atrasado quando, a caminho para a escola, o açougueiro-correio exatamente às 7h55 da manhã (8h iniciava a aula) mirava a vida de uma grande porca de excepcionais forças vitais e vocais e a tragédia estendeu-se de forma inapropriadamente longa. A porca finalmente morreu e eu segui algumas linhas vermelhas sobre a fachada do pátio. Eu estava naquela idade em que meus pais quase sempre estavam ocupados no negócio e as babás não me interessavam nem como damas tampouco como autoridades, um moleque da rua de cidade pequena (LUTZENBERGER, 1929, p.34).

Da lembrança do raro atraso, Lutzenberger confirma a rigidez com que fora criado, sendo a norma dominante na sua Bavária austera e conservadora. Conforme o comentado, esse era apenas o passo inicial de uma longa trajetória estudantil. Altötting, aos poucos, ficou para trás, o que mostra o desejo de seus pais em dotar o filho com uma educação ampla baseada em valores humanistas. Era preciso, pois, nos anos seguintes, rumaria para Burghausen⁹⁵:

[...] uma cidade fronteira, encantadora e pitoresca na Alta Baviera junto ao Salzach ... Na minha época, eu frequentei lá 9 anos de ginásio, de 1892 até 1901 – era uma cidadezinha de classe média com bons pequeno-burgueses, com professores do ginásio de grande reconhecimento, alguns pintores boêmios e 300 alunos como elemento vivo (LUTZENBERGER, 1929, p. 8-9).

Ser formalmente capaz era a premissa por trás das mudanças e, assim, o jovem teve que sair de seu pequeno vilarejo turístico e se dirigir à localidade de Burghausen, com a escola ginasial humanista, instituição ainda mais centrada na educação plena.

Numa ocasião, porém, o passeio para Burghausen não ocorreu como normalmente no castelo para o tio-avô von Cammerloher, onde havia sempre boas salsichas grelhadas e tantas coisas interessantes. Desta vez meu pai me levou à cidade num prédio grande e assustador com três pequenas torres abobadadas, o Seminário de Estudo Real, onde eu fui apresentado a um belo senhor que – como mais tarde com frequência – me encarou seriamente meio à esquerda de cima de seus grandes olhos atrás dos óculos dourados e com isso – parece que intencionalmente – deu a entender sem palavras, mas convincentemente, minha absoluta inferioridade. Era o senhor Dr. Phil. reitor Andreas Denerbirg, como eu o sei hoje, um homem de convicções pedantes e que realmente, nunca demonstrou benevolência conosco, malandros, cujo único erro, mas sem culpa, foi talvez justamente uma grande vaidade na formação intelectual da velha filosofia (LUTZENBERGER, 1929, p. 34).

⁹⁵Cidade com castelo fortaleza considerado o mais longo da Europa. O rio Salzach situa-se na fronteira da Alemanha com a Áustria, com 225 quilômetros de comprimento, sendo o maior afluente do rio *Inn* (RIO_SALZACH, 2021).

Nessa instituição jesuítica, fundada em 1629 (KUMAX, 2021), Lutzenberger permaneceu por longo período em que houve atritos e críticas ao referido diretor da instituição e seus superpoderes:

Primeiro o homem tornou-se por nove anos para mim e todos os meus companheiros de sofrimento exatamente aquilo o que Zeus do Olimpo era para os antigos gregos, um tipo de senhor deus superior, que podia atirar raios e trovões, em geral benevolente, quase mais simpático que seus sub-deuses (os professores), que incomodavam diariamente os costumeiros mortais, que também tremiam diante dele. Um ser supremo terrível, que, claro, se podia ocasionalmente enganar, apesar de tudo isso, mas de quem, porém, se alguém o encontrava em caminhos terrenos, preferia desviar-se percorrendo um longo arco (LUTZENBERGER, 1929, p. 35-36).

Lutzenberger revive, com detalhes, a experiência da hierarquia mantida com pulso de ferro pela direção em que os alunos são vítimas. A ordem e a disciplina, mesmo numa instituição humanística, é a pauta diária, e obedecer é um dos pontos altos da instituição.

Figura 8 - Seminário Real Burghausen frequentado por Lutzenberger



Fonte: Inspirock, 2021.

O relato intenso de Lutzenberger dá mostras das suas angústias, ao sentir-se nas mãos de uma instituição inflexível, de uma nação baseada na educação vigorosa, com fortes tendências militarizantes. Após o primeiro encontro com o prédio e a instituição de ensino, Lutzenberger retorna ao lar por um breve momento e recebe a devida atenção materna, contudo, o que interessa é a ambientação do lugar assim descrito:

[...] após a já mencionada apresentação junto ao “Rex” (reitor) em primeiro lugar, fomos, novamente para casa e lá eu fui equipado pela minha preocupada mãe com um sem-número de coisas, todas, segundo o regulamento, e providas com o número 48. Elaborou-se uma grande cesta, repleta, tão rico o rapaz nunca tinha sido antes. Os sentimentos com todas aquelas belas coisas e com as abundantes exortações pareciam, porém muito divididos. Lamúria indivisível, porém, foi quando o jovem, em 19/09/1892, à noite, dividido no corredor lúgubre do seminário de um monte, justamente já na perceptível

formação, de 80 rapazes entre 10 e 20 anos, tendo em conta os mais jovens imediatamente intimidados e amontoados em grupinhos, enquanto os senhores mais velhos em idade e sabedoria escolar ocultavam seu desconforto atrás de um blefe soberano (LUTZENBERGER, 1929, p. 38).

Desde cedo aprendeu sozinho a enfrentar as dificuldades da vida que surgiam, mesmo na escola, pois essa não deve ser considerada apenas uma instituição pedagógica, pois ali acontecem eventos e situações que extrapolam o aprendizado formal, e o ambiente como um todo deve ser reconhecido “[...] como um espaço cultural, entendido como um campo de constantes lutas, ações, contestações, aceitação e resistências, onde os sujeitos vão se conformando” (WENETZ, 2007, p. 119). Lutzenberger complementa as suas vivências no educandário elitista de Burghausen, e relata como eram as turmas por lá: “Os jovens não precisariam ser alemães, senão teriam criado imediatamente uma rígida relação de posicionamento e castas” (LUTZENBERGER, 1929, p.38).

Passados os primeiros anos nessa condição, Lutzenberger habituou-se e fez o Ensino Médio, e dali partiria para a Faculdade, mas antes confirmou a firmeza em que a cultura alemã estava imersa:

O alemão, ou mais exatamente talvez sobretudo o europeu passa por condições que, através dos séculos, foram conduzidas em linhas mais ou menos estreitas, é criado na disciplina e na crença na autoridade, em sua área mais ou menos o real mestre ou justamente o especialista, a quem não quer interferir em outras áreas de trabalho estranhas a si (LUTZENBERGER, 1929, p.35).

O pai, na função de gráfico, dava as primeiras lições em casa e logo ele estaria escolhendo o futuro de seu filho, encaminhado na aspiração própria de vê-lo como um líder competente, tolerante e mais humano. Mal sabia Lutzenberger sênior que o imaginado e desejado não seguiria na rota planejada, com severas consequências na mente do seu filho, e este igualmente não escaparia das deturpações educacionais intolerantes da época:

Por que cheguei eu, agora exatamente, num ginásio humanista? Meu pai queria justamente dar a seu filho mais velho, que decididamente seria seu sucessor nos negócios, antes a melhor educação possível – no mínimo aquela educação escolar necessária, pelo menos a qualificação para os denominados voluntários de um ano (na Alemanha daquela época, o patamar mínimo das pessoas elevadas) – e já que a escola superior mais próxima era o ginásio real humanista de Burghausen, então eu fui para lá e ao mesmo tempo ao Seminário de Estudos Real, em Burghausen (LUTZENBERGER, 1929, p. 37).

As consequências seriam negar o seu futuro promissor nos negócios familiares, e a dura frase era ouvida pelo pai, que pensava estar dando uma visão ampla e tolerante, mas, ao invés, nutria um monstrinho vaidoso que tomava lições da formação mais eclética e liberal:

Que o rapaz estaria contaminado em poucos anos, não exatamente pelo real humanismo, mas pela formação ginásial e mania arrogante, que ele se achava fino demais para a tipografia, não era naturalmente o programado. Mas como o pai acreditava que tinha de deixar livre escolha a profissional da sua prole, ele e seus companheiros, no início, sem muitas preocupações profissionais, continuaram a perseguir metas não especificadas e ambiciosas no caminho oficialmente reconhecido para a melhor pessoa, que estavam em algum lugar à sua frente nas nuvens, onde provavelmente ainda estarão hoje, mesmo que agora atrás dele (LUTZENBERGER, 1929, p. 37)⁹⁶.

O tiro saiu pela culatra e o estudante Lutzenberger, com formação humanista, ao invés de se aproximar do desejo declarado e óbvio de seu pai (de permanecer no negócio familiar), agiu como catalizador e numa autossuficiência impensada, pois foi em direção oposta à designada para si. Já em uma passagem, na autobiografia, sobre a sua vida de jovem adolescente reclamava da convivência forçada com o pai e as constantes caminhadas, em que o pai exigia a sua presença, foram os primeiros atritos surgidos na convivência de ambos.

O mundo dos negócios familiar, construído a duras penas por muitas gerações em dois séculos, era encarado como um futuro menos honroso, não digno aos olhos do jovem cheio de ideias na cabeça e pretensões no coração. Aos poucos, Lutzenberger se afirmou como ser pensante e independente, à beira de romper com o pai, em especial com a cultura da tinta preta, mencionada em outra passagem, agora, contraditoriamente, como honesta e honrosa.

A tipografia era, antes da introdução da liberdade de atividade econômica não apenas um negócio prestigioso, mas tinha também ainda algo da aura da “arte preta”⁹⁷ em si, ela ainda valia como arte e seus portadores possuíam ainda certos privilégios, por exemplo, o eventual porte da espada, ou seja, das armas, e ainda na minha infância os tipógrafos itinerantes entravam na loja do meu pai com a saudação “Deus salve a arte” ou para conseguir trabalho ou para pelo menos o amparo de praxe – normalmente entregues por mim mesmo – de 5 centavos para viagem (o mesmo que dois bons pães)... (LUTZENBERGER, 1929, p.9).

E se não bastasse isso, as gráficas eram igualmente centros nervosos que publicavam as pequenas, mas não menos relevantes folhas ou periódicos locais. Serviam como canais vivos de comunicação regional, o que Lutzenberger reconhece, mas prefere ignorar essa rica vivência e perspectiva futura. Queria ser arquiteto e não ter que sujar as mãos na impressora.

A visão geral aumentava muito naturalmente, através de os respectivos proprietários de tipografias, já que eram também, ao mesmo tempo, editores dos jornais, também eram representantes do modesto jornalismo daquele tempo (LUTZENBERGER, 1929, p. 9-10).

⁹⁶Essa passagem será verdadeira para os Lutzenberger que moram no Rio Grande do Sul, quando José Antônio decide seu futuro profissional.

⁹⁷ *Schwarzkunst*, Arte Negra, como a tipografia, arte da impressão também é conhecida no meio por causa da tinta da impressão. (N.T.)

O periódico familiar deveria ter a sua abrangência restrita, pois haveria de ter a concorrência ali perto, ou na próxima cidadezinha bávara.

Meu pai via seu jornal local, o “*Altöttinger Anzeiger*”, sempre como um mal necessário, porém um fator importante era sim o proprietário do “jornal” nessa cidadezinha. Eles não eram apenas os líderes da opinião pública, mas também os meteorologistas, porque no calendário anual (Calendário de Altötting-Burghausen) as condições climáticas esperadas eram previstas de acordo com os princípios dos antigos agricultores para o ano inteiro (LUTZENBERGER, 1929, p. 10)⁹⁸.

Que rica vivência atrás do balcão, o jovem Lutzenberger teria em seus momentos em casa, quando ocorriam “[...] as férias. Essas, até agora, tinham sido por tempo limitado antes do Natal e Páscoa e, então, nas longas férias de verão - o ponto alto da existência” (LUTZENBERGER, 1929, p. 41). Na condição de filho do dono, tinha acesso às conversas e realizava as tarefas pertinentes ao aprendiz que era, sempre buscando novos desafios, inclusive tendo que desenhar, de próprio punho, e treinar a futura aptidão estética⁹⁹, diagramação, e na organização do periódico da família que era publicado duas ou três vezes por semana.

Figura 9 - Família Lutzenberger



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Não se esperava apenas publicações de livros, em sua maioria os de caráter religioso, encomendados pela igreja, mas cautela com o jornal que precisava de cuidado no tamanho das

⁹⁸“*Altöttinger Anzeiger*” - numa tradução Livre: Indicador (ou indicativo) de Altötting.

⁹⁹Na qualidade de professor do I.B.A (Instituto de Belas Artes) em perspectiva arquitetônica.

imagens, no alinhamento dos textos, o que incluir e o que descartar, além da necessidade de fechar a edição do jornal, percorrer clientes atrás de anúncios e uma infinidade de pequenas ações que mantinha aceso o negócio familiar. O que lhe faltava na gráfica, onde poderia treinar suas aptidões sociais e o tino comercial, seria suprido com uma educação complementada em cidades maiores da Bavária, que surgiria como o oposto desejado por seu pai.

E assim o pai transferiu o negócio, mais tarde também a casa, para seu filho Franz, após seu filho mais velho, para sua lástima, – por causa das grandes ilusões que lhe surgiram na cabeça na época de estudante – não ter querido ser tipógrafo (LUTZENBERGER, 1929, p.21).

No ginásio jesuíta a rotina era sempre igual, com os mesmos horários e como um relógio em sua cadência eterna e invariável. O dia começava sem atrasos e “Pontualmente às 5h30 da manhã, na maior parte das vezes ainda no mais profundo escuro, um criado andava tateando com um sino no quarto de dormir” (LUTZENBERGER, 1929, p.39). Diante da rotina sufocante, Lutzenberger narra que os alunos tinham alguns antídotos para essa vida espartana:

[...] havia sempre a possibilidade de se pegar uma doença e ficar na enfermaria, um ambiente onde se podia ficar apenas contemplando a preguiça [...] A gente podia se permitir, segundo convenção mútua – e como hoje eu acredito, a concordância implícita dos professores – algo como duas vezes no semestre por, no máximo, uma semana (LUTZENBERGER, 1929, p. 40).

A dura vida escolar piorava na fase da adolescência com a difícil tarefa de se tornar adulto. Estas eram as angústias dos anos de *Flegeljahren*¹⁰⁰, com as prejudiciais substâncias anestesiadoras. Necessidade de uma época é a vergonha em outra.

[...] frequentemente bebedeiras sinistras, particularmente aludindo o espírito revolucionário, com isso muita atividade politicamente interna com ocasionais pancadarias, resumindo, quem queria valer para seus companheiros como pessoa inteira, não precisava de forma alguma demonstrar sucesso na aula, podia antes, na verdade, tratar o “CDF” de cima, mas tinha que estar entre os primeiros na luta e entre os últimos na bebedeira (ainda capaz de contar), algum passeio esporádico nas fazendas da região (LUTZENBERGER, 1929, p.40)¹⁰¹.

Lutzenberger faz menção, em sua autobiografia, a outras atividades *lúdicas* próprias da idade. Aos poucos, repensa a vida e olha para frente, decide definitivamente abandonar a empresa familiar de Altötting, pois, quer ser arquiteto e se desloca mais uma vez na sua vida intermitente rumo à capital da Bavária.

¹⁰⁰Em uma tradução livre: os anos de “flagelo e dificuldades” que antecedem a fase adulta, o período da adolescência.

¹⁰¹“CDF” – significa “cabeça de ferro” ou “crânio de ferro” porque a pessoa estuda tanto que se presume que, se tivesse um crânio normal como os demais, esta cabeça não resistiria e poderia estourar” (significados, 2022).

2.4 ACADEMIA E VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS

Concluídos os estudos regulares no ginásio era preciso seguir em frente, cursar a Faculdade na cosmopolita Munique, cidade mais populosa do reino dos Wittelsbach¹⁰². A vida no internato ficou para trás, ao celebrar a formatura escolar no memorável dia 14 de julho de 1901. Enfim, estava livre para sair à rua e seguir seu objetivo de se tornar arquiteto. A escolha recairia sobre a escola técnica de Munique¹⁰³: “Eu escolhi arquitetura como estudo superior profissional, embora em primeiro lugar me interessava naturalmente mais a Arte do que a mais tarde tão necessária técnica” (LUTZENBERGER, 1929, p. 42). Lutzenberger reconhece seu talento e necessidade de aprimoramento, e além dos esboços encara a Faculdade como local privilegiado de treinamento de suas habilidades artísticas. Habilidades essas desenvolvidas nos anos de aprendiz e auxiliar na gráfica familiar, pois “era descendente desta dinastia de editores, tendo convivido, desde criança, com gravuras, tipografia e adorno gráfico” (GRIENEISEN, 2019, p.191), ramo profissional que lhe parecia, agora, menor e sem propósito.

E aí reside uma ironia do destino, pois, profissionalmente, sempre se colocou como engenheiro e arquiteto, evitando ser confundido com um ilustrador, mudando o perfil de seus potenciais clientes. Contudo, atualmente, Lutzenberger é cada vez mais lembrado como artista e cronista visual, por seus trabalhos “menores”, dos retratos do cotidiano. Essas são lembranças mais intensas e duradouras junto de seus conterrâneos porto-alegrenses nos dias atuais. Somente “após a sua morte é que de fato a trajetória do artista se consolidou, através de homenagens póstumas e mostras de sua obra” (LUZ, 2004, p. 168) bidimensional, na qual houve enorme colaboração da família ao liberar suas obras para os eventos artísticos e incentivar as exposições, facilitando o uso de suas ilustrações que ornamentam as obras impressas de outros autores.

Sobre a sua condição de artista, “poucas foram as exposições que contaram com sua eventual participação” (LUZ, 2004, p. 168) no Rio Grande do Sul. Nessas exposições, quando convidado a participar, sempre de caráter colaborativo e coletivo, era *constrangido* por colegas, em especial pelo Instituto de Belas Artes, que recomendava que dependurasse algumas de suas obras nos salões promovidos pela instituição. Em conversa com a sua filha Magdalena, essa suposta aversão às artes era, na verdade, um real temor de ficar estigmatizado como mero artista

¹⁰²Mesmo ciente da unificação alemã, essa dinastia vai oficialmente governar a Baviera até 1918, com o fim da Grande Guerra Mundial.

¹⁰³Instituição de excelente reputação, com corpo docente composto de várias personalidades de destaque da área da arquitetura, as quais contribuíram significativamente para o desenvolvimento tecnológico e estilístico da arquitetura alemã da época, tanto por obra edificada quanto obra teórica (GRIENEISEN, 2019).

e não como o profissional da construção civil, sua identificação profissional por excelência, que a duras penas garantia o sustento familiar. Portanto, essa identidade profissional suplantava qualquer condição ética.

Figura 10 - Friedrich von Thiersch



Fonte: Friedrich, 2022.

Em Munique, na Faculdade, Lutzenberger enfatiza estar mais ligado aos seus aspectos artísticos, e na autobiografia deseja, sem constrangimento, tornar-se um pintor à altura de Leonardo da Vinci, ou pelo menos quer igualar-se à qualificação de seu professor, o engenheiro Friedrich von Thiersch¹⁰⁴ um expoente e mestre na construção de cúpulas. Figura influente que, anos mais tarde, ofereceu um estágio ao jovem aprendiz em Praga. “Eu pensava em tornar-me assim um tipo de grande pintor-arquiteto, algo como um Leonardo da Vinci ou no mínimo um Friedrich von Thiersch” (LUTZENBERGER, 1929, p. 42).

A Faculdade proporcionava um ambiente mais livre se comparado à rotina de clausura do ginásio, aproveitava a liberdade para fazer as atividades de passear e treinar a mão. Naquele período de estudante universitário, o sustento ainda era garantido pela generosidade paterna, “Eu recebia de casa para isso, com exceção de despesas extras para roupas, livros etc” (LUTZENBERGER, 1929, p. 42). Para suprir essas necessidades se ocupava com “algum outro pequeno ganho ocasional, o que sempre foi para mim pontualmente possível” (LUTZENBERGER, 1929, p. 42).

¹⁰⁴Influência percebida no RS, como indica Grieneisen (2019, p.203): “Joseph Lutzenberger estudou com Friedrich von Thiersch a arte da construção, teoria e projeto em estilos de arquitetura renascentista. Na fachada do Pão dos Pobres e em algumas casas de Lutzenberger, aparecem elementos que lembram a arquitetura neorrenascentista deste professor”.

Figura 11 - Cúpula construída para “*Kurhaus*”¹⁰⁵ de Wiesbaden



Fonte: Friedrich, 2022.

O seu pai, além de custear a Faculdade, lhe dava uma mesada de \$100 marcos, o suficiente para uma vida amena, mas que o barrava das fraternidades mais elevadas com a elegante *Couleur*¹⁰⁶ (LUTZENBERGER, 1929, p. 42). Nos estudos, a princípio, o currículo de arquitetura compreendia os quatro primeiros anos da habitual educação humanística e geral, acrescentado de mais dois semestres de caráter mais técnico. Sobre seu ano de calouro, ele comenta:

[...] contudo não com coisas da corporação, esgrimir ou embebedar-se, apesar de eu também casualmente tomar parte, mas sim em parte como “esfolador” (não matriculado) na universidade em aulas de direito, de filosofia e de medicina, em parte com pintura em cursos de nu artístico etc. (LUTZENBERGER, 1929, p. 42).

Aos poucos, habituava-se à nova realidade de autogovernar-se e não depender da imposição e regramento alheio, como nos anos de internato onde tudo era controlado e decidido, sua vida estudantil e adulta começa a engrenar. Lutzenberger adapta-se ao novo regime universitário, tendo contato com arquitetos e engenheiros¹⁰⁷ proeminentes em seus respectivos campos de atuação.

Na formação acadêmica, Lutzenberger se contamina com as diversas influências arquitetônicas, sendo testemunha da criação e contemplação de obras de relevância nesse campo. Um profissional não é talhado apenas em uma instituição de ensino, ou na prática diária, mas dialoga, matizando a intensidade dessas influências, com as diversas inclinações, a ponto

¹⁰⁵ *Kurhaus* = termas.

¹⁰⁶ *Couleur*, corporação estudantil de maior gabarito. (N.T.)

¹⁰⁷ Grieneisen (2019) faz um arrazoado destes mestres que identifica, graças as rubricas encontradas no histórico acadêmico e diploma de Lutzenberger. Contempla também as interferências e influências que o estudante recebe e as reproduz em suas obras no Brasil.

de cultivar e desenvolver aquelas que mais lhe agradavam ou eram exigidas por seus clientes. Lutzenberger não foi propriamente um inovador, mas criou obras em sintonia com a cultura alemã de seu tempo. A respeito disso, Luz (2004) percebe uma clara evolução, aproveitando-se das novas tendências, em seus projetos da década de 1930 em diante, em Porto Alegre, se comparado a anteriores na mesma localidade: “Lutzenberger, pelo que se pode ver, estava sintonizado com estas novas atitudes” (LUZ, 2004, p. 263) presentes na arquitetura, quando recebe influências da escola Expressionista em voga na capital dos gaúchos. Outra característica fundamental apontada pelo pesquisador é a presença de outras linhas ou escolas numa mesma construção, pois “Lutzenberger valeu-se da linguagem eclética para realizar a maior parte de sua obra desenvolvida no Brasil, e esta foi o caminho pelo qual trilharam os profissionais imigrantes e os nacionais...” (LUZ, 2004, p. 265).

Passado o ano de calouro, Lutzenberger mudou e aumentou o seu empenho, pois “no fim das contas, acho que eu era um estudante bastante aplicado, mas tudo antes evitava de ser um mero puxa-saco ou filisteu” (LUTZENBERGER, 1929, p. 42)¹⁰⁸. Em outra passagem coloca-se em posição proeminente, no topo da turma: “[...] onde eu recém havia saído da escola superior como um dos melhores” (LUTZENBERGER, 1929, p. 45). A escola demandava muito: aulas, trabalhos escolares, a rotina comum à vida acadêmica intensa no centro da Bavária. Munique e sua vibrante vida social, o que o obrigava a arrumar tempo para as diversas atividades que a cidade oferecia, sem esquecer a ocupação remunerada. Sob esse aspecto, ele enfatiza a preocupação ligada à ética profissional, regra aprendida com o pai e uma constância em sua trajetória de vida.

Realizada a colação de grau era necessário seguir a vida profissional, e aí surgiram novas discórdias entre pai e filho. O velho e astuto pai queria que o filho seguisse uma carreira mais sólida em alguma “alta repartição” do governo bávaro, pois mantê-lo atrás das impressoras era uma realidade cada dia mais remota.

Eu devia ingressar, segundo o desejo de meu pai, no assim chamado serviço público de alto escalão e já era um funcionário da agricultura real atribuído como estagiário de engenharia civil – hoje chama-se diretor de edificação – para lá lentamente escalar previamente como membro a rígida, mas segura, sequência de classificação para o supervisor de administração pública bávaro real (LUTZENBERGER, 1929, p. 45).

Portanto, após a conclusão da Faculdade não teria dificuldade de se empregar. A função de funcionário do estado, o obrigaria a viajar pelos diversos rincões da Bavária como “membro da respectiva *Haute volée*¹⁰⁹, local conduzido através de diferentes cidades bávaras pequenas e

¹⁰⁸“filisteu”- sinônimo de homem inculto, vulgar. (N.T.)

¹⁰⁹ *Haute volée*, designação em francês para “de mais alto calibre”, “alta sociedade”. (N.T.)

medianas e com o tempo de acordo com meu status social se tornar um pequeno burguês” (LUTZENBERGER, 1929, p.45). Nesse sentido, havia acumulado autoestima sob seus ombros e o trabalho no Estado natal não lhe parecia o suficiente. Ambicionava mais. “Nós acreditávamos, naquela época, que o mundo teria sido instituído de forma tão definitiva como se pareciam aqueles tempos abundantes e abençoados de então” (LUTZENBERGER, 1929, p.45). Ou seja, prévia ao conflito mundial (1914-18), a soberba alemã era tônica alardeada e presente em muitos dos súditos do crescente império.

Lutzenberger estava decidido a se mexer, e seu primeiro emprego veio por intermédio do colega e amigo Heffner¹¹⁰, portanto, fez uso de suas redes sociais. Esse conhecido sugeriu aproveitar as oportunidades em Berlin¹¹¹, para ingressar no gabinete de engenharia da câmara de Rixdorf, onde permaneceu trabalhando entre “09 de outubro de 1907 a 15 de março de 1908” (GRIENEISEN, 2019, p. 206).

A região de Rixdorf, por ser parte da periferia de Berlim, sentia os avanços da metrópole nos seus arrabaldes, e em função disso, trocava constantemente de nome, sendo chamada de Köln¹¹² quando Lutzenberger conta a sua história em 1929. Lá, recebe um salário inicial de \$220 marcos, não muito se comparado com a mesada paterna durante os anos de estudante. Sobre sua estada em Berlim, comenta que rodou em “[...] seu movimento na grandiosidade, a vida livre” (LUTZENBERGER, 1929, p.45). Morou em diversas localidades, divertiu-se bastante apesar de o holerite ser mingüado para as moças berlinenses, enfatiza. O trabalho não era promissor e mudou mais uma vez de cidade. A alma incompreendida do artista, como parte dos arquitetos, encontrou um forte adepto em seu superior.

O chefe arquiteto, algo visionário, tinha até mesmo a visão de que o arquiteto só poderia trabalhar quando estivesse num espírito inspirado, e nós arquitetos nunca estávamos com esta disposição e eu logo me dei conta de que não havia caminho para frente (LUTZENBERGER, 1929, p.45)¹¹³.

Seguir na busca por algo melhor seria a sua tônica, um novo emprego, uma nova realidade e, assim, se direciona para Dresden, cidade com dimensões menores e, provavelmente, sem os mesmos atrativos de Berlim. Contudo, a questão era sobreviver e

¹¹⁰Grieneisen (2019, p.205) sugere ainda outra conexão, sendo possível esse emprego graças a sua atividade junto ao “[...] escritório de Alfred Messel, passou no concurso para um cargo na prefeitura de Rixdorf. Surgiu a hipótese, de que conhecia Lutzenberger desde a faculdade, o que pode lhe ter facilitado o ingresso nesta concorrida prefeitura”.

¹¹¹Mudara-se para a capital do país para cumprir o serviço militar obrigatório, após o término da Faculdade. E ali ficou por dois anos.

¹¹²Atualizando a divisão administrativa da localidade: hoje se chama Neukölln e é um bairro de Berlim (GRIENEISEN, 2019, p.205).

¹¹³Grieneisen (2019, p.206) aponta o diretor arquiteto R. Kiehl, que atraiu vários funcionários que se tornariam figuras proeminentes na arquitetura alemã. Talvez seja esse o chefe artista que Lutzenberger menciona mais interessado na inspiração do que na transpiração.

garantir seu sustento, além de aperfeiçoar sua prática básica na profissão: “não estava dotado do total espírito de trabalho” (LUTZENBERGER, 1929, p. 45), ainda mais com o chefe que tivera, o qual privilegiava a inspiração em detrimento da transpiração. Assim: “enfiei alguns dos meus desenhos comigo e parti para Dresden, onde o conselheiro de edificação Hans Erlwein¹¹⁴, um senhor de Munique, [...] me acolheu” (LUTZENBERGER, 1929, p. 45).

Na mudança de Berlim para Dresden, Lutzenberger dá mostras da crescente rede social (a *Network*)¹¹⁵, que possui. Rede essa com gama diversa de indivíduos que inclui amigos, conhecidos e até pessoas influentes que abrem as portas, facilitando o acesso a empregos e facilidades, em especial, no início de sua carreira, com os trabalhos raros e a experiência mínima diante da enorme concorrência. Assim, pôde contar com a ajuda que lhe faltaria em Porto Alegre, pelo menos ao chegar, pois não tinha diante de si uma rede, uma conexão de amigos, conhecidos que pudessem apadrinhá-lo, assim sua única opção foi cumprir o seu contrato profissional com a firma Weise Mennig & Cia.

Aos poucos, Lutzenberger acumulou experiência e colocou em prática grande parte dos conhecimentos adquiridos na Faculdade, tornando-se um profissional mais eclético em decorrência da diversidade de obras que projetava: “[...] havia todo tipo de trabalho: moradias no outrora novo abatedouro, colaboração na configuração da margem do Elba etc.” (LUTZENBERGER, 1929, p. 46). Sua estada em Dresden foi cercada de lacunas, pois não assinava¹¹⁶ as obras das quais era responsável, sugerindo que exercia uma atividade complementar dentre as várias etapas na execução dos trabalhos na construção civil.

A estada em Dresden terminou envolta em alguns mistérios autorais, não sendo possível delimitar de maneira mais evidente o que, de fato, Lutzenberger fez nos projetos marcadamente coletivos para a prefeitura da localidade. Saía satisfeito com a jornada e a experiência adquirida e, aos poucos, foi amalhando anos de profissão com prolixa produção. Contudo, a distância sentimental de casa começava a falar mais alto, em especial de seu preocupado pai que, naquele tempo, aumentava as “advertências” por sua não admissão no serviço público real da Bavária (LUTZENBERGER, 1929, p. 46). Lutzenberger tinha gostado do exercício profissional no setor privado e não desejava de seguir na carreira definitiva no setor público. Lhe parecia, que ser funcionário público era sinônimo de uma vida monótona, onde deveria dar satisfação constante a superiores a para a máquina estatal e, isso não era o seu perfil pessoal: “Eu queria,

¹¹⁴Diretor do ateliê do Ministério das Obras (GRIENEISEN, 2019, p.206).

¹¹⁵*Network* um termo inglês da junção das palavras “*net*” = rede e “*work*” = trabalho, palavras que juntas significam: rede de relacionamentos de contatos ou ainda de trabalho, expressão comum no mundo dos negócios.

¹¹⁶O chefe Erlwein era quem assinava todos os projetos (GRIENEISEN, 2019, p.213).

portanto, algo mais elevado, no campo de trabalho livre e dei pouco valor à qualificação adquirida através da licenciatura para a carreira de funcionário público” (LUTZENBERGER, 1929, p. 45). Via, portanto, a vida de funcionário público com desdém, pois usou o verbo rastejar: “Já era hora, finalmente para o tempo programado em Dresden terminar, tanto que eu decidi me rastejar sob o que para mim não era muito simpático, Joch no serviço público real bávaro” (LUTZENBERGER, 1929, p. 46). Reclamava o filho; alegrava-se o pai. A entrada e a estada no serviço público não surtiram grandes satisfações ao jovem arquiteto por considerar seu serviço odioso e ocioso, pois trabalhava pouco ou quase nada até que seu superior acabou com aquela mamata desagradável, reposicionando Lutzenberger, em 1909, para Augsburg (LUTZENBERGER 1929, p.45).

Diferente das experiências na iniciativa privada, em que não se queixava do trabalho, quando muito o contrário, na função pública as coisas tinham uma lógica própria que não era de todo satisfatória ao recém-empossado funcionário real, que devia maiores satisfação aos seus superiores, que, no ato de sua incorporação, lhe informaram: “[...] pessoa respeitável, que não havia momentaneamente nada para fazer e, portanto, seja como for, eu poderia utilizar para mim o tempo não pago. Eu fiz primeiramente para outra pessoa trabalhos particulares” (LUTZENBERGER, 1929, p. 46).

Essa nova etapa da vida profissional começava, portanto, da pior maneira possível. Sem meias palavras, disparava: “Agora eu tinha aborrecidamente que prestar contas, em primeiro lugar, até eu esclarecer, após 3 dias, que eu estava de saco cheio e teria adorado cair fora” (LUTZENBERGER, 1929, p. 46). Os anos de preconceitos e embates com o pai se confirmavam na modorrenta realidade junto ao governo da Bavária; sentia-se deslocado, improdutivo. Aos poucos, aceitou sua condição, e os primeiros trabalhos, no órgão, apareceram, seguidos de fortes críticas por um Lutzenberger irremediável:

[...] então me deixaram no governo da província entregar todos os projetos de construção, com frequência já aterrados, para verificar, tendo em conta que eu, em meu ímpeto de trabalho otimista, sempre entrando em conflito com a muito indulgente burocracia – na verdade, de qualquer maneira, era um ruminante nato – do Sr. Conselheiro do governo (LUTZENBERGER, 1929, p. 46).

Talvez, a dinâmica da iniciativa privada, ou sua experiência na prefeitura de Rixdorf e em Dresden, se assemelhassem mais a uma prestadora de serviço, com burocracia menos presente, logo, sufocante para esse irrequieto arquiteto:

[...] pude antes dessa saída definitiva do serviço público bávaro real ainda fazer um “serviço para o povo”, como chamamos mais ou menos algo desse tipo hoje, enquanto eu alavancava as atividades de construção semioficiais

transitórias – e repentinamente nos arredores da Suábia e de Neuburg (LUTZENBERGER, 1929, p. 46).

Percebe-se, nesse fragmento, que a decisão já havia sido tomada. Largar aquele enfadonho emprego era o certo a ser feito, sem a vocação necessária, que exigia um perfil tolerante às cobranças e papeladas comuns na esfera pública administrativa. Lutzenberger repensa a vida profissional, passa oito semanas em aperfeiçoamento militar e, após o período na caserna, reavalia os rumos de sua vida “na seriedade da vida e já que eu procurava serviço municipal e governamental, me inscrevi para a direção da via férrea, naquela época ainda bávara e, para minha surpresa, fui logo contratado” (LUTZENBERGER, 1929, p. 47).

Não se pode saber o quanto dessa decisão estatal se deveu a algum encaminhamento de conhecidos da rede social (a *Network*), e, se existiu, fica indetectável para o presente estudo. Lutzenberger assumiu imediatamente o novo posto na estrada de ferro, mas ficou pouco tempo responsável pelos trilhos, pois, inesperadamente, recebeu uma nova proposta, e esta, sem sombra de dúvida, fruto de sua capacidade e das ligações pessoais. Assim, a *network* fica evidente quando seu antigo professor o convida e lhe oferece uma oportunidade em Praga, na República Tcheca, lugar que havia visitado anteriormente:

[...] alguns dias antes da entrada no trabalho, porém, recebi do professor Friedrich Von Thiersch – Munique – uma oferta para ir para Praga. Eu já tinha estado lá, de Dresden, por dois dias, sendo que eu achei a cidade velha esplendorosa e a vida lá, por causa das constantes lutas alemão-tchecas, muito interessantes (LUTZENBERGER, 1929, p. 47).

Pôde exigir salário de \$400 coroas locais, mesmo reconhecendo ser esse valor um pouco elevado no país estrangeiro com menos recursos que a portentosa Alemanha que enriquecia frente a sua unificação e a industrialização que se seguiu. A oferta salarial foi aceita, o que o obrigou a arrumar as malas, pois não pode deixar essa oportunidade ser entregue a outro aluno destacado do antigo mestre. Novamente, seus estudos mostraram seu valor e pôde assumir essa inesperada oportunidade. Assumiu o novo emprego sob a tutela de “Baurat Polivka¹¹⁷, um senhor com algo de sombrio, mas de resto não antipático” (LUTZENBERGER, 1929, p. 47), que o recebeu, e num gesto afável o convidou para um passeio na cidade que encantou o engenheiro bávaro.

À época, a República Tcheca sofria a influência, para alguns excessiva, dos que tinham o alemão como língua primordial, algo que Lutzenberger comenta: “acontece que, de dois

¹¹⁷Na transcrição do manuscrito que deu origem à tradução, se preferiu o nome de Baurat Polivka e não de Oswald Polívka, como indicado por Grieneisen (2019, p. 218), e provavelmente a grafia correta. Sobre Oswald Poliska é possível achar mais dados e, principalmente, que ele de fato existiu e trabalhou em Praga como arquiteto, sendo inclusive amigo de Alfons Mucha, artista especializado em Art Nouveau de imenso prestígio (OSVALD, 2021).

irmãos um se declarou pelo alemão e o outro pelo tcheco” (LUTZENBERGER, 1929, p. 47)¹¹⁸. A Áustria que exercia toda sorte de influência “pejorativa” ao Sul do Continente Europeu, “Era o tempo da velha Áustria ter sido dividida na Boêmia em duas forças separadamente de nacionalidades inimigas” (LUTZENBERGER, 1929, p. 47). Razão pela qual Lutzenberger explica por que ele, um alemão do Reich, foi escolhido: “por razões políticas não poderia se buscar um alemão austríaco, teve então que prescrever-se um do “Reich”” (LUTZENBERGER, 1929, p.48).

Mapa II – República Tcheca e Praga



Fonte: República-tcheca, 2023

Em Praga, Lutzenberger sofreu o primeiro baque da língua, pois falar alemão, mesmo em seu trabalho, era uma exceção, e poucos colegas faziam uso corrente desse idioma. A exceção era o chefe com quem Lutzenberger dialogava nessa língua. O que o cerceava em habilidades sociais: “não pude nem ler nem escrever nada, apenas desenhar” (LUTZENBERGER, 1929, p.47). Portanto, foram tempos difíceis em Praga, mas aguentou pelo período de 07 de julho de 1909 até 29 de janeiro de 1910 (GRIENEISEN, 2019, p.218). Foram apenas alguns meses apesar de Lutzenberger, em suas memórias, dar a impressão de ser um intervalo maior arredondando o período: “eu permaneci por volta de um ano (1909–1910) em Praga” (LUTZENBERGER, 1929, p. 48). Lá, sentiu todo o peso de ser um falante do idioma alemão, mesmo sem ser austríaco, em um país dividido e hostil à sua cidadania /etnia alemã. O

¹¹⁸É preciso relativizar o expansionismo do império alemão que se dirigia a certas zonas específicas do globo terrestre como na partilha da África, e a obtenção de maiores porções de terra por lá. No continente europeu não demonstrava nenhum interesse ao Sul e muito menos desejo direto na região balcânica, barril de pólvora que seria aceso pela sua fraterna companheira de política internacional: o império Austro-húngaro.

chefe, receoso, o colocou a trabalhar fora do escritório, em seu apartamento, e após um breve período foi deslocado para o escritório, onde uniu seus esforços aos dos colegas tchecos que não o receberam bem. Sentia-se, assim, isolado.

Primeiro, quando eu cheguei, eu trabalhei, para minha surpresa, no seu apartamento privado, pois como eu só soube mais tarde, ele teve escrúpulos de não me enfiar logo entre a horda tcheca, na qual a minha preliminar, ainda invisível, aparição provocou um tipo de revolta palaciana, a propósito, não apenas por causa da nacionalidade, mas também por causa do meu, naquele local, escandaloso alto salário de 400 coroas (LUTZENBERGER, 1929, p. 47).

Lutzenberger sentiu na pele os reveses de ser estrangeiro e, pior, um alemão bem remunerado. A inveja e o sentimento de exploração devem ter tornado a sua situação ainda mais delicada com os olhares acusatórios dos desconfortáveis tchecos. Quanto desse receio, dessa lição aprendida a duras penas, posto diante da xenofobia de seus parceiros, não seria a mola mestra para rumar para um país que julgava ser mais neutro, ou até uma nação que não se importava com essas questões?

Em Praga desenvolveu um único e grande projeto, o novo prédio da prefeitura e câmara legislativa que pode ser visto na Figura 12, fruto de uma concorrência pública vencida por Osvald Polívka, em 1906. O Prédio apresenta a influência da Art Nouveau, construído entre 1908 e 1911(FRWIKI, 2021), contando com a colaboração do insatisfeito Lutzenberger.

Figura 12 – Câmara Legislativa e Prefeitura de Praga, estilo Art Nouveau



Fonte: Osvald, 2021.

A situação envolvia um trabalho não muito atraente aos olhos de Lutzenberger, “[...] para mim o trabalho (basicamente a construção de uma ampliação da prefeitura)” (LUTZENBERGER, 1929, p. 48). Além das muitas dificuldades no escritório: “que isso não

poderia durar muito, estava claro desde o começo, também não era de modo alguma minha intenção” (LUTZENBERGER, 1929, p. 48).

Em contradição ao seu posto de trabalho, relatou a vida noturna agradável: “a vida fora do trabalho era quase exclusivamente limitada às noites na “Casa Alemã”” (LUTZENBERGER, 1929, p. 48). Pôde ampliar suas habilidades sociais e artísticas por ironia ou não da frase que encerra suas atividades na Boêmia: “o qual eu tanto mais dia e noite pintei por todo lado em todos os ângulos a cidade e arredores” (LUTZENBERGER, 1929, p. 48), confirmando os inegáveis atrativos estéticos e arquitetônicos da cidade. “Muitas obras projetadas, décadas depois, por Lutzenberger, em Porto Alegre, refletem, especialmente na parte decorativa, as características artísticas do estilo Art Nouveau, com o qual ele conviveu neste emprego em Praga” (GRIENEISEN, 2019, p.225). A beleza da cidade o atraía, mas tudo o mais era motivo para buscar a felicidade em outro lugar, e procurava no jornal alemão da construção uma posição para fugir daquele imbróglio tcheco. Anos mais tarde repetiria essa procura e nos anúncios encontraria nova colocação profissional. Assim, num anúncio de um consagrado escritório de arquitetura teve seu retorno garantido à velha e boa pátria alemã, “naquela época muito conhecido, do professor Reinhardt & Süssenguth em Berlim” (LUTZENBERGER, 1929, p. 48), uma das mais importantes firmas de arquitetura da capital do império alemão (GRIENEISEN, 2019, p. 24).

Em Praga os trabalhos foram poucos, mas em Berlim teve uma verdadeira linha de montagem, como exemplifica Lutzenberger, com um time de seletos e reduzidos arquitetos que projetavam toda sorte de obras, no escritório localizado a Oeste da capital alemã, em Charlottenburg¹¹⁹. Ali descobriu a necessidade que acompanha um grande escritório de arquitetura com escala e as demandas contínuas: “eu aprendi o serviço de grande pressão” (LUTZENBERGER, 1929, p.48), confessa o arquiteto não acostumado com o ritmo acelerado dos clientes, negócios etc.

Nesse escritório, ele teve a rara oportunidade de realizar, em conjunto, um imenso projeto de “construção do gabinete da marinha do Reich” (LUTZENBERGER, 1929, p.48), o que, talvez, tenha motivado a sua contratação, em primeiro lugar, pois mais cérebros eram necessários para a obra de grande monta. A pedra fundamental dessa obra *marítima* foi edificada (GRIENEISEN, 2019, p.226) após Lutzenberger deixar o escritório. Mas antes disso o mesmo se envolveu numa controvérsia, pois elaborou, ou ofereceu algumas alterações da

¹¹⁹Hoje incorporada à cidade, sendo mais um dos tantos bairros berlinenses.

fachada de uma planta, em especial uma figura humana que chegou indiretamente às mãos do Kaiser Guilherme II, o que motivou a troça de seus colegas, em suas próprias palavras:

Eu tinha pintado um esboço de um [escultura de um] homem sobre a concepção do portal principal. O rascunho pouco tinha chegado ao Conselho negociador com sua majestade – é verdade que meu chefe como conhecido, porém simples arquiteto, aparentemente não tinha ele mesmo permissão para apresentar suas ideias para o mais elevado do local – como também o Conselho já soava indignado que um “vagabundo” teria rabiscado ali em cima, assim não poderia ser e ele teria que deixar modificar e o proibiria para o futuro, pois sua majestade já havia ordenado há anos, quando as pessoas desenhavam sobre os planos, teriam que ser exclusivamente soldados. É verdade que Wilhelm II era famoso nesse sentido, porém eu acredito, que aí esse laiaio acadêmico apenas tomou uma observação oportuna como ordem estrita. O homem finalmente foi à ruína também no seu ambiente (LUTZENBERGER, 1929, p. 48-9).

Em muitos dos casos, as piores situações se transformam nas melhores histórias. Assim, a pretensão de Lutzenberger rendeu boas risadas de seus colegas. Mas, percebe-se que o escritório berlinense dotou o arquiteto de grande experiência, devido à quantidade e qualidade das obras projetadas por esse importante escritório de engenharia. Dentre as principais, Lutzenberger cita, em suas memórias, as igrejas evangélicas, escolas e os “trabalhos para *Treptow, Berlim-Tiergarten*” (LUTZENBERGER, 1929, p. 48). Nesse escritório, Lutzenberger deu mostras de sua perícia ao colaborar, à altura de seus colegas mais destacados na Alemanha.

Cabe ressaltar algumas das inquietações sobre sua estada curta, mas intensa em Berlim. Aos poucos, em suas memórias, parece ser preciso refletir um pouco sobre a sua existência, ali na capital, e confessa que chegou a ter uma ligação sentimental, pois, “taberna, aos domingos na *Grünwald* junto com uma mocinha” (LUTZENBERGER, 1929, p.49)¹²⁰. Escrever sobre suas relações mais afetivas tem o um certo tom de tabu, devido à escassez de citações por ele descritas. Mesmo ciente que sua esposa Emma seria uma das leitoras de seu canhenho, esse destinado aos filhos, é pouco provável que Lutzenberger não tenha tido outros relacionamentos com o sexo oposto. Eles existiram e devem ter sido omitidos deliberadamente. Comenta que “nesse meio tempo eu me tornei oficial da reserva, a vida costumeira não alegrava exatamente a vida dos desfavorecidos, mas justamente dos jovens” (LUTZENBERGER, 1929, p. 49). Outro aspecto que merece atenção em suas memórias, naquele período, eram as viagens para diversos locais, tendo visitado os

Alpes e em Viena, nos Montes Metalíferos¹²¹ e nas Montanhas dos Gigantes (onde eu me perdi uma vez, de madrugada, na véspera de Natal, no caminho para o *Schneekoppe*¹²², sozinho no bosque do inverno e, finalmente, mais tarde, cheguei a uma hospedaria na floresta seguindo o latido de um cão),

¹²⁰*Grünwald* – [Floresta] Bairro em Berlim. (N.T.)

¹²¹*Erzgebirge*. (N.T.)

¹²²Montanha da República Tcheca. (N.T.)

no Tirol, ao lago Constança, ao Harz e à *Bergstrasse*, ao Elba e Oder, à Hegoland, Rügen, Dinamarca, Suécia, ao Reno acima e abaixo de Worms até Colônia, à Bremen e Hamburgo etc. etc (LUTZENBERGER, 1929, p. 49).

Adquire, pelo que se percebe, o hábito de conhecer novos lugares, o que leva a crer que as viagens aumentaram em frequência e em importância na sua vida. Em passagens anteriores, trechos recorrentes em suas escritas pessoais, ele deixa explícito o quanto gostava de passear a pé, e em especial a cavalo, o que o satisfazia muito. Contudo, em sua estada em Berlim as viagens tornaram-se bastante recorrentes, a incluir idas ao exterior. Sentimento esse que parece expressar o seu desejo de entrar em contato com outras culturas, em parte uma justificativa apresentada por Lutzenberger aos filhos, que assim motivava a buscar, em outros lugares, o tão necessário sustento próprio junto a culturas adversas a sua germanidade. Aqui é preciso ponderar, pois essa explicação era recorrente na família, em especial nos relatos de Magdalena, que repetia as mesmas versões, conceito reafirmado pela filha caçula Rose. Para ambas, seu pai queria conhecer outras realidades e aceitar novos desafios: culturais e profissionais. E o autobiografado continua: “após um ano ou mais, pelo ano de 1911, era novamente tempo de viajar” (LUTZENBERGER, 1929, p. 49). O que significava mudar de emprego e encerrar nova empreitada. Tornou-se um arquiteto mais ágil, experimentado com a velocidade e as frequentes demandas no escritório Reinhardt & Süssenguth. Qual razão levanta a questão do novo de emprego? Em Berlim não guardara mágoas, e mesmo recebendo um telegrama assinado pelos patrões, que garantia o sempre desejável aumento salarial, optou por virar autônomo e encontrou um parceiro disposto a unir forças, que havia conhecido em sua estada em Dresden, o qual aceitou e abriu um pequeno escritório com o amigo: “É verdade que nos tolerávamos bem” (LUTZENBERGER, 1929, p. 49). O começo foi tímido e as instalações do escritório espartanas, “um apartamento de 4 peças foi criado a firma “Heydenhaufs e Lutzenberger”” (LUTZENBERGER, 1929, p. 49).

A rotina assemelhava-se ao seu antigo emprego, com quantidade crescente, “trabalhávamos como os selvagens em todos os pré-projetos possíveis” (LUTZENBERGER, 1929, p. 49). Isso leva a crer que os arquitetos faziam detalhamentos de algumas etapas do projeto e raramente devem ter assinado ou se responsabilizado por alguma obra. Apesar do esforço, o resultado econômico desta união foi pífio. Em pouco tempo foi preciso buscar outra ocupação renumerada. Lutzenberger não menciona se pintou ou se aprimorou suas habilidades artísticas. Esse curto ano profissional não mereceu muitas linhas para seus filhos.

Novamente, Lutzenberger voltou a procurar emprego. Recorreu a amigos e jornais, como o *Deutsche Bauzeitung*¹²³, do qual devia ser leitor assíduo, pelo menos em tempos de carestia. Em meados de março de 1912 ele encontrou anúncio de vaga no governo da municipalidade de Wiesbaden (Alemanha), candidata-se e consegue a vaga, assumindo-a em 15 de maio do mesmo ano, o que lhe garante um salário de \$350 marcos, segundo a ata da prefeitura local (GRIENEISEN, 2019, p. 231). A mesma pesquisadora relata dificuldades em encontrar trabalhos específicos de Lutzenberger por lá. O que, em parte, é explicado pelo fato de que os seus trabalhos serem interrompidos ou nem executados, em decorrência dos preparativos do pequeno conflito armado, ou da ação punitiva, entre Áustria e Sérvia que iria arrastar não só o oficial Lutzenberger, mas um número incontável de soldados mundo a fora. Sobre os seus trabalhos, ou a ausência deles em Wiesbaden, ele relata:

Aqui, eu recebi logo na mão os principais projetos de novas construções. Porém, pouco disso foi realmente executado nos dois anos, um pavilhão de hospital, e algumas pequenas coisas, enquanto os grandes projetos e especialmente a muita controversa reestruturação das instalações na *Kochbrunnen*, o sangue vital de Wiesbaden, foram então interrompidos durante a guerra (LUTZENBERGER, 1929, p. 50)¹²⁴.

Nessa cidade, classificada por ele como nem grande nem pequena¹²⁵, teve seu primeiro envolvimento político sério no âmbito profissional. Isso criou um mal-estar que o levaria a não retornar à cidade nem ao seu emprego, ao fim da Grande Guerra.

Eu tinha me deixado envolver naquela época nas muitas questões polêmicas da vida profissional, era um membro do conselho do grupo local da associação dos engenheiros alemães diplomados e do clube dos engenheiros e arquitetos alemães, o que provocava a muitos irritação e ressentimento (LUTZENBERGER, 1929, p. 50).

Mais uma vez deixou para trás algumas mágoas e lembranças ruins. Além do aspecto profissional, outro desgosto, este foi familiar, interferiu em sua vida: a morte da mãe que ocorreu em 1912. Isso leva a crer que ele não esteve presente no funeral, mesmo sendo ela uma mãe dedicada.

A casa e as crianças eram o segundo reino da mãe ao lado da loja ou, mais exatamente, na sua visão, primeiro vinha a igreja, então a família e aí o negócio e apesar de ela ter sofrido desde a juventude de um mal no pé, que a obrigava a deixar o pai e as crianças saírem quase sempre sozinhos nos passeios etc (LUTZENBERGER, 1929, p. 30).

¹²³*Deutsche Bauzeitung* = jornal de construção alemão (GRIENEISEN, 2019, p. 231).

¹²⁴*Kochbrunnen* - Famosa fonte termal da cidade de Wiesbaden. (N.T.)

¹²⁵ A população da cidade estava em franca expansão tem pouco mais de 33.000 habitantes em 1871 e chegando a 109.000 em 1910 (GRIENEISEN, 2019, p. 9).

Lutzenberger continuou afirmando que a sua mãe era saudável e o problema com o pé seria, em parte, resolvido com o método de Sebastian Kneipp¹²⁶, apesar das limitações dela que a impediam de acompanhar a família nos passeios a pé. O que pelo visto não tinha jeito eram as disputas entre seu marido e o filho presenciadas com frequência por ela. Em parte, Lutzenberger se sente culpado devido às constantes e contínuas discussões com seu pai, o que entristecia a mãe de saúde forte, pois raros eram os momentos em que se encontrava doente. Em uma dessas exceções, por ocasião de falta de disposição, foi recomendado que ela ficasse em repouso, mas, infelizmente, ela não acatou as ordens médicas e preferiu seguir com uma viagem marcada de visita a sua filha religiosa: “[...] ela saiu de viagem – pois era exatamente o caso da visita anual a Fanny (Lioba) no mosteiro em Dietramszell¹²⁷ – e voltou pouco depois para casa num caixão” (LUTZENBERGER, 1929, p. 30).

Figura 13 - Vista externa do Monastério Salesciano de Dietramszell¹²⁸



Fonte: Dietramszell, 2022.

¹²⁶Sebastian Kneipp, padre católico do século XIX, defensor do naturismo, com terapias alternativas baseadas em estratégias dietéticas e hidroterapêutica, em uso até os dias atuais. (N.T.) Esse tratamento de saúde era praticado em Hamburgo Velho por volta de 1900, e há uma edição deste método publicado em português no ano de 1956 pela editora Globo (RS), tal o interesse desse método. O que corrobora a manutenção, em parte, da cultura alemã na região dos Kroeff.

¹²⁷A cidade e não o monastério seriam arduamente criticados por oferecerem o título de cidadão honorífico para Adolf Hitler e para o general Paul von Hindenburg, este até ganhou um busto na cidade.

¹²⁸Nele residia Fanny Lutzenberger (13.10.1880 - 25.05.1922), irmã de José Lutzenberger – “criada em casa e alguns anos mais tarde acompanhada por uma preceptora inglesa, era uma moça bastante quieta e ingressou, para felicidade de sua mãe e sob dura disputa com o pai, no convento das Irmãs Salesianas em Dietramszell (Baviera). Mais tarde, nos duros anos do Pós-guerra, quando parece que a miséria era grande também no convento, ela cuidou de uma irmã tuberculosa até a morte e morreu então da mesma enfermidade” (LUTZENBERGER, 1929, p. 30).

Figura 14 - Capela do monastério



Fonte: Dietramszell, 2022.

Diante da morte da mãe, em 27/07/1912, reflete sobre a sua relação com o pai, reconhece que as atitudes de ambos não agradavam a sua progenitora que: “com frequência era a intermediária entre os filhos cabeças-duras e o muito das vezes, o intenso pai – (com isso ela supostamente não conseguiu em 30 anos se acostumar)” (LUTZENBERGER, 1929, p. 30).

2.5 GRANDE GUERRA E JOSEPH LUTZENBERGER

Entre historiadores – e eles escrevem mais sobre guerra do que cientistas políticos, antropólogos ou profissionais de qualquer outra área a maior parte das controvérsias gira em torno de pormenores das causas de determinadas guerras, e não de ideias mais abrangentes (BLAINEY, 2014, p.07).

Em paralelo a sua formação profissional, Lutzenberger enveredou para a atividade militar, mesmo com aversão ao serviço estatal e ser membro do exército, mesmo de reserva, não seria um ultrage para si. Sendo alemão, glorificava individualmente e de maneira coletiva o êxito da Prússia¹²⁹ diante da França, “nós acreditávamos que tínhamos que defender nossa pátria do ataque inimigo, que um ou outro, acho que também sobre conquista etc. etc. Nós éramos, afinal, os filhos dos soldados de 1870/71” (LUTZENBERGER, 1929, p. 50). Essa

¹²⁹Estado alemão, provavelmente o mais rico e militarizado que paulatinamente conquista novos territórios do antigo Império Sacro-Germânico sendo o principal unificador dos diversos reinos “dispersos” da Alemanha. Lutzenberger faz referência ao conflito de 1870-71, onde vários reinos alemães, a incluir a tropas da Bavária, mandam suas tropas em apoio a Prússia.

vitória consolidou a hegemonia Prussiana na região e possibilitou a unificação da Alemanha¹³² que recebeu como butim as províncias francesas da Alsácia-Lorena¹³³.

Sob esse pretexto, de defesa intransigente da nação alemã, Lutzenberger e tantos outros cidadãos-soldados se prepararam para a guerra eminente. O mapa geopolítico da Europa estava se realinhando, e as disputas por mercados, territórios e interferências não seriam decididas mais pelas tratativas, ou conversas educadas nas chancelarias. A Europa demonstrava que era preciso, naquele momento, ímpeto e força, e a guerra foi o modo escolhido pelas nações e impérios para resolverem suas crescentes diferenças. E Lutzenberger e sua nação unificada alemã entraram muito confiantes no conflito que surgiu em 1914. Em parte, havia a tentativa de sanar questões ainda em aberto do conflito de 1871, pois a França não se sentia definitivamente derrotada, e a vingança era uma das prioridades para a totalidade dos líderes franceses. Até se criou a expressão revanchismo, para dar conta desta situação intolerante. A França não dormiria em paz enquanto não revisasse a posse de seus territórios perdidos no conflito de 1871, e com esse intuito se aliou ao Império Russo¹³⁴.

Outro território em franca disputa era os Bálcãs, vasta área a ser disputada com gana devido ao vácuo político provocado pela eliminação do Império Otomano da região. Essa área era estratégica para os impérios da Austro-Hungria e da Rússia, motivo que levou a Rússia¹³⁵, convulsionada internamente, a interferir diante da ameaça de uma invasão da Sérvia pela Áustria, império em franca decadência. As motivações da Áustria eram muitas: a anexação de mais territórios; a necessidade de intimidar a Sérvia em seu projeto de expansão política territorial e de diminuir a influência russa e eslava na região etc. Os Bálcãs eram um problema grave para a antiquada Áustria que sofria intensas revoltas internas, direcionando para o esfacelamento da dinastia dual, composta pelos reinos da Áustria e da insatisfeita Hungria, o futuro do império austríaco era incerto.

Nesse ínterim, faltava à Áustria um motivo sólido e legítimo diante da comunidade internacional para a invasão da Sérvia. Teria a Áustria que esperar alguma agressão da Sérvia, ou de algum aliado dela, para pôr em prática o plano de contingenciamento da caótica situação

¹³²“[...] a cultura política e a vida cotidiana alemã haviam sido marcadas por chamejante militarismo que subordinava a vida particular e as grandes opiniões políticas ao estilo, às necessidades técnicas e aos objetivos ideológicos e políticos da casta militar prussiana e de seus aliados burgueses” (DUPEUX, 1992, p. 55).

¹³³“[...] território de população germânica, originalmente pertencente ao Sacro Império Romano-Germânico, tomado por Luís XIV da França depois da Paz de Vestfália em 1648 (ALSÁCIA-LORENA, 2022).”

¹³⁴A aliança formal com cláusulas sigilosas, visava a proteção mútua assinada em 1892.

¹³⁵Em 1905, o poderoso império europeu sofreu uma clamorosa derrota para o Japão, ocasionando um abalo no reinado de Nicolau II, e a mudança da política externa da Rússia que priorizava as suas ações nos Bálcãs, criando mais tensão na região e atritos com a Áustria.

no império. Caótica tanto nas questões internas, envolvendo os húngaros que a cada dia se tornavam mais autônomos, quanto nas crises externas de como estancar a expansão sérvia desejosa de abocanhar os “seus” territórios da Bósnia-Herzegovina anexados pela coroa austríaca em 1908¹³⁶. A oportunidade veio no dia 28 de junho de 1914, de modo brutal, com o assassinato do príncipe austríaco o herdeiro Francisco Ferdinando, morto por bósnios¹³⁷ com a “anuência” de setores da inteligência oficial da Sérvia, através da organização clandestina “Mão Negra¹³⁸”. Em resumo, a Áustria apontava ligações e colaboração entre os assassinos presos e parte do governo Sérvio. Diante de tais evidências¹³⁹, o governo austríaco, de maneira isolada, mandou um ultimato para a Sérvia e o repassou para as demais embaixadas da Europa. A Sérvia teria que aceitá-lo unilateralmente e no prazo não estendido de uma semana. A Sérvia, antes de responder, procurou apoio na Rússia restabelecida com o dinheiro francês, que prontamente se dispôs a intervir militarmente, e a França também consentiu em apoiar a Rússia que apoiava a Sérvia. O que era para ser uma ação punitiva logo se estendeu em um conflito muito maior.

Nesse cenário de aliança, supostamente para a PAZ, a Áustria isolada, em um segundo momento pede apoio incondicional à Alemanha que consente, trazendo Lutzenberger para o cenário de pré-guerra europeia. O arquiteto Lutzenberger, à época, estava preocupado em se organizar economicamente, mas o chamado do nacionalismo foi mais forte e premente. Um mês após o atentado ao príncipe herdeiro Francisco Ferdinando, a Áustria declarou guerra à Sérvia, atitude que obrigou uma reação da Rússia¹⁴⁰ em prol dos sérvios, igualmente eslavos. Para balancear o conflito, a Alemanha respondeu que ajudaria a sua aliada Áustria, coibindo o ímpeto russo¹⁴¹. Isso repercutiu na França que aceitou o pretexto para declarar guerra à Alemanha e reaver seus territórios perdidos. Aos poucos, o diálogo e a parcimônia desapareceram do Velho Continente, que se encaminhou para a guerra plena.

Com dois *fronts*, a Alemanha de Lutzenberger resolveu avançar primeiro na França, que possuía menor contingente humano do que a Rússia, supostamente eliminando o adversário

¹³⁶Portanto, muito próximo da derrota russa (1905) diante dos japoneses, fato esse que impossibilitou uma ação bélica russa para impedir a anexação por parte da Áustria.

¹³⁷“A Bósnia era o berço dos sérvios e sem ela um estado nacional sérvio seria um estado mutilado” (WEGERER, 1933, p. 29).

¹³⁸ Algo que o governo da Sérvia agia com alguma parcimônia, pois, “Pasic, o primeiro-ministro, que tentava evitar conflito com os vizinhos da Sérvia, sabia de sua existência e tentava controlar a organização, transferindo para a reserva os oficiais nacionalistas do exército mais perigosos” (MACMILLAN, 2014, p. 548).

¹³⁹ “[...] que os terroristas, armados na Sérvia, cruzaram clandestinamente a fronteira austríaca com o apoio de uma organização nacional sérvia, a “União ou morte”, comumente conhecida como Mão Negra, controlada pelo serviço secreto do Estado-maior sérvio” (KEEGAN, 2003, p. 61).

¹⁴⁰ “[...] as violentas exigências da Áustria para com a Sérvia excitaram a Rússia e precipitaram a guerra mundial” (STEVENS; WESCOTT, 1958, p.351).

¹⁴¹Razão pela qual a Rússia fez a mobilização total de seu exército, acirrando os ânimos da Alemanha, intimidada por esse fato, declarar guerra ao império que já estava restabelecido militarmente após sua derrota para o Japão.

mais fraco e já derrotado em outras oportunidades¹⁴². Para tanto, pediu permissão à Bélgica, pois seu território seria utilizado como corredor de acesso para as tropas alemãs, nada mais do que isso. Luxemburgo fora invadida, mas as necessárias represálias contra a Alemanha foram ignoradas pela: Inglaterra, França, Bélgica e Rússia que não se importaram com a invasão, o que dá a entender que a ação humanitária europeia não se estendia aos raros habitantes da simpática nação luxemburguesa. Nesse contexto, o rei belga, diante do pedido alemão, não acreditou na premissa de mero corredor físico e vetou os planos do alto comando alemão que, mesmo ignorando as consequências, resolveu invadir a Bélgica, o que traz a Inglaterra para o conflito.

A Inglaterra não queria perder espaço e temia uma anexação alemã da Bélgica, uma França derrotada novamente, dotando o império Alemão como o “dono” da Europa continental. Esse fato daria fim ao comércio na região das manufaturas inglesas e tornaria a Alemanha, inexoravelmente, o império hegemônico. Assim, a Inglaterra, insistindo no valor humanitária de sua abnegada reação em prol da Bélgica¹⁴³, declarou guerra contra a Alemanha. Em poucos dias, a nação de Lutzenberger teve que guerrear contra praticamente um continente. A guerra começou em 29 de julho de 1914, com a declaração de guerra da Áustria contra a Sérvia, e não deveria se alastrar como ocorreu, pois, num piscar de olhos houve inúmeras frentes e, de fato, o conflito se generalizou no continente Europeu. A guerra foi, portanto, uma ação coletiva e desejada pelos principais líderes das nações da Europa.

O Velho Continente, mesmo antes da guerra, já se encontrava em ebulição. Os governos aumentavam seus orçamentos militares¹⁴⁴, incrementavam e estendiam o serviço militar obrigatório¹⁴⁵, sem se esquecer do nacionalismo exacerbado expresso nos jornais locais que inflamavam ainda mais a grave situação. E quem ataca primeiro tende a ter vantagens sobre o seu oponente¹⁴⁶. Pontualmente, uma nação declarava guerra contra a outra, não por desejo de

¹⁴²A França depois da derrocada de Napoleão I nunca mais teve o mesmo crescimento vegetativo, o que diminuiu o seu poderio militar e enfraqueceu a nação diante dos seus adversários.

¹⁴³Supostos abusos acontecem infelizmente em qualquer guerra, atos violentos e inaceitáveis. Não se trata de negar a virulência das ações alemãs, apenas restringir a dimensão e frequência dos relatos “autênticos” das crianças belgas atravessadas por baionetas, soldados crucificados e outras coisas bizarras. Até o historiador Toynbee (1917) contribui para esse folclore.

¹⁴⁴“Em seis anos, o orçamento naval francês passou de 4 e meio milhões de libras para cerca de 12 milhões; o orçamento russo de menos de 2 milhões para mais de 13 milhões! Era uma louca corrida aos armamentos ruinosos. No exercício 1913-1914, o orçamento total da marinha britânica atingiu a soma fabulosa de 1 bilhão e 312 milhões de francos” (GALTIER-BOISSIÈRE, 1936, p.169).

¹⁴⁵A França, “reconhecendo a sua inferioridade numérica, procurou equilibrar os maiores recursos humanos da Alemanha, introduzindo o serviço militar de três anos. Esta medida visava permitir, no início do conflito, uma mobilização de 3.300.000 de homens, para fazer frente aos previsíveis 3.800.000 do exército alemão” (MARTELO, 2013, p. 84-85).

¹⁴⁶“[...] mesmo depois do aperfeiçoamento das ferrovias, a plena mobilização das forças por parte europeia da Rússia ainda exigia 26 dias, enquanto na Áustria-Hungria seriam necessários 16 dias, e na Alemanha, doze. Essa

ganho, mas em prol das alianças e da responsabilidade diplomática. Desse modo, a declaração de guerra vinda da Inglaterra, em 4 de agosto de 1914, mexeu em particular com os brios de Lutzenberger: “Éramos sérios, quase festivos, ocupados com o amontoado de declarações de guerra, especialmente a Inglaterra” (LUTZENBERGER, 1929, p. 51). Isso causa estranhamento, pois não se preocupa mais com a declaração russa que trouxe, de maneira imediata, a França, local do início da sua epopeia militar na zona de Sarreguemines (nome francês) ou Saargemünd, como escreve Lutzenberger em suas memórias.

Minha ordem de mobilização foi expressa pelo batalhão substituto do regimento de pioneiros, eu deveria primeiro permanecer em Ingolstadt. Chegando lá, vivenciei as formidáveis impressões da grande mobilização, era imponente como todas as massas confluentes de homens e cavalos transformavam-se em belas tropas (LUTZENBERGER, 1929, p. 51)¹⁴⁷.

Lutzenberger, antes de iniciar seu percurso nos campos de batalha, pouco analisou a questão bélica, e suas raras palavras revelam o óbvio e a falta de habilidade e inteligência de grande parte de dirigentes que não souberam frear o processo, resultando no conflito generalizado que se conhece. E expressa seu remorso: “ninguém se dava conta, naquela época, o quão lamentavelmente desmiolada foi a condução diplomática nos bastidores do entusiasmo pátrio. Escutar ou ler isso, mais exatamente, foi uma das experiências mais amargas do período do Pós-guerra” (LUTZENBERGER, 1929, p.51). A verdade seria conhecida só mais tarde; agora os tempos eram outros; cessava o debate e iniciavam as rusgas.

Mobilizado, Lutzenberger esperou a logística do exército alemão se organizar. No quartel, passou um tempo em companhia dos colegas, e viu os primeiros feridos retornarem por trem. A angústia dele só aumentava, queria ajudar a pátria, ser útil eliminando os inimigos. A guerra para a Alemanha começou em 1º/08/1914 quando o Império Alemão declarou guerra ao Império Russo devido a sua mobilização total. Mas somente “em 22/09/14, após uma longa espera veio de repente a ordem para a imediata partida para o fronte” (LUTZENBERGER, 1929, p. 51). Lutzenberger entraria em ação, na condição de oficial, assumindo o pelotão do exército Bávaro, com 102 recrutas e, mais tarde, extraoficialmente, outro pelotão com 308 soldados granadeiros¹⁴⁸ ou independentes. Como oficial da reserva sem maiores ambições, ou

discrepância pressonaria ainda mais o Czar a ordenar a mobilização russa logo no início da crise daquele outono” (MACMILLAN, 2014, p. 362).

¹⁴⁷Sobre cavalos e sua importância para os exércitos, como no caso do exército alemão de então: “Os cavalos também eram reservistas. Seus proprietários deveriam registrá-los regularmente, de maneira que o exército soubesse o tempo todo onde os cavalos estavam” (KEEGAN, 2003, p. 89).

¹⁴⁸Sua origem remonta ao uso de granadas. Mas com o passar dos anos serve de denominação para uma tropa de elite ou especializada nos exércitos.

preocupações futuras por não ter descendência, lutou e desempenhou atividades similares às de capitão, cargo máximo a que fora designado.

Em seus relatos há a constante preocupação de enfatizar a sua elevação para o comando do grupo, posto mais alto, além de destacar ser bem-quisto por seus subordinados. Deveria ter amigos e não apenas subordinados, mas não cita nomes nem patentes. Nas descrições, os vê como uma massa contínua, homogênea. - “Eu fui o único, segundo o meu conhecimento, pelo menos dos comandantes bávaros de granadeiros que conduziu sua companhia do seu estabelecimento até sua dissolução” (LUTZENBERGER, 1929, p. 56). Mesmo com contato de muitos subordinados e superiores, devido às frequentes mudanças de companhias que lhe eram encaminhadas, em suas narrativas omite seus nomes, apesar das trocas constantes de recrutas que chefiava com afinco, conhecendo gente e lugares diversos, na França, e na Bélgica, em especial, países onde fica estacionado na maior parte do conflito.

Em seus relatos¹⁴⁹, explica não ter escrito um diário paralelo¹⁵⁰ a sua autobiografia, mas havia guardado papéis e fatos que priorizavam aspectos que não teriam a serventia pensada. Reconhece que seus escritos “contêm muitas notas detalhadas, amiúde incompreensíveis, pois pensei à época que as principais impressões fossem as permanentes” (LUTZENBERGER, 1929, p. 51). Estava equivocado, informando que, “a seguir, naturalmente as breves descrições foram dadas também apenas de memória – apesar do perigo de atentar contra os próprios dados de certas indicações do rascunho do diário” (LUTZENBERGER, 1929, p. 51). Reconhece que quer escrever uma nova rodada de experiências e prefere as lembranças mais positivas, admitindo que não tivera “um desempenho excepcional”, mas “devo confessar que a época da guerra, apesar dos momentos mais difíceis e, em parte, o maior fardo mental possível – pois a gente esquece, por sorte, o mais grave facilmente – pertence aos tempos mais belos e mais orgulhosos da minha vida” (LUTZENBERGER, 1929, p. 51).

Talvez se referindo aos camaradas em comum, pois destaca ter sido respeitado por seus subalternos e nunca ter abandonado um “posto”, um dos piores crimes para um oficial. Mesmo com o desempenho mediano, por volta de 1916 recebeu seu primeiro capacete de aço alemão (LUTZENBERGER, 1929, p. 57)¹⁵¹. Em 1917, por ter esse status escreve “um relatório

¹⁴⁹Por opção de trabalho, o texto a seguir sobre a participação de Lutzenberger na Grande Guerra é um apanhado geral de seus relatos e citações pontuais. Espera-se assim apresentar uma nova narrativa a partir de seus escritos pessoais, observando a prática de “interpretação contextual” proposta por Carneiro (2018, p. 34).

¹⁵⁰Em seu arquivo tivemos acesso a tais manuscritos e a uma série de documentos militares, guardados por Lutzenberger.

¹⁵¹A entrega ocorre entre 21/07/1916 – 07/08/1916 - Batalha de Verdun nas cercanias da vila de Fleury e no reduto de Thiaumont. Aqui lamenta: “entre cavalos mortos – um suposto cavalo morzelo era, de repente um cavalo cinzento quando um enxame de moscas levantava voo etc” (LUTZENBERGER, 1929, p.57).

pormenorizado sobre o efeito na tropa, daquela época, da oferta de paz do imperador. Alguns escreveram livros inteiros; eu apenas “impressão reunida: esperar!” [...] conclui logo em seguida, uma notificação” (LUTZENBERGER, 1929, p. 59). Outro reconhecimento vem na forma da Cruz de Ferro de primeira ordem, a sua mais alta honraria na guerra. Comenta a excepcionalidade ao receber do general von Godin a medalha fora do campo de batalha, situação inusitada dentre as normas da guerra.

Lutzenberger expõe o medo, e é franco ao reconhecer que teve muito, mas esclarece que nem sempre o pânico era proporcional aos eventos no campo de batalha: “Medo e pavor eram, a propósito, independentes do grau de perigo aparente” (LUTZENBERGER, 1929, p. 52). A relação mesmo não direta possuía as suas particularidades, e a espera poderia ser ainda mais penosa para ele do que o inimigo revidando, com barulhos ensurdecedores. “Oprimido e internamente angustiado, especialmente quando por vezes durante dias era necessária uma espera letárgica” (LUTZENBERGER, 1929, p. 52). Estende-se essa angústia por quatro anos, e imagina-se o que Lutzenberger deve ter vivenciado em trincheiras moribundas e fétidas. Com “roupas encharcadas, além da chuva e geada” (LUTZENBERGER, 1929, p. 60)¹⁵² constantes na fria Europa e que cobrava seu preço, deixando a saúde em frangalhos em virtude do acúmulo de dificuldades da guerra, mesmo com saúde de ferro reclama dos “enjooos com diarreia, das moscas” (LUTZENBERGER, 1929, p. 57)¹⁵³.

No início dos combates a mobilidade era costumeira como nas guerras antigas, os seus avanços e retrocessos contínuos, mas a Grande Guerra era diferente, e ao invés de avançar se cavava... Em território francês Lutzenberger amarga uma espera cruel, pois o alto comando alemão não entregara as distintas credenciais aos soldados que assim deveriam esperar as próximas ordens. Nesse meio tempo coube ao tenente não contemporizar a espera: “naquela época, porém, eu tinha pressa, eu queria ir antes de a guerra acabar, então, por iniciativa própria “me meti na França”” (LUTZENBERGER, 1929, p. 52). Essa era uma expectativa intensa e muito comum aos combatentes: antes do Natal todos estariam em casa, celebrando a vitória com os entes queridos. Nada poderia ser mais equivocado do que essa premissa equivocada. O próprio Lutzenberger reconhece que teve que esperar quatro longos anos para celebrar o natal em família.

Sua primeira ação no *front*, com um pequeno grupo de subalternos, foi perseguir um suposto comboio de abastecimento e mantimentos franceses. Investidas esta em “25/09/1914,

¹⁵²Em 22.09.1917 - batalha de outono em Flanders, 1917.

¹⁵³Evento ocorrido em 21.07.1916 a 07.08.1916 - Batalha de Verdun nas cercanias da vila de Fleury e no reduto de Thiaumont.

em Saint Benoix, na planície Woivre” (LUTZENBERGER, 1929, p. 52). Sendo abordado pelo comandante geral da tropa “von Gebsattel¹⁵⁴”, que reconhece mérito militar em sua iniciativa na busca por alimentos. Razão pela qual o oficial superior premia Lutzenberger com o comando deste destacamento, motivo de alegria para o soldado de primeira viagem. No dia seguinte, Lutzenberger tem o primeiro contato com os escombros da guerra, e observa a destruição em um campo abandonado em St. Mihiel junto ao rio Mosa.

Encontrou o capitão *Freiherr*¹⁵⁵ (Barão) von Stengel, bom jogador de xadrez, mas suave muito na testa. Em St. Mihiel (domingo, 27/09/1914), adentrou mais em solo francês, inspecionou a localidade abandonada e se compadeceu com a igreja destruída por uma granada. “No interior, com as elevadas cúpulas do hall parecia o apocalipse” (LUTZENBERGER, 1929, p. 52). Nem se abalou quando, de relance, deslumbrou um cavalo solto vindo em sua direção, motivo da mudança de humor, “eu me alegrei por um momento quando vi correr por mim, numa rua abandonada, um cavalo – estávamos, apesar de sermos oficiais cavaleiros, sempre à caça de cavalos, selas etc” (LUTZENBERGER, 1929, p. 52). A satisfação é momentânea ao se deparar com as tripas expostas do pobre animal e, aos poucos, a selvageria da guerra mostrava a sua face. Mesmo confessando até ali, não ter visto muito do conflito, em parte salvaguardado pela artilharia alemã que mantinha a resistência francesa a distância, lamenta “uma espera desoladora pela próxima batalha” (LUTZENBERGER, 1929, p. 52).

A tranquilidade dura pouco, pois, na mesma região, foi ferido: “um estilhaço me cortou direta a dobra sobre os olhos, sangue abundante para fora do capacete” (LUTZENBERGER, 1929, página não numerada, entre páginas 53 e 54 do original). Então, Lutzenberger ficou atordoado e se perdeu da tropa. Dado como morto, retornou para a companhia de seus homens mais vigoroso do que antes. Teve, assim, os primeiros contatos com os inimigos que lutavam em nome da pátria, do respeito e das virtudes humanas. Esses eram exatamente os mesmos motivos que moviam Lutzenberger e motivavam seus inimigos. A Grande Guerra na França teve um emaranhado de trincheiras crescentes com a escalada do conflito, fato que pode ser considerado uma das grandes razões para a guerra perdurar. Lutzenberger relata outro evento em que foi ferido por outro francês. O sangue jorrou mais uma vez, mas não se abalou, retornou com dificuldade para o seu lado: “leve horas para passar os poucos metros rastejando, rolando e pulando” (LUTZENBERGER, 1929, página não numerada, entre páginas 53 e 54 do original). Em outra ocasião, quando vagava na região de Würtemberger (Alemanha), por estar usando o

¹⁵⁴Ludwig von Gebsattel 19.03. 1914 promovido a general de cavalaria e comandante geral do III Corpo do Exército (LUDWIG_VON_GEBSATTEL, 2021).

¹⁵⁵Equivalente ao título de Barão. Em 1919 na Alemanha republicana, os antigos títulos nobiliárquicos são convertidos em sobrenomes.

sobretudo do exército da Bavária, sem insígnias para facilitar o combate corpo a corpo, mantendo somente a identificação militar no quepe, foi considerado suspeito de crime de espionagem, e pela primeira vez foi preso por esse crime, e se entregou sem resistência. Mas apenas um telefonema, mais tarde, o libera, e ele relembra o fato com graça: “Até aqui a coisa ainda parecia ser escrita num traço no ano de 1929, então permaneceu – presumivelmente por causa da doença – na boa intenção” (LUTZENBERGER, 1929, página não numerada, entre páginas 53 e 54 do original). Sua autobiografia é deixada de lado por um bom tempo e não se preocupa em continua-la. Seriam necessários vários anos para retomar a tarefa pessoal de contar o que viu, como viu e o que quer deixar para os descendentes:

Agora, fevereiro de 1937, enquanto mulher e filhos estão nas férias de verão, eu quero usar o tempo disponível para a continuação. O mundo continuou a girar, e muito do que restou foi quase esquecido, agora eu quero ser sucinto e trazer mais dados do que narração. Para os trechos do tempo da guerra, as designações oficiais de batalhas valerão como títulos (LUTZENBERGER, 1929, página não numerada, entre páginas 53 e 54 do original).

O tempo passado e o distanciamento dos eventos militares fizeram o arquiteto transparecer alguns pontos, pois muda o modo de relatar as vivências na guerra. A modificação no ato de escrever, vinda com o tempo, foi o receio de tudo esquecer, pois havia abandonado sua autobiografia iniciada em 1929, cuja retomada ocorreu apenas em 1937. Nesse momento, precisou pontuar a realidade e comentar os primórdios da guerra, que não tinha começado propriamente em 1914, devido à precariedade das ações do exército alemão, ainda não preparado para o conflito por causa da velocidade dos eventos e, possivelmente, a sua monta colossal, numa escala continental. Muitos acreditavam, e Lutzenberger era um deles, que a pugna seria mais uma “luta de opinião entre ambos os lados das tropas de elite era diante do efeito da propaganda de ódio ainda mais nobre, mas sim mais dirigidos aos homens valentes e às bravatas pessoais” (LUTZENBERGER, 1929, p. 54).

Lutzenberger retomou os seus relatos militares, dando destaque aos períodos e às localidades por onde passou: “26.09.1914 a 31.12.1914 – Lutas em St. Mihiel – 3ª Companhia de Pioneiros do Campo, 3ª Tropa do Exército Bávaro” (LUTZENBERGER, 1929, p. 54). Nesta região, construiu-se “no meio de St. Mihiel uma sólida ponte de madeira sobre o Mosa” (LUTZENBERGER, 1929, p. 54), para facilitar a chegada de soldados do exército alemão que adentrava em solo francês. Outras pontes foram construídas com a intenção de desperdiçar a munição dos franceses, que gastavam tempo e energia na destruição inútil.

Sabe-se que na guerra a mentira tem o mesmo valor da verdade. Naqueles três meses, Lutzenberger conseguiu a confiança de seu superior e novamente se tornou uma espécie “de 2º

comandante de companhia ao lado do capitão, que gostava de “organizar” a retaguarda, em cuja longa ausência na companhia, ter me tornado primeiro chefe de tropa, me encontrei ao lado do reconhecimento da infantaria e da brigada (E.K. II)¹⁵⁶” (LUTZENBERGER, 1929, p. 54). Recebeu a primeira condecoração militar, referente ao período de 02/01/15 a 06/10/15 – Bois Boulé, e nos Altos de Apremont (Cotes Lorraines), 1ª Companhia de Pioneiros do Campo. Enfatiza o fato de ser o 2º em comando, mas é transferido para essa zona de guerra de verdade, pois seu superior mal tinha forças para se manter na liderança: “se acreditava que o real comandante da 1ª Companhia de Pioneiros do Campo, capitão Retter, estava no fim de suas forças. Porém, ele aguentou ainda por meses, tanto que eu só cheguei à posição dele na primavera, no pior momento, eu fui chefe de tropa” (LUTZENBERGER, 1929, p. 54).

Em algum momento, naquela localidade, Lutzenberger realizou tarefas que sua filha Magdalena repetia serem as principais desempenhadas por seu pai guerreiro no conflito. Na condição de engenheiro era o responsável pela construção das bases dos imensos canhões, e outras atividades específicas deste ramo¹⁵⁷.

Oito dias mais tarde estava tudo lá, triturador de pedra e betoneira, motores e ferrovia de campo, cimento e ferro etc. etc. Então eu criei na floresta uma pedreira e área de atividades e fiz pedras esculpidas, que, ligadas com ferro segundo planos próprios especiais, foram construídas nas primeiras linhas para lugares de observação e altas bancas militares (LUTZENBERGER, 1929, p. 55).

O que era para ser lógico fuge um pouco das demais atividades bélicas que Lutzenberger desempenhou, e são bem mais complexas e mortíferas, infelizmente. O que nos leva a divergir da opinião e argumentação dadas por sua filha Magdalena e pelo colega Fernando Corona¹⁵⁸, pois ambos julgavam que Lutzenberger jamais teria o ânimo necessário para matar alguém, e sua atuação era restrita à atividade técnica de engenheiro com a construção de sapatas, ou base, para os canhões. Infelizmente, essa ideia de soldado engenheiro não é plausível, pois a guerra exige ações violentas e demanda a matança, como mostram as evidências. Em solo belga, Lutzenberger passou a maior parte do ano. Sua arma era, de fato, a artilharia, mas mudou vez e outra ao longo da guerra para a infantaria, essa mais afeita à luta corpo a corpo, evento raro,

¹⁵⁶ *E.K.II, Eisernes Kreuz II Klasse*, Cruz de Ferro de Segunda Classe. (N.T.)

¹⁵⁷ Keegan (2003) por duas vezes menciona (p. 91; 95-6) o colossal morteiro Krupp de 420 mm transportado de trem. A segunda versão desmontável era transportada pela estrada, e utilizando uma base de concreto, acessório em que vinha o armamento. Fica em aberto a existência, se houve outro modelo menor que carecia tal suporte de concreto. Certamente, pelas dimensões do canhão, Lutzenberger o mencionaria.

¹⁵⁸ Colega do IBA e membro ativo da crescente network de Lutzenberger em Porto Alegre. Sua opinião é fruto dos seus relatos sobre Lutzenberger. “[...] onde calculou as bases de concreto dos famosos canhões Berta. Não foi combatente e muitas vezes me disse que teria sido muito triste para ele se o tivessem obrigado a disparar um tiro contra o inimigo que não era dele” (CORONA, 1977, p. 159).

pois logo em seguida as batalhas foram de posição, ou praticamente estáticas: “em fins de 1914 terminaram as escaramuças e a guerra de movimento” (HOGG, 1978, p. 48). Especialmente na França e Bélgica, na frente ocidental alemã começa-se a cavar as notórias trincheiras. Até meados de 1915, Lutzenberger reclama que a guerra estava recém começando, pois faltava a logística, como no caso das credenciais, os traslados e até mesmo o armamento, “amadorismo” nas granadas de mão utilizadas por sua Companhia: “latas de conserva pelos próprios, onde o pioneiro, com o cigarro na boca – para acender a granada de mão – atacava, que deitado e de joelhos avançando nas trincheiras de ligação” (LUTZENBERGER, 1929, p. 54). Outra explicação para esse atraso é o fato de que “os exércitos beligerantes começaram a lutar em 1914 sem ter ideia clara do tipo de conflito que eram chamados a travar” (FULLER, 1966, p.302), longo e estático.

Figura 15 – O orgulhoso oficial Lutzenberger



Fonte: Arquivo Lutzenberger, 1915.

As trincheiras eram um modo de proteger os soldados e suas posições. Cada exército teria a sua não muito distante da trincheira inimiga, e entre elas, esse verdadeiro fosso, compreendido entre as linhas inimigas, conhecido como terra de ninguém. Essa faixa poderia ser, em alguns casos, extremamente longa com três quilômetros de distância do próximo

inimigo ou conter não mais do que alguns metros (FARREL, 2018, p.27)¹⁵⁹, sendo possível ver as expressões e ouvir os soldados falando e intimidando seus oponentes. “Em outro túnel escutam os franceses” tal era a proximidade do inimigo (LUTZENBERGER, 1929, p. 55)¹⁶⁰. A terra de ninguém lembrava um ambiente lunar devido às inúmeras crateras de diferentes dimensões que denunciavam a potência, a frequência e o ânimo da artilharia¹⁶¹, função de Lutzenberger que preparava os canhões, pois ele havia originalmente sido treinado como artilheiro, mas, em decorrência dos ritmos e das necessidades da guerra, trocava de função, sendo cedido com frequência para a infantaria, algo comum em sua trajetória na guerra. Operava como “pioneiro que tinha que se antecipar na tempestade, ele fornecia a construção de instalações, ele tinha todos os novos, muitas vezes estúpidos meios de combate corpo a corpo, que vinham de trás como novas invenções, experimentavam e ensinavam para a infantaria” (LUTZENBERGER, 1929, p.55)¹⁶². Soma-se a isso o lodo, os restos humanos e de animais em decomposição, além dos soldados abandonados à própria sorte, ainda vivos, moribundos. As trincheiras poderiam variar nas acomodações, com vários níveis e iluminação e até algum charme para o alto oficialato, ou apenas tocas cavadas às pressas para proteger os soldados das bombas e das intempéries. Ratos, pulgas, piolhos e toda sorte de presença inconveniente acometiam aqueles que precisavam estender a sua estada nessas verdadeiras pocilgas. Para além do nervosismo inerente à guerra, caberia ao soldado ter algum asseio e cuidado próprio, mas a higiene não era questão observada. A prioridade era não morrer e se manter pronto até a próxima ofensiva, que poderia esperar alguns dias ou o cessar fogo temporário numa falsa sensação de repouso. A segunda prioridade do combatente que saía ileso das pugnas era seguir no firme propósito de aniquilar aqueles à sua frente; sobreviver e matar eram as tônicas dos soldados, e Lutzenberger protagonizou essa existência por longos quatro anos.

A dita guerra amadora não seria a tônica devido ao empenho dos maiores cientistas-capitalistas, no que viria a ser denominado de esforço de guerra, em que todas as energias nacionais deveriam ser direcionadas para o extermínio do inimigo, causando o fim das hostilidades. Mentas privilegiadas e altivas não fugiram as suas obrigações, e o patriotismo falou mais alto, bem mais alto. O cenário anterior à guerra era repetido e mantido em constante

¹⁵⁹O mesmo autor comenta que as trincheiras na Europa se estendiam por mais de dois mil quilômetros, por mais absurdo que pareça essa medida, partindo do interior da França num emaranhado de trechos interrompidos até o litoral.

¹⁶⁰ Em 07/10/1915 até 06/12/1915 na província de Lause-Champagne (*França*).

¹⁶¹ Quando não estava cedido à infantaria, algo comum em sua trajetória na guerra, deveria ser esta a função prioritária de Lutzenberger, preparar os canhões, mas em seus relatos isso foge à regra.

¹⁶²Relato que compreende o período de 02/01/15 a 06/10/15 - Em Bois Boulé e nos Altos de Apremont (Cotes Lorraines) 1ª Companhia de Pioneiros do Campo.

alerta para intensificar o empenho e gerar mais ódio em relação aos inimigos, e jamais deveria baixar a guarda nos locais onde o conflito não ocorria:

Os homens de ciência e os peritos de toda a casta, trabalharam noite e dia nos gabinetes e laboratórios estudando, ensaiando e experimentando, novos e mortíferos engenhos de guerra; tais como aviões cada vez de maior capacidade, canhões de calibres monstros e de alcances formidáveis, gases tóxicos, asfixiantes e lacrimogênicos, líquidos incendiários, nuvens de fumo, e cortinas espessas de nevoeiro artificiais (BRANCO, 1936, p.66).

Como se costuma dizer, só não existe aquilo que ainda não foi imaginado, e a necessidade é a mãe da inventividade. A Guerra demanda criatividade, qualidade rara, o que o visionário francês Júlio Verne possuía em quantidade, inserido no texto como testemunha de suas visões que anteciparam e ajudaram a moldar as mais perversas tecnologias de guerra.

Por exagerado que tenham parecido aos seus conterrâneos as ficções de Júlio Verne no que respeita a meios de guerra, menos de meio século decorrido e as suas previsões estavam realizadas e mesmo, muitas vezes excedidas (JACOBSON; ANTONI, 1938, p. 175).

Nas obras literárias de Julio Verne constata-se a projeção do uso de imensos morteiros, gases tóxicos, carros de assalto e um dos campos que mais avançou foi a aviação militar. O projetista e fabricante holandês Anthony Fokker teve acesso a uma aeronave francesa que contava com a mais importante inovação para aquele equipamento até então, pois trazia à frente do piloto metralhadoras que cuspiam fogo. Essa novidade aumentou muito o êxito nos confrontos aéreos e dispensava a carga extra, o copiloto, anteriormente responsável pelos disparos. O aparelho em questão pertencia ao astro internacional da aviação, Roland Garros. Esse caiu nas linhas alemãs e não tendo tempo para destruí-la a aeronave foi levada para o projetista Fokker que não perdeu tempo nem a oportunidade para dotar a Alemanha de uma tecnologia mais segura e eficiente.

Para aquilatar seu talento, basta dizer que o invento francês e a metralhadora Parabellum lhe foram entregues numa terça-feira à noite e, na sexta-feira seguinte, regressava ele a Berlim com o primeiro interruptor de tiro adaptado a um avião (JOHNSON, 1966, p. 14).

A economia de bala seria substancial e os projéteis que ricocheteavam na hélice blindada eram coisa do passado, tal o empenho e as facilidades que os projetistas tinham em melhorar as mortais tecnologias empregadas no conflito. A Alemanha passou a França nesse quesito, mas a alternância era constante na guerra, pois cada nação tentava suplantar bélica e tecnologicamente sua rival. Branco (1936) relata que ausentes do *front* as mulheres assumiam as posições nas cidades anteriormente ocupadas, em sua maioria, pelos homens. Era o esforço

pleno das nações envolvidas no conflito. Isso incluía ocupar até mesmo as fábricas e uma infinidade de trabalhos outrora de predomínio masculino.

Devido à longa duração, e contando com vários atores, a Grande Guerra era um laboratório a céu aberto para testar a tecnologia emergente, representando a esperança de varrer o inimigo de vez. A indústria seria uma parceira vital que visava lucro, enquanto as nações preferiam mais mortes.

Existe o enxame de especuladores que rodeia os fornecedores na esperança de participar dos lucros dos outros e tirar proveito, se a sorte lhe for favorável, de uma febre de especulação que eles próprios contribuem para tornar ainda mais perigosa. Essa foi a situação criada pela primeira guerra mundial (LEWINSOHN, 1942, p.306).

Outro ato revolucionário refere-se aos tanques, em sua nomenclatura formal, os Blindados (ALVES, 1964), que apossavam os habitantes das trincheiras. Além disso, como novo modo de castigar o inimigo e aniquilá-lo cruelmente, o uso dos gases mortíferos foram utilizados pela primeira vez pelo lado de Lutzenberger que fez dois cursos para seu uso, afastando-se do cenário de guerra por intervalos curtos.

Figura 16 – Aquarela de Lutzenberger retratando máscara antigases (1/05/1917)



Fonte: Arquivo Lutzenberger

“Nesse meio tempo, pelo menos nas outras partes do *front*, a luta com gás tornou-se realidade e eu fui enviado a Berlim para um curso sobre gás, que me interessava menos do que

a conhecida cidade de Berlim etc.” (LUTZENBERGER, 1929, p. 54)¹⁶³. Ele repetiu a dose e fez “um curso de gás em Colônia” (LUTZENBERGER, 1929, p. 56)¹⁶⁴, e tal foi a sua capacitação que se autointitulou “um tipo de superior-do-gás-fedido da divisão” (LUTZENBERGER, 1929, p. 56). Certamente, a sua perícia com o gás ocasionou mortes entre os franceses, os belgas, os ingleses etc.

Essas fugidas do campo de batalha eram para Lutzenberger missões oficiais compulsórias. Portanto, sem culpa, mas por qualquer outra razão encarada como um desvio do esforço de guerra e as saídas do conflito por interesses pessoais recriminadas: “nos víamos forçados quase que diariamente a recusar pedidos do pessoal por férias quase sempre justificados, que quase nos constrangíamos em aprova-las para nós mesmos” (LUTZENBERGER, 1929, p. 59)¹⁶⁵. No retorno para casa era recebido como herói e patriota alemão por amigos, vizinhos e familiares. Ocasões como essas em que se espera algum tipo de crítica ou recriminação por escolher as armas como forma de solução para os conflitos, mas, pelo que se constata, era o oposto que acometia as nações e os não combatentes. Para entender essa insanidade coletiva e social é preciso observar o conceito de *Fronte Doméstico*.

Nesse sentido, o dito esforço de guerra era um conceito bastante incipiente, uma ideia vaga que não nutria o engajamento ou o aumento da consciência patriótica. Contudo, essa vaga ideia estava por mudar. A Grande Guerra inovou ao alicerçar definitivamente o conceito de *Fronte Doméstico*, “utilizado como sinônimo de mobilização de uma nação inteira e indica novas relações entre o *front* e o núcleo do país, as duas “zonas de guerra” que necessitavam ser mobilizadas” (SCHWARZ, 2005, p. 159). Todos são levados a engrossar as filas de patriotas¹⁶⁶ e agentes ativos no esforço de guerra, o que aumenta a participação feminina, desmistificando que as guerras seriam uma exclusividade masculina e, Schwarz (2005) é enfático neste ponto.

Diante da atraente terminologia – “*Fronte Doméstico*”, vozes foram obrigadas à omissão, silenciaram para não serem consideradas traidoras. Se o senso crítico e a aversão à guerra eram raros, aos poucos as mentes relutantes diminuía os protestos, antes ou durante a Grande Guerra. Essa situação ajuda a entender a loucura social que acometeu os países envolvidos no conflito. Lutzenberger não estava só em seu patriotismo assassino, muito menos isolado como militar, a sociedade o apoiava, o elogiava. O ato de usar uniforme, passear e

¹⁶³No começo do conflito, entre 02/01/15 a 06/10/15 - Bois Boulé e nos Altos de Apremont (Cotes Lorraines) 1ª Companhia de Pioneiros do Campo.

¹⁶⁴Compreende o período de 08/12/1915 a 27/12/1915 - Bosque de Aprémont e Ailly.

¹⁶⁵Período impreciso de 05/05/1917 até 20/05/1917 – batalha da primavera junto a Arras e em seguida 21/05/1917 a 07/09/1917 - lutas de posição na Flanders francesa e Artois.

¹⁶⁶Até os representantes socialistas se entregam a esse apelo e votam contrariados dos constantes aumentos dos créditos militares, nas diversas assembleias legislativas da Europa. A guerra não tem opositores à altura.

retornar para casa com fardamento era bem-visto, e reforçava o empenho em casa. Assim, era poupado de ouvir apreciações e, para piorar as coisas, era incentivado a voltar com ânimo restaurado aos campos de extermínio mútuos.

A crítica sobre a atividade de matar está ausente em seus relatos autobiográficos referentes à guerra. Lutzenberger coloca panos quentes ao escrever para os filhos, e pelo que se percebe não se sente culpado de seus incidentes no conflito. Certamente, é polido e reservado no uso de palavras, e nas sentenças que cria. O que não impossibilita a presença de uma ou outra palavra, expressão de baixo calão, que raramente aparece no texto. Suas descrições são amenas no que tange à matança que se seguiu na Europa e teve participação ao presenciá-la em primeira mão. A impressão do texto biográfico de Lutzenberger de ser menos pungente e enfático é reforçada quando comparada com as demais autobiografias¹⁶⁷ lidas e que abordam as ações de seus protagonistas no *front*. Essas autobiografias têm o efeito catalizador de apontar os erros e exageros cometidos, e, geralmente, são revistas como atitudes sem sentido. Isso é notório nos outros autores que refletem amarguradamente sobre os seus atos individuais perpetuados no conflito, algo ausente na narrativa pessoal de Lutzenberger, que pode esperar o tempo e amadurecer seu ponto de vista sobre suas ações pregressas. Quando não aprendemos as lições do passado estamos encaminhados a sua nova ocorrência, pois, cabe lembrar que Lutzenberger, praticamente, redigiu seu texto sobre a guerra, em 1937, e mal sabia ele, portanto, que estavam todos às vésperas da Segunda Grande Guerra Europeia e Mundial.

Outra questão que salta aos olhos, em sua autobiografia, são os seus comentários por alto das baixas, as mortes em suas companhias, mas sempre com números soltos, sem muito critério – eram de 300 homens e 280 ficaram vivos etc., etc. Demonstra, portanto, mais uma realidade estatística, pois discrimina aqueles que morreram, parece que não tem um amigo ou irmão camarada que mereça destaque, algo do tipo: [- Fulano de tal morreu, isso me magoou]. Prefere não individualizar a dor, nem a sua própria. Sobre as vítimas não civis mostra-se um pouco seco e indiferente, exceto no relato sobre a destruição na França.

[...] eu retornei novamente para o Ferme. Lá uma velha francesa, que por último caiu amplamente de joelhos, com muita gritaria, diante de mim, queria e não queria ir embora. Nós já a conhecíamos, nós a deixamos em paz, rebelde contra as ordens e a alimentar-se, ela havia jurado permanecer junto ao túmulo de seu marido morto – cemitério e igreja eram há muito tempo um campo de crateras e um amontoado de pedras – e estranhamente a sua casinha era próxima ao lado praticamente intacta (LUTZENBERGER, 1929, p. 65).

¹⁶⁷Piccolo (1934) transmite a repulsa em relação aos piolhos e as relações homoafetivas; Renn (s.d.) refere o mal-estar de avançar em cidades na Bélgica e o medo eterno dos franco-atiradores, constatado em seus relatos “estava nervoso, ansioso”. Lintier (1957) a preocupação com as mortes que possa causar; Satto (2015) o fato de não saber o que estava fazendo lá. Sanmartin (1957) pensa o mesmo quando se dá conta de que não é reconhecido como um italiano.

Lutzenberger prefere expor outras facetas, comentando sua atividade como artilheiro, que sabe das consequências de seus atos, mas considera apenas casualidades. Os mortos são ignorados ou olhados de maneira rasteira:

[...] depois de ter achado, na primeira parte, muitos ingleses mortos, mas raramente um alemão, com os feridos, enfiávamos a arma, passando por eles, com a baioneta ao contrário no solo, para fazê-los mais facilmente visíveis – agora já mais frequentes em certo número – mortos (LUTZENBERGER, 1929, p. 66)¹⁶⁸.

Ao longo da guerra não só a tecnologia se modificou, mas as técnicas militares foram aprimoradas. A artilharia mudou constantemente a dinâmica de seus ataques, incrementando os objetivos devastadores. As armas ficavam mais pesadas e seu poder destruidor maior, e o esforço de guerra produzia mais opções e estratégias. Apoiado na guerra antiga, de avanço desordenado da infantaria, do choque corpo a corpo, e do lançamento de bombas a esmo, a realidade mudava, pois era preciso ter maior competência nos tempos de trincheira, de guerra estática, fato esse que levou ao aprimoramento do uso dos arcabuzes e morteiros. A racionalidade ganha evidência, se pensa, se espera e só então se age. Em especial para ocupar a terra de ninguém, quando os alemães mudam os tradicionais bombardeiros ilimitados para a precisão de segundos e com horário “fixo”, os petardos respeitam intervalos precisos e predeterminados, numa coreografia ensaiada com a infantaria:

[...] a *Feuerwalze*, pela qual todos estes grandes ataques ficaram conhecidos, era um tiroteio da artilharia num, antecipadamente determinado, exato minuto, tanto que a própria infantaria atrás desta parede de fogo, em primeiro lugar, geralmente avançava quase sem resistência (LUTZENBERGER, 1929, p.61)¹⁶⁹.

Era possível o avanço da infantaria¹⁷⁰ que seguia à risca o plano traçado, chegando às barbas do inimigo obrigado a se proteger da imensa quantidade de projéteis lançados incessantemente em sua direção. Tem-se uma guerra que se arrasta de maneira indeterminada e cada lado julga que seu inimigo desistirá primeiro. Os sinais são evidentes nos combatentes de todas as nações, o preço da guerra chegara a patamares nunca pensados, a expressão vitória

¹⁶⁸Vivenciado entre 21/03/1918 – 29/03/1918 – na grande batalha de Boyelles e Boisy (França).

¹⁶⁹A técnica incorporada perto do final da guerra nas datas em destaque de 07/02/1918 a 20/03/1918 – lutas de posição em Artois e marcha para a grande batalha na França.

¹⁷⁰“Primeiro, novamente nova posição antes de Armentières, desta vez do outro lado dos portugueses – porém não vi nenhum” (LUTZENBERGER, 1929, 61). Guardadas as devidas proporções, o português em breve seria o idioma predominante de sua vida e descendentes.

de Pirro¹⁷¹ não se aplica mais, pois todos eram igualmente derrotados. Em um resumo rápido, Lutzenberger dá mostras do atoleiro em que a Alemanha e seus exércitos estavam entrando.

Apenas o humor geral, soldados de licença voltavam da pátria, na maioria dos casos, aborrecidos, começou a afundar. A alma do exército encontra-se geralmente no estômago e este estava sempre vazio, ainda que à tropa do fronte – ao custo da pátria – era dado o que ainda era possível. Fomos inundados no Natal de 1914 com ofertas voluntárias quase ao ponto do desperdício, assim houve no Natal de 1917, por exemplo, um cachimbo para um, um pacote de tabaco de mascar para outro, um bloco de notas para um e um lápis para outro e assim por diante, mas ainda muito em comparação com a miséria na pátria (LUTZENBERGER, 1929, p. 61)¹⁷².

A primeira nação a sair do conflito foi a Rússia, desolada internamente, reflexo do incapaz reinado de Nicolau II, igualado por Kerensky¹⁷³ a frente da república criada às pressas. Isso deu novo fôlego à Alemanha que pôde, então, direcionar suas energias na frente ocidental. Após adentrar na França, em 1917, Lutzenberger lá permaneceu até o fim da guerra, e, de 07/02/1918 até 20/03/1918, em Artois. Preparava-se para a grande batalha [final], na França, assim desejavam os seus superiores. A marcha foi retardada, e novos relatos, em 21/03/1918 até 29/03/1918, evidenciam as grandes batalhas na França – combate em Boyelles e Boisy. Lutzenberger escreve: “então veio, com o melhor tempo, a marcha para frente aos solavancos, através do fogo selvagem da artilharia, através das muitas tropas e tropas de prisioneiros, uma das muitas imagens das batalhas” (LUTZENBERGER, 1929, p. 61). A luta segue acesa, mas poupa o leitor de maiores detalhes, apenas cita “02/04/1918 até 09/04/1918 – lutas de posição em Flandres 10/04/1918 até 15/04/1918 – lutas em Ipern – Bogen 23/04/1918 até 01/05/1918 – descanso atrás do 4º exército” (LUTZENBERGER, 1929, p. 61). Nesse período, a situação não se abrandava, fica irritado com a falta de ordens, até um “*Blücher*”¹⁷⁴ confuso presente no campo de operações

Ordens secretas sobre ataques, marchas de mentira carregando o equipamento completo durante o dia e retornando à noite etc. etc. mantinham em constante tensão. Mesmo o alto comando parecia nervoso, queria aparentemente tomar Ipern, mas não estava claro sobre o local (LUTZENBERGER, 1929, p. 63).

¹⁷¹“Vitória que é conquistada por meio de um alto preço; vitória que representa uma derrota, em que os prejuízos superam os benefícios da conquista (VITÓRIA-DE-PIRRO, 2021).”

¹⁷²Lutzenberger descreve essa situação no final de 10/10/1917 a 06/02/1918.

¹⁷³Alexander Fyódorovich Kerensky – segundo Ministro-Presidente do Governo Provisório Russo a assumir a república russa após a queda da monarquia dos Romanov. Governou de 21/06/1917 a 7/11/1917, e errou ao exigir que a Rússia voltasse a combater na Grande Guerra, perdendo assim o apoio das massas, sendo destituído pelos bolcheviques.

¹⁷⁴*Preußischer Feldmarschall*, isto é, Marechal-de-Campo prussiano (N.T.)

Nessas idas e vindas sobre qual flanco aproveitar para maior efetividade, ele pôde vislumbrar, não longe dali, pois,

[...] fui para Ostende, por acaso no dia após o famoso ataque inglês ao nosso submarino e pude ver com isso com calma os navios ingleses sacrificados. Então pareceram haver desistido do ataque a Ipern, mandaram-nos para o Sul, junto ao Maas, à direita de Verdun (LUTZENBERGER, 1929, p. 63).

O último ano da guerra cobrava mais e mais o seu preço devido ao bloqueio naval imposto à Alemanha pela Inglaterra, e os alemães se jogaram numa tática suicida para liberar os mares. A fome e suas consequências eram sentidas à exaustão na Alemanha, levando à morte milhares de civis. A Alemanha reagira, impondo a guerra submarina total, afundando indiscriminadamente qualquer embarcação que cruzasse o oceano Atlântico. As mudanças de tática naval apertaram ainda mais o cerco, criando mais inimigos do que aliados, fato que contrariou o Brasil e o fez declarar guerra à Alemanha, em 26 de outubro de 1917, o que trouxe uma gama de reações e retaliações contra os teutos na região Sul do país. Isso também fomentou a entrada dos E.U.A na guerra¹⁷⁵, o que seria a pá de cal para os sonhos de vitória, pois pouco restava para Lutzenberger e sua pátria. A guerra continuou, e Lutzenberger comenta algumas mortes “anônimas”. Ainda que ele se desloque para Verdun¹⁷⁶ em 12/05/1918 e lá ele permanece até 12/07/1918, mas pouco restava para a máquina de guerra alemã, a derrota definitiva se aproximava e era inevitável. Após sua estada em Verdun, se prepara para se afastar novamente da guerra, pois pouco tinha a fazer.

Não aconteceu mais nada depois, assim eu fiquei quase 3 semanas no lugar do comandante dos pioneiros para o comando da divisão, e presenteei a 6ª Companhia de Granadeiros para alguns dos meus antigos homens, cuja atividade de liderança pensei através do subir e conduzir num dos meus cavalos – que me alegro ainda hoje pelo cavalo – e ficou alguns dias incapacitado para o serviço (LUTZENBERGER, 1929, p. 64).

No final da guerra, Lutzenberger é deslocado para atividades administrativas e torna-se seu próprio chefe, tendo uma vida militar mais tranquila:

Já aqui, imediatamente parece que minhas atividades de pintor ou costureiras foram descobertas pela divisão do Estado-Maior, eu deveria fazer um certificado de honra para rendimento superior – os melhores já haviam retirado há muito tempo suas medalhas – e alguns cartões humorísticos – eu já havia feito a tempo uma companhia de cartões para os *M.W.6.*¹⁷⁷ – para

¹⁷⁵Que abandona a neutralidade em 6 de abril de 1917, que se preparava de longe dos embates e com grandes efetivos.

¹⁷⁶Cidade fortificada na França com as maiores matanças na Grande Guerra, totalizando mais de 1.000.000 de soldados mortos, em diversas batalhas. Embora o número significativo de mortos, do ponto de vista amplo do conflito não foi determinante para o desfecho da guerra, confirmando a insensatez do cotidiano europeu por quatro longos anos.

¹⁷⁷6º Granadeiros. (N.T.)

fazer a reprodução através de coleção de cartões da divisão, recebi ainda a prova de impressão deles. Para execução não dava mais, foi novamente retirado (LUTZENBERGER, 1929, p. 64-65)¹⁷⁸.

Figura 17 – Cartão postal produzido por Lutzenberger para o Exército Alemão



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Nos estertores do combate, em sua autobiografia, Lutzenberger faz referência retrospectiva ao ano de 1917, e reproduz a avaliação de seu empenho realizada por três superiores. A boa vida, afastado do conflito, acabou e retornou mais uma vez à França, de 14/08/1918 a 27/08/1918, e 28/08/1918 a 16/09/1918 – quando se desloca para as batalhas de retirada de St. Quentin e Roye. Conforme seus relatos, tudo estava mais complicado e difícil para a Alemanha.

Para mim pessoalmente o dia 26.08.1018 tornou-se um dia negro. Me chamaram para a divisão e informaram lamentosamente, que, segundo ordens do exército, as grandes companhias de granadeiros seriam distribuídas diretamente na infantaria. É verdade que o comandante da divisão gostaria de manter suas *M.W.K.*¹⁷⁹ o máximo que pudesse, o fez de fato contra as ordens ainda por um mês, mas o estado de espírito tinha acabado. Ainda havia a retirada a fazer, apesar de gradualmente, em longas etapas, não era uma fuga, muitas vezes com contra-ataques e sempre seguindo ordens. Minimamente, poucos, grandes ataques inimigos nos seguiram, procuravam sempre os lugares mais fracos e nós íamos na maioria das vezes de volta sem razão

¹⁷⁸Fernandes (2016, p. 5-6) comenta o uso de tais habilidades artísticas dos combatentes como testemunho do conflito.

¹⁷⁹ *M.W.K.*, *Minenwerfer Kompanie*, Companhia de Granadeiros. (N.T.)

aparente pois toda a linha retornava e, a propósito, ainda estava mais distante da fronteira (LUTZENBERGER, 1929, p. 65-66).

As dificuldades aumentam e a Alemanha agoniza, em casa, com a fome, e no cenário de guerra com os soldados, recebendo ordens contraditórias e confusas, no período de 17/09/1918 a 09/10/1918, na batalha de defesa entre Cambrai e St. Quentin. “Na realidade, eu estava bastante infeliz” (LUTZENBERGER, 1929, p.66). Não restava muito a fazer. Nova troca de cenário, mas o fim da peça já era conhecido.

Em 27/10/18 tornei-me novamente comandante de tropas, pelotão e material da Companhia de linha-dura, mas os companheiros já me conheciam e eu encontrei boa vontade. Também de cima recebi novamente cavalos e o que mais eu exigi, de acordo com a possibilidade, e havia novamente muito a fazer (LUTZENBERGER, 1929, p.66).

A alegria de chefe era montar num cavalo, e ele o fazia com satisfação. Lutzenberger teve um pequeno contratempo com um dos superiores que não decidia sobre o cessar fogo no *front* esquerdo, para poder ou não avançar, e foi o começo do colapso: muitas ordens, poucos homens e moral abalada. A situação limite, o retrato da incompetência antecipado da derrota, gerou exaustão e raiva.

Quando eu, porém, lhe falei do cessar fogo a nossa direita, pimba! Tive sua pistola e a de seu ajudante diante do meu nariz “mas agora o senhor incorreu em erro”, disseram, “O senhor está preso! Nós sabemos exatamente, que espíões inimigos se infiltram aqui em uniformes alemães e espalham falsos rumores, se em algum lugar houve um cessar-fogo. Eu teria que saber algo disso!” Eu não sabia, naturalmente, de nada mais, por sorte, minha companhia não estava longe, senão os prussianos ainda teriam atirado em mim (LUTZENBERGER, 1929, p.67).

Lutzenberger sobrevive ao susto, e de 10/10/1918 a 04/11/1918 seria deslocado para a cabeça de ponte¹⁸⁰, denominada Hermann, posição estratégica em solo francês – “A caminho de volta para a linha de frente – após quatro anos, sente-se junto à tropa, apesar do medo, mais em casa do que na Alemanha destituída” (LUTZENBERGER, 1929, p. 65-66). Nesse trecho, inclusive, menciona o *leitimov* que será o mais ouvido nos anos pós-derrota alemã: “à infame apunhalada pelas costas” (LUTZENBERGER, 1929, p.67). Lutzenberger continua na guerra, por mais alguns dias, e, mesmo sem ânimo ou perspectiva, “na fronteira belga-francesa com Hertrut, nos arredores de Garleroi”, ali recebeu a inacreditável notícia “do armistício – longamente esperada – nos atingiu. “A paz eclodiu”, diziam os rumores, infelizmente essa piada foi levada a sério demais” (LUTZENBERGER, 1929, p. 67-68). O impensado conflito de mais

¹⁸⁰No jargão militar, conhecido como “cabeça de ponte”. É a posição estratégica ocupada provisoriamente para permitir o avanço do exército.

de quatro anos tinha, portanto, uma hora oficial para ser finalizado: às 11 horas do dia 11 de novembro de 1918.

Tudo era confuso e impreciso: rumores, relatos, fofocas. Mas, finalmente, esboça alguma satisfação frente ao fim da guerra: “Primeiro havia alguma tranquilidade, para reunir das partes de tropas e bagagens etc” (LUTZENBERGER, 1929, p. 68). Começa, então, a procurar o futuro, esse nada claro para si e para a sua outrora poderosa nação industrial. E tece mais um comentário sobre a encrenca que a Alemanha arranjara em 1914:

Se a gente tivesse perguntado a toda uma companhia, quantos e quais inimigos nós tínhamos, quase ninguém teria conseguido enumerá-los todos, sem nem falar daqueles que como Brasil, mais platônico, por conveniência diplomático-comercial, quem embelezam as fileiras “para proteção da cultura”, contra nós selvagens aliados (LUTZENBERGER, 1929, p.68).

2.6 DERROTA DA ALEMANHA NA GUERRA

A derrota na Grande Guerra tem a potência destruidora de rebaixar a nação alemã e seus cidadãos a níveis jamais pensados. Lutzenberger é mais uma vítima da desolação que se seguiu ao armistício. Com as incertezas de seu futuro e de seu país era preciso evadir-se o quanto antes do campo de batalha e retornar ao lar o mais rápido possível.

De um modo geral, os militares de todas as nações em guerra regressavam a pátria, estropiados e exauridos, física e psiquicamente, sendo recebidos pelas respectivas mulheres, que percebiam então, que lhes tinha chegados à casa “um homem em pedaços”, que fisicamente podia estar bastante destruído ou não, mas que sob o ponto de vista psicológico, se encontrava totalmente dividido e complexado (FERNANDES, 2016, p.16).

Lutzenberger descreve esse amargo retorno para a casa do pai, derrotado, fatigado e sem perspectivas. A marcha é longa e não menos perigosa, pois é agora um criminoso de guerra, status confirmado no tratado de Versalhes.

[...] veio um tempo de marcha aborrecida através da triste paisagem do outono tardio, de dia, muitas vezes, ficar em pé durante horas na estrada fria, enquanto as longas infinitas colunas imobilizavam-se em algum lugar, à noite, num quartel piolhento qualquer, em 01/12/18 travessia do Reno, em Bonn, quando uma das últimas tropas, nesse contexto, nosso último ainda bem intencionado, mas com ossos rígidos, desfile realizado na ponte diante do comandante da divisão, e então adentrando o país vencedor (LUTZENBERGER, 1929, p.68).

Imediatamente a sua chegada a Alemanha começaram os rumores das pretensões dos “conselhos-de-soldados revolucionários”. Alguns “vermelhos” convidaram Lutzenberger e seus companheiros para se reunirem e mudarem os rumos do país destruído; era um convite para aderirem ao comunismo russo. Algo impensado para Lutzenberger e seus companheiros e, obviamente esses não aceitaram o convite e enxotaram com ajuda dos colegas oficiais da

Infantaria os agentes comunistas. Mal tinha acabado a guerra e a situação ia de mal a pior. A Bavária seria o epicentro revolucionário. A Rússia, mais uma vez, metia-se nos assuntos da Alemanha¹⁸¹. Lutzenberger teve seu retorno alterado não mais para Munique e foi dispensado em Ingolstadt. No trajeto encontrou um conhecido que o alertou sobre as insígnias.

[...] em trens terrivelmente lotados, como havia ocasionalmente, primeiro até Würzburg, lá um velho conhecido me aconselhou a tirar o mais rápido possível minhas insígnias de oficial, por ser muito perigoso, queria, porém, primeiro chegar e comprovar ser desnecessário, os cidadãos tinham perdido completamente a cabeça no tempo da revolução (LUTZENBERGER, 1929, p.69).

Em suma, os relatos pessoais sobre a Guerra finalizaram com um resumo da carreira militar, as avaliações realizadas pelos superiores e as condecorações recebidas¹⁸². Lutzenberger não comenta sobre o Natal nem o Ano-Novo, muito menos a família, evita as questões mais particulares, reaparecendo em 1919, já em Munique.

Ali precisa procurar emprego, não quer voltar para a cidade de Wiesbaden, zona dominada pelos franceses, pois o retorno significa prisão militar. 1

[...] ordem francesa em Frankfurt am Main, destinado a ex-membros do exército que deveriam, para viajar, primeiro ficar 14 dias em um campo de quarentena. Eu não tinha a mínima vontade, depois de aturar quatro anos, me submeter agora lá ainda aos franceses é o cúmulo, então recusei esse convite em um campo de prisioneiros (LUTZENBERGER, 1929, p.69).

Diante de tal perspectiva preferiu perder o emprego e, metaforicamente, ficar na rua da amargura. Situação idêntica era a de milhares de soldados que, durante quatro anos, entregaram suas vidas à guerra e, após isso, simplesmente dispensados, vagavam sem destino ou opções. “Escrevi ao magistrado de Wiesbaden, de cujo departamento eu ainda fazia parte, que eu me via obrigado etc. etc. e retornei sem planos para Munique” (LUTZENBERGER, 1929, p.69). Estava dando uma guinada em sua vida, que, à época, passou despercebida, mas teve um profundo significado para ele, pois “esse foi o primeiro passo no escuro e bastante irregular para o Brasil” (LUTZENBERGER, 1929, p.69).

Em Munique, o pânico vermelho¹⁸³ estava diminuindo, mas Lutzenberger sentiu-se compelido a “ingressar nas fileiras dos Brancos” (LUTZENBERGER, 1929, p.71), pois, caso houvesse o triunfo dos Vermelhos, esses teriam facilmente liquidado os ex-oficiais, a incluí-lo.

Então veio a brigada de moradores, eu treinei senhores idosos como soldados civis para atirar. Numa ocasião, à noite, com meu grupo – diretores

¹⁸¹A Alemanha tinha proporcionado o retorno com segurança de Lenine para a Rússia que abandonara a Guerra. Lenine retribuía, assim, o favor e municiaava os rebeldes bávaros que tomaram o poder por um curto período, e criaram a República Socialista da Bavária.

¹⁸²Vide Anexos II, III.

¹⁸³Milícias soviéticas, ou comunistas, que tomaram o poder de maneira temporária na Baviera.

de banco, proprietários de hotéis e outros pequenos burgueses semelhantes – alertados do desmantelamento de um ninho comunista, tive que evitar minha doce necessidade, que a minha soldadesca, na escuridão e excitação, não desse cabo uns dos outros (LUTZENBERGER, 1929, p.71).

Com a sorte de poucos, Lutzenberger passou os quatro anos do combate sem grandes sobressaltos, não morreu, e, por mais incrível que pareça, não perdeu algum membro ou ficou mentalmente avariado. Não precisou recorrer à medicina que avançou muito devido ao excesso de cobaias, dotando os médicos de experiência e competência para manter vivos muitos dos mutilados dos combates. Lutzenberger, que possuía algum pecúlio financeiro, mesmo assim teve que procurar emprego e teve a sorte de poder contar com uma rede de apoio:

[...] apesar da miséria geral através do amigo Heffner algumas tarefas de construção (dessas, foram empreendidas apenas algumas casas de condomínio em Landsberg e L.), pinteí, nesse meio tempo, encontrou-se alguma criação e desenhou-se em um dos muitos ateliês de Munique, muitas vezes com o sobretudo de peles e luvas (LUTZENBERGER, 1929, p.71).

Mas era pouco. Lutzenberger, mais uma vez, estava às voltas de um emprego, um contrato, algum tipo de serviço com remuneração financeira adequada. Mas antes é preciso saber sobre a sina de sua nação derrotada e o seu próprio destino. A Europa arcaica e alguns doutos nas academias mantinham práticas mais antigas e ultrapassadas, como nos costumes dos julgamentos medievais, quando o acusado de um crime era julgado em um novo cenário em que um pequeno joguinho era encenado¹⁸⁴: um suspeito segurava uma brasa e se sua mão não queimasse, ou, por sorte do destino, algo extraordinário acontecesse com ele diante de seus algozes no ato de julgamento, ele ficaria livre da punição e voltaria para casa como homem inocente e regenerado. Esse formato absurdo de julgamento é ainda a métrica utilizada por muitos pesquisadores, os quais procuram “sempre” o culpado no lado derrotado do conflito, como se a derrota fosse a marca evidente do ato inicial injusto e indevido; procura-se também algum tipo de lógica ou até a intervenção divina a proteger o inocente. A lição aprendida nos primeiros dias do curso de História é válida e, pelo que se percebe, esquecida por muitos historiadores anciões: “quem escreve a história é o lado vencedor”. A Europa, em especial Versalhes, não foge dessa lógica. É importante estimular a mudança de alguns hábitos, arraigados e atávicos, pois, “embora a História não possa predizer o futuro, pode propiciar aquela base de experiência e um meio para interpretar os eventos contemporâneos. Podem existir causas, problemas e soluções em comuns” (GRIESS, 1981-2, p. 362).

¹⁸⁴ Há uma gama de tipos de julgamento, o que se utiliza é apenas uma modalidade de se encontrar a culpa no acusado.

Após quatro anos de carnificina, cabia pouco para a Alemanha que não conseguia mais avançar, e a moral da tropa se extinguiu, junto com os insumos, víveres, armamentos e soldados: “a alma do exército encontra-se geralmente no estômago e este estava sempre vazio, ainda que à tropa do fronte – ao custo da pátria – era dado o que ainda era possível” (LUTZENBERGER, 1929, p.60)¹⁸⁵.

Ainda no fronte, tanto Lutzenberger quanto seus camaradas extenuados, escutam uma “conversa” no final de 1918: “existiam em massa rumores de todos os tipos, porém, finalmente, apenas um fato, nós estávamos armados, ainda distantes, no país inimigo. As condições do armistício só eram conhecidas da tropa através de rumores” (LUTZENBERGER, 1929, p.68). O que parecia ser a Paz, tornar-se-ia outro modo de calvário, pois,

[...] após quase 20 anos, ainda é efetivo o medo ridículo do senhor vencedor, especialmente os franceses, dos soldados alemães, já que cada indivíduo deles voltava para casa pensando consciente, ereto em armas, apenas lá, então realmente na miséria, e escorraçado, colapsava (LUTZENBERGER, 1929, p.68).

Outra questão importante, que ajuda a entender a culpa alemã na Grande Guerra, é buscar uma visão alternativa quando se está produzindo conhecimentos e análises a partir da América do Sul. Esse vasto continente foi colonizado a duras penas pelos reinos de Portugal e Espanha, impérios que tinham como objetivo a dominação completa dos povos nativos e por isso iniciaram inúmeras guerras contra eles. Aqui não há dúvida de que os povos originais estavam lutando pela sobrevivência e os invasores europeus por dominação, razão pela qual os europeus iniciavam os conflitos considerados “justos e necessários”.

Essa lição precisava retornar à Europa, pois não se tratava de medir a força, a competência ou, muito menos, a selvageria com que os povos se lançavam à matança coletiva. Isto porque não é apenas quem perde a guerra que deve ser creditado como seu iniciador. O exercício de descobrir os culpados não se limita aos escombros dos campos de batalha, nem se esgota no fim da contenda. É preciso ter a mínima boa vontade, pois a vitória ou a derrota são consequências das ações no conflito e não um ato reflexo de quem originou a contenda. Assim, parece que, ao ser derrotada, a Alemanha teria que reconhecer a sua culpa¹⁸⁶, culpa maior do que as outras nações envolvidas. Ao final de uma guerra é necessário firmar um acordo de

¹⁸⁵Seguindo a cronologia estipulada por Lutzenberger nos relatos da guerra, opta-se por adicionar as datas e, quando assinalado por ele, o local em que se encontrava. Lutzenberger nem sempre especifica o local do ocorrido, acrescentando assim informações extras, pontos de vista que se lembra ou julga pertinente, no tempo presente, em sua autobiografia. Esse relato, em especial, é referente ao período de 10/10/1917 até 06/02/1918, provavelmente em Flandres (França) ou se deslocando de lá.

¹⁸⁶Aos vencedores da Grande Guerra o sentimento de “punição, pagamento, prevenção – estavam interligados” (MACMILLIAN, 2014, p. 182).

paz. Nesse sentido, foram elaborados diversos acordos que foram assinados nos anos que se sucederam ao conflito. Para a Alemanha restava reconhecer seus atos no Tratado de Paz de Versalhes (Paris, janeiro de 1919). Parte VIII – Reparações Disposições Gerais:

Art. 231º. Os governos aliados e associados declaram e a Alemanha reconhece que a Alemanha e os seus aliados são responsáveis por todas as perdas e por todos os prejuízos sofridos pelos Governos aliados e associados e pelos seus nacionais em consequência da guerra, que lhes foi imposta pela agressão da Alemanha e dos seus aliados (CASELLA, 2007, p. 161).

Esse artigo, de preciosa intolerância, foi escrito para não deixar dúvida sobre quem deveria pagar o ônus da guerra, caso o leitor considere estranha a ausência do império Austríaco, da Bulgária, do Império Otomano, os outros derrotados, isso se deve ao processo seletivo de como as nações vitoriosas realizavam as rodadas de negociação. Os vitoriosos assinavam *coletivamente* os múltiplos tratados e as nações derrotadas assinavam, individualmente, os acordos com as nações que haviam vencido a contenda. Assim, o que importa no estudo e para o futuro de Lutzenberger é o imenso Tratado de Versalhes, imposto aos alemães derrotados.

[...] como derrotada, a Alemanha teve que suportar, por muito tempo, a acusação de única e verdadeira responsável, acusação justificada por seu imperialismo e por seu potente aparato militar. Segundo tal “leitura”, confortável e utilíssima durante as discussões nas tratativas de paz, a Tríplice Entente teria sido forçada a entrar em guerra para defender os princípios da democracia (MONSAGRATTI, 2015, p. 15).

Ao decidir que a Alemanha era culpada pode parecer uma desculpa, pois, sabe-se que quem mais sofreu com essa loucura das elites governantes foi o cidadão europeu que pagou a conta, com nove milhões de cadáveres¹⁸⁷. Ainda hoje é possível sentir os reflexos imediatos e intensos da colossal ação humana em prol da matança deliberada, e a culta e arrogante Europa tem dificuldade em aceitar que tudo começou em seu seio, nas entranhas do continente [mais] civilizado do globo, com a pena de morte coletivizada, organizada pelas nações supostamente mais desenvolvidas culturalmente no mundo.

O desejo de uma guerra¹⁸⁸ suplantou a razão, a diplomacia e o bom senso que faltaram, enormemente, nas cabeças coroadas e dos demais governantes que não evitaram o caos, mesmo com os muitos e evidentes avisos. Assim, surgiram as mais diversas explicações, e há milhares

¹⁸⁷ “[...] num ritmo de cinco mil e seiscentas mortes por dia de combate” (FARREL, 2018, p. 225).

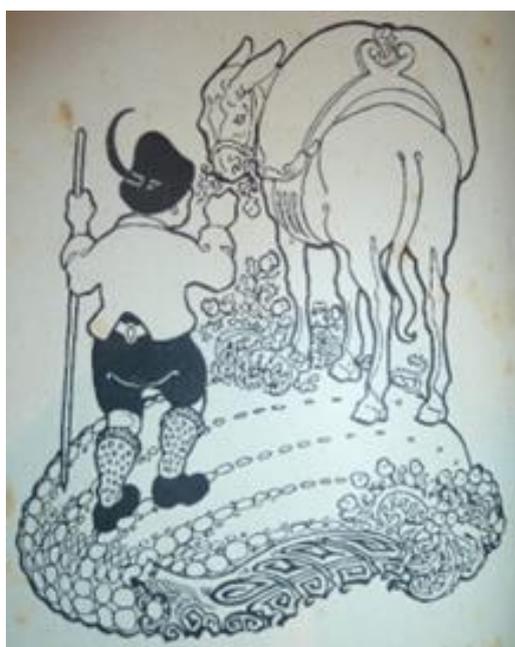
¹⁸⁸ “A guerra pode ser definida, de modo completamente tautológico, como organização da matança. Todo o resto, estratégias, diplomacia, teorias e outros refinamentos, universalmente celebrados, reduzem-se a sublimações para esconder, enterrar no local mais recôndito de sua história, o fato de que a humanidade ama matar e busca matar. [...] Pena de morte coletiva magna que sonhamos abolir” (SERRES, 2011, p. 25).

de livros, textos carregados de interpretações, achados e percepções sobre esse conflito que durou quatro longos anos. A Literatura não parou de crescer e a cada ano surgem novos livros, fruto de análises e empenho, no cenário de um imenso manancial de opiniões, contribuindo com mais uma versão dos fatos.

Desse modo, é preciso mencionar que os estudos focalizados na(s) guerra(s), mesmo que a produção intelectual e acadêmica não seja isenta, invariavelmente ela está mergulhada nas cores das paixões nacionalistas ou motivada por interesses próprios, como na análise da trajetória da acidentada vida do soldado e, posteriormente, imigrante alemão Lutzenberger. Assim, a isenção é improvável quando se analisam conflitos armados que envolvem, nesta seara, muitas nações, em que a carnificina, a violência e a falta de racionalidade são as tônicas diárias, durante quatro anos, de uma versão agressiva das piores atitudes individuais ou coletivas humanas.

Ciente disso, o exercício intelectual academicista busca a pluralidade e a salutar dialógica, em mais uma voz a contribuir para a elaboração de entendimentos sobre o passado belicoso e suas consequências na vida de todos nós. Das imprecisões tão comuns nos estudos marciais, ou na presença constante de divergências entre os entusiastas pesquisadores, buscase subsídios que nem sempre podem responder com precisão as ambições humanas por poder.

Figura 18 – Camponês em traje típico da Bavária de Lutzenberger



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Lutzenberger, em Munique, com o auxílio de um membro de suas relações e as redes sociais (*network*) tornou-se ilustrador de livros didáticos (Figura 18), atividade desempenhada para o seu cunhado Joseph Tratzmüller, que publicava com entusiasmo livros pedagógicos “com muito mais satisfação moral do que, naquela época, financeira” (LUTZENBERGER, 1929, p.71). Neste sentido, o cinto começa a lhe apertar, é a falta de recurso financeiro. Então, Lutzenberger precisa achar uma função mais bem remunerada. Segue em seu relato de modo sucinto e novamente pula qualquer aspecto mais abrangente da sua vida naquele período. Apenas faz um resumo, e um ano inteiro em Munique se transforma numa minguada página em sua narrativa biográfica.

Em 1920, Lutzenberger deixou o trabalho filantrópico de ilustrador, pelo qual recebia por volta de 800 marcos por mês, e, diz o arquiteto, “transferei também minha atividade do meu ateliê para as salas do diretor da ferrovia real bávara republicana Munique” (LUTZENBERGER, 1929, p.71). Na falta de opção, voltou a ser um “reles funcionário público”, de modo que a sua remuneração salarial não era elevada. Então, como fazia habitualmente, procurou novo emprego na iniciativa privada. Desta vez, o destino seria bastante distante:

Então, um dia, houve a procura por um arquiteto num anúncio do *Deutschen Bauzeitung*¹⁸⁹ com um salário mensal de 15.000 Marcos. Eu me candidatei. Para uma pessoa independente era quase um dever de decência deixar as poucas vagas de trabalho e alimentação para os alemães mais necessitados, e eram quase 100 candidatos entre o sortudo escolhido – ou, mais tarde infelizmente, perversos fracassados (LUTZENBERGER, 1929, p.71).

Em um parágrafo apenas, Lutzenberger dá conta do processo, não dando pistas de como ocorreu, embora fale da burocracia e reclame das dificuldades.

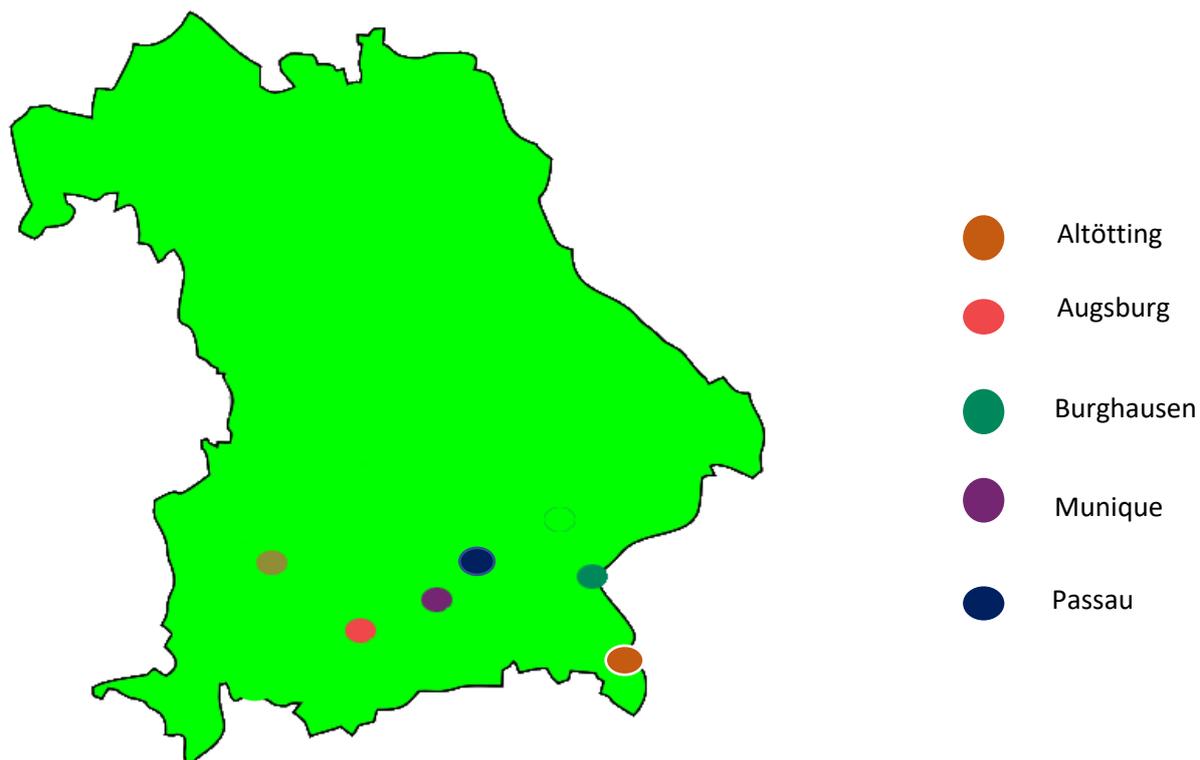
Agora começava, durante o mês inteiro, a corrida por papéis nos órgãos administrativos, que, naquela época, eram recém republicanos e super burocraticamente esfarrapados, nas agências de viagens, que, mesmo elas, não sabiam como estavam as coisas lá fora, nos locais de hospedagem, onde me alertaram do contrato. Mas o tonto foi cabeça dura e não escutou. Nos serviços consulares e bancos etc. etc. sair da ainda sempre encerrada Alemanha parecia um difícil salto no escuro. Mas com paciência, dinheiro e longas pernas, vai-se longe. Em julho eu estava finalmente pronto (LUTZENBERGER, 1929, p.71).

Tudo acertado, era preciso rumar para a terra desconhecida, onde seria remunerado como um rei, assim pensava. Construiria uma nova carreira e ali permaneceria durante os cinco anos previstos. Seu destino era o Brasil, e dava adeus, por ora, às angústias de sua terra natal.

¹⁸⁹Jornal da Construção Alemão. (N.T.)

A Alemanha, as perseguições francesas e principalmente a carestia seriam coisas do passado; o duro passado dividido com os seus conterrâneos. No capítulo é tratado seus anos iniciais como imigrante no RS.

Mapa III – Bavária e localidades onde Lutzenberger trabalhou



3 IMIGRAÇÃO ALEMÃ AO RS E OS ANOS INICIAIS DE LUTZENBERGER EM PORTO ALEGRE

[...] muita coisa é sonogada à História, sob a divertida alegação de que ninguém tem nada a ver com a vida dos outros... Além disso, papel sem *estampilha* não é documento e o que não é documento se rasga e põe fora (DAMASCENO, 1962, p. 184).

3.1 ASPECTOS GERAIS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ PARA O RIO GRANDE DO SUL

Neste capítulo, faz-se um resumo histórico da ocupação europeia realizada por portugueses e alemães¹⁹⁰, da área que compreende o atual estado do RS e suas adjacências. Isto porque é necessário justificar a numerosa teuto-descendência em uma área de litígio entre as coroas Portuguesa e Espanhola, e, portanto, a ocupação é crucial para se entender o surgimento e o crescimento do Estado gaúcho e sua maior cidade: Porto Alegre, palco privilegiado das vivências de Lutzenberger. Nem só no Velho Mundo os limites, as fronteiras e as nações foram forjadas no calor das batalhas. No Novo Mundo, as disputas também foram igualmente acirradas, violentas e estúpidas, como as guerras costumam ser. Assim, neste capítulo também se aborda o recorte histórico específico da vida de Lutzenberger, a sua chegada, o casamento com Emma Kroeff.

A zona de fronteira, ocupada pelo atual estado do Rio Grande do Sul, foi um território pautado por disputas constantes e ocupações forçadas, em que o equilíbrio de forças nunca era permanente, mostrando-se ora favorável e ora desfavorável aos interesses nacionais. Logo, a posse lusitana e, posterior, a brasileira foram questões de relevância geopolítica na macrorregião em uma eterna dor de cabeça para os dirigentes que assumiram a governança da nação. O Brasil emancipou-se politicamente de Portugal em sete de setembro de 1822 e solidificou-se como nação independente, sendo uma das maiores preocupações a possível reação violenta dos portugueses, encarados, naquele momento, como um possível e perigoso elemento “estrangeiro” que poderia opor-se ao processo emancipatório. Os portugueses, em muitos dos casos os imigrantes exclusivos para o solo brasileiro e gaúcho, deixaram de ser os tipos ideais para ocupar as terras longe dos centros administrativos da coroa brasileira. Portanto, era necessário reanimar e aumentar a densidade de súditos nacionalizados na fronteira Sul do jovem país que emergia. Para tanto, um amplo processo de imigração teve início, convidando os habitantes dos reinos europeus, não portugueses, estes considerados, então, opositores e

¹⁹⁰A expressão imigração alemã já é consagrada na literatura sobre o tema, mesmo que o país Alemanha surja apenas em 1871.

possíveis sediciosos. Durante séculos o Brasil foi ocupado pelos portugueses, mas essa nação, por ora inimiga, não poderia preencher mais essa demanda com os seus súditos. Era preciso trazer mais gente, gente de fora e sem ligação alguma com Portugal.

Para evitar outros embaraços diplomáticos e, talvez, não se indispor com as potências militares, a primeira exclusão na escolha dos novos imigrantes era evitar a busca por braços jovens e hábeis nos países e impérios em que já possuíam as suas próprias colônias, pois, neste caso, a disputa seria infrutífera porque os habitantes dessas nações teriam mais vantagens em migrar para lugares em que mantinham o seu próprio idioma. Assim, se estabeleciam em uma realidade mais próxima, mantendo a sua cultura nacional, o que tornaria a empreitada brasileira não somente mais cara, mas infrutífera. Além de criar possíveis atritos com as nações que não queriam perder seus cidadãos para a empreitada americana, excluía-se as nações “França, Inglaterra, Holanda e Espanha” (KLUG, 2009, p. 203). Outro destaque foi a preferência por católicos praticantes, considerada fundamental por partilharem a religião oficial do país e de seu rei. Esses eram, em parte, os desejos da coroa brasileira que ocuparia o *vazio* populacional, na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, com estrangeiros sem maiores ambições nacionalistas. Portanto, o que motivava o projeto imigratório da jovem coroa brasileira criada em 1822¹⁹¹ era:

- Trazer jovens Adultos (homens, ou famílias);
- Preencher os vazios territoriais;
- Desenvolver o país, em especial as regiões a serem colonizadas;
- Ocupar as terras com a declarada intenção de fomentar a agricultura, a pecuária e o comércio.

O projeto imigratório ganhou força e recursos para bancar os interessados com o “povoamento e pela exploração de novas regiões do Brasil por brancos não portugueses” (IOTTI, 2001, p.22). Esses futuros brasileiros criariam raízes profundas em solo nacional, incrementado sua economia, tornando-se produtores rurais e soldados contra a invasão ou uso das terras brasileiras por membros de nações vizinhas. Portanto, a ideia de imigração foi levada a cabo pela nova nação brasileira. A intenção brasileira se materializava com a retomada dos incentivos e das vantagens sociais e materiais aos colonos, reforçando as promessas tácitas de posse da terra e insumos que visavam facilitar a prospecção dos agentes estatais, e estes

¹⁹¹A iniciativa de bancar novas ondas de imigração já havia começado com a chegada dos Suíços entre 1818 e 1820 (Carta Régia de 02 de maio de 1818), atraídos pelas promessas de Dom João VI de doar lotes de terras onde poderiam viver e trabalhar, produzindo alimentos para a cidade do Rio de Janeiro.

convenceriam os futuros imigrantes a virem ao Brasil e ao Rio Grande do Sul. A imigração, uma ação de governo, foi pensada, planejada e executada pela coroa nacional.

À época, dom Pedro I governava o país, com forte influência de sua atuante esposa, a imperatriz Leopoldina. Essa mulher, culta e interessada pelos assuntos de Estado, exerceu influência nas políticas de Estado, na escolha dos possíveis imigrantes, e dava preferência aos súditos dos múltiplos reinos alemães. A imperatriz do Brasil, austríaca de nascimento, via com bons olhos a chegada do elemento germânico para desenvolver o Brasil e ocupar a fronteira. Ela pensava, assim, evitar o tráfico negreiro e o contínuo enegrecimento do país. A repulsa aos ameríndios¹⁹², em muitos casos não considerados gente por não serem batizados ou não professar a fé cristã, só aumentava, pois eram considerados elementos que não coadunavam com o projeto desenvolvimentista da atrasada nação.

Em suma, o processo de imigração iniciou com levas de imigrantes germânicos ao Rio Grande do Sul. Essas chegadas repetidas criaram uma cultura favorável à inserção da etnia germânica, reforçando a numerosa participação na imigração para o Sul do Brasil. Por que vinham? Muitas eram as razões, mas, de maneira sucinta, aponta-se: ter terra própria, o que garantiria a lenha para o inverno, um espaço para criar porcos, galinhas e demais víveres, e poder manter o máximo da riqueza produzida com o seu suor. Além disso, os filhos homens ajudariam os pais e não seriam recrutados para a próxima guerra, uma constante na Europa. Assim, as vantagens eram muitas e consideradas um sonho proibido no Velho Mundo, este dominado pela pobreza e esmagado pelo clima inclemente. A febre da imigração se tornou uma realidade na Europa germânica que sentia o vigor das possibilidades de sucesso em outros continentes, logo várias famílias aceitavam as promessas dos agentes da imigração, vendiam tudo o que possuíam e zarpavam atônics para o Novo Mundo para atestar se tudo aquilo era possível.

No Brasil, o estado gaúcho e fronteiriço foi o que recebeu grande parte dessas pessoas, oriundas dos reinos alemães. A ocupação, iniciada em 1824, ocorreu aos poucos, criando-se núcleos denominados colônias, que depois se subdividiam, fazendo surgir novos núcleos habitacionais. Para ajudar na lavoura, os colonos tinham, em geral, uma grande quantidade de filhos, os quais podiam herdar ou ocupar as terras ainda não cultivadas dos pais. O ciclo se repetia e os filhos dos colonos remigravam para zonas despovoadas. Comentavam sobre seu êxito com os parentes que permaneciam no Velho Continente, e o sucesso e os invernos

¹⁹² Os nativos reconheciam os africanos degredados como invasores, mas não se distinguindo dos europeus. A dita cultura de branqueamento com a chegada massiva dos europeus foi precedida pelo “enegrecimento” do Brasil com a chegada forçada dos negros escravizados.

inclementes ajudavam a aumentar o fluxo de imigrantes, com rotas marítimas de comércio mais ativas.

Para os novos imigrantes alemães que chegaram a partir de 1836, os custos da imigração tornaram-se responsabilidade da província gaúcha e não mais da União que relegou o projeto de imigração às províncias que tinham interesse, mas pouco mudou o projeto de imigração gaúcha, tolerado pela elite agropastoril local (LANDO, 1981). Essa elite agrária já ocupava grandes extensões de terra, o denominado latifúndio, e, normalmente, eram áreas distantes das futuras colônias agrícolas a serem criadas. Destaca-se que essas elites agropecuárias não se preocupavam com a chegada e posse dos imigrantes, por não serem uma concorrência direta ou uma ameaça aos seus negócios. A imigração continuou trazendo solteiros que se casavam em alto mar para, assim, ganharem mais terras, ou famílias completas, em que todos trabalhavam desde cedo para o sustento comum. Era gente e mais gente que imigrava. Isso ocorreu no Estado até um pouco antes do início da Revolução Farroupilha (1835-1845), quando o processo foi interrompido, sendo retomado somente após a paz ser alcançada e serenados os ânimos. A partir de 1850 foi criada uma legislação federal fundiária, a qual obrigava a venda das terras. Assim, as propriedades até então doadas deveriam ser compradas pelos novos colonos. Os nativos – indígenas reais proprietários das terras ditas devolutas, não receberam indenização de natureza alguma, muito menos foram ouvidos nesse processo autoritário. Com o passar dos anos, a imigração mudou um pouco devido à conformidade com as regras gerais e ditames legais, mas a realidade dos colonos continuou a mesma: fugir das agruras na terra natal e ter trabalho.

No Rio Grande do Sul, a terra destinada aos colonos se caracterizava por dimensões medianas, o denominado minifúndio, onde cada família receberia ou compraria a sua gleba e ali garantiria o seu sustento, incrementando, diretamente, a economia local e desenvolvendo, paulatinamente, a atrasada província sulina. E assim surgiram os núcleos habitacionais de Santa Cruz (1849)¹⁹³; Santo Ângelo (1847); Nova Petrópolis (1858) e Monte Alverne (1859) (MACHADO, 1999, p. 24). Quem eram esses colonos? A preferência da imperatriz Leopoldina era mantida e houve a persistência pela etnia germânica, não somente pelos contatos já existentes com os diversos reinos¹⁹⁴, mas porque essa gente era percebida, pelas autoridades estatais e federais, como trabalhadora e ordeira, e ocorreu, no Estado gaúcho, um desejo de “[...] continuidade entre a colonização (principalmente alemã), iniciada sob a direção do

¹⁹³Primeira colônia Estadual propriamente dita.

¹⁹⁴Evita-se relacionar as questões envolvendo os diversos reinos alemães que passavam por agruras, para não se estender as motivações deste grupo étnico.

Governo provincial a partir de 1840, e aquela dirigida, a partir de meados dos anos 1870, pelo Governo Geral (principalmente de italianos)” (MACHADO, 1999, p. 15).

As novas fronteiras agrícolas¹⁹⁵ surgiram na esteira da imigração alemã que se renovava e direcionava para as outras regiões do Estado, criando um rico fluxo de imigrantes que faziam do solo gaúcho a sua morada definitiva, gente como os: Weise, Mennig, Kroeff, Englert, Friedrich, Bins entre tantos outros que deram uma fisionomia mais germânica ao Estado gaúcho. Nesse contexto, muitos dos imigrantes rurais tiveram seus filhos ou se realocaram para as emergentes cidades ou tentaram a sorte em Porto Alegre, que fervilhava de alemães e oportunidades de negócios. Isso explica o uso do idioma alemão, da cultura germânica e a existência de importantes firmas de propriedade de alemães e teuto-descendentes. Esses procuravam melhorar seus quadros com a inserção de técnicos e profissionais germânicos, como no caso de Lutzenberger, *um imigrante tardio* que se relacionava com os primórdios da massiva imigração rural, iniciada quase um século atrás¹⁹⁶. Sobre a intensidade dos *alemães* no estado gaúcho.

Quando, em 1917, havia 32000 alemães no Estado, o Governo Rio-Grandense estimava o número dos descendentes de imigrantes em 300.000, isto é, seis vezes o dos imigrantes que entraram no Rio Grande do Sul entre 1824 e 1914; 2/3 encontravam-se nas colônias. Em 1920, o Almanaque do Comércio dava o total de 350.000, ou seja, 1/5 da população. As cifras eram de 300.000, em 1919, e de 379.000, em 1925 (ROCHE, 1969, p. 169).

3.2 POLÍTICA GAÚCHA NA REPÚBLICA

A suposta igualdade entre os entes municipal e estadual era, na verdade, apenas na aparência, pois muito do que o município decidia poderia ser revisto pelo governo do Estado. E o governo estadual possuía, como se diz, a chave do cofre, liberando ou não os empréstimos que os municípios necessitavam, portanto, havia “uma liberdade vigiada de perto do intendente pelo Governador”, conforme denuncia Bakos (1996, p. 39). Com o fim da monarquia era preciso elevar a nova elite política que assumiria o espaço deixado vago pelos monarquistas. Foi uma disputa complexa, pois o governo do Estado “[...] mudou de mãos 18 vezes” (TRINDADE; NOLL, 2005, p. 37), entre 1889 e 1893, quando Julio de Castilhos assumiu a

¹⁹⁵A imigração inicial era basicamente rural, o que não impedia o colono camponês ocupar-se com algum ofício ou habilidade que igualmente possuía pequenos reparos ou consertos. Disso surgiram o artesanato, as fabriquetas de cerveja, os matadouros etc.

¹⁹⁶Reforçando a imigração alemã no Estado começa em 1824 e Lutzenberger chega em agosto de 1920 (ARENDRT, 2013).

direção do Estado de maneira definitiva, e o seu partido, o PRR, se consolidava na chefia do Estado e dos municípios gaúchos.

O PRR, de orientação positivista e autoritária, dava mostras de como seria a vida administrativa dali em diante, tanto no Estado quanto nos municípios gaúchos com as casas legislativas: meros apêndices do executivo. Ali não brotavam discussões, nem se buscava regulamentação mais racional. As leis dos municípios que regulavam as edificações e afins eram discutidas no seio do partido. Nesse cenário, desembarcou Lutzenberger, e a retomada do poder do Estado pelo PRR (1893) foi a tônica: o poder executivo aglutinava as funções legislativas, uma exceção restrita às casas legislativas que votavam apenas as leis orçamentárias.

Ser republicano no Rio Grande do Sul era quase sinônimo de Castilhismo, que impôs seu modelo autoritário, inclusive em Porto Alegre, dominando a câmara municipal que determinava as normativas da construção civil na capital. Essa realidade se estendeu por muitas décadas, tendo reflexos na vida profissional de Lutzenberger que seria regida sem a possibilidade de sua participação e dos demais interessados, para mudar ou pleitear melhorias nas leis municipais. O autoritarismo castilhista, política do PRR, deve ter afetado diretamente os empresários da construção civil que contrataram Lutzenberger, pois, as normas da prefeitura incidiam até na aparência externa dos prédios, decididas em instância reclusa na prefeitura da capital, sem a participação popular.

[...] estabelecimento de padrões estéticos que onerariam demasiadamente as novas edificações a serem realizadas, as quais, providas de serviços básicos, constituiriam obras fundamentais para dar uma imagem progressista à cidade, servindo como uma das estratégias de interesse político do continuísmo (BAKOS, 1998, p. 223).

A falta de alternância de mandatários do executivo era, portanto, uma das tônicas no Rio Grande do Sul, aliada à excessiva disciplina partidária imposta aos membros do PRR, os quais coagiam e constrangiam seus apoiadores. Esse preâmbulo do cenário político, nos remete a cidade de Porto Alegre, vitrine para os demais municípios do interior. Base sólida, bem resguardada pelo exército local, a Brigada Militar (criada em 1891) e inflada (em 1892), apesar dos protestos de Luiz Englert¹⁹⁷ e Jacob Kroeff Filho¹⁹⁸ (dono de matadouro) num debate

¹⁹⁷ Pai de Gaston Englert que será um dos conselheiros do Estado Novo no Rio grande do Sul e futuro cunhado de José Lutzenberger.

¹⁹⁸ Mesmo eleitos pelo PRR, ambos eram colegas de legenda no Partido Católico de Centro com curta duração. Além, das inclinações religiosas essa agremiação tinha como pauta cuidar dos interesses da colônia alemã e seus integrantes (LUZ, 2010, p. 111).

orçamentário na assembleia gaúcha (16/02/1892), ao dizer que o aumento de imposto sobre o gado iria prejudicar os negócios no Estado e a Brigada:

Estamos em tempo de paz, o orçamento que discutimos é de paz, não precisamos de maior número de soldados, e, se estamos em guerra, não necessitamos de orçamento; eu estou pronto a dar ao Governo do Estado verba para manter a ordem, mas não quero ver incluída no orçamento verba tão grande para manter uma brigada militar com carácter permanente (MENDONÇA, 2012, p. 22).

A administração pública do Estado via com bons olhos a militarização da polícia, seu incremento em detrimento da produção, educação e dos bons costumes. A cidade de Porto Alegre deveria seguir a mesma cartilha do PRR e seus administradores serem servis a Castilhos¹⁹⁹, e, posteriormente, a Borges de Medeiros que, em parte, caracterizava esse continuísmo de autoritarismo e indiferença com a população em geral. Os poucos recursos orçamentários não deviam ser desperdiçados, produzir um déficit nas contas públicas era o maior dos crimes, a ser evitado a todo custo. O que valia para o Estado deveria ser seguido, porém, Porto Alegre tinha um problema crônico de falta de recursos e precisava apelar para empréstimos que levavam ao endividamento da cidade, sangrando a prática fundamental do PRR de nunca se endividar.

Outra questão fundamental era a reeleição contínua, ponto sensível para a patuleia do PRR. O déspota esclarecido haveria de garantir a estabilidade pela permanência do governante em seu posto, em virtude de se aprimorar a cada novo mandato, refinando o seu exercício público. A estabilidade, considerada continuísmo, era, portanto, mais importante do que a renovação para os militantes do PRR. Logo, o dirigente com muitos anos à frente de qualquer cargo do executivo era sinônimo de excelência na visão conservadora e atávica dos membros do PRR²⁰⁰. Uma parcela desmedida de poder nas mãos de uma única pessoa era fenômeno raro, pois, os políticos pretendentes eram sempre muitos, e cada palmo do poder era disputado com energia por concorrentes, sem se esquecer da saudável diversidade das correntes políticas, no rico cenário de complexidade natural, que deveria refletir um estado politizado, porque em que

¹⁹⁹Nascido em 29 de junho de 1860 e morto por um câncer de garganta em 24 de outubro de 1903 com apenas 43 anos de idade, mas o suficiente para se consolidar como o maior paredro do PRR. Após sua morte, a viúva, em profunda depressão cometeu suicídio, trazendo ainda mais sofrimento aos filhos do casal. Sobre Castilhos, o tempo dedicado à ferrenha perseguição dos opositores e à consolidação de seu poder pessoal devem ter encurtados a sua vida atribulada com muitas atividades diárias. Nem só de ambição vivem as pessoas, e esse é um importante legado de sua rápida passada entre nós. Outro megalomaniaco do PRR, Getúlio Vargas, também não resistiu à ausência de poder e escolheu por conta própria abreviar a sua existência sem sentido longe do poder. Neste grupelho de lideranças do PRR, a exceção à regra é Borges de Medeiros que soube sobreviver a perda de sua significância política e ter saúde suficiente para viver muitos anos e morrer com a idade avançada de 97 anos, em 25 de abril de 1961, mesmo apeado do poder desde 1930.

²⁰⁰Ser um bom prefeito era agradecer a cúpula do PRR e não os engenheiros, médicos outros profissionais. Gente como Lutzenberger, dentre tantos outros que não tinham voz e vez.

cada cabeça havia uma sentença. Logo, a troca do prefeito era corriqueira e presume-se pouco ou nada nocivo para a administração da coletividade, mas inaceitável para o PRR. Se não bastasse toda essa conjuntura, de predominância sobre o Estado e os municípios, Borges de Medeiros outorgou nova regulamentação “Em 1902, reduzindo de forma drástica o poder do intendente, alterou a sua faculdade de propor reformas à Lei Orgânica, as quais somente seriam levadas em consideração se aprovadas pela totalidade dos membros do Conselho” (BAKOS, 1998, p.216).

O que estava feito sob a égide do PRR praticamente não seria alterado. Nesse cenário de engessamento do parlamento, o ambiente político em Porto Alegre era, portanto, autoritário e excludente. O PRR não queria discussões sobre sua conduta ou valores, pois ordem judicial se cumpre e não se questiona. O cargo de prefeito era para ser usufruído pelo mesmo cidadão conivente e submisso e sem pretensões políticas que poderiam ofuscar a liderança onipresente de Borges de Medeiros. Essa política de manutenção da ordem e fidelidade ao chefe do partido era bastante diferente dos grandes centros urbanos do país, porque Porto Alegre não conhecia a natural troca de seus intendentes, comum nas outras metrópoles da União e saudável para o jogo político que se presumia ser a democracia na sua alternância de opiniões, ações e governança²⁰¹.

A estabilidade se deve à fé cega nos próceres do partido que interferiam abertamente na administração local e sem mudanças mesmo que para melhorar a vida do eleitor²⁰². Contudo, a indignação era visível nas declarações do intendente demissionário, pois, o lamento era o mesmo, a falta de autonomia do chefe do executivo porto-alegrense que deveria explicar tudo e esperar as orientações do poder central do partido, investidura esta limitada, exclusivamente, a Castilhos e, posteriormente, a Borges. Essa prática era sentida já na primeira administração republicana e “indicada” pelo PRR ou por Júlio de Castilhos, quando Felicíssimo de Azevedo²⁰³ assumiu a prefeitura após o golpe republicano:

²⁰¹Nas outras metrópoles brasileiras, a realidade era diferente e, pois, houve constância na alternância dos dirigentes que nesse intervalo de tempo, compreendido entre os anos de 1897 e 1937 a cidade de São Paulo (São Paulo) troca 15 vezes de mandatário no mesmo período Recife (Pernambuco) 18 vezes, Belo Horizonte (Minas Gerais) 21 e Rio de Janeiro (capital federal) um total de 27(BAKOS, 1996, p. 46). A capital dos Gaúchos tem apenas três intendentes²⁰¹ neste longo intervalo de tempo, fato incomum que levou a historiadora Bakos (1996) cunhar a expressão “eternos intendentes” para designar essa faceta da administração porto-alegrense.

²⁰² Augusto Comte tinha verdadeira ojeriza a mudanças e revoluções, em especial à Revolução Francesa, sendo toda a violência e a instabilidade daquele período determinantes para os seus escritos antirrevolucionários, forçosamente adaptados à realidade gaúcha por Castilhos e seus seguidores. A importação de ideias alheias à realidade sul-americana segue com os marxistas, ou os neoliberais, copiar é mais fácil do que criar.

²⁰³ Portanto, em um período anterior à estabilização do Estado sob a égide do PRR, em 1897. Felicíssimo era presidente da junta municipal (casa legislativa) e assumiu o paço municipal em 22 de janeiro de 1890, permanecendo até 21 de novembro de 1891. Sai amargurado com seus colegas de legenda, a incluir Júlio de Castilhos (SANTOS, 2012, p. 23).

Não lhe cabe assumir responsabilidade sobre nenhuma realização durante seu mandato, pois é lhe aconselhado nada mudar. Somente a Júlio de Castilhos e à comissão administrativa, que o obedecia cegamente, era dado tomar decisões (BAKOS, 1996, p.44).

Bakos (1996, p.47) apresenta o quadro elucidativo em que compara as trocas dos intendentess, respeitando recorte histórico de: 1897-1937, realizada nos dez municípios gaúchos mais populosos, tendo como base a população destes em 1920. A lista indicava, inicialmente, o número de intendentess diferentes que assumiram a chefia dos seguintes municípios: 19 em Uruguaiana; 14 em Rio Grande; 12 em Pelotas; 11 em Cachoeira do Sul; 15 em Santa Cruz; 15 em Cruz Alta; 13 em Passo Fundo; 10 em Caxias do Sul; 7 em São Leopoldo²⁰⁴; 3 em Porto Alegre²⁰⁵;

Os três prefeitos da capital: José Montauray, que governou de 15 de março de 1897²⁰⁶ até 15 de outubro de 1924²⁰⁷, vencendo, ao todo, sete eleições seguidas, sendo que em cinco delas a oposição não apresentou candidato. Seu sucessor, Otávio Rocha, teve “curto” mandato em relação aos outros prefeitos, pois faleceu em pleno exercício da função. Governou de 15 de outubro de 1924 até 27 de fevereiro de 1928 (quando morreu repentinamente de complicações de úlcera). Pelo que se constata, Otávio Rocha contava com qualidades administrativas e grande prestígio nas hordas do PRR, pois seria o provável sucessor de Borges de Medeiros para o governo do Estado, lugar que acabou oferecido a Getúlio Vargas. Em seu mandato, e no período subsequente, a incluir o próximo intendente, Alberto Bins, a administração haveria de dar uma guinada benéfica.

A cidade desenvolveu-se através de políticas municipais que, baseadas na ordem e racionalidade, procuraram seguir os modelos que priorizaram a expansão da malha urbana e da infraestrutura, a abertura de novas e largas

²⁰⁴ A atenção especial sobre a cidade de São Leopoldo, considerando-se as origens dos Kroeff (Emma)/ Novo Hamburgo. A lista para a cidade de São Leopoldo apresenta um total de 10 intendentess (LISTA, 2021). Talvez os interinos não tenham sido computados. Contudo, os prefeitos são todos oriundos do PRR, à exceção do comando que seria a adesão ao Partido Republicano Liberal (PRL) rio-grandense em 1934. Esse partido foi criado como uma cisão do PRR, tendo a sua frente o interventor José Antônio Flores da Cunha com o apoio de Getúlio Vargas e de Osvaldo Aranha.

²⁰⁵ Como eterno governador: Borges de Medeiros, no cargo de 25 de janeiro de 1898 a 25 de janeiro de 1908, retornado em 25 de janeiro de 1913 a 25 de janeiro de 1928. Ou no eterno presidente Getúlio Vargas, esse assumindo o poder em 24 de outubro de 1930, sendo reconduzido em 1934, em eleição indireta, só deixando o cargo de presidente em 29 de outubro de 1945. Mas a sua trajetória iria ser ampliada, pois retornou pela via eleitoral para pagar com sangue e sanidade seu último termo na presidência de 31 de janeiro de 1951 a 24 de agosto de 1954 quando abandonou vergonhosamente o cargo e a vida.

²⁰⁶ Com a nova lei orgânica do Município elaborada, em 1892, consonante a Constituição Estadual de 1891, que reproduzia as competências e atribuições exclusivas aos poderes Executivo e Legislativo. Como acontecia com a assembleia estadual, conselho municipal “reunia-se apenas dois meses por ano para a votação de questões relativas ao orçamento municipal. As leis, decretos e atos eram feitos pelo intendente” (BAKOS, 1998, p.216), seguindo à risca as orientações dos líderes do PRR.

²⁰⁷ Sua reeleição imediata fora proibida com a vitória dos revoltosos de 1923 e o acordo de Pedras Altas assinado pelo Estado gaúcho e opositores, caso contrário seria escolhido por Borges de Medeiros e respaldado pelos próceres para mais um mandato...

avenidas e o interesse pelas construções em altura, mimetizando os padrões norte-americanos (MATTAR, 2010, p.47).

Por último, o período ocupado pelo “major” Alberto Bins²⁰⁸, vice de Otávio Rocha, e, em consequência, seu sucessor legal. Bins, um proeminente empresário teuto que, por várias vezes, ameaçou largar o cargo na prefeitura devido à interferência em sua administração, e reforçava não depender de seu ordenado público para viver, pois possuía outros negócios ou afazeres para cuidar. Governou de 27 de fevereiro de 1928 a 22 de outubro de 1937, quando perdeu o cargo para o Estado Novo.

Por ser protótipo para as outras cidades gaúchas e cartão postal²⁰⁹ para o PRR, as demandas da cidade eram exclusivas da municipalidade, num óbvio contrassenso²¹⁰ sob a ótica das necessidades e do valor atribuído à capital pelos dirigentes do partido. A menina dos olhos do Estado não era atendida por ele, relegada quase ao acaso, contando-se sempre com a escassez crônica de recursos e de autonomia, porque quase tudo vinha de fora, no caso das ordens, mas não os recursos, que não acompanhavam as dimensões agigantadas das intromissões. Havia muitas diretivas e poucos recursos. A cidade que recebera Lutzenberger era mal administrada. Seu governo e suas secretarias careciam de pessoas competentes em seus quadros, mesmo que para tanto houvesse concurso público para seleção dos novos funcionários. Mas, em relação à interferência constante e aos desvios do PRR, parece óbvio que estivessem em contradição com a prática perniciosa do partido, em que o mais capaz era confundido com o mais leal e o escolhido. Mal sabia Lutzenberger que enfrentaria uma burocracia em suas obras. A vida já era competitiva o suficiente, mas certamente ele perdeu tempo e recursos nesse emaranhado da administração pública municipal: nas dificuldades de aprovação de projetos por funcionários pouco competentes e excesso de regulamentação com a estética dos prédios. O município de Porto Alegre era constantemente derrotado na queda de braço com o Estado na partilha dos impostos, cabendo ao município a menor parcela deles e a maior fatia das obrigações, somando-se a isso o rápido crescimento da cidade, com verbas públicas que não acompanhavam o mesmo ritmo. Porto Alegre aumentava consideravelmente o número de seus residentes e ampliava-se com ruas mais largas, prédios mais altos e a vida mais acelerada:

²⁰⁸Filho de imigrantes da cidade de Merl na Alemanha. “Aliás, vários — merlenses havia em Porto Alegre e todos eles consagrados ao comércio e à indústria e bem assim [...] à distribuição dos vinhos de Merl do Mosela. Eram distribuidores destes vinhos, Mathias José Bins (pai de Alberto Bins), e Jacob Kroeff Sênior, em Hamburgo Velho” (SPALDING, 1969, p. 274-275). A vila de Merl, na década de 1960, foi incorporada à cidade de Zell, deixando de existir como ente autônomo.

²⁰⁹: “A Sala de visita do PRR” (BAKOS, 1996; 1998) utiliza repetidas vezes essa expressão.

²¹⁰Em 1929 houve uma tentativa de diminuir as atribuições da prefeitura que seriam assumidas pelo Estado, contudo, pela lista que o prefeito apresenta em 1931 a mudança foi tímida.

Em 1920: 205.000 habitantes (FEE, 1981, p.127).

Em 1950: 394.153 habitantes (FEE, 1981, p.175).

A crise financeira era aguda e crônica na capital gaúcha e para salvar o PRR municipal e oferecer os mínimos investimentos na gestão municipal, os empréstimos inaceitáveis foram repetidamente permitidos, sangrando a lógica de equilíbrio nas contas públicas. Novamente, a batuta do governo estadual é sentida, pois cabia ao Estado avaliar e validar os tais empréstimos bancários, ficando o intendente e a população porto-alegrense ainda mais reféns do Estado e do capital externo. Soma-se a isso que a cidade de Porto Alegre deveria ser limpa, organizada e servir de modelo para as realizações do PRR. Lutzenberger chegaria a uma cidade em crise, castigada pelos reflexos da Grande Guerra e pela falta de gerência municipal, além dos excessos de interferência estadual, e endividada e com poucos recursos para mudar a sua própria sorte.

O grande preço da estabilidade e os prefeitos tinham a competência avaliada no gabinete do governador (chefe do PRR). Porto Alegre carecia de pessoas competentes ou ágeis na lida dos assuntos públicos. A manutenção dos interesses do partido e de seus “funcionários” era prioridade para os ocupantes do paço municipal. Nessa situação inusitada de perpetuação de governantes opacos é que Lutzenberger construiu grande parte de sua obra arquitetônica. Ao longo do exercício de sua profissão Lutzenberger e tantos outros foram vítimas de um emaranhado de mentalidades mesquinhas e diminutas, negando à população porto-alegrense uma administração competente e voltada para o bem público, e o interesse de seus eleitores, sem se esquecer do mundo da construção civil, modelo do arquiteto oriundo da Bavária.

Afinal é impossível ignorar que entre 1897 e 1937 a cidade tenha tido apenas três intendentes municipais... Ou ainda que de 22/10/1937 a 01/01/1952 dez prefeitos tenham ocupado o Paço Municipal sem que nenhum deles tenha sido eleito diretamente para o cargo (SANTOS, 2012, p. 11).

Portanto, de trajetória abjeta e à revelia da democracia representativa, o novo habitante José Lutzenberger tinha diante de si, como chefes do paço municipal, pessoas que não passaram pelo crivo das eleições, facilitando a imposição de leis e parâmetros contra a população em geral, e, de maneira específica, aos engenheiros e arquitetos em regulamentações fruto de elucubrações que dialogavam pouco com as necessidades da cidade e, especificamente, com as da construção civil. Esse cenário dominado pela intransigência e pela ausência da boa política, atrofiada pelo PRR e sua corja, deslumbraram o arquiteto na sua chegada a cidade pouco democrática. Para enquadrá-lo sob a tutela dos eternos intendentes, Lutzenberger chegou em agosto de 1920, no último mandato de José Montauray, descrito com essas palavras por João Neves da Fontoura, colega de partido e prefeito em Cachoeira do Sul (1925-28):

[...] extremamente limitado como administrador. Geriu a capital por anos a fio sob o mesmo acanhado critério com que iniciou sua administração no fim do século. De um irritante conservadorismo, parecia abominar e temer todas as mudanças (FONTOURA, 1969, p. 321).

Até aqui se caracterizavam os desmandos da administração do PRR, e foi neste cenário hostil para cidadãos e profissionais da construção civil que desembarca Lutzenberger fugindo da Alemanha e contratado pela firma Weise. Para D'Ávila (2004), em estudo sobre os espanhóis, a falta de perspectiva social na terra natal criou a opção da imigração, assim, Lutzenberger veio a preencher seu restante de vida no Rio Grande do Sul.

3.3 ASPECTOS PROFISSIONAIS E A CONSTRUÇÃO DAS REDES SOCIAIS DE LUTZENBERGER EM PORTO ALEGRE

A presente tese trata de um estudo biográfico, levado a frente com o auxílio das fontes locais, baseado na busca onomatopeica, o uso da História Oral e a comparação das situações particulares a Lutzenberger com a realidade de outros imigrantes. Esses são os mecanismos e a metodologia propostos no primeiro capítulo que são postos em prática.

Nesse sentido, é pertinente fazer uso das observações citadas pelas filhas²¹¹ que reproduzem as mesmas explicações oferecidas por Lutzenberger, o qual repetia o interesse em conhecer outros lugares de culturas adversas a sua própria. Frente a tal anseio e desejo de materializar seus sonhos “amplos”, viajar era uma obrigação. Visava conhecer o mundo para além da amada Bavária, e nas localidades onde exercera o seu ofício era sua intenção acumular algum capital monetário, seguido do cultural. Essa realidade é comum aos demais imigrantes, como enfatizam Sayad (1998) e Tedesco (2006), pois a imigração era bastante direcionada à questão profissional.

A escassez de oportunidades profissionais, exemplo padrão, pode ser atestada em tantos outros imigrantes das mais diversas etnias como no caso dos japoneses, mote bastante recorrente para aqueles que querem melhores condições materiais²¹² ou ainda não as verem reduzidas, como num país devastado pela guerra perdida. “A quase totalidade dos imigrantes japoneses do Brasil, antes da Segunda Guerra Mundial, veio com o propósito de economizar dinheiro e regressar à terra natal” (MIYAO, 2002 p. 24). Mesmo em outra época e condição,

²¹¹ Visitas com conversas, inclusive sobre a família Lutzenberger, a filha mais velha, Magdalena. Rose, a filha mais nova foi realizada uma entrevista “acadêmica” em uma única oportunidade (19/05/2019). A entrevista contou com a participação da colega e doutoranda Fernanda Trentini Ambiedo que colaborou aprofundando alguns tópicos.

²¹² Para uma visão mais contemporânea sobre a necessidade de imigrar, ver Tedesco (2006) e a região de Passo Fundo (RS), ao abordar a questão dos imigrantes africanos e a sua procura por empregos nos matadouros da região.

Lutzenberger almejava o mesmo, o sucesso financeiro, e “fugir” da Alemanha era questão primordial. Logo, ele, como imigrante, era também um refugiado da sua condição profissional. No sentido mais amplo, o termo refugiado se justifica, reforça essa situação ao afirmar que “a crise na construção já tinha se dado durante a guerra, agravando-se ainda mais com o desenrolar das consequências do conflito” (LUZ, 2004, p. 97).

Lutzenberger e a Alemanha foram profundamente afetados pela derrota e consequências imediatas da assinatura do Tratado de Versalhes. As condições de uma nação derrotada em um confronto tão longo e devastador fecharam muitas portas e abriram limitadas oportunidades. Grieneisen (2019) relata a situação em que muitos profissionais liberais na Alemanha foram obrigados a abandonar suas respectivas profissões, aceitando trabalhos com menor remuneração e empenhando-se mais nas atividades físicas do que nas suas rotinas pautadas pelo predomínio intelectual. Assim, o imigrante pós-guerra, de maneira geral, precisava mudar e como opção buscava a troca de lar, de emprego, realidade e perspectiva²¹³. Lutzenberger e outros optaram por migrar antes que engrossasse a lista dos proscritos socialmente, sem emprego, sem futuro, em busca de solução para sua triste sina. Portanto, ele foi, praticamente, um deportado voluntário²¹⁴ de uma Alemanha desaquecida e sem perspectiva de trabalho na construção civil e na ascensão econômica. Lutzenberger veio por possuir meios econômicos, físicos e mentais. Se não fosse o emprego da firma Weise, haveria de tentar a sorte em outra empreitada, em outro lugar.

Nesse cenário de terra arrasada pela derrota, do caos político e da profunda depressão econômica, migrar com um emprego era promissor para Lutzenberger. A primeira grande barreira, o idioma, talvez, fosse superada, ou pelo menos atenuada, com os prévios conhecimentos de latim e francês, presentes nos currículos escolares de então. Tem-se, sobre isso, o comentário de seu filho, José Antônio²¹⁵: “o mundo girou de tal maneira sob os meus pés que, a partir de então, o Natal²¹⁶ deslizou para o verão e Pentecostes para o inverno, meu latim e francês converteram-se em português (RAVAZZOLO, 2005 p. 52).

²¹³ As Nações Unidas calculam para o ano de 2021: “Mundo chega a número recorde de 82,4 milhões refugiados e deslocados” (NEWS, 2022).

²¹⁴ Hoje, nas ruas de Porto Alegre, vê-se haitianos, senegaleses, venezuelanos que são, cada um a seu modo, os imigrantes “expulsos” de seus países de origem. A humanidade, em sua constância, migra em largas parcelas.

²¹⁵ Por ser homônimo ao pai, o ecologista José Antônio Kroeff Lutzenberger será denominado José Antônio, facilitando a compreensão do texto e explicitado tratar-se de outra pessoa e não o objeto de estudo.

²¹⁶ A troca de clima se deve à localização da Alemanha no hemisfério Norte em oposição a Porto Alegre no hemisfério Sul, invertendo assim as estações do ano, mas mantendo a “obediência” ao mesmo calendário religioso. O Natal (nascimento de Jesus Cristo) é festa de fim de ano realizada no dia 25 de dezembro e o Pentecostes (que comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo, sua mãe Maria e outros seguidores), é celebrado 50 dias depois do domingo de Páscoa, sendo, portanto, motivo da estranheza de nosso protagonista (PENTECOSTES, 2021).

Ainda sobre o idioma: “de resto, a viagem teve que ser utilizada para os estudos de português e atualização técnica de conhecimentos, mas não foi ruim” (LUTZENBERGER, 1929 p. 72). Aqui, o protagonista se refere ao trecho que perfaz a partida da Holanda e a chegada ao Brasil, em Santos (SP), entre os dias 14 de julho e 7 de agosto de 1920. A esse respeito, as filhas Magdalena e Rose comentam²¹⁷ que o pai, após chegar, se servia da leitura como meio de ampliar o conhecimento da língua e compreender o português. Dentre seus hábitos de leitura, o jornal teve grande importância para esse autodidata. No mundo atual, a falta de domínio da língua, ou a barreira “natural”, continua um dos grandes entraves para os imigrantes mundo a fora. Tedesco (2006, p. 177), em seus estudos, afirma que o aprendizado da língua se “concretiza” no cotidiano do país que o recebe. O mesmo ocorreu com Lutzenberger e tantas outras milhares de pessoas que migram atualmente. A bordo do navio que o trazia da Europa, o aprendizado começara no dia 14 de julho de 1920, após três noites em Amsterdã (Holanda), onde a fartura alimentar era recebida de braços abertos. Aos poucos, os castigos da guerra eram evidenciados sem ironias, pois a fome, ou a carestia, fora sua companheira nas batalhas e nos meses que a seguiram:

a primeira modificação, contudo, não foi desagradável, nós, alemães famintos, nos atiramos devidamente no farto prato de comida holandesa, mas para isso forçou, segundo as condições alemãs, a propósito, um saco de dinheiro bastante confortável com consideração às novas condições desconhecidas – ninguém poderia nos dizer ao certo se nosso dinheiro seria de alguma maneira tomado – com cautela e restrição (LUTZENBERGER, 1929, p. 72).

O clima do Brasil era fator de grande impacto e sobre isso ele nada poderia fazer, a não ser se resignar com temperaturas mais amenas em oposição ao que estava acostumado: “[...] e finalmente, o Natal. Pena que não existe aqui, Natal com neve e gelo” (LUTZENBERGER, 1929, p. 34). Para uma mudança não tão radical do calendário, algumas tradições se mantiveram: sua religião, mesmo muito abalada pelos horrores da guerra, ainda era uma referência na sua vida social, e mesmo afastado da igreja seguia, como de costume, as festividades do calendário religioso. O catolicismo largado era lembrado nas diversas celebrações comuns, a vida nos cultos que havia frequentado na sua infância sob a tutela da família ou da escola, prática esquecida e relegada na fase adulta, em tempos de guerra, e omitida quando podia²¹⁸.

²¹⁷ Magdalena, nas repetidas visitas, e Rose, em sua entrevista (LUTZENBERGER, 2019).

²¹⁸ Pelo que se pode apanhar, ele voltou a frequentar a Igreja por interesses profissionais como nos cultos para abençoar o templo, prestar homenagens aos sacerdotes e obrigações surgidas ao assumir a construção dos diversos templos que erigiu. Ser polido e atencioso com seus empregadores era uma etiqueta respeitada.

No traslado, sobre o percurso, tem-se uma descrição do itinerário, detalhada em sua autobiografia, apontada com cuidado, por duas questões óbvias. Julga-se a primeira, ao anotar tudo, certificar-se do reembolso dos contratantes²¹⁹. E é preciso dar atenção a esses detalhes, pois Lutzenberger teve o cuidado de guardar papéis. A segunda, ao preservar os dados, esses lhe seriam úteis mais tarde em sua escrita pessoal. A escrita memorialista é uma interpolação dos fatos e as prioridades do autor. Assim, após as repetidas leituras, tem-se marcas, evidências de preferências do autobiografado, nas memórias escolhidas, sejam elas escritas ou vocalizadas²²⁰. Não se pode negar o caráter seletivo de suas escolhas e apagamentos²²¹. Há, entretanto, uma construção do legado a ser deixado.

Então, em 10 de julho, Munique-Colônia, em 11, 12, 13 de julho, em Amsterdã, a partida pela Holanda era necessária já que não havia navios alemães, a estadia na bela cidade quase apenas correria comercial e finalmente em, em 14 de julho de 1920 (este dia já tinha sido durante os anos de ginásio um dia de celebração e também algumas vezes de significado) no Gelsia (2ª classe) no mar (LUTZENBERGER, 1929, p. 72)²²².

A guerra e a ausência de navios “pátrios”²²³ eram sinais mais do que evidentes da derrocada de sua nação. A [sua] derrota não ficava para trás, mas o seguia, aos poucos, uma sombra incômoda, lembrança constante e onipresente na Europa nada amistosa aos “hunos²²⁴”. Lutzenberger, de fato, queria não se lembrar dos horrores da guerra, se possível esquecer o “perigo vermelho”²²⁵ e seguir rumo mais altivo: conhecer culturas e acumular capital. Era isso que devia estar em sua mente quando, “finalmente, em 07/08/1920, o Gelsia aportou em Santos, diante do fim do mundo, tanto quanto me parecia acessível naquela época com a língua alemã e o dinheiro alemão” (LUTZENBERGER, 1929, p. 72)²²⁶.

²¹⁹“Foram gastos, ao total, \$52.500,00 Marcos (1920 câmbio: 1 Mil-réis = 10 Marcos, que na Alemanha era ainda quase pleno)” (LUTZENBERGER, 1929, p. 72 entre as páginas 71 e 72). Neste custo, Lutzenberger incluiu as despesas com a burocracia estatal, documentos, passaportes, taxas e afins.

²²⁰Nem só a História Oral sofreu com a falta de relação com o fato vivido. A escrita também é vítima de escolhas por parte de quem a quer preservar, apagar, borrar ou induzir.

²²¹ Sobre memória e identidade, ver Candau (2021).

²²² A data, por questões óbvias, remete à Revolução Francesa (1789). Contudo, não fica explícito no texto de Lutzenberger a satisfação que isso gerava na vida do estudante. Como especulação, pode-se pensar na festividade como pausa nas atividades rotineiras de ensino.

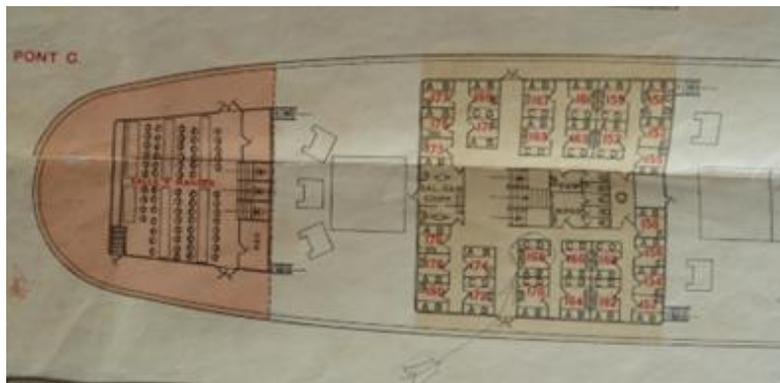
²²³ Alguns inclusive foram tomados como garantia das dívidas, ou reparações da guerra, respeitando o tratado de Versalhes. Mas a grande parte dos vasos de guerra foi a pique para não aumentar o poder bélico dos adversários.

²²⁴ Termo pejorativo dado pelos franceses que identificavam e igualavam os soldados alemães a selvageria de “Átila”, o flagelo dos deuses.

²²⁵Lutzenberger lutou nas *Freicorp*, ou exército branco bávaro contra os revolucionários comunistas, “o exército vermelho”.

²²⁶A desvalorização do Marco Alemão chegaria a níveis inimagináveis. “A inflação que havia começado durante a guerra, se acelera num ritmo galopante em 1923. [...] O quadro é bem conhecido, ele permanece na memória de todos, não só dos alemães. O dólar valia 8.000 marcos em dezembro de 1922, 20.000 em janeiro de 1923, 1 milhão no começo de agosto, e 325 milhões de marcos em 20 de setembro. No fim do verão, os preços subiam de hora em hora. O dinheiro perdeu completamente o valor” (LOUREIRO, 2005, p.138), e Lutzenberger pode ter imaginado

Figura 19 – Cabine de Lutzenberger na viagem do navio Gelsia (Holanda-Brasil)



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Outras decepções cruzariam seu percurso, pois a cada etapa da viagem novas surpresas desagradáveis apareciam diante de si, e chegar a Porto Alegre finalizaria, em parte, as tortuosas baldeações. Antes, porém, num desses trajetos, ele comenta sobre o primeiro contato em terra firme e as “espeluncas” que usaria como casa de trânsito: “ainda no porto [de Santos] um carregador negro me chamou e me trouxe a um hospedeiro alemão” (LUTZENBERGER, 1929, p. 72). Assim, começa o derradeiro contato com a gente da terra. Ao tocar o solo americano é envolto em uma nova língua, cultura e cidadãos com fenótipos que pouco se assemelham aos seus conterrâneos da Baviera. Sua estada em São Paulo é efêmera e a estalagem não era grande coisa, mas o que mais lhe interessava era seguir viagem: “em 12/08/1920, finalmente continuamos com o “Itapema” de 1ª classe rumo ao Sul” (LUTZENBERGER, 1929, p. 72).

Pelotas (RS), a primeira relação com o estado do Rio Grande do Sul, deixa Lutzenberger contrariado: ele não gosta da paisagem que se abre diante dos seus olhos. Mal chega e lhe vem à mente a conturbada sensação de ter se mudado para um lugar ruim. Provavelmente, reflete sobre as suas andanças, na Bavária, e em tudo, inclusive a ideia de migrar para o RS teria sido um grande equívoco, até aquele momento. Não gosta do que vê e se acha acanhado, precisa mudar para algum lugar que o aceite, caso a região de Porto Alegre seja similar com a que tem diante de seus olhos. O que parecia ser um sonho idílico virou um pesadelo em uma terra distante e nada convidativa! Nesse breve interim, do Itapema até Porto Alegre, reavaliou o que fez. Largar a família, mudar de hemisfério, de idioma. A questão mais simplória deve ter brotado em sua mente: “Fiz a coisa certa?” A angústia, em certa medida, tomou conta dele, isso se a filha Magdalena não exagerou em sua narrativa sobre esse momento em particular. Magdalena repetiu a história algumas vezes, que seu pai não gostara nada da cidade de Pelotas

os anos de carestia que se seguiriam à derrota no conflito bélico, o que provavelmente pesou em sua decisão para migrar.

e muito menos da região. Logo, se Porto Alegre fosse semelhante daria um jeito de voltar o quanto antes para a convulsionada Bavária. O sofrimento palpável transmitido por sua filha é, em grande medida, a sina do imigrante em geral, que projeta e crê com ânimo nas melhores possibilidades diante da nova terra. Tanto no emprego que não possui, mas vai adquirir, quanto no lar sonhado, que vai alcançar, ou na vida pacata e com menos sobressaltos que vai conseguir. Segue a busca do que estaria na mente de Lutzenberger: “O que fazer agora?” Mas o nervosismo cedeu aos bons ventos da mudança que chegavam e sua sorte mudou. Aos poucos, se afeiçoou à paisagem e, a partir de Itapuã²²⁷, sua impressão se modificou. Gostou do que viu e achou a região portuária de Porto Alegre mais aprazível do que a de Pelotas, esclarece Magdalena. Ao descer do navio, esticou as pernas, até o próximo desgosto, ou susto em suas próprias palavras:

[...] e, em 18/08/1920, tropecei sobre o velho trapiche na rua J. d. S. num coche tracionado por cavalos e nele fui para o Hotel Jung²²⁸, onde eu tive que recuperar o fôlego do primeiro susto num – supostamente bom quarto de hotel – buraco sem janelas (LUTZENBERGER, 1929, p. 72).

Em Porto Alegre, instalado na nova morada e refeito de algumas das más impressões da viagem, era preciso rever os tratados e ativar os contatos, conhecer seus novos colegas, sócios e patrões. Tudo tinha sido organizado e acertado por cartas. Lutzenberger teria a oportunidade derradeira para dar a primeira olhada depurada nos seus contratantes, se ambientar. E poderia julgar a cidade e suas escolhas com seus próprios olhos e coração. “Fiz a coisa certa?” Era uma questão que o acompanharia por bons anos. Com o futuro em aberto, o imigrante sempre se questiona sobre as escolhas, a partida, sua sorte, as inconstâncias e quanto à vida mais adequada e próspera por aqui.

Era urgente contactar seus novos e únicos elos com a comunidade local²²⁹. Ele tinha apenas um bom encaminhamento, mas o quanto de seu contrato espelhava o factual? Aí se destacam os problemas que os imigrantes, de maneira geral, enfrentam. Sem perspectivas, são evadidos, praticamente expulsos, como Lutzenberger, um refugiado da guerra, da falta de perspectiva, da luta constante por condições básicas de vida. O termo refugiado²³⁰ pode parecer um exagero, contudo, é preciso ver que a Alemanha entrava numa profunda crise política e

²²⁷ Itapuã distrito de Viamão município vizinho a Porto Alegre, próximo de seu destino a capital gaúcha. Fato que leva Lutzenberger a “comemorar” a nova paisagem...

²²⁸ O antigo Hotel Jung, de 1913-14, na rua Voluntários da Pátria, foi substituído, em 1932, pelo Novo Hotel Jung (LEÃO, s.d) (UFRGS, 2022).

²²⁹ Lutzenberger nem seus familiares fazem qualquer tipo de referência na sua chegada sobre a existência de algum outro conhecido ou outro contato, sendo o contrato com a firma Weise o único elo da corrente social e profissional no Rio Grande do Sul.

²³⁰ Nos dias atuais pode constatar a mesma realidade, pois os: “empregos foram reduzidos, a informalidade ganhou contornos nunca vistos” (TEDESCO, 2006, p. 29).

social. Muitos empregos foram eliminados, e profissionais capacitados não encontravam lugar para exercer suas funções, portanto, era necessário um recomeço profundo. A sociedade alemã se encontrava dividida e disfuncional. Nesse sentido, a Alemanha e os alemães entravam em colapso e a guerra era uma realidade presente nos lares alemães que se estendiam além do armistício assinado em 1918²³¹. Qual nação europeia aceitaria o trabalho de um alemão arquiteto, um ex-soldado alemão? Certamente, isso pesou nas opções de Lutzenberger, ser estrangeiro e malquisto era uma lembrança rotunda de Praga; sentiria o mesmo em qualquer lugar da Europa.

Migrar, em muitos dos casos, era evitar a crescente agonia que se apresentava diante de si, pois o imigrante lutava e relutava em aceitar sua partida. Se a vida estivesse bem encaminhada, com contratos a sua frente, é pouco provável que Lutzenberger se aventurasse em terras tão distantes e desconhecidas. Mas a situação não dava mostras de melhorar: seu pecúlio era consumido com a hiperinflação, havia a escassez de oportunidades e faltavam empregos. O imigrante é aquele que busca a liberdade econômica, ou social na nova comunidade, mas essa empreitada tem dificuldades próprias, cercada de imenso e contínuo estranhamento aos que chegam e se deparam com a falta da rede de apoio, a sustentação dos amigos e a “costumeira ajudinha” dos conhecidos e familiares. Lutzenberger desembarcou em terra inóspita para ele, mesmo contando com a promessa de emprego pelos próximos cinco anos. Logo, era preciso recomeçar a experiência profissional, os anos de labuta teriam serventia, inclusive fora contratado devido à experiência profissional, mas, de resto, os anos de militarismo, a adoração à Bavária e à Alemanha monárquica eram coisas do passado. Porto Alegre era uma esperança, uma renovada aliança com possibilidade de crescimento profissional e econômico. Vir era resistir; lutar em um novo campo no emprego do escritório de engenharia Weise & Mennig, se entregar ao trabalho e acreditar que daria um jeito.

Eram escassos os dados sobre o escritório de engenharia e arquitetura²³², e, à época, Lutzenberger não conseguiu informações à sua chegada, mesmo indagando a seu modo: em alemão com francês e em pseudo-português. Os porto-alegrenses questionados não

²³¹Mesmo avançando no tempo e na Guerra, pois se refere à Segunda Guerra Mundial, o escritor judeu Stefan Zweig (2008, p. 23) justifica o Brasil como a escolha da sua partida para esse quinhão inóspito e cheio de possibilidades: “Onde quer que forças éticas estejam trabalhando, é nosso dever fortalecer essa vontade. Ao vislumbrar esperanças de um novo futuro apontar para este país e para tais possibilidades. E por isso escrevi este livro”.

²³²A falta de informação foi em parte superada na busca virtual na hemeroteca da Biblioteca Nacional, nos seus arquivos virtuais do jornal A Federação da cidade de Porto Alegre. Ali foi possível encontrar esclarecimentos complementares, pinceladas do dia a dia desta folha política que desvelavam o tamanho e a importância desta empresa da construção civil para a época. Seguiu-se assim a procura por nomes, ou índices como aponta Ginzburg (1989) um dos precursores da Micro-história.

conseguiram dar informações mínimas da suposta portentosa empresa. As promessas recebidas na Alemanha, aos poucos não se cumpriam no solo gaúcho.

Ninguém a conhecia, no hotel, ninguém sabia me dizer ao certo, eu fui então apanhado confuso e parti. Mal estava na rua da Praia, me chamou pelo nome um jovial senhorzinho de cabeça redonda e cavanhaque, Senhor [Eduardo] Mennig, meu novo chefe, e me arrastou para uma toca atrás de um pequeno comércio na parte superior da rua da Praia – o escritório da ilustre firma (LUTZENBERGER, 1929, p.72)²³³.

Assim, com alguns dados pinçados que, juntos, podem atestar ou corroborar algumas das hipóteses sobre a pequena relevância da empresa no setor local, buscou-se, inicialmente, descobrir os proprietários²³⁴. Os resultados apareceram impressos no periódico A Federação, numa longínqua edição 19, de 23 de janeiro de 1893 (p. 2), quando Julio Weise participou de uma comissão de construção organizada pela prefeitura de Porto Alegre. Outra informação útil, do ponto de vista especulativo, é a de sua morte, noticiada no mesmo periódico na edição 161 (10 de junho de 1919, p. 5). Isso gerou a indagação de que esse poderia ser o motivo principal, ou apenas um motivo a mais²³⁵, para o concurso ofertado na Alemanha com o intuito de trazer um engenheiro / arquiteto alemão como empregado para preencher a vaga do falecido proprietário.

Na pesquisa histórica é preciso cuidado com as fontes, pois elas nem sempre se referem àquelas pessoas que se deseja encontrar, porque há o risco de ser um homônimo. Por essa razão se ampliou a pesquisa, e, felizmente, pode-se atestar que era o indivíduo esperado, isto é, a citação do profissional Julio Weise, fundador da firma que contratara Lutzenberger. Weise realizou um trabalho na igreja das Dores, mas não obteve retorno financeiro para si, sua motivação, provavelmente, era a de estreitar laços de amizade com os membros da comunidade, tornando-se uma pessoa benquista entre eles²³⁶. Outra área em que Julio atuava, o que reforça suas conexões com a comunidade teuta, era a do clube de tiro, o qual presidia, onde se

²³³Para Weimer (2006, p. 109): “Weise & Menning, que Julius Weise herdou de seu pai, Willibald Weise (sediada na rua Voluntários da Pátria, 509) (DER FAMILIENFREUND, 1918)”. Willybaldo era o responsável pela firma o que contrariava a proposição de Weimer. Contudo, não foi possível identificar a relação seja de parentesco ou econômica entre ambos, Julio e Willybaldo.

²³⁴Weimer (2006) teve dificuldade em achar dados sobre a firma, o que em parte reforça a inexpressividade profissional. Houve ainda a busca remota na Hemeroteca da Biblioteca Nacional nos jornais do RS, tendo como tópicos utilizados: “Willibald”; willybaldo “Weiss”; “Weise”; “Hruby” e suas variantes, comum aos nomes estrangeiros que possuem diversas grafias: Wyllibaldo; Wiess etc, obrigando procurar igualmente por suas variantes. A busca por tópicos foi realizada repetidas vezes ao longo do trabalho, mesmo guiada por inteligência artificial, os resultados apresentam variações, dando provas o suficiente que nem a tecnologia avançada da hemeroteca nacional é isenta e 100% capaz. O nome dos proprietários, vez e outra, desponta e soma-se à elucidação das questões sobre a firma contratante de Lutzenberger, o qual também tem a grafia de seu nome adulterada, seja pelos erros gráficos ou dos jornalistas.

²³⁵Como a já “prevista” expansão do escritório, a busca por novos nichos de mercado, a especialização em alguma área específica etc.

²³⁶Lutzenberger vai ser “obrigado” a fazer uso deste expediente, acredita-se, sem sucesso.

enfaticava a vida social dos teuto-gaúchos ligada às entidades sociais e de manutenção da germanidade. Nesse sentido, a Germanidade era um movimento, “tendo como preocupação central a defesa da identidade étnico-nacional da população imigrante” (SILVA, 2009, p. 81), com cultura alemã. Deste modo, a própria autora classifica como uma identidade “hifenizada”, em que a “porção “teuta” reafirmaria a ascendência, a origem étnica e nacional e a lealdade à língua, aos costumes, às instituições, enfim, ao modo de ser alemão” (SILVA, 2009, p. 81). Portanto, nunca uma identidade apenas nacional, única, no sentido de ser brasileira. Mas, sim, complementada por esse passado que não queria ser apagado, pois “no Brasil, como em outros países, as novas identidades nacionais eram apenas uma das características pelas quais as pessoas definiam a si próprias” (LESSER, 2015, p. 133). Isso, em certa medida, pode ser a manutenção de seu estado de imigrante, a ambiguidade apontada por Tedesco (2006).

Portanto, essas redes eram elos de manutenção da germanidade, entre outros aspectos que, em relação à empresa Weise, estavam presentes antes da chegada de Lutzenberger e, quando possível, havia ajuda mútua entre os membros de uma mesma etnia (CONSTATINO, 1990) que trabalhava em prol de objetivos comuns. A nota fúnebre, publicada no jornal A Federação, de Julio Weise, explicita a expectativa de um trabalho solidário que posso gerar mais frutos ou novos trabalhos, esses remunerados (A FEDERAÇÃO, 1919, edição 166, p.7). O quanto isso trouxe de benefício para ele, em vida, ou para a sua firma, é uma incógnita, mas mostra que o trabalhador deve, em muitos dos casos, assumir os riscos e trabalhar sem remuneração imediata:

FALLECIMENTOS

Passou hontem o 7º. dia após o falecimento do conhecido archtecto Julio Weise havia longos anos residente nesta capital, tendo conquistado um nome digno de geral acato por sua aptidão profissional e pelas excellentes de coração e character. Entre muitos atos que revelam os generosos sentimentos que distinguiram o exticto, é de justiça destacar os relevantes serviços por elle prestados durante a construção, de acordo com o projeto seu, das torres da igreja de N.S. das Dôres²³⁷, e que administrava solicitamente, sem remuneração de espécie alguma. Julio Weise, que era, ainda um atirador propecto, prestou reaes serviços à Liga de Atiradores do Rio Grande do Sul, da qual era presidente (A FEDERAÇÃO, 1919, Edição 166, 17/06/1919, p.7).

Na elucidação do passado da firma Weise e de suas diversas mudanças societárias, buscou-se novos subsídios, pois os trabalhos anteriores realizados, em especial por arquitetos (LUZ, 2004; GRIENEISEN, 2019), não aprofundaram essa questão, algo compreensível, pois, os trabalhos refletem o ambiente e a cultura²³⁸ dos pesquisadores que contribuíram para e se

²³⁷A Igreja das Dores, uma das primeiras obras arquitetônicas tombadas em 1938 no município, graças a uma lei federal (MEIRA, 2002).

²³⁸Ambos são professores de Arquitetura.

direcionaram a outros aspectos. Cabe ao historiador espanar a poeira do passado e oferecer uma nova gama de conhecimentos sobre o vivido na vida de Lutzenberger. Elucidar as origens da Weise é intensificar as conexões étnicas e as redes sociais pautadas nesse aspecto. A intenção é complementar o trabalho já realizado e melhorar o entendimento coletivo sobre o passado dessa firma, que, sem dúvida, teve papel preponderante para a imigração de Lutzenberger, que assim aportou em Porto Alegre e não em outro destino qualquer. Portanto, questões que antecederam a chegada de Lutzenberger eram relativamente desconhecidas, e procurou-se desvendar o histórico da empresa, seguindo as pistas deixadas no A Federação, pinçando os dados genéricos publicados nesse jornal²³⁹.

Assim, a pesquisa se direcionou para a Junta Comercial/RS e chegou-se ao contrato número 8.408 de 1917, o nascedouro oficial da relação comercial entre os engenheiros Willybaldo Leonard Weise e Eduardo Mennig Ambos com formação universitária, Willybaldo Weise teria cursado a Escola Técnica da Universidade de Zwickae da Saxônia, e Eduardo Mennig atestava ter estudado na Escola Politécnica da Universidade de Berlim, dados oferecidos pelos próprios engenheiros que apontavam suas qualificações no contrato redigido, quando Mennig e Weise registraram a firma em comum no órgão competente. A jovem firma tinha como capital inicial 2.000\$000 (dois contos) e ambos os proprietários (Willybaldo, Eduardo) possuíam instrumentos e biblioteca relacionados à prestação dos serviços oferecidos. O contrato foi assinado em 15 de outubro de 1917 e registrado na Junta/RS, no dia 22 de outubro do mesmo ano, respeitando a morosidade comum à burocracia²⁴⁰. Tudo registrado para a satisfação do pesquisador. Atento às necessidades da tese e sua metodologia, pode-se afirmar que a procura de dados sobre os proprietários e sócios da firma Weise, é uma pesquisa prosopografia (CARNEIRO, 2018, p. 34). Isso ajuda a entender o meio social em que ela, a firma, estava inserida, e porque não destacar a preferência de seus donos, por indivíduos ligados à cultura alemã, a escolha de Lutzenberger²⁴¹ não é assim coincidência, mas um desejo deliberado de seus proprietários, preocupados com a qualidade de seus sócios e com a origem étnica deles.

Não foi possível encontrar mais informações complementares da atuação da empresa ou de seus proprietários. Mas o ideal da empresa (Weise) era crescer e ampliar o seu leque de atuação. Nesse ínterim, após a morte de Julio Weise e a união entre Leopold Weise e Mannig, foi contratado com exclusividade o arquiteto brasileiro, de origem tcheca, José Hruby, razão

²³⁹O mesmo se encontra em versão virtual na Biblioteca Nacional.

²⁴⁰É preciso ir ao cartório escrever o termo, assiná-lo. Depois ambos os contratantes vão na Junta Comercial com novas assinaturas, paga-se os selos e as demais taxas e o termo é lavrado.

²⁴¹A incluir também a do tcheco Joseph Hruby.

que reconfigura mais uma vez a empresa. O segundo documento, o contrato na Junta/RS, foi lavrado sob o número 9.711 (1919) com a mudança de nome fantasia para Weise, Mennig & Cia. O novo sócio receberia um salário de \$300 réis, com a participação nos lucros ou com o adicional do bônus pago semestralmente (30 de junho²⁴² e 31 de dezembro). Caso o arquiteto contratado Hruby tivesse alguma obra pendente até o dia 1º de agosto de 1919 caberia somente a ele a sua conclusão e sem relação alguma com a nova empresa e muito menos com as obras a serem realizadas na Weise Mennig & Cia. O contrato finalizaria em 15 de outubro de 1922, mas terminou antes.

Após o resumo histórico, a firma estava restabelecida e pronta para novas empreitadas, aumentando seu impacto no mundo das construções em uma Porto Alegre de complicada administração. A morte de seu proprietário, Julio Weise²⁴³, ao contrário do que se possa imaginar, foi, em certa medida, uma motivação extra, e talvez necessária, para impulsionar os negócios agora não mais familiares. Com a casa arrumada era preciso esperar pela nova aquisição profissional o experimentado engenheiro e arquiteto Joseph Lutzenberger, que, conforme se gabou, venceu mais de 100 concorrentes²⁴⁴ no concurso eliminatório proposto pela ambiciosa firma gaúcha. Lutzenberger foi recebido em uma nova rede social, com a clara ideia de ampliar o escopo comercial da empresa que quer crescer, como se deduz das ações de aumento dos sócios, a contratação de experimentados e competentes funcionários cotistas como Lutzenberger²⁴⁵.

Enfatizam-se, aqui, as características da imigração alemã ao RS, pois a ancestralidade germânica dos proprietários da Weise e Mennig, não era um acaso ou coincidência, pois a imigração de alemães para o Estado gaúcho foi intensa e contínua, e a entrada de Lutzenberger no Estado não pode ser encarado algo aleatório ou sem um embasamento histórico. Isto é um ponto importante como se tentou demonstrar com a chegada das diversas levas de imigrantes germânicos. Os alemães, os teutos descendentes, continuavam a se relacionar com a antiga pátria e de lá buscavam renovar os laços culturais e profissionais. Lutzenberger veio não só porque a Alemanha tinha ótimos engenheiros, ou pela derrota na Grande Guerra, mas por ele ter essa afinidade étnica, alemã, presente no Rio Grande do Sul e louvada por seus patrões. A

²⁴² Confesso que anotei outra data: 1º de janeiro, mas essa não faz sentido.

²⁴³Lutzenberger, em sua autobiografia, mal toca no assunto da seleção, omitindo questões como: prazos, quem realizou os contatos, sua frequência, o rito processual da seleção e afins. A rara oportunidade da periferia econômica consegue atrair “cérebros” para o exercício profissional no país atrasado e com baixíssima escolaridade acadêmica, invertendo a lógica do fornecimento de profissionais que, pelo contrário, evadem-se do Brasil para terem melhores condições de trabalho e vida, uma realidade comum nos dias de hoje.

²⁴⁴Outra prova das dificuldades profissionais que não só Lutzenberger enfrentava, mas a dura realidade de escassez de oportunidades na Alemanha derrota e espezinhada pelo Tratado de Versalhes.

²⁴⁵Lutzenberger, um profissional não só gabaritado pelos anos de serviço, mas com sólida formação acadêmica.

firma e vários teutos no Estado gaúcho continuavam a apoiar a manutenção de alguns aspectos de sua germanidade, incluindo o desejo de fortalecer essa identidade (CONSTANTINO, 1990). A adaptação foi, portanto, negociada e sobreviveu em nichos específicos²⁴⁶.

Com a morte do proprietário da firma, Julio Weise, o filho dele e o sócio Mennig foram convertidos em donos, e prontamente buscaram novas ligações, na figura de José Hruby, tudo planejado para uma próspera união de cinco anos evidente na última frase da citação,

[...] nos próximos dias eu conheci então, os meus outros senhores chefes, **Dr.** (para não esquecer!) Willybald Weise, supostamente engenheiro civil ou algo assim, e o boêmio "construtor" Hurby, que, naquela época, foi tomado como construtor escolhido da catedral. Mennig (agrimensor) e Weise haviam até agora medido terrenos, desde que recentemente Hruby havia ingressado na firma como "Construtor", deveria ter se tornado uma grande firma construtora (LUTZENBERGER, 1929, p. 72)^{247/248}.

Ao que parece, a “grande firma construtora” era a meta, era a parte dos sonhos a ser buscada, com a inserção de profissionais competentes e germânicos, o que reforçava a afinidade (SEYFERTH, 1994) e os laços étnicos que permeavam as relações profissionais de Weise e Mennig e condicionaram a escolha por um Lutzenberger. Aqui, é preciso apontar o âmago da tese, a identidade e a assimilação dos imigrantes, pois, reforçar que a identidade é forjada pelas similitudes e diferenças (MUNANGA, 1994) é algo presente nas escolhas profissionais de Weise e Mennig. O imigrante, mesmo residindo há muitos anos na nova realidade, ou que tenha nascido ali, ele está em constante cisão e disputa representadas pela dupla perda, aspectos esses desenvolvidos por Tedesco (2006) e Sayad (1998) e Silva (2006). Há, portanto, uma disputa entre o quanto o imigrante quer, ou deve ser igual aos “nativos” na sua identidade e o quanto ele deve apagar da cultura anterior em detrimento da atual, assimilando-se totalmente (MAEYAMA, 1973). Weise e Mennig se mostravam imigrantes que tinham essas características marcantes, mantendo, dentro do possível, traços e afinidades com sua origem germânica; eram ambiciosos, cobiçavam crescer, fato este encarado como pura ironia aos olhos experientes de Lutzenberger, que considerava tudo aquilo muito além da presente condição que

²⁴⁶Como nas sociedades culturais (tiro, canto, dança), na igreja, em firmas como a Weise etc.

²⁴⁷A menção é interessante, pois, na edição 174 de “A Federação” de 29 de julho de 1920, há um agradecimento da redação do jornal pelo recebimento do Mapa do Estado do Rio Grande do Sul realizado pelos engenheiros Weise e Mennig da firma Weise, Mennig e Hruby. A nota da conta de que são ao todo 5.000 exemplares à venda na Livraria Selbach, essa também ligada à comunidade germânica na capital. Em uma edição posterior há a evidência de outros negócios realizados pela firma Weise, que se posiciona como representante comercial de uma empresa de locomotivas no A Federação (edição 109 de 10/05/1924). Além de citações de pagamentos feitos pelo erário público a respeito das reformas realizadas pela Weise para a rede ferroviária estadual, ou seja, a empresa Weise era um empreiteira e representante comercial, entra outras atividades identificadas na pesquisa.

²⁴⁸José Hruby era engenheiro contratado em condições semelhantes às de Lutzenberger no aspecto econômico. Ele já tinha experiência na área e exercia sua profissão em Porto Alegre. Em anúncios pagos e repetidos várias vezes, a firma Weise e Mennig fala sobre o novo contratado como na edição 195 (A FEDERAÇÃO, 09/08/1919, p. 8).

a firma oferecia ao mercado, mais do que uma realidade exequível com aquele quadro profissional.

Desse modo, Lutzenberger demonstrou certa falta de amabilidade com seus ex-patrões, por julgar excessivas as suas expectativas. Novamente se reforça que a autobiografia de Lutzenberger foi iniciada em 1929, portanto, afastada uma década dos eventos apontados, na sua inserção na firma gaúcha. E foi assim que Lutzenberger deixou, intencionalmente, transparecer sua impressão dos primeiros contatos em 1920²⁴⁹ e dos anos de trabalho junto à firma, repensados no ato da escrita. Nela, não poupou críticas e ironias²⁵⁰, num retrato mais pessoal e apurado da situação, dando uma ideia de quem era quem na firma, incluindo a generosa autoavaliação que abria o leque de críticas e reparos do “estudado” funcionário que se deparava com o inusitado cenário e se sentia distante de seus colegas, e somava-se a isso a necessidade de chamar o patrão de “Dr.”. Constata-se que Lutzenberger reforça a desmedida ambição muito além da diminuta capacidade julgada pelo novo empregado sócio. Seria útil se mencionasse em sua autobiografia a questão da assimilação e identidade dos outros, seus colegas, e mesmo que não os julgasse germânicos, também não os desconsiderava, pois havia resquícios e familiaridades entre os “antigos” imigrantes (Weise e Mennig) e seus descendentes com o recém-chegado alemão Lutzenberger.

Porto Alegre tinha grande parcela da sua população ligada aos alemães. Lutzenberger, ao chegar aqui, em agosto de 1920, se instalou e começou a trabalhar prontamente. Mas não se pode ignorar um lapso de tempo, que abrange o início propriamente dito de trabalho efetivo na empresa e a assinatura do contrato entre a firma Weise, Mennig & Cia e Lutzenberger. Documento datado *apenas* em 10 de janeiro de 1921 - Contrato n. 10.719 da Junta Comercial/RS de 1921. Portanto, há um período em que Lutzenberger não aparece, nos registros, em seu ofício na firma. Julga-se que a formalidade estatal só dá conta de sua existência funcional com alguns meses de atraso, em janeiro do ano seguinte. Lutzenberger esboçou uma explicação, pois ficou à espera de a empresa “liberar” José Hruby, que, supõe-se, preferiu outras

²⁴⁹ Porto Alegre deste período: “[...] na passagem para os anos 20, a cidade começou a transformar-se mais rápido e significativamente. Graças a algumas melhorias promovidas pelo poder Público, e à renovação da edificação particular, algumas ruas e espaços centrais adquiriram feições modernas adequadas aos novos hábitos que então se estabeleceram entre as elites da capital: o footing da rua da praia, os cinematógrafos e, posteriormente, os cinemas, os cafés etc. Entretanto, persistiram o plano urbanístico com grandes deficiências” (VARGAS, 1994, p. 34).

²⁵⁰ Não só em suas aquarelas, mas pode se dizer que ser irônico era um modo de relaxamento social e, uma prática corriqueira do “austero” bávaro.

opções com o *cartaz* obtido ao realizar as obras da catedral metropolitana de Porto Alegre²⁵¹, deixando Lutzenberger com o “privilégio” de ser o seu substituto.

Declaração

Weise & Mennig e José Hruby da firma desta praça

Weise & Mennig & C.

Declararam haver nesta data dissolvido a mesma com a retirada dos sócios engenheiros Weise & Mennig, pago de seu capital e lucros, de acordo com o contrato registrado na Junta Comercial desta praça.

Porto Alegre, 27 de dezembro de 1920.

Weise & Mennig

De acordo com a declaração acima.

José Hruby (A FEDERAÇÃO, Edição 299, 29/12/1920, p.3)

Lutzenberger entrou na condição de sócio igualitário, com Willybaldo à frente da empresa, o qual não possuía a envergadura imaginada, a se julgar pelo trecho a seguir:

Para isso Hruby queria se passar aparentemente por um bom desenhista, os outros, porém, mandaram buscar um arquiteto e após o término dos negócios da catedral deixaram o boêmio novamente de fora. Consequentemente, a proporção correspondente também foi, entre eles, e eu fui – sem primeiro poder deixar passar a situação – insinuado contra o Hruby e acabei, justamente, entrando no seu lugar, bem ou mal, como acionista (LUTZENBERGER, 1929, p.73)²⁵².

Sobre o contrato de Lutzenberger, contou-se com a rara oportunidade, até então vetada aos demais pesquisadores²⁵³: o acesso a esse documento, o qual explica o início do exercício profissional de Lutzenberger. Assim, a pesquisa avança na difícil tarefa de reconstruir e analisar a vida desse engenheiro alemão. Na ausência de outros documentos que revelassem de que modo foi feita a seleção dele na Alemanha, esse contrato trouxe a compreensão para a pesquisa, pois pôde-se contar novamente com a rara compreensão da Junta Comercial/RS para atingir parte dos objetivos do estudo.

De maneira objetiva e menos especulativa, com documento oficial lavrado, produziram-se alguns comentários que a leitura crítica do contrato oferece. A firma Weise dava passos mais largos a ponto de aumentar em cinco vezes seu capital inicial, algo extraordinário devido ao

²⁵¹“Em 3 de maio de 1920 foram iniciadas as obras de terraplanagem e demolição da Matriz, e a pedra fundamental do novo templo foi lançada a 7 de agosto de 1921. “Alguns pesquisadores atribuem grande parte das soluções técnicas a Hruby, contudo, o projeto é formalmente de Giovanni Battista Giovenale (CATEDRAL METROPOLITANA, 2022)”.

²⁵²A provável explicação para o contrato de Lutzenberger ser assinado somente em 1921, quando da saída de José Hruby.

²⁵³Tive uma experiência negativa a esse respeito no meu mestrado, quando precisei de contratos realizados pelo sogro de Lutzenberger, o coronel Jacob Kroeff Filho e, fui mal atendido obtendo apenas dados superficiais que não resultaram em análises aproveitáveis. Outra maneira de se comprovar a falta de apoio das outras administrações da Junta Comercial/RS é a raridade que se encontra nas referências a presença do órgão, sendo muito raro algum artigo local em que ele é citado.

curto prazo compreendido em 1917, quando seu capital estava orçado em 2 contos de réis e o pulo para de 10:000\$000rs (dez contos de réis) em 1920.

I

A sociedade girará, a razão social de Weise, Mennig & Cia com sede a rua dos Andradas 585 tendo a seu capital de 10:000\$000rs dez contos de réis em partes iguais (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Os esforços iniciados com a fusão das duas forças de trabalho entre Weise e Mennig estavam dando êxito à empreitada, o que leva a crer que eles estavam alcançando os objetivos em comum, de crescer e abocanhar uma parcela significativa de trabalhos. A contratação de José Hruby foi mais um esforço nesse sentido e um demonstrativo da crescente demanda por gente habilitada. Hruby provavelmente tenha tido algum grau de cumplicidade, ajudando efetivamente para o aumento de capital da firma e na conquista dos tão necessários clientes/serviços, pois ele não deveria ser assim tão limitado profissionalmente. Isso levanta dúvidas sobre o juízo de Lutzenberger, que pode ter exagerado, baseado mais em algum tipo de antipatia pessoal do que profissional em relação ao colega tcheco. A Weise aumentou a sua prospecção, saiu em busca de novos contatos, ofereceu, presumivelmente, nova gama de serviços condizentes com as capacitações de Hruby e, posteriormente, com as de Lutzenberger. De maneira mais enérgica, a firma ganhou novo impulso e fôlego. Na segunda cláusula consta a questão do trabalho exclusivo que pode ser revisto caso haja interesse das partes.

II

Cada sócio obriga-se por este contrato empregar e dedicar-se com toda a sua atividade em favor e progresso da firma que faz parte, porém, é lícito sob o apoio geral dos cômicos interessar-se em outras empresas ou negócios, salvo estas empresas de negócios não prejudicam os interesses e o ramo da firma (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Com base nos relatos familiares (História Oral), o pesquisador tinha uma visão mais restrita e parecia ser Lutzenberger um operário consternado em sua linha de produção, realizando as tarefas impostas a ele pela Weise & Cia. Essa realidade deve ter sido apenas logo após a sua entrada no escritório, pois é preciso relativizar o quanto o imigrante estava impossibilitado, mas isso devido às tantas dificuldades que Lutzenberger enfrentou, por exemplo, o domínio da língua e a falta de reconhecimento no novo meio, que o impedimento imposto pelos contratantes, pensado inicialmente, tenha sido mais de ordem prática do que jurídica.

III

De comum acordo com o sócio Arquiteto José Lutzenberger podem os sócios engenheiros civis Willybaldo L. Weise e Eduardo Mennig executar-se conjuntamente pelo prazo deste contrato, trabalhos de medições por conta própria não tendo estes trabalhos nada que servem a firma Weise, Mennig &

Cia pagando estes a firma pelo aproveitamento do escritório 25% dos atuais aluguéis (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Nessa cláusula, tem-se a clara diversidade dos sócios originais e sua atuação em outras áreas, além da construção civil, cuidando, inclusive, das medições e outras atividades relacionadas à compra, venda e regulamentação fundiária. Fato que origina comentário jocoso por parte de Lutzenberger ao apelidar seu chefe “Dr.” [Mennig] agrimensor. Portanto, a firma Weise e Mennig tinha outra configuração, mas, então, deveria operar de maneira menos abrangente, centrar-se mais na construção civil, o que convergia para a contratação de arquitetos de fato: Hruby e Lutzenberger. Isso ampliava a atuação urbana da firma, em uma decisão dos proprietários de expandir a atuação profissional do escritório de engenharia e arquitetura, competindo diretamente contra outros escritórios já consagrados na cidade de Porto Alegre. O uso do idioma alemão no escritório e nas visitas profissionais seria outra característica útil para conquistar o cliente que se identificava com a germanidade comum à empresa de Weise e Mennig e agora de Lutzenberger. A antiga configuração do escritório e o foco de seus proprietários na questão agrária devem ter decepcionado um arquiteto com vasto currículo, no caso o de Lutzenberger, que assim adquiria outra dor de cabeça, além do salário que não era o imaginado, nos marcos fortes.

IV

Cada sócio é facultado ---- [palavra ilegível] mensalmente do cofre a importância de trezentos mil réis para as suas despesas individuais (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

O salário formal de Lutzenberger e o dos sócios não sofria aumento, pois repete o seu valor que consta no contrato da firma com Hruby em 1917²⁵⁴ (JUNTA COMERCIAL/RS, 8.408, 1917) de \$300 réis mensais. A guerra tornou tudo mais difícil, assim, foi possível imaginar que esse ordenado não lhe dava muita margem para gastos pessoais ou o sonhado acúmulo de capital, situação comum aos imigrantes (MIYAO, 2002). Esse aspecto também colaborou com suas diversões, como as citadas caminhadas e leituras, opções baratas e necessárias para um mínimo de lazer. As noitadas e as bebedeiras de Lutzenberger vão perdendo sua pertinência, ao lembrar que seu país de origem e seus parentes passavam dificuldades e a remessa de recursos parecia ser uma necessidade momentânea, mesmo com os escassos rendimentos em réis.

V

O balanço é semestralmente feito em 1º de janeiro e 1º de junho de cada ano corrente, sendo cada sócio interessado com uma terça parte nos lucros e perdas. O capital de remessa da firma necessário à sociedade será determinado

²⁵⁴Em plena carestia da Grande Guerra (1914-1918).

por maioria dos sócios. O lucro restante que se verificar por balanço será repartido em partes iguais (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Lutzenberger esperava trabalhar bastante para acumular um ótimo pecúlio e decidir de maneira mais tranquila os rumos de sua vida: se volta à questão da migração temporária ou permanente, primeiro caso, ou se muda de ambiente mais vezes. No segundo caso, permanece de maneira definitiva onde está. Sua trajetória, até aquele momento, mostrava que ele trabalhava por contrato e não se intimidava em buscar trabalho, e foi nesse aspecto que residia o questionamento de migrar novamente ou não. Talvez nessa disposição residia grande parte das ambições de um rendimento mais generoso e sua permanência definitiva em Porto Alegre. Como se está numa posição privilegiada do futuro dele sabe-se que os tais dividendos eram parcos e o intenso trabalho gerava pouco impacto na remuneração final e na promessa do Bônus semestral. Embora amargurado, com decepção, tanto do ponto de vista econômico quanto emocional, resolveu persistir, superando as dificuldades iniciais. Mudava sua postura de “andarilho”, adquirida por permanecer poucos meses no mesmo emprego.

VII

Com o cargo de gerente ficará encarregado um dos sócios por maioria de votos (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Mesmo sendo uma cláusula do contrato a possibilidade de ocupar o cargo de gerente, Lutzenberger sabia que trabalharia de igual para igual com seus colegas, mas dificilmente assumiria a direção da empresa, nem os rumos dela, pois, sendo apenas uma terça parte dificilmente assumiria a gerência da firma, essa “reservada” à aliança entre seus sócios fundadores: Weise e Mennig. O artigo a seguir transcrito dá conta disso, bem ou mal, ele continuaria um “subalterno”²⁵⁵.

IX [VIII]

Cada sócio tem o direito de assinar a firma, não podendo assinar letras, notas promissórias, cheques de qualquer compromisso financeiro, sem assinatura d’um outro sócio. É vedado aos sócios pessoalmente assinar letras, notas promissórias e prestar fianças. Cada sócio responsabiliza-se com seu capital particular pelos negócios por ele feito em nome da firma quando ele não tenha consultados os outros e dará seu balanço mensal de todos os negócios por ele feito em nome da firma (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Os sócios cercavam-se de prerrogativas excludentes para conter os “arroubos” do arquiteto recém-contratado. Como se vê nesse quesito referente às questões econômicas.

IX

O contrato tem o prazo de cinco anos, isto é, de 1º de janeiro de 1921 até 1º de janeiro de 1926, podendo se recendido de comum acordo de ---

²⁵⁵ O que pode ter gerado confusão na interpretação das filhas de Lutzenberger.

[palavra indecifrável] sócios com o prazo de 3 meses em ---- [palavra indecifrável] quando e poder provas exclusivamente que um, dos sócios prejudicado a firma, e este perderá em ---- [palavra ilegível] todos os seus direitos d´este contrato (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Aqui se reforça a questão da validade temporal do contrato que não iniciou imediatamente em agosto de 1920. Lutzenberger vai cumpri-lo à risca, e no seu término não viu necessidade de continuar ligado aos sócios. Sob a tutela do contrato realizou obras de destaque, o que o ajudou a construir uma vida profissional autônoma. Em parte, criou a sua própria rede de contatos e conhecidos, não dependendo de seus antigos colegas de escritório para sobreviver. Desse modo, ao encerrar as atividades na Weise Mennig & Cia ampliou seu currículo com obras locais, as quais podiam ser vistas e analisadas pelas pessoas, futuramente seus contratantes, pois já era reconhecido como arquiteto competente.

Os artigos, a seguir transcritos, eram um acaso extremo que felizmente não foi acionado. Mas o texto reforça que a “[...] gerência do sócio sobrevivente”, algo que parece implícito, não ser ele, Lutzenberger, em hipótese alguma.

X

Por morte de um dos sócios a sociedade poderá continuar até terminação do seu prazo sob a gerência do sócio sobrevivente, assistência de um fiscal idôneo por parte dos herdeiros do sócio falecido, salvo o caso do art. 353 do Código Comercial. Se não convier aos interessados, a confirmação nas condições acima propostas proceder-se-á balanço fazendo-se abatimento de vinte por cento 20% sobre o total das dívidas ativas e o quinhão que caber aos herdeiros do sócio falecido será pago pelos sobreviventes em única letra de igual valor a prazo de seis, dose, dezoito, vinte quatro trinta meses (6,12,18,24,30) sem juros (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

XI

O prazo social é de cinco anos, findo --- [palavra ilegível] estes e não tendo nenhum dos sócios avisado por escrito que quer a dissolução ou liquidação da firma ou sociedade fica válido o presente contrato em todas as suas cláusulas mais um ano e assim por diante, até resolvida a liquidação (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Sob esse tema, a dissolução da firma aconteceu naturalmente ao findar o prazo estipulado, o que substancia, mais uma vez, a impressão imprecisa de que o pesquisador teve pelos relatos das filhas, que diziam ser ele um simples funcionário da firma em questão. Com a leitura do contrato não se quer aqui negar os abusos das relações díspares de trabalho, em especial de patrão e funcionário, contudo, mesmo diante de tal evidência, e contrariado em relação ao salário, com colegas originalmente não muito competentes, um direcionamento diferente da atuação profissional imaginada, Lutzenberger, na falta de outra evidência, se resignou e cumpriu o combinado. Continuou se esforçando e se aplicou aos seus afazeres pelos longos cinco anos que o fizeram zarpar da Europa em chamas. Em um primeiro momento, no

início da pesquisa, acreditava-se que a ideia era ver Lutzenberger continuar na posição cômoda de sócio, algo que não se materializou. Esse imigrante seguiu a carreira solo e coube à firma Weise contratar outro elemento competente para, novamente, propor uma sociedade o mais duradoura possível. Pois Hruby, mal esquentou a cadeira, nos três anos na firma e cedeu o lugar a Lutzenberger, perfazendo a totalidade do acordado inicialmente.

XII

O infrator d'este contrato perde os direitos d'este contrato e está sujeito a multa que os sócios prejudicados pela infração convencionarão (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Mais uma vez consta a declarada intenção de se precaver de ambos os lados de algum ato deletério. Esse item reforça o cuidado com as ditas letras, e demais aspectos legais e econômicos da empresa.

XIII

E por se acharem de perfeito acordo obrigam-se os signatários por si por seus herdeiros a cumprirem o presente contrato que vai escrito pelo próprio punho dos sócios eng.^{ro} Willybaldo L. Weise e que assinaram na presença de duas testemunhas lavrado quatro vias de igual teor das quais uma será arquivada na Junta Comercial (JUNTA COMERCIAL/RS, 10.719, 1921).

Essa via se preservou e, por sorte e empenho, pode ser utilizada no estudo acadêmico tornando-se uma peça histórica fundamental como fonte privilegiada de informações da trajetória de Lutzenberger. Por esse motivo se repete a relevância de ter acesso às preciosidades armazenadas e, infelizmente, distantes na Junta Comercial/RS. A história gaúcha, a academia e os pesquisadores do futuro agradecem efusivamente, e se espera que a cada dia mais e mais os pesquisadores possam contar com a sensibilidade e a ajuda que obtive da atual administração²⁵⁶ da Junta Comercial que se empenhou em encontrar os documentos que eu tanto procurava. O palpite, as pistas, os indícios, as pegadas (GINZBURG, 1989) deixadas ao relento estavam bastante embasadas e, a busca, conforme se imaginava, se mostrou recompensada ao caçador historiador. Lutzenberger não preservou cópia do documento inicial em seu arquivo, o que confirma o quanto a Junta pode oferecer em termos de informações únicas. Ao se analisar a conjuntura, quer-se crer que, ao ser perdida a validade do contrato e seu vínculo com Willybaldo e Eduardo, Lutzenberger deve ter jogado fora a papelada que o ligava aos antigos colegas. Vida nova e mais desafios à frente.

Outro aspecto a ser destacado, e que merece maior visibilidade no estudo biográfico analítico, é a maneira com que ele decide grafar seu nome aportuguesado de José, a incluir até

²⁵⁶Para tanto, cita-se o nome das pessoas que tornaram isso possível. A presidente Lauren De Vargas Momback, seu secretário geral, Jose Tadeu Jacoby, e os funcionários: Sandra Machado e Lucas Lumertz.

mesmo o acento gráfico²⁵⁷. Ele não se apresentava para as pessoas, na forma extensa, em alemão, Joseph, mas como mostra o documento de maneira decisiva - JOSÉ.

Na Figura 20 consta o recorte ampliado da cópia do Contrato da Firma Weise, Mening & Cia com o arquiteto José Lutzenberger confirma essa preferência prematura por parte de JOSÉ Lutzenberger, sendo essa uma disposição importante na sua assimilação, aproximando-se mais do idioma que se tornaria predominante em sua vida. Novamente, há a prova cabal da vida dupla do imigrante²⁵⁸ (SAYAD, 1998; SILVA, 2009; TEDESCO, 2006).

Figura 20 - Recorte fotográfico do Contrato²⁵⁹



Fonte: Junta Comercial/RS – Contrato 10.719 (1921)

Assim, o processo de assimilação linguística, em especial, busca compreender o português, língua nativa, aspecto fundamental para a nova guinada ao ser o escolhido na seleção de emprego na Alemanha. Lutzenberger deveria aparentar estar mais próximo das pessoas que o cercavam, um modo de incrementar sua inserção nessa realidade lusófona. Saber falar, escrever, ler, compreender e ser compreendido no idioma “brasileiro” era uma maneira de não ficar circunscrito ao universo de fala alemão, embora significativo na capital gaúcha, mas não suficiente para uma carreira autônoma.

Em relação a isso, lembra-se, aqui, o quanto o idioma lhe fora negativo em Praga (Tcheca), ficando alheio ao que se passava no escritório, sentindo as agruras da exclusão linguística. Queria evitar esse revés a muito custo. Ser ignorado ou isolado era um contrassenso para criar a vital rede social e profissional avidamente buscada. O domínio da língua atavaria

²⁵⁷Novidade do ponto de vista do pesquisador, algo ignorado até então.

²⁵⁸Que contempla socialmente uma postura e internamente outra, como se constata no estudo de seu núcleo familiar.

²⁵⁹ Contrato firmado em 10 de janeiro de 1921. [Assinaturas de Willybaldo L. Weise que igualmente assina por Eduardo Mennig (por procuração) e de José Lutzenberger, a última]

com maior fluência as relações cruciais para o desempenho de suas habilidades. Agora, tudo lhe parecia mais complicado do que o triste adeus ao seu pai na distante Baviera, mas seguir em frente era necessário, amargar esse tropeço inicial e levar adiante seu intento, da melhor maneira possível, e talvez por não ter outras opções se submeteu, resignado, e trabalhou, respeitando o contrato estipulado na seleção na Alemanha. Na firma, mesmo alçado à figura de sócio, Lutzenberger viu a promessa de uma polpuda remuneração, e o tão aguardado Bônus, ou dividendo, logo se transformou em tragédia. Muitos dos sonhos e desejos de Lutzenberger foram freados quanto percebeu de quanto, de fato, seria sua remuneração em comparação com o seu enfraquecido marco alemão:

Já era, a propósito, chegada a hora, o capital das firmas, da qual eu logo nos primeiros meses, havia sido pago pouco, havia desaparecido – como eu constatei logo após assumir o negócio – \$30.000 em depósitos bancários. Eu era sócio, mas além de utopias, não havia nada lá para dividir. Ou seja, restrito! É verdade que eu ainda tinha nominalmente muito dinheiro, poderia trocar da minha carteira de emergência 1:000.000 Réis e depositar no *Deutschen Bank*, mas tive que enviar minhas cédulas restantes, bem ou mal, para a Alemanha, onde elas mais tarde foram perdidas para a inflação (LUTZENBERGER, 1929, p.73)²⁶⁰.

Embarcado na odisséia gaúcha, o retorno financeiro para Lutzenberger deve ter sido bastante píffio, tal as lamúrias relatadas. Essa realidade era comum a muitos imigrantes que, por necessidade, acreditavam nas promessas de emprego, na sonhada vida mais fácil. Contudo, nem tudo eram flores, pois, em vários dos casos, essa busca foi infrutífera e não se materializou no início da “epopeia” de migrar. A dura existência da nova vida era um forte contraste com o idealizado ainda nos pagos, utopia desejosa que lastravam, às vezes, com exagero, nas ambições que diminuíam os óbvios infortúnios. Lutzenberger teve, assim, que amargar a profunda decepção nos seus primeiros dias e anos em Porto Alegre. Sob o ponto de vista do arquiteto alemão, as promessas escritas em letra viva e intensa no anúncio do periódico da construção civil, que ele lia com frequência, foram exageradas, portanto, maiores esforços seriam necessários para vencer mais essa dura etapa. Mesmo sem ter sido guardado ou indicado com precisão, Lutzenberger se sentiu bastante atraído pelo comunicado. Em Publicidade & Propaganda houve um estudo comum sobre o público-alvo, e, dentro do possível, se direcionava os esforços, as peças publicitárias, com a maior exatidão provável, àquelas pessoas que a mensagem queria atingir e sensibilizar, motivando-as a receber a influência que o anúncio queria, de fato, exercer. E isso não deve ser menosprezado. A firma Weise, Mennig & Cia detinha os conhecimentos básicos e necessários de como captar os prováveis candidatos para a

²⁶⁰Referente à hiperinflação na Alemanha do pós-guerra e o tratado de Versalhes (LOUREIRO, 2005, p.138).

melhoria do desempenho da empresa. A cultura alemã presente no RS foi acionada novamente, e os proprietários da Weise & Mennig falavam, estudavam e mantinham muitos aspectos da cultura germânica, o que reforçou a sobrevivência desses aspectos, a dualidade de parte significativa dos imigrantes alemães no RS, que mesmo inseridos e assimilados não extinguiram as antigas relações com a pátria de seus antepassados. Em Porto Alegre, nos anos 1920, era isso que lhe restava. Lutzenberger havia preparado com afinco a partida, obedecendo à crescente burocracia e vencidos os medos e as angústias, a ponto de se indispor com a família, em especial com seu pai, rompendo o pacto de continuísmo e seu lugar privilegiado à frente dos negócios, projeto exclusivo para o primogênito, Joseph Lutzenberger, que menosprezou o privilégio.

Grande parte de sua vida era preencher esse papel. Lutzenberger sempre foi privilegiado com uma educação fora do comum na família que esperava, entre outros aspectos, vê-lo seguidor natural da antiquíssima gráfica familiar, ou, ao menos, como elevado servidor público, cobrança frequente do pai ao ver o filho tornar-se engenheiro e com sonhos de grandeza próprios. Não era pouca coisa. Das duas opções, o teimoso Lutzenberger decidiu seguir uma terceira via jamais pensada, que o levou para o fim do mundo no Brasil. E Lutzenberger demonstrou certa melancolia ao reconhecer que rompera com a tradição familiar e ignorara os apelos do pai. Essa noção é bem-posta em seus relatos autobiográficos, em que se penaliza junto aos seus leitores, aos demais membros da família, aos filhos e futuros netos, da atitude que tivera em relação ao seu pai, cabeça dura, amargurado e não menos resignado. É importante considerar o trecho a seguir, pinçado do seu relato, em que os laços são rompidos com energia e dor diante de seu pai atônito, que, melancolicamente, graceja:

Então, veio um dia inesperadamente o [filho] mais velho da casa com o comunicado de querer partir em poucos dias para o Brasil e dizer adeus para toda vida²⁶¹. Por fim Franz²⁶² vendeu o negócio e a casa, o que o atingiu, abandonando a firma de 200 anos, duramente o velho pai fez também mais brincadeiras estúpidas (sobre as quais eu, porém, não estou certo ou sou partidário o suficiente para descrevê-las), porém, segundo suas cartas, devem ter causado ao pai muitas horas difíceis... (LUTZENBERGER, 1929 p.22)²⁶³.

A tristeza de quem parte e a mágoa de quem fica é uma questão recorrente na historiografia sobre imigração, e há vários relatos dos imigrantes dos mais diversos grupos étnicos. “Nos relatos há sempre a tristeza da despedida. Depois, a difícil travessia do oceano...”

²⁶¹Aqui há exagero da parte de Lutzenberger, que dizia ter ido buscar emprego “temporário” no dizer de sua filha (LUTZENBERGER, 2019). Logo o projeto original era algo temporário!

²⁶²Irmão menor e herdeiro da Tipografia familiar teria um fim trágico como aponta uma anotação a lápis que se lê: “morto num bombardeio em Munique, 1944 (LUTZENBERGER, 1929, p.31)”.

²⁶³Aqui Lutzenberger economiza no relato e poupa os leitores, seus filhos do adjetivo que poderia melhor expressar o momento angustiante e pesado, pois seu pai ficara deveras boquiaberto.

(POSSAMAI, 2005, p. 35)²⁶⁴. De volta à realidade dos negócios, a coisa, inicialmente, seria assim com o seu chefe interlocutor:

Aqui soube numa conversa banal que os 15.000 marcos – segundo o valor da época 1:500.000 Réis – eram na verdade 400.000 réis, com participação nos lucros (ela ascendeu então para, no final do ano, já 36.000 Réis) e sem dúvida, o mais breve possível, sociedade. De acordo com a intenção, eu fiz cara boa, apesar do desagrado, decidi, porém, já naquela época e mais tarde ainda com frequência apesar da sociedade manter internamente e pessoalmente a distância (LUTZENBERGER, 1929 p.72)²⁶⁵.

Sem muitas opções, Lutzenberger “serenou” e aceitou a situação. Mesmo pouco ambientado, julgou que era melhor morar mais próximo da firma, mesmo antes da frustrada recepção.

Então, seguiu para o já pedido novo apartamento no “Hotel Freund” no Caminho Novo (hoje Voluntários da Pátria). Recebi aqui o melhor quarto, até mesmo com janela e percebi por que o hotel Jung era mesmo um bom hotel. Como vizinhança no campo existiam tais buracos com frequência, agora me faltavam meus rapazes para limpar a pocilga (LUTZENBERGER, 1929 p. 72-73).

Sobre a participação nos lucros da “insipiente” firma fica claro que isso só aumentou a sua frustração e muito pouco lhe sobriaria para melhorar a sua vida e ter algum maior conforto material. Fora isso, Weise Mennig & Cia estavam no ritmo acertado, pois era evidente a pujança e a competência que Lutzenberger emprestou ao escritório local. O que fazer, novamente, era uma questão lhe vinha à mente. Como de praxe, na Europa as coisas continuavam numa espiral descendente e iam de mal a pior para a nação derrotada (Alemanha), o que recomendava prudência e exigia melhorar a situação empregatícia o quanto antes. O ambiente de trabalho na firma Weise não era de todo ruim [sic], e em relação à sua ocupação sentia-se ocupado o suficiente em seu labor. Trabalho, pelo que se percebe, não lhe faltava, diferente da remuneração que lhe era escassa. Lutzenberger descreve essa situação a partir de seu ponto de vista, e não se tem elementos para contradizê-lo. Afirmava que lhe cabia exercer múltiplas tarefas para além de sua prancheta, algo que, aos poucos, irrigou seus canais de contato e construiu a vital rede de parceiros do engenheiro estrangeiro, pois conhecia pessoas, lidava com profissionais, treinava seu português²⁶⁶ e se apresentava como José:

²⁶⁴Em artigo sobre o início da colonização italiana para o RS (iniciada em 1875).

²⁶⁵A inflação e a desvalorização do Marco Alemão são fatores que prejudicaram a Lutzenberger, se há indícios de dolo por parte da Weise isso não é esclarecido por Lutzenberger. Pelo contrato eram apenas \$300 e não \$400 réis. E o “mais breve possível” envolveria a desistência de Hruby.

²⁶⁶Não cabe aqui avançar mais na questão econômica, da exploração, dos baixos salários. Fica evidente que Lutzenberger se sentia usurpado em sua participação nos ganhos da firma, explorado e mal pago em sua análise. A participação nos lucros fora mais um dos aspectos em que se sentia enganado, e, portanto, quando se fala em trabalho se enfatiza a questão do exercício propriamente da profissão e não a valorização econômica do trabalhador imigrado. Em certa medida, na condição de professor da rede estadual, sendo doutorando, entendo a discrepância

Como sócio, eu representava todo o pessoal do escritório, contador, arquiteto etc. etc. ambos os outros estavam na maior parte do tempo convencionalmente na rua, traziam todas as ideias estúpidas possíveis que eram então, igualmente tanto rápido como inúteis, trabalhadas, naquela época, para fazer em Porto Alegre não havia realmente nada. Finalmente encontravam-se alguns trabalhos, residências, reformas, finalmente o clube Caixeiros Viajantes etc. e a condição melhorou de alguma forma (LUTZENBERGER, p. 73).

Apesar do esforço — e por que não? — e da competência do arquiteto bávaro, a situação em Porto Alegre e no Estado, sob a tutela do PRR, era bastante complicada, e ele tinha diante de si uma conjuntura preocupante, pois a mesma guerra que o expulsou também gerou outras complicações para a economia local. Sobre esse período que compreende os anos de 1920-30 e a retração *natural* da economia, a guerra afetou a quantidade e a qualidade das obras edificadas, conforme aponta Doberstein (2002, p.28-29)²⁶⁷, ao salientar a redução na contratação dos fachadistas que eram responsáveis pelo embelezamento exterior dos prédios.

A Grande Guerra (1914-1918) havia passado, mas seus estragos ainda eram fortes e produziam males por aqui, minando a economia local que carecia das restrições do mercado europeu, esse desaquecido. Doberstein (2002, p.33, nota 3) é categórico ao afirmar que 1912 foi um ano fantástico para empreiteiros e escultores, com uma produção de “quinhentos e vinte prédios”, mal sabiam eles o que estaria a sua frente. Ao que parece, o desenvolvimento, o dito “boom” imobiliário²⁶⁸, já havia passado, e Lutzenberger tinha que se adaptar e se amargar com a escassez de trabalhos nos seus dias recessivos em Porto Alegre. Sob os anos de “contrato”, em especial no ínterim de 1920-23, segundo Weimer (2004, p.109), “Lutzenberger realizou vários trabalhos, em torno de seis residências, alguns armazéns na rua Voluntários da Pátria²⁶⁹, e o cinema Apolo, na avenida Independência²⁷⁰, que gozava de muito prestígio a seu tempo”, e merece destaque por sua imponência e dimensões.

entre qualificação profissional e um salário condizente com esse esforço. Contudo, não é por graça de meu empregador que sou um profissional mais capacitado com as demandas e exigências do “mercado local”. O mesmo deve ter ocorrido em relação a Lutzenberger que tirou outros proveitos de seu emprego como *funcionário* e fez tudo na firma W. M. & Cia, mas não por bondade ou desejo de seus empregadores.

²⁶⁷Doberstein (2002), em sua pesquisa, centra-se nos operários ou nos escultores que embelezavam as fachadas dos prédios. Assim, se preocupa em analisar a situação deste nicho específico de trabalho.

²⁶⁸A cidade de Porto Alegre entraria em outra importante fase de incremento nas edificações: “Já no início da década de 1950, o índice de construção civil dobra a sua quantidade e o governo estadual investe em um grande plano de obras com a construção de avenidas, pontes e importantes edifícios públicos” (D’ÁVILA, 2002, p. 72). Infelizmente Lutzenberger perderia essa segunda bonança para os seus negócios, pois morreria sem aproveitar os bons ventos.

²⁶⁹Rua Voluntários da Pátria - próxima ao rio Guaíba, onde eram armazenados os bens que chegavam ao porto ou seriam exportados de lá. Os armazéns estocavam grande parte dos bens de consumo, em especial grãos. Certamente, ali conheceu outros membros da elite local com que mais tarde trabalharia.

²⁷⁰Para os não familiarizados com a cidade de Porto Alegre, essa é uma das principais ligações entre o bairro chique do Moinhos de Vento e o centro da cidade, unindo assim duas das zonas mais ricas da cidade. O início da via começa no Hospital da Santa Casa de Misericórdia (criado em 1803), outro estabelecimento crucial na vida da cidade.

Figura 21 - Imagem do Cinema Apolo



Fonte: Fotosantigasrs, 2021.

Mesmo em um escritório de pouca relevância profissional, pois exerciam uma infinidade de atividades correlatas, há um tom crítico apontado por Lutzenberger em relação aos seus chefes de “capacitação dúbia”. A firma Weise realizou essa “notória” construção que traz novas possibilidades ao “faz tudo” do escritório José Lutzenberger. A esse respeito, Weimer (1994) parece concordar com a evolução ascendente da firma que contratou Lutzenberger, além de ver nele o principal motivo de tal enlevo, reconhecendo, indiretamente, o êxito tanto da concepção da ideia de trazer um profissional estrangeiro balizado quanto da seleção que soube diferenciá-los do demais concorrentes:

Quando aqui chegou, foi contratado por uma inexpressiva firma construtora denominada Weise & Menning, provavelmente sucessora da Julius Weise, dedicando-se quase exclusivamente à construção de trapiches atrás dos armazéns que iam sendo construídos nas margens do rio, ao longo da Voluntários da Pátria. No momento em que Lutzenberger ingressou na empresa, esta deu um salto de qualidade em suas obras, digna de nota. Além disso, o número de obras que passaram a realizar foi bem mais expressivo²⁷¹.

Mesmo impulsionando a firma e incrementando a sua receita, devido ao número de obras, a incluir algumas de grande porte, os dividendos não foram muito longe, e se repete isso na intenção de entrar um pouco no sentimento nutrido por Lutzenberger. Se o dinheiro não

²⁷¹ Willybaldo Leonard Weise era engenheiro civil e membro da guarda nacional (2ª Linha) como é relatado no Jornal A Federação, edição 207, em 2/09/1918, p. 2. Seu escritório foi fundado em sociedade com Eduardo Mennig e ambos se qualificaram como engenheiros civis. No mesmo jornal mais informações pertinentes, a ambos e a firma que também executava algumas empreitadas para a Secretária de Obras do Estado (RS). O que seriam as obras que atestam a pouca qualidade ou do baixo valor estético das obras executadas pela empresa, conforme aponta Weimer (1994).

chegava, Lutzenberger, aos poucos, teve o necessário reconhecimento de suas aptidões tanto de projetista quanto de construtor. Essa dicotomia é uma realidade presente no mundo da construção civil que não pode ser deixada de lado e é uma característica intrínseca da profissão²⁷², pois “o profissional realizava as duas tarefas: a de elaboração do projeto e a execução da obra” (MENEGOTTO, 2014, p.93).

A atuação abarca etapas distintas: o primeiro esboço, o projeto finalizado, o planejamento e a execução, propriamente dita, da edificação, podendo ocorrer mudanças no projeto inicialmente idealizado. Nem sempre o planejado se torna realidade, pois inúmeras situações inesperadas do esforço do projetista podem não sair do papel. O planejado nem sempre é o executado. De volta à sala de exibição, o cinema Apollo, felizmente, se materializou e trouxe o benefício secundário, a longa amizade com Eduardo Hirtz²⁷³. Aos poucos, Lutzenberger criou para si uma rede de assistência e compadrio. O imigrante, quando precisa de apoio e ajuda, volta-se para “locais”, em especial, aqueles com afinidade étnica e o que se constata já na sua seleção para a firma Weise & Mennig.

Lutzenberger se expande, aumenta a sua atuação, os contatos, e cria elos na comunidade teuto-porto-alegrense, ora como projetista ora como “executor” das edificações, que variam no porte e “influência”. “Além do local, o tamanho, altura, disposição e material empregado nas edificações também podem servir de signos para as diferenças que existem numa determinada sociedade” (DOBERSTEIN, 2002, p. 49). A aparência e a razão da obra contam muito.

Uma das suas últimas tarefas como sócio da firma Weise, foi a obra de dimensão considerável, no quesito físico e social, localizada em uma das principais artérias da cidade, a rua da Praia²⁷⁴ e o projeto do Clube Caixeiral, que contava com expressiva presença de membros da classe média germânica (LUZ, 2004). Projeto este diferenciado que contava com o pórtico e, principalmente, majestosa fachada, apreciada pelo gosto local, o que ajudara a destacar mais as habilidades estéticas de Lutzenberger entre seus assemelhados étnicos e demais porto-alegrenses. Trata-se de edificação bastante emblemática que se destacava das demais, a incluir sua rica ornamentação, sendo os fachadistas e escultores contratados para ilustrar o imponente

²⁷²Lembrando a “polivalência” de Lutzenberger que tinha habilitação de engenheiro e de arquiteto.

²⁷³Eduardo Hirtz era alemão de nascimento e foi uma figura proeminente no mundo das artes cinematográficas, sendo um dos seus pioneiros no ramo em Porto Alegre. Contudo num acesso de raiva, queimou grande parte de suas obras após perder uma concorrência que julgava prioritária. Seu ato destruiu muitas películas e registros únicos da vida na cidade.

²⁷⁴ Para quem não tem amplo conhecimento sobre a cidade: A rua da Praia é uma das ruas mais tradicionais, e a mais antiga, da cidade brasileira de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. A despeito de a denominação oficial rua dos Andradas ter sido estabelecida em 1865, o nome antigo ainda persiste na voz popular. (RUA_DA_PRAIA, 2022)”.

clube. Assim, mais contatos realizados para Lutzenberger ampliavam o leque de conhecidos e favorecidos na laboriosa execução.

Conforme noticiado²⁷⁵ no “A Federação”, a construção da obra foi estimada em 10 meses (Edição 75, 31/03/1923, p.5). Em outra menção do mesmo veículo: “Club Caixeiral – será levantado alteroso e soberbo palacete.” A obra concluída serviu como área de lazer e convívio para seus sócios, além de lugar para grandes festividades, jantares, festas, como o jantar de despedida do ex-governador Borges de Medeiros ao passar o bastão a Getúlio Dorneles Vargas, que se vê abaixo, na foto rara que consegue captar a profundidade do salão escolhido para a celebração²⁷⁶.

Figura 22 - Jantar de despedida do ex-governador Borges de Medeiros²⁷⁷.



Fonte: Revista Máscara, junho de 1928.

O prédio²⁷⁸ foi realizado com esmero e a elaborada fachada se reproduz a partir do desenho, em perspectiva, do ilustrador Lutzenberger. Essa particularidade o distinguia de seus

²⁷⁵Da publicidade, a obra com duas notas: a primeira sobre o início das obras, e a segunda, com o nome de Lutzenberger, que recebe alguma evidência na mídia impressa. Fonte: A Federação (Edição 56, 7/3/1923, p.8); Fonte: A Federação (Edição 93, 21/04/1923, p.4).

²⁷⁶A esse respeito agradeço novamente ao colega pesquisador e colecionista de imagens antigas de Porto Alegre, Ronaldo Bastos, que disponibilizou as imagens utilizadas na tese, como a ilustração do prédio do Clube Caixeiral. Sobre a celebração, Bastos comentou, em nossas trocas de mensagens virtuais: “[...] esta imagem do Estúdio Carraro é uma preciosidade, pois uma imagem desta profundidade, em uma época em que os filmes eram pouco sensíveis, era muito difícil conseguir” (20/07/22).

²⁷⁷ Getúlio Vargas, o duplamente golpista que vai impor o Estado Novo em 1937, sem antes dar seu primeiro golpe logo ali em 1930. Numa feliz expressão do próprio Borges de Medeiros em sua carta de congratulações ao livro de memórias de João Neves da Fontoura (1969, p. VIII), em que ambos destituídos do cargo de deputados federais em 1937 por Vargas de seu estado autoritário: “[...] quando éramos deputados ao Congresso Nacional, dissolvido em 1937 por um golpe de Estado, que instituiu a segunda ditadura de Getúlio Vargas” (FONTOURA, 1969, p.VIII).

²⁷⁸ Rua localizada no “coração da cidade”, no centro [histórico] da cidade, o que facilita seu reconhecimento e ocupação de um lugar privilegiado. Aos poucos, Lutzenberger cresceu como profissional.

colegas arquitetos que não haviam tido a seleta formação que ele tivera na gráfica familiar. Lutzenberger, ao longo de sua carreira, vai oferecer extras, que acompanhavam as suas edificações. O prédio do Clube Caixeiral²⁷⁹ mereceu o resgate histórico por seu valor estético, a obra foi um importante marco na “notória” e crescente carreira de José Lutzenberger, pois, “segundo vários testemunhos, tratava-se de uma obra de real valor que foi demolida para dar lugar a um edifício de qualidades discutíveis” (WEIMER, 2004, p. 109)²⁸⁰.

Figura 23 - Clube Caixeiral de Porto Alegre²⁸¹.



Fonte: Enciclopédia Rio-grandense (1957, p. 241).

No ano de 1923, Lutzenberger teve a oportunidade de iniciar outro trabalho de vulto e destaque, que talvez tenha sido um dos mais notórios trabalhos seus, e perdue indefinidamente nas muitas décadas à frente: a Igreja da Comunidade Católica Alemã São José, marco da cidade,

²⁷⁹Joia rara, infelizmente já não existe mais, condenada pela especulação imobiliária, que visava o lucro, negligenciando a estética e a relevância histórica das edificações.

²⁸⁰ Sobre a construção se tem a tomada de “concorrência” para os materiais necessários em um anúncio publicado no Jornal A Federação, de 31 de janeiro de 1922 (p.6). Outro destaque referente ao prédio encontra-se na nota jornalística que comenta as modernas instalações com luz elétrica, telefone e afins realizado pela casa Lux. O comunicado foi além e deu a conhecer que a obra [projetada por Lutzenberger, algo não explicitado] seria “retomada” (reconstrução do edifício) em dezembro do mesmo ano e realizada na rua dos Andradas (conhecida como rua da Praia), e que “ligará” aos fundos (na rua Vigário José Inácio) com o outro prédio da instituição, esse com um elevador a serviço dos sócios (A Federação, Edição 225, 28/09/1922, p. 6).

²⁸¹ Desenho de bico de pena elaborado pelo arquiteto responsável Lutzenberger, cujo monograma aparece no canto inferior direito.

e seu projetista; decorador; pintor etc. Lutzenberger. Se Porto Alegre perdeu com a demolição do Clube Caixeiral, anos mais tarde, felizmente, esse complexo religioso seguiu em pé e cuidado com zelo, o que deveria ter dado bastante alegria ao casal Lutzenberger, pois Emma era frequentadora assídua do grupo de reza, e José Lutzenberger se doou por um bom tempo de corpo e alma a esse elaborado trabalho²⁸².

Figura 24 - Visão superior da igreja



Fonte: Acervo do autor²⁸³

Sobre a estética e a forma é preciso destacar o estudo comparativo desenvolvido por Grieneisen (2019, p. 218). Essa autora utiliza antigas referências arquitetônicas conhecidas por Lutzenberger ao compará-las com algumas obras existentes na cidade de Augsburg (Alemanha), local que trabalhou por alguns anos, o pesquisador chama a atenção para as similitudes entre a Igreja São Sebastião (Augsburg) com a Igreja São José (Porto Alegre), “no

²⁸²Para o visitante da capital gaúcha é possível visitar o templo e tirar suas próprias conclusões, quanto do valor estético e arquitetônico, pois a igreja segue renovada e, a comunidade religiosa que a mantém impecável se destaca nas suas cores nacionais vibrantes: o amarelo e o de verde sua cúpula.

²⁸³Foto obtida do nono andar do CPERS (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - sindicato do magistério estadual). Local que frequentei em várias reuniões do núcleo sindical da capital. Ali no salão das reuniões gerais, vez e outra, eu admirava a bela obra de cores vibrantes, angustiado, seja pelas agruras, infelizmente tão comuns ao magistério estadual e/ou pela empreitada que assumiria à frente: o doutorado. Mas devido à covid-19 e ao doutorado me afastei momentaneamente da luta sindical.

que se refere à inserção integrativa do volume da igreja no tecido urbano e a solução formal da entrada com três arcadas levemente salientadas”.

Mesmo sem as qualificações da pesquisadora e arquiteta Grieneisen (2019), suas indicações sobre as influências expressas por Lutzenberger são formas claras do processo de assimilação que mal começara, pois ele ainda criava baseado nas concepções aprendidas e treinadas na Alemanha, que levavam em consideração muito mais os aspectos históricos e climáticos de lá. Criava, assim, com pouca capacidade de entender e empreender, nas suas obras, a cultura gaúcha que, aos poucos, começava a interagir. Essa cultura, os hábitos e seus reflexos na arquitetura ainda eram ausentes ao seu repertório criativo²⁸⁴. Condição óbvia devido ao pouco tempo em que residia no RS, portanto, era aceitável que lhe faltasse a capacidade de entender o clima local e, de certo modo, as características arquitetônicas das igrejas projetadas por aqui.

Por outro lado, a construção das redes e cadeias sociais de Lutzenberger já era conexa com a realidade local. O conceito desenvolvido por Constantino (2002), que apontava, em seus estudos de doutorado, o universo dos calábrios²⁸⁵. Foi elaborado um estudo sobre o processo de assimilação e construção dos elos e das redes sociais, criando uma definição abrangente, a ponto de respaldar outros grupos étnicos e os rumos seguidos pelo germânico Lutzenberger, em Porto Alegre: “Pode-se definir cadeia como um conjunto de contatos pessoais, comunicações, favores entre famílias, amigos, conterrâneos, seja na sociedade emissora ou na receptora” (CONSTANTINO, 2002, p.37). Outro pesquisador que demonstra o quanto são necessárias, além de vital, as redes para as aspirações do imigrante e seu sucesso é Truzzi (2014, p. 43): “[...] trata-se de postular que os atores econômicos, apesar de guiados por seus interesses materiais, são também condicionados pela interação entre seus pares e pela estrutura social”. Logo, é inegável ressaltar o aspecto étnico da trajetória profissional de Lutzenberger, embora tenha iniciado aos trancos e barrancos²⁸⁶ na firma de origem e com predomínio de membros igualmente germânicos. No caso de Lutzenberger, o foco foi, sem dúvida, na sociedade receptora, quando se analisa a construção de suas redes. Na Alemanha, Lutzenberger fora auxiliado por diversas vezes, pulando de um emprego para outro, graças as suas competências, mas não se deve ignorar as redes, os contatos e as indicações de pessoas influentes que

²⁸⁴Como se verá mais adiante, o mesmo pode ser das ilustrações que apresentam cavalos. Seu modo de retratá-los vai se modificar.

²⁸⁵ A Calábria é região da Itália de origem de muitos imigrantes que chegaram ao estado gaúcho. Núncia Constantino se dedicou à imigração Italiana, sendo importante referência nessa área e no uso da História Oral, metodologia aplicada por ela no campo historiográfico.

²⁸⁶ Reitera-se a questão salarial e a qualificação de seus colegas.

determinaram, em parte, a sua jornada profissional. Aqui no RS, essa rede de contato são células, às quais o imigrante pode pedir auxílio, descobrir e receber novas oportunidades, integrando-se mais e mais ao meio em que reside. As possibilidades aumentam o êxito do imigrante e aqui se pode questionar: o que seria o tal êxito? Em parte, ele o tinha alcançado, e a Igreja São José é um marco nesse sentido, “[...] o engenheiro-arquiteto realizou três propostas para a nova igreja, nas quais constam a data, sua assinatura e o nome da empresa para a qual trabalhava” (LUZ, 2004, p. 217).

Foi nesse meio que ele deu o próximo passo, adentrando ainda mais no universo dos [teutos] gaúchos. A igreja São José era conhecida como a igreja dos alemães, e sobre essa estrutura o prestígio de Lutzenberger se expandiu, pois pôde dar vazão a outras qualificações não exploradas, como a função de “decorador” no seu interior, atestado de sua polivalência e competência singular. Ampliou os domínios da Weise & Cia., inicialmente uma construtora de trapiches e outras obras menos sofisticadas. A empresa cresceu e a rede social de Lutzenberger se solidificou.

Figura 25 - Vitrais da igreja São José, de José Lutzenberger²⁸⁷.



Fonte: Salister, 2020.

As questões financeiras incomodaram Lutzenberger no início de seu trabalho. Ele ganhava pouco, mas queria ter êxito por aqui, como é de se esperar para qualquer imigrante. Mas essa é uma questão delicada e de caráter pessoal, pois, compete a cada indivíduo criar a sua própria estimativa de sucesso e de acúmulo de capital econômico. Contudo no caso de

²⁸⁷ Lutzenberger usa a si mesmo como modelo na última imagem.

Lutzenberger é crível suspeitar que tivesse duas ideias a esse respeito, que encaminhariam o seu futuro para direções opostas: ficar ou voltar²⁸⁸. O imigrante buscava modificar a condição prévia, melhorando sua condição socioeconômica. Ser bem-sucedido na sociedade receptora, no caso do engenheiro bávaro, seria produzir muitas obras e ter vultuoso pró-labore, criar considerável pecúlio, garantir maior tranquilidade, estabilidade econômica, conforto material e possibilidades à mesa. Facilitando a escolha de se fixar, ou retornar aos pagos, diante de êxito econômico-social em terras estrangeiras. Se escolhesse se fixar, criava outro questionamento, com a possibilidade de trazer para perto de si (na sociedade receptora) os parentes que ficaram “para trás”. Em relação à tradição familiar, oferecida e reforçada pelas filhas Magdalena e Rose, Lutzenberger era um profissional itinerante, ávido por empregos e experiências, e o Brasil, salvo melhor juízo, era para ser mais uma dessas etapas em suas andanças. De fato, sua jornada profissional foi bastante acidentada, por escolha própria, sempre em busca de algo melhor e diferente. Poderia ter ficado na firma de Berlim, ter sossegado nas funções públicas que escolheu, mas preferiu, vez e outra, mudar de posto de trabalho e seguir em frente, marcas de Lutzenberger e da juventude. Em Porto Alegre, abraçou as dificuldades e permaneceu na empresa os cinco anos a que se propusera ao aceitar a concorrência que havia vencido. Trabalhou para melhorar sua situação, ampliou a rede e se integrou cada vez mais na sociedade, possivelmente, como a sua morada definitiva.

Nunca havia trabalhado tanto tempo numa mesma firma e para o mesmo “patrão”²⁸⁹. O que o levou a se acalmar? E, aqui, citam-se, apenas, alguns aspectos dessa mudança. O salário dos sonhos não existia, era preciso trabalhar muito, e trabalho não lhe faltava. A firma Weise e Cia, mesmo modesta, tinha, em oposição, muitas conexões na cidade e no nicho específico dos teutos. Essa rede foi aproveitada por Lutzenberger e, talvez, devido a sua idade, à condição arrasada da Alemanha e à morte do pai anos mais tarde²⁹⁰ o fez permanecer em Porto Alegre. Portanto, pairam poucas dúvidas, e a igreja São José, de grande monta e de substancial impacto, que exigia muita compenetração e empenho, foi outra importante oposição ao seu retorno para a Alemanha. Ele sentia que dali viriam outras oportunidades de sustento, pois construir uma igreja é um empreendimento de longa duração. Lutzenberger seria o responsável exclusivo por vários aspectos ligados à construção, sendo, talvez, um dos raros trabalhadores habilitados para executar singularidades artísticas que a empreitada demandava.

²⁸⁸ Como tudo não vida, nada é definitivo. Aqui se trabalha, portanto, o tempo médio na vida de cada imigrante, lembrando que Lutzenberger já não era um moço, o que talvez reforce a ideia de uma escolha próxima à definitiva.

²⁸⁹ Mesmo ele sendo sócio da firma.

²⁹⁰ Ocorrida em 02.09.1925 (LUTZENBERGER, 1929, p. 22).

Sobre o espaço urbano que o templo ocuparia, é preciso retornar e sentir uma rua com menos prédios altos que hoje competem na busca por atenção, mas, naquele tempo, era um vazio com prédios muito acanhados. A perspectiva era uma longa e contínua jornada de trabalho, o que aumentava o interesse real de Lutzenberger em permanecer no Brasil. Não era o que ele buscava? A igreja São José era o seu “cartão de visita”. O ciclo inicial de empregado, com participação nos lucros, havia mudado e pretendia, o quanto antes, tornar-se “autônomo”, precisando paciência e competência para, após a labuta, recolher seu digno prêmio. A pedra inaugural fora lançada no último suspiro de 1922, no dia 31 de dezembro²⁹¹ (LUZ, 2004, p. 227). Porto Alegre lhe sorria; já a Alemanha lhe mostrava a cara torta pouco convidativa, a crise só se acirrava por lá.

Tinha emprego, ou melhor, uma ocupação remunerada, e logo poderia tornar-se autônomo. A construção da igreja São José reforçou, definitivamente, essa ideia profissional, com possibilidades de aumento dos seus rendimentos. Em contrapartida, sua Bavária estava recessiva e as incertezas aumentavam com as guinadas para a direita autoritária. Ele se mantinha a par das novidades, tinha curiosidade, trocava cartas com familiares para entender, saber o que ocorria na terra natal. As dificuldades eram grandes por aqui, mas enormes na Alemanha, e a maldita inflação tudo roía por lá.

Não tivesse tido eu experienciado o azar da pátria – pessoalmente a infelicidade familiar e completa perda de patrimônio através da inflação, que deixou lá tudo colapsar, tanto que eu agora tinha que sustentar o pai e tia Rosel com todos os esforços – eu poderia, na verdade, ter ficado satisfeito (LUTZENBERGER, 1929, p. 73).

Retornar para a Alemanha ficava mais distante e desnecessário, e ele, mesmo insatisfeito, conseguia sobreviver com o que ganhava. Era a aposta feita. A prosperidade é um dos maiores fatores que assegura a permanência do imigrante no novo país, e parte desse êxito é medida pelo “convite” do vitorioso imigrante aos seus parentes mais próximos. Circunstância esta inexistente para Lutzenberger que em momento algum comenta tal possibilidade²⁹². Um olhar mais detalhado é preciso, não simplificando as “regras gerais” da imigração, às vezes consideradas normas absolutas²⁹³, pois há exceções. O entendimento, em parte, oferecido pela micro-história, enriquece o fazer histórico, e considera-se que Lutzenberger é um caso à parte, que precisa ser analisado em comparação com a realidade dos demais imigrantes. Esses, em sua

²⁹¹A pressa era grande e após discussões prévias de três outros anteprojetos, o definitivo foi aprovado: “Em 22 de novembro de 1922, o anteprojeto foi discutido em reunião na Diretoria com a Comissão de Obras e no mês de dezembro apresentadas as plantas à Cúria e à comunidade” (LUZ, 2004, p. 227).

²⁹²Os parentes: uma irmã havia casado, a outra fora para o convento, e a terceira tinha problemas de saúde. E o irmão homem, com o qual, pelo que se percebe, Lutzenberger não fazia muita questão do convívio.

²⁹³ KARSBURG; VENDRAME, 2016, p. 104.

maioria, e sempre que possível, trazem mais parentes para dividir a bonança local, mas Lutzenberger pouco aventa essa ideia de trazer a tia ou seu pai para o Brasil, porque eram por demais velhos e com a saúde abalada: “é certo que em idade avançada, mas debilitado de corpo e alma” (LUTZENBERGER, 1929, p. 22).

A igreja São José o ocupou bastante e viu seus contatos frutificarem no velho templo católico²⁹⁴ que precisava ser ampliado. Seria seu salto para a notoriedade nas cores verde e amarela “chamativas”, na região central da capital gaúcha. A igreja, além da óbvia vocação para templo religioso, era um influente local de encontro dos católicos alemães e escola religiosa que garantia a sobrevivência do idioma, valores e “perspectivas” germânicas²⁹⁵.

Figura 26 - Construção da igreja São José e a Pedra Fundamental.
Lutzenberger em destaque.



Fonte: 1º. Centenário (1971, p. 22).

A elite²⁹⁶ e as pessoas “comuns” dessa etnia se reuniam para saudar a Deus e se relacionar frente às múltiplas questões que as envolviam. A igreja era um importante marco social de manutenção da cultura ancestral e um ambiente de assimilação dos “alemães” no RS.

²⁹⁴Em Porto Alegre “no dia 13 de dezembro de 1871, os católicos fundaram uma comunidade própria, denominada Comunidade São José, reunindo-se para as missas celebradas em seu idioma na então igreja Nossa Senhora do Rosário, que, à época, tinha como pároco o Vigário José Inácio, que deu o nome à rua onde hoje ainda se encontra esta igreja (COMUNIDADE, 2021).

²⁹⁵Para um resumo histórico da organização educacional: “[...] em 1907, foi construído um colégio para meninos e rapazes, o Sant Josephsschule. Seis anos mais tarde (no ano de 1913), nos fundos deste prédio, construíram uma sede social, com salão de festas, onde passaram a celebrar os atos religiosos (COMUNIDADE, 2021).

²⁹⁶Nicho social que representava seus potenciais clientes, de contratos para os prédios comerciais e respectivas residências, importante fonte de renda na trajetória de Lutzenberger, além do incremento na sua rede social.

O dilema de ser, ao mesmo tempo, teuto e gaúcho era resolvido, em parte, com a singela comemoração dupla²⁹⁷ do centenário da imigração e da emancipação brasileira de Portugal.

Figura 27 - Igreja São José do Centenário / Figura 28 - Esboço da igreja São José do Centenário feito por Lutzenberger



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Essa construção - decorada com as bandeiras da Alemanha (República de Weimar) e do Brasil - foi uma inusitada sorte para Lutzenberger e um ato político daquela comunidade, que se lembrava das perseguições²⁹⁸ e da proibição da liturgia em alemão²⁹⁹. A prosperidade desses imigrantes mais antigos, se comparados ao recém-chegado Lutzenberger, era realçada e dividida com os gaúchos, com a declarada intenção de colocar panos quentes nos eventos locais decorrentes da Grande Guerra e, se possível, aplacar as feridas de então.

Em seu planejamento inicial, a igreja representaria um monumento comemorativo a dois importantes centenários: em 1922, o centenário da Independência do Brasil, quando foi iniciada a construção e, dois anos depois, em 1924, o centenário da Imigração alemã para o Brasil, quando a edificação da igreja ficou pronta (COMUNIDADE, 2021).

²⁹⁷O início da imigração de conotação teuta, em 1824, e a Independência do Brasil, em 1822, reforçando o amor à nova pátria.

²⁹⁸SILVA JUNIOR (1994, p. 87) comparou os eventos de 1917 (Primeira Guerra Mundial) com os de 1942 (Segunda Guerra Mundial), fazendo questão de diferenciá-los.

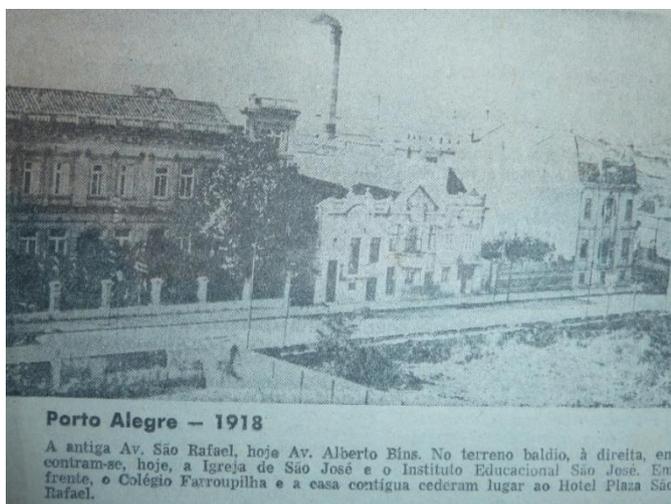
²⁹⁹Anos antes e durante o desfecho da Grande Guerra Mundial. O arcebispo católico, alemão de origem, Dom João Becker, nas suas competências eclesiais proibiu o uso corrente do alemão nos cultos (LUZ, 2004, p. 216), conferindo imensa simpatia ao governo de Borges de Medeiros e obtendo tremenda insatisfação dos fiéis da igreja.

O ambicioso empreendimento religioso projetava o arquiteto alemão não somente entre seus “pares”, mas aos olhos da elite gaúcha com a monumental obra à qual Lutzenberger se dedicou com afinco.

Quando o nosso contrato da firma expirou, nós, nesse meio termo, havíamos chegado ao valor de 10:000.000 Réis por sócio, eu pude mesmo me mexer e, além disso, tinha pessoalmente a construção da igreja São José, retirei-me e trabalhei adiante com bastante sucesso sozinho (LUTZENBERGER, 1929, p.73).

A questão econômica explicita o crescimento da firma Weise, Mennig e Cia que iniciou com um capital de 2:000.000 Réis (1917). Contratou Hruby, cresceu novamente para 10:000.000 Réis no capital total, e no contrato de 1919 multiplicou o valor com os esforços de Lutzenberger, valorizando a ponto de triplicar o seu montante para 10:000.000 Réis para cada um dos três sócios em 1925. Isso mostra o impulso nas construções e no faturamento, esforço conjunto, com um “plus” em Lutzenberger. Esse se sentia economicamente mais apto, quando decidiu tomar rumo próprio, pois a dimensão de seu trabalho no templo, muito facilitou a sua decisão, pois tinha a garantia de trabalho à frente.

Figura 29 - Rua São Rafael (atual av. Alberto Bins), local da futura igreja São José, em 1923.



Fonte: Arquivo Lutzenberger (Correio do Povo, 6/10/1974).

Lutzenberger, por vaidade, ou por se referir à ausência de capacitação dos ex-colegas de escritório, exagera sobre o seu esforço, porque contou com a participação de outros profissionais de comprovada qualidade e destaque na região. Weimer (2004, p. 109) reforça que “não só fez o projeto arquitetônico e mobiliário, como também toda a pintura mural, dos

vitrais e das obras de escultura³⁰⁰”. Na página virtual da comunidade São José constatam-se os complementos e os colaboradores renomados.

Os altares e as estátuas que compõem o interior da igreja, em sua totalidade, são em mármore de carrara e confeccionados na marmoraria de Aloys Friderichs, ele também um dos fundadores da comunidade. As peças foram esculpidas pelos artistas plásticos Alfred Adloff (alemão) e André Arjonas (espanhol) (comunidadesaojose.com/comunidade/).

De qualquer modo, Lutzenberger amplia seu portfólio e se relaciona com eminentes membros do universo da construção civil porto-alegrense. Mais do que dilatar seu trabalho, a complexa obra foi importante, pois demonstra todas as suas habilidades e méritos artísticos, cabendo ao arquiteto multitarefas realizá-las, indo além de projetar e executar — quando realizadas conjuntamente com os demais artesões — todo o tipo de embelezamento dentro da igreja.

Lutzenberger deixa marca permanente nas paredes do templo e no seu exterior, em uma placa, feita em baixo relevo, retratando a si mesmo no rol dos “influentes” imigrantes alemães. Contudo, com o bom senso de se colocar à esquerda da obra ante o presumível zênite do aclave, tratando-o como o ponto alto dos teutos destacados na cultura gaúcha. Ponto de vista esse elaborado por Doberstein (2002, p. 235): “as figuras alinham-se de forma a sugerir uma sucessão cronológica dos acontecimentos. O centro está ocupado pelos imigrantes que já chegaram à nova pátria. A esquerda foi reservada àqueles que ainda não chegaram”.

Tem-se, assim, um rol de “notáveis” e engajados³⁰¹ teutos que muito prosperaram na terra “prometida” do Rio Grande do Sul e seguiam abnegados a Deus. Estaria, assim, Lutzenberger, o engenheiro responsável pela obra, se antecipando alguns anos e se considerando mais um membro “efetivo” daquele seletivo grupo de imigrantes com décadas de presença e notoriedade em solo gaúcho?

Certamente, Lutzenberger era um neófito que tinha muito a acrescentar à cultura gaúcha, como de fato aconteceria. Doberstein (2002, p. 236) parece ser condescendente e — por que

³⁰⁰Weimer (2004) enfatiza que anos mais tarde foi incorporado o órgão que “[...] deu à igreja as condições necessárias para se tornar um centro cultural de primeira grandeza”. Fato comprovado in loco por mim que pude presenciar a beleza de tal templo em uma visita pública, recebido com a cativante música Jesus Alegria dos Homens de Johann Sebastian Bach. Retornei tristemente anos mais tarde ao mesmo templo para assistir a despedida de Magdalena Lutzenberger... já sem alegria ou música. Outras duas ligações pessoais tenho com o prédio: a primeira, o casamento de meus pais e tios numa cerimônia dupla; a segunda é a visão constante dele nas reuniões sindicais realizadas no nono andar do CPERS/Sindicato (Centro dos professores do Estado do Rio Grande do Sul). A lembrança do arquiteto seria constante do meu projeto de felicidade futura a... necessidade de progredir cultural e economicamente na vida de professor de História.

³⁰¹Alemães e descendentes que se destacaram em seus campos de atuação.

não? — generoso com o “recém-chegado” imigrante alemão: “O arquiteto Lutzemberger³⁰², em plano inferior, era um profissional tão renomado e respeitado como os demais.” Talvez ainda não, pois não tinha a trajetória de seus “colegas” do baixo relevo. Faltavam muitos anos para ser “legitimado” como destacado teuto-gaúcho. É preciso reconhecer que, àquela época, sua fama, ou reconhecimento profissional, estava na sua fase inicial, como sócio que, aos poucos, se desvincilhava das amarras da singela firma de arquitetura.

O trabalho na igreja São José estava apenas começando, e ele, certamente, se deslumbrava com isso. A inauguração aconteceu no ano de 1924, portanto, mais alusiva aos imigrantes germânicos que admiravam o templo, em comunhão com o centenário do início oficial da imigração de larga escala para o RS, o que ofuscou a celebração nacional de independência de Portugal, originalmente o mote principal decorrente dos reveses e dos tempos bicudos do pós-Grande Guerra. Telles³⁰³ (1974, p.207) salienta que, em 1920, a situação tinha, em parte, se normalizado e as armas dos clubes de tiro retornado a seus proprietários, reforçando a comemoração do templo alemão. Gertz (1991; 2005) apresenta situações de disputa e confronto étnicos nesse período (décadas de 1920 a 1950), portanto, é necessário ainda ter alguma cautela no período pós-Grande Guerra, pois, vez e outra, eventos e brigas surgiam em Porto Alegre e na região metropolitana, relativizando a suposta calma entre os diversos grupos étnicos.

A duração da obra da igreja São José e, dessa maneira, os vínculos empregatícios com ela, vão: “[...] até o fim de sua vida (a decoração foi concluída em 1948, três anos antes da sua morte). Tratando-se de obra referencial na trajetória deste profissional” (LUZ, 2004, p. 179). Lutzenberger se sentia à vontade e vislumbrava um horizonte próspero; mudou sua situação de sócio e buscou satisfação como autônomo ou empreendedor de suas habilidades. De Ruggiero (2014, p. 78-79) cita pertinente questão, comum à imigração de profissionais especializados³⁰⁴:

[...] responder a determinadas oportunidades de trabalho que se criavam no local de destino, graças ao processo de grande desenvolvimento urbano e infraestrutura que os centros viviam em função da imigração europeia. Nesses casos, o imigrante continuava a desenvolver, na nova pátria, uma profissão já conhecida. É necessário considerar também que, na produção com mármore, tempos longos seriam necessários à formação de mão de obra. Muitas vezes, o imigrante empreendedor transferia ao exterior, com a estrutura empresarial e com os materiais, também o pessoal já possuidor de *know-how* e competências adaptadas à situação, indispensáveis ao processo produtivo...”

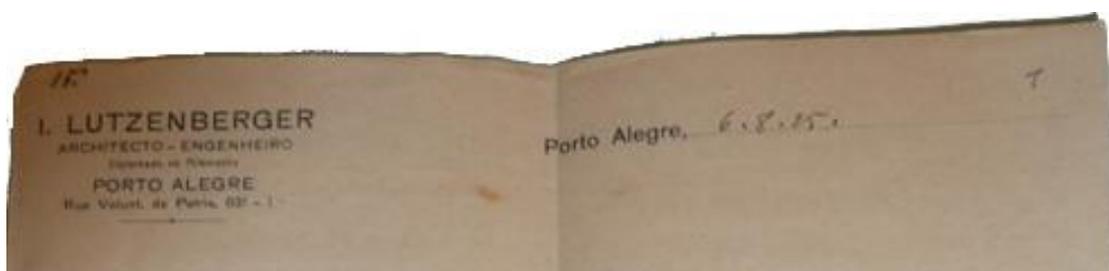
³⁰²O autor utiliza a grafia com “M” em seus textos, a qual reproduzimos. “O sobrenome Lutzenberger: em antigos documentos, também escrito LUTZEMBERGER” (LUTZENBERGER, 1929, p.1).

³⁰³Tomando como base a revista ética germânica o *Kalender Koseritz* de 1921, comenta a situação favorável.

³⁰⁴Tedesco (2006, p. 42) acrescenta: “Na segunda metade do século XX surgiu com mais intensidade a categoria de trabalhadores sazonais que migram especialmente pela Europa”.

Lutzenberger trouxe sua força de trabalho e seu “*know-how*”. Ele veio como trabalhador e agora se encaminhava para ser empresário, empreendendo, no sentido de autonomia, e com negócio próprio. Teria ainda que trabalhar todo o ano de 1924, mas logo ampliava suas obrigações, trabalhava para si, sem a incômoda e injusta distribuição de seus esforços com colegas “mal qualificados” e voltar para a Alemanha tornava-se mais e mais distante. Pouco lhe restava por lá, não nutria muito carinho pelo irmão, e o pai, em breve, morreria, parecendo ser tudo um retrocesso, portanto, o sucesso comercial deveria vir agora no Brasil. Era preciso se tornar mais um gaúcho, um dos tantos teuto-gaúchos que alcançavam êxito aqui.

Figura 30 - Papel timbrado de Lutzenberger ao se tornar profissional autônomo



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Na condição de estrangeiro, Lutzenberger não luta bravamente para se tornar um brasileiro, a despeito de seus esforços para dominar o idioma, sob a necessidade de comunicação com os locais.

Assim, na esfera de convivência de trabalho ou no setor comercial onde os contatos são diretos com os luso-brasileiros, o português é falado em larga escala entre os descendentes ou como símbolo de status ou como um nivelamento de posições sociais da situação patrão x empregados (LUYTEN, 1981, p. 77).

Sua preocupação maior, comum aos imigrantes, é garantir o sustento e se possível ascender socialmente³⁰⁵. Como fazer isso? A ideia era tirar partido de uma comunidade influente. A imigração alemã, com raízes profundas no solo gaúcho, iniciada em 1824 com a vinda de imigrantes que, décadas mais tarde, ascenderiam socialmente para se unir à elite lusófona em aspectos amplos: cultural, político e econômico no Rio Grande do Sul. Sobre o sucesso e a presença germânica, uma volumosa obra reflete a influência da penetração dos alemães no estado do RS: Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul, escrita originalmente em alemão, em 1924, pensada como retrato dessas conquistas e avanços, o que

³⁰⁵As dificuldades na Alemanha aumentavam e em pouco tempo teria que ser, em alguma medida, o lastro para seu pai. Se não tivesse motivações o suficiente, essa parecia ser um motivo e desafio ainda maior para obter o tão necessário excedente econômico, via mais e mais trabalhos.

não impede o destaque na introdução: “Não poucos, com certeza, irão reconhecer, sem inveja, os nossos méritos e alegrar-se conosco por aquilo que o empenho e a tenacidade alemães realizaram no Rio Grande do Sul” (AMSTAD, 1999, p. 9). Mas mal se tocou na questão étnica, logo foi preciso esclarecimento sobre o que é identidade étnica, pois, num país de imigrantes e com população nativa, ou original, Oliveira (2006, p.41), ao centrar seus estudos neste grupo étnico, vê a “possibilidade de transcendência para casos similares a outras etnias”, como os afrodescendentes e os outros grupos étnicos “referidos na literatura com nacionalidades”.

Grupo étnico é a associação de características comuns aos elementos da mesma comunidade e com marcadas similaridades, o que os torna semelhantes entre si e diferentes dos demais grupos sociais. Como enfatiza Woodward (2014, p. 13), “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. Aí residem os elos de Lutzenberger com os teutos que são vistos por si, pela sociedade e por ele como um grupo “à parte” na sociedade gaúcha, mesmo que heterogêneo, com diferenças culturais entre si, originários de diversas localidades da Alemanha. Sob esse tópico, a diversidade cultural dos imigrantes, o pastor Rotermund que vivia em São Leopoldo e visitava os fiéis em diversas colônias do estado gaúcho, relata sua experiência no texto escrito em 1919:

é difícil apresentar descrição apropriada para as comunidades da colônia. Em primeiro lugar, deve-se levar em consideração a diversidade tribal dos imigrantes. Os birkenfeldianos são totalmente diferentes dos westfalianos, os do Hunsrück são distintos dos pomeranos, os renanos dos bávaros, os suábios dos do norte da Alemanha (ROTERMUND, 1997, p. 272).

O interessante dos dois aspectos cruciais na vida de um indivíduo migrante é, no primeiro, a cultura anterior ou original, e no segundo, a nova cultura desenvolvida. Há uma relação que enfatiza o hibridismo, ou dualismo, sendo o indivíduo possuidor de duas personas no mesmo corpo, o “duplo eu”. Nesse sentido, têm-se grupos étnicos, e os “alemães”, no Rio Grande do Sul, formam uma comunidade que luta e consegue a manutenção dos valores e características tanto físicas quanto culturais de seus antepassados, portanto, uma cultura anterior ou original. Essa manutenção é mais ou menos “vívida”, e convivem na mesma pessoa ou grupo, o que facilita o acesso e a sua manutenção que outrora seriam perdidos. Esse hibridismo é característico de uma assimilação mais “parcial” como ocorre com Lutzenberger, Weise, Mennig e tantos outros. Constata-se, em experiência concreta transcrita por uma professora de letras que, na condição de descendente recente³⁰⁶ de alemães, de sobrenome Schreiner, nascida

³⁰⁶ Acrescenta-se o “recente” por quer se enfatizar o dualismo e hibridismo. Tanto no espaço físico de sua morada em um “quisto étnico” e na manutenção da cultura ancestral e germânica.

e criada no Brasil, que domina e carrega em si muito mais da cultura nacional, mas era, em seu dia a dia, “confundida” ou identificada como “estrangeira” no Brasil. Contudo, em seu retorno ao “universo de seus antepassados”, na Alemanha, ela percebe o dualismo que caracteriza como algo duplamente distante e alheio à Alemanha e ao Brasil não germânico. Lá, ela percebe não ser uma alemã, mesmo que falasse o idioma e identificasse em si alguns traços ou características em comum no país que visitava:

[...] em um nível de consciência, surgiu aí a realidade do homem dilacerado – do homem brasileiro enfim – que possui como um dos componentes identitários o fato de ter sido europeu. Num país colonizado, obviamente, essa trajetória deixa de ser individual, sendo que a questão do imigrante passa a ser a questão do homem que, sem negar suas raízes, precisa construir sua própria identidade e, através dela, a própria identidade regional e nacional (SCHREINER, 1996, p. 16).

Assim, alguns imigrantes sofrem por essa nova e desafiadora realidade que é a assimilação e o hibridismo, que se acentua na convivência mútua e reforçada nos grupos de manutenção da cultura, culinária, idioma e se possível da vida que se levava antes da imigração. É o surgimento de um novo outro, fruto do hibridismo. Circunstâncias que levam Lutzenberger à procura do outro, mas igual a si. Lutzenberger, com o passar dos anos, amalgamou a sua nova realidade à antiga, o que fez dele um ser híbrido, identificado por Schreiner (1996) em seu retorno à cultura de seus antepassados. Isso a definiu como não se sentindo alemã, mas possuidora de duas culturas em uma mente apenas, novamente a noção do Duplo (SAYAD, 1998; TEDESCO, 2006; SILVA, 2009), sendo a ancestralidade cultural de seus antepassados, borrada. Schreiner (1996) já não fazia parte daquele grupo, imerso e isolado. Estava satisfeita em ser apenas brasileira. Lutzenberger, há pouco chegado e imerso na nova realidade, cultivou sua ancestralidade e o desejo intenso de não perdê-la. Queria fazer parte de um grupo maior de outros híbridos semelhantes a ele, que lhe possibilitariam obter mais benefícios, mais trabalho de maneira específica.

De volta ao período da Grande Guerra (1914-18), cabe lembrar as repercussões em Porto Alegre (RS), com a germanidade veementemente atacada até pelos órgãos oficiais que proibiram os cultos e eventos em língua alemã³⁰⁷. O fenômeno da perseguição, ou assédio, termo mais em voga atualmente, considerava que determinado grupo variava a ponto de torná-lo inaceitável ou digno de perseguição. “Em outras palavras, a identificação dos indivíduos pode variar de acordo com o contexto social” (SOUZA, 2015, p. 58). Assim, o aceitável diálogo em

³⁰⁷A nação brasileira havia se tornado inimigo oficial da Alemanha em 26 de outubro de 1917. O mal-estar criado pelos afundamentos de navios com bandeira nacional de fato criaram e formaram um forte sentimento antialemão (o Perigo Alemão). Até o busto de Otto Von Bismarck, localizado em Porto Alegre, foi vandalizado e sumiu, mistério esse que não foi resolvido até os dias de hoje.

alemão, a preservação da cultura ancestral, foi considerado um afronte no momento de guerras, ou em outras situações de exacerbação da contrariedade da sociedade “local” em conviver com práticas exóticas a sua cultura. Passados os horrores da Grande Guerra Mundial, antigos antagonismos deram lugar a “picuinhas” que tendiam a se diluir com o tempo e centravam-se em outros aspectos. Assim, os motivos das perseguições foram esquecidos, e algum tempo “depois da guerra acalmaram-se as hostilidades, a ponto de em 1924³⁰⁸, por ocasião dos grandes festejos do centenário da imigração, efetuar-se o reconhecimento público da contribuição da população alemã para o progresso do Estado” (SCHREINER 1996, p. 46). Contudo, hábitos linguísticos se perderam com a restrição proibitiva de não se falar o idioma alemão no período do conflito. Muitas crianças não foram habituadas a ouvir e muito menos a praticar o idioma familiar.

No período entreguerras (1919-38), os alemães, os teuto-gaúchos, aos poucos voltaram a sua rotina germanizada e ao uso de algumas vestes³⁰⁹ aceitas pela sociedade gaúcha menos hostil e mais tolerante. Sempre se perde algo³¹⁰ após uma violenta repressão. Mesmo diante desse cenário outrora hostil, alguns cidadãos conseguiram manter parte de sua cultura e o idioma³¹¹, como uma língua “subterrânea”, em lugares específicos, utilizada para se lembrarem da terra natal. Entre tantas figuras de destaque de origem teuto-brasileira, destacam-se Pedro Adams Filho³¹² e Ruben Berta³¹³, empreendedores que deviam ter valores comuns, como a valorização do trabalho, da ordem. Valores esses considerados característicos do seu grupo étnico (FAY; SCHEMES; PRODANOV, 2010, p.182).

³⁰⁸ Em 1924, na região de São Leopoldo e Novo Hamburgo, havia 66 sociedades de convivência das mais variadas ordens (ROCHE, 1969, p. 646).

³⁰⁹ Novamente se faz uso da expressão de Bismarck, contudo como já apontado a língua e seus “derivados” são a externalização evidente dessa ligação ou ponte com o Velho Continente.

³¹⁰ “Depressa se apagaram as consequências da luta, aliás simbólica por parte do Brasil, visto que a imprensa e o ensino em alemão foram permitidos outra vez, logo que a paz voltou” (ROCHE, 1969, p. 716). Contudo, muitos deixaram de falar ou de aprender o idioma alemão, o que será repetido ainda com maior energia na Segunda Guerra Mundial. Corona (1977, p. 232) apresenta uma visão mais crítica: “Com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, a nossa linda cidade em transformação sofreu o mal que qualquer guerra traz para qualquer lugar. Todos sabem que foi a colonização alemã a que mais sofreu no estado [...] Durante a guerra, o trabalho se arrastou na decadência. Era urgente que a guerra terminasse com a vitória dos aliados”.

³¹¹ Sobre o uso do idioma italiano em Brum (2005, p. 65-66), e do alemão: “A língua remete ao ancestral, por isso não pode cair em desuso, a memória torna-se nostalgia na cadeia simbólica”. E isso não necessariamente nos remete, portanto, a uma geração, onde o idioma pode ter uma sobrevida, assistida em casa, nas associações etc. Sobre as suas origens étnicas de Corona ver Canez (1998).

³¹² Pedro Adams Filho aponta: “um dos empreendedores gaúchos de maior destaque, que conseguiu expandir suas atividades econômicas em todo o Rio Grande do Sul, no início do século XX” (FAY; SCHEMES; PRODANOV, 2010 p.163). Em segunda núpcia, Pedro Adams Filho casa com a irmã de Emma Kroeff Lutzenberger, Olga Kroeff.

³¹³ Rubem Berta, ligado ao transporte aéreo e à Varig (Viação Aérea Riograndense), “[...] acompanhou o próprio processo de crescimento e consolidação da empresa, como companhia aérea de porte nacional, e, mais tarde, firmando-se como de vulto internacional” (FAY; SCHEMES; PRODANOV, 2010, p.171).

Lutzenberger³¹⁴ não é propriamente um empreendedor, aqui entendido como um arguto dono de seu próprio negócio, mas, aos poucos, se livra das amarras que o trouxeram para cá, ao trabalhar em associação com os demais construtores³¹⁵. Falar alemão, ser competente tinha um valor destacado nessa comunidade que, aos poucos, se esquecia das inusitadas situações, insultos, agressões que sofreram em virtude da guerra total³¹⁶ no oceano Atlântico, anos antes. Mesmo sem concluir seu trabalho na igreja São José, outra comunidade religiosa o convidou a construir uma nova morada de Deus, nas adjacências de Porto Alegre e repleta de teuto-gaúchos... As igrejas³¹⁷ são ótimos cartões de visita, pois, como norma, os prédios são realizados com dimensões generosas, com adereços e toda sorte de embelezamentos, contando com a localização privilegiada aos olhos de todos, em promontórios, e garantindo novas jornadas de trabalho.

Lutzenberger não era apenas um arquiteto competente que despontava no mercado. Era, igualmente, um germânico que projetava para clientes que tivessem apreço estético e cultural parecidos com os seus³¹⁸, considerando-se que o gosto estético também é um valor atribuído,

³¹⁴Parece ter deixado uma marca indelével sobre seus conterrâneos, novamente quem comenta é seu amigo e colega do Instituto de Belas Artes, Fernando Corona, num texto de 1970 (1977, p. 188): “o primeiro companheiro que nos deixou saudades para morar no infinito foi José Lutzenberger, o fino arquiteto e pintor que plasmou seu saber e bom gosto na linda Igreja São José”. Mais adiante, no texto, Corona reforça o seu próprio cristianismo: “Deus que faça a paz neste mundo tão lindo que Ele criou” (CORONA, 1977, p. 188), algo que amplia sua necessidade em chamar Lutzenberger de “cristão sem fanatismo” (CORONA, 1977, p. 159).

³¹⁵Entre eles, Jacob Aloys Frederichs: “(1868-1950) imigrante alemão que trabalhou intensamente pelo associativismo teuto no Rio Grande do Sul, liderando por longo período um dos mais importantes clubes da comunidade alemã de Porto Alegre – o Turnerbund” (SILVA, 2006, p. 19). Além de empresário de sucesso na construção civil e membro ativo na igreja São José e da comissão para a construção da nova igreja que contratou Lutzenberger. Responsável ainda pela criação do clube Otto von Bismarck ou em alemão “*Bismarckrunde*”, que se reunia anualmente para, entre outras coisas, beber vinho do Mosela e do Reno, no final das reuniões e de cultuar a memória do grande líder alemão (TELLES, 1974, p.197). As reuniões foram suspensas no final da guerra, em 1917-1918, período de muitas perseguições aos teuto-gaúchos, com vários empreendimentos e pessoas sendo atacadas, nem o busto [nota 311] do líder alemão passou ileso, pois, como já relatado, ele também foi vandalizado e destruído, sendo roubado da sociedade de Tiro onde se localizava. Como adendo, lembra-se que Julius Weise (dono, falecido da firma que contrata Lutzenberger) era presidente da associação de tiro e Jacob Kroeff Netto (cunhado de Lutzenberger) discursou diante de tal estátua. As reuniões bismarquianas foram retomadas em 1921, quando o cenário já havia serenado. Ao todo foram 22 reuniões que acabaram em 1929, mesmo com encontros esporádicos em 1930, 1933 e 1936 (TELLES, 1974, p.216-7).

³¹⁶Termo criado no final de 1916 quando o alto comando alemão, querendo neutralizar o poderio naval da Inglaterra e dominar os mares, iniciou uma violenta e “bem-sucedida campanha” submarina. Atacava inicialmente só os navios dos países em conflito, mas não tardou a afundar os navios das nações não beligerantes, o que provou ser um profundo erro, pois os ataques passaram a ser indiscriminatórios, mirando qualquer navio mercante que pudesse trazer alimentos e matérias-primas para os inimigos. Neste contexto, muitos navios do Brasil, cuja maioria exportava café, foram postos a pique, matando inocentes marinheiros brasileiros, o que gerou antagonismo no país, a ponto de se declarar guerra às potências centrais. Algo parecido foi atribuído à entrada dos Estados Unidos da América neste conflito, que aniquilou as últimas possibilidades de vitória alemã. Por isso, o uso das aspas em “bem-sucedida”. Sob a questão dos submarinos se utilizou: Stevens; Westcott (1958), e para suas consequências da guerra marítima no Brasil ver Compagnon (2014); Garambone (2003) que serviram de base para alguma das análises. Sobre as embarcações afundadas e a política do presidente de período, ver: Cavalcanti (1983).

³¹⁷Na graduação em história, um colega, pastor anglicano, confessou-me que Deus não gosta das coisas simples.

³¹⁸Nem tanto sobre a questão de gosto, mas mais nos aspectos formais de estilo, ver os arquitetos Grieneisen (2019) e Maturino (LUZ, 2004).

gestado e desenvolvido ao longo da vida no seio da comunidade, na escola, na convivência etc. No entanto, não se pode diminuir a importância de se pertencer a determinado grupo étnico, mesmo que heterogêneo, com culturas que giram em torno de valores similares, explicitando um possível gosto comum. Nessas redes, as conexões tendem a ser mais usuais, e os elos e os valores mais próximos, assegurando a satisfação dos contratantes que repetiam ou indicavam o arquiteto com muitas qualificações e com a similitude física e mental dos teuto-gaúchos, proprietários das futuras edificações.

Embora José Lutzenberger não frequentasse o clube de tiro, não cantasse ou jogasse bolão, entre outros modos de relacionamento social, essas atividades faziam parte da rotina de vários membros de seu grupo social, pois eram germânicos que mantinham os hábitos trazidos do “exterior”. Mais e novos contatos surgiam para Lutzenberger³¹⁹ que se tornava uma referência para novos prédios, construindo casas para a elite local e se imiscuindo na sociedade gaúcha, em especial na teuta. A igreja, mesmo inacabada³²⁰, propiciava novos contratos, comissionando Lutzenberger a realizar outro templo na periferia de Porto Alegre, com consequências diretas para sua vida, e a ampliação da crescente rede de influência ou compadrio.

Essa seria a igreja matriz São Luís Gonzaga, da futura cidade de Novo Hamburgo, essa localidade próspera da região colonial distanciava-se da sede do município, São Leopoldo, núcleo habitacional original iniciado em 1824 com a chegada das primeiras levas de alemães. Novo Hamburgo crescia e queira maior independência administrativa, sentindo-se negligenciada pelo município-mãe. A pequena igreja da localidade de Hamburgerberg³²¹ não dava mais conta do número crescente de frequentadores e uma nova era prioritária. Atualmente (ano de 2023), são apenas trinta minutos de distância de carro de Porto Alegre, mas para o transporte até Novo Hamburgo, à época, o veículo mais veloz de acesso era o trem, com linha regular, operando desde 1875. Servia a região, ajudando o desenvolvimento local, com a última estação em Novo Hamburgo, para onde escorria boa parte da produção colonial de então, devido à facilidade do transporte ferroviário. A localidade contava com os recursos necessários para ampliar sua igreja matriz, em uma nova construção, relegando a igreja da Piedade (em Hamburgerberg), frequentada pelos Kroeff, para o segundo plano. Surgia, aos poucos,

a localidade [Novo Hamburgo] recebe uma conexão ferroviária com a capital, constituindo-se esta a primeira estrada de ferro do estado. A

³¹⁹ LUZ (2004), ao fim de sua dissertação, faz um arrazoado das obras de Lutzenberger em Porto Alegre.

³²⁰Reforça-se aqui a informação oferecida em Luz (2004), que o templo São José foi realizado em etapas, com a última no ano de 1948.

³²¹ A região deu origem a cidade de Novo Hamburgo, e, atualmente, em grande medida, é o bairro Hamburgo Velho.

construção da nova estação, distante cerca de 3 km do núcleo inicial de Hamburger Berg, já que este estava no topo de uma colina, trará uma das mais significativas mudanças desta nova cidade industrial que surge, com a criação de um novo centro comercial e industrial localizado na porção plana e pouco habitada da cidade (SOCKER JÚNIOR; MANENTI, s.d, p.3).

A construção da Igreja do São Luiz Gonzaga, santo escolhido como padroeiro do novo templo de Novo Hamburgo, traria bons frutos a Lutzenberger que se tornaria ainda mais conhecido ao se misturar com uma família local.

3.4 O CASAMENTO

Lutzenberger colhia os primeiros e generosos frutos de seu esforço junto à comunidade alemã, e os elos teutos o levaram diretamente a esse volumoso trabalho em Novo Hamburgo. Mas não só isso. Concomitante à igreja de São José consegue imprimir o tão desejado ritmo que almeja para seus sócios, e a firma diversifica e amplia consideravelmente o seu portfólio, com mais recursos e atividades para o competente arquiteto que não perdeu o salutar hábito de suas caminhadas. Foca com energia nos assuntos que prioriza desde a sua chegada: o trabalho.

Farto da rua da Praia, havia me mudado, naquela época, para bem longe no Caminho do Meio, tinha então que caminhar bastante o dia inteiro para as construções (na maioria duas a quatro) no completo fracasso dos "bondes" daquela época e distantemente espalhadas, trabalhar à noite e estava bastante atarefado e sem tempo para reflexões desnecessárias etc., porém – bem – quando as coisas vão bem etc., etc. (LUTZENBERGER, 1929, p. 74).

O trabalho o ocupava, e quando precisava de outras diversões buscava o velho hábito das caminhadas, numa cidade com um defeituoso sistema de transporte público. Os prazeres bucólicos davam espaço ao ritmo urbano de sua nova morada, mas tentava se animar assim mesmo.

Ocupei meu tempo em caminhadas distantes e as noites, com leitura e estudo na minha casa, se não estava chovendo, quando era o caso de eu me deslocar dali por causa das cachoeiras internas (LUTZENBERGER, 1929, p.74).

Pelo que se observa nos textos, as diversões eram poucas e sobre a vida noturna local Lutzenberger explicita seu desânimo, já em 1920.

Nos primeiros dias, os meus senhorios me mostraram ainda a vida noturna de Porto Alegre – brega e lamentável o suficiente para abrir mão dela e assim me tornei gradualmente, bem ou mal, totalmente, ao contrário de antigamente, o sólido pequeno-burguês, que eu sou ainda hoje (LUTZENBERGER, 1929, p. 74).

Lutzenberger se sentia só, e não se constata evidências de que frequentasse as associações³²² de sua etnia para se ocupar com as atividades corriqueiras oferecidas nesses clubes de convívios sociais. Certamente, apreciava e presenciava muitos eventos, como inaugurações da construção civil, tinha vida social, necessária, contudo, lhe faltava algo. Do ponto de vista econômico, sua vida havia melhorado substancialmente, não ficara rico, conforme lamenta em sua autobiografia, o que é reforçado por sua filha Rose, mas tinha o necessário para si e, eventualmente, para enviar aos familiares necessitados da Europa. Era preciso algo mais, além do trabalho, que complementasse sua existência. Aos poucos, permanecer no Rio Grande do Sul era uma razoável opção, talvez a definitiva. Àquela altura da vida, não tinha o ânimo habitual de pular de cidade em cidade, nem a ambição de novas empreitadas (de conhecer algum lugar ainda mais inusitado que o RS) ou procurar emprego, como de costume, em seu país. Criava-se, aqui, uma rede de conexões e, provavelmente na Alemanha, seus antigos professores já aposentados não teriam a influência para realocá-lo em novos empregos. A vida, cada dia mais, ganhava sentido no Rio Grande, e criar raízes profundas seria seu próximo passo. Homem maduro e feito não mencionou qualquer “aventura” amorosa por aqui. Se tivesse pretendentes, omitiu, mas casar-se avançava em sua lista de prioridades. O veterano soldado sentia a ampulheta da vida se esvaziando mais e mais. Escolhas e atitudes precisavam ser tomadas e prioridades trocadas. Quem poderia ser essa moça para complementar sua vida?

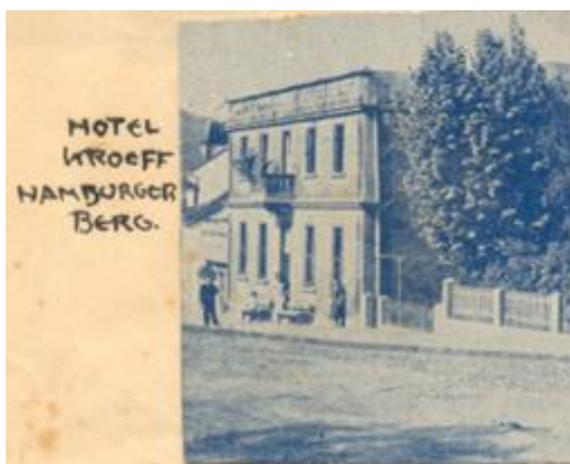
Na vida profissional, sua contratação exclusiva pela Weise e Cia já era uma grata página virada. Livre das amarras, Lutzenberger ganhou alforria do contrato que o trouxe da Alemanha em frangalhos, e cabe lembrar a derrota nos campos de batalha e nas cortes no palácio de Versalhes, essa, talvez, ainda mais devastadora para a nação alemã. Era preciso seguir novos rumos, profissionais e afetivos, constituir a própria firma e criar uma família. Tudo se encaminhava para a sua estada definitiva, e a escolha, ao que parece, recaiu sobre uma das muitas filhas do coronel Jacob Kroeff Filho.

A família Kroeff havia chegado à região de Hamburgerberg, o atual bairro Hamburgo Velho, da cidade de Novo Hamburgo, por volta de 1854 (LUZ, 2010). Jacob Kroeff era açougueiro de porcos e pouco inclinado ao cultivo de vegetais, razão pela qual economizava capital com o comércio constante de carne de porcos, acumulando o recurso necessário para adquirir o estabelecimento comercial da colônia, a conhecida “venda”, ponto de troca de

³²²As filhas não fizeram menção alguma sobre esse tópico, a exceção dos cultos religiosos onde uma penitente Emma (esposa) demandava sua presença constante. Rose (filha mais nova), em entrevista (LUTZENBERGER, 2019) comenta sobre as viagens ao interior, onde o pai caminhava e andava a cavalo, revivendo um dos hábitos favoritos e sua velha paixão. Fora isso levava uma vida bastante regular e caseira, reforça a filha caçula.

mercadorias, informações, o contato do colono com o mundo “externo”. O estabelecimento comercial era amplo na gama dos negócios, um pequeno centro comercial da região, importando mercadorias da Alemanha e comprando e revendendo produtos locais da colônia. Na Figura a seguir vê-se o Hotel Esplêndido, nos anos de 1910-20. Inicialmente, era uma taberna com a “Venda” propriamente dita, e o escrito na lateral da foto é do próprio Lutzenberger.

Figura 31 - Hotel Esplêndido



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Os Kroeff eram uma família com recursos, em especial Jacob Filho que soube, via casamento e por competência, ampliar os negócios da família, tornando-se uma das pessoas mais ricas da região e dono do Matadouro Tigre, firma de renome no Estado gaúcho, fornecendo quantidade considerável de carne verde (grandes peças) para os açougues de Porto Alegre. O relacionamento de Emma (a penúltima filha do coronel Jacob Kroeff Filho) com Lutzenberger teve início com a história anedótica contada, de maneira resumida, e repetidas vezes, pela filha Magdalena.

Meu pai que era alemão, tinha lutado na guerra e estava passando mais tempo lá em Novo Hamburgo, onde a minha mãe tinha nascido e vivido a vida toda, na verdade, era Hamburgo Velho³²³. Porque ele estava realizando os

³²³ Bairro retirado do centro da “vila” de São Leopoldo, e tinha como construção mais relevante a igreja católica da Piedade, marco na região, onde a Família Kroeff era batizada, e Emma não foge à regra. Para a genealogia que inclui Emma e seus antepassados ver Linck (2006). Os Kroeff possuíam uma “venda” para seu sustento, que era também uma estalagem (LUZ, 2010), ponto de parada dos viajantes em jornada tanto para a capital Porto Alegre quanto para o interior, como na última expedição do coronel Sampaio Correia, no seu enfrentamento com os Muckers (DOMINGUES, 1977, p. 145; SCHUPP, 1993, p. 111-112 também fazem menção à estalagem).

trabalhos em Novo Hamburgo para a principal igreja de lá³²⁴. Assim o pai passava a maior parte de seu dia a dia naquela localidade. Já o meu avô [Jacob Kroeff Filho] era uma pessoa muito influente na região com muitas terras e gado. De família numerosa e com muitas filhas, uma delas a Emma, minha mãe, a segunda mais nova. Ela nem queria se casar, pois cuidava da vó [Theresa]. Mas durante a construção da igreja São Luiz Gonzaga de Novo Hamburgo, ela, a mãe, recebeu uma carta de autor anônimo, que se dizia encantado com ela e queria conversar. A carta foi entregue por um conhecido, mas esse fez questão de não dizer quem a tinha escrito. Nisso se passaram alguns meses e Emma até esquecera do assunto. Já o pai [Lutzenberger], como ele mesmo confessou, ficou muito angustiado e achou que a mãe não queria nada com ele, voltando a sua atenção para a igreja de Novo Hamburgo. Passado, algum tempo o pai tomou coragem e se aproximou dela num dos eventos em Novo Hamburgo, já que os Kroeff eram famosos por lá... Para surpresa do pai, a mãe [Emma] foi bem atenciosa e consentiu em conversar, como se fazia na época. Depois de algum tempo que já se conheciam, conversando o pai perguntou por que ela não respondera a carta de “amor”? A resposta da mãe foi imediata e disse na cara do pai. - Como se responde uma carta anônima?! O pai ficou todo envergonhado, mas depois achou graça de tudo, e dali para frente começaram a se relacionar, se casaram. Nasceu primeiro o Jolch [José Antônio] ... eu [Magdalena] e a Rose... Acho que eles foram felizes.

Em versão parecida, os fatos mais importantes foram corroborados e repetidos por Rose (filha mais nova do casal), tendo assim a tradição oral da família oferecido algo interessante e único como salienta Constantino³²⁵ (1990, p. 4), que logo no início de sua tese justifica e legitima as escolhas do uso acadêmico da História Oral.

É honesto confessar que a necessidade de realizar pesquisa de campo com utilização de entrevistas e relatos não foi ideia sedutora num primeiro momento. Afinal, não faz muito tempo que a “história oral” foi reabilitada, substituindo o “relato” que, sem dúvida, serviu para conservar e divulgar o conhecimento. Diante de ausência de outras alternativas, utilizou-se a técnica que se revelou produtiva, na medida que resultados coincidiram com esparsas [...] Os resultados obtidos com entrevistas e relatos, portanto, refletiram parte de uma realidade que não foi encontrada em qualquer tipo de documentação...

Em ressonância com a experiência de Constantino (1990), os relatos das filhas abriram e suscitaram melhor compreensão das relações do casal Emma e “Lutz”, como era conhecido na intimidade. É importante frisar o fato, em consequência do tratamento limitado destinado ao namoro entre ele e Emma na sua autobiografia. Como prova da escassez de informações sobre

³²⁴Magdalena se refere ao culto católico. É preciso reconhecer a “cisão” entre católicos e evangélicos. O deus é o mesmo, mas as divisões são profundas e nítidas no convívio social, inclusive na circunscrição de pequena população que, nem por isso, deixaria de ser dividida.

³²⁵Professora Constantino seguiu seus esforços em “defesa” da História Oral. Ênfase por ter tido a oportunidade de ser seu aluno. E, em suas aulas, ela mesclava habilmente sua experiência de vida e os tópicos acadêmicos, de maneira específica ressaltava as dificuldades enfrentadas pelo uso da história oral, responsável pela criação do Laboratório de História Oral da PUCRS, em funcionamento atualmente com o armazenamento de entrevistas realizadas pelos alunos e professores.

a sequência de eventos e curiosidade que isso deve ter suscitado em especial nas filhas ávidas pelo romance de seus pais:

nesse ponto, porém, eu havia construído uma igreja para os habitantes de Novo Hamburgo, pelo menos no papel, mas lá também ajudei na colocação da pedra fundamental etc. etc. E aí havia sempre uma Dona Emma muito ocupada, um tipo de ministrante superior da paróquia. Também deve ter ainda naquela época cantado e pintado, pelo menos eu lhe dei pessoalmente, como jurado numa exposição de arte de [Novo] Hamburgo, o “Grande Prêmio” (LUTZENBERGER, 1929, p. 74).

Em certa medida, o texto dá a entender que o casal já se conhecia, mesmo que de maneira rápida. Ao menos Lutzenberger fez questão de lembrar-se do evento. Sobre a premiação: “Com Grande Prêmio – Ema Kroeff, pinturas; Colégio São José, bordados e pinturas; [...] Pedro Adams Filho & Cia., calçados; [...] Kroeff e Cia., carnes” (DUARTE, 1946, p. 119-120). Evento esse realizado em 1924³²⁶, em Novo Hamburgo, centro das festividades do 1º Centenário da Imigração alemã, roubando o protagonismo de São Leopoldo, núcleo original e sede do município, que não teve a agilidade demonstrada por seus vizinhos. O irmão de Emma, Jacob Kroeff Netto, presidente da comissão organizadora, deu mostras do prestígio e da importância da família na região - deputado estadual ligado a Borges de Medeiros e ao PRR (LUZ, 2010). A feira recebeu a visita de Borges de Medeiros que raramente se ausentava do palácio Piratini. Além das exposições culturais, havia animadas disputas em competições que escolhiam as produções e os produtos mais requintados, gostosos, belos etc. Os vencedores eram diplomados com certificados que apresentavam arte do artista gráfico José Lutzenberger, que exercia assim um pouco do que seu pai lhe havia ensinado nos anos de aprendiz na gráfica familiar. Essa arte seria incorporada pela nova cidade de Novo Hamburgo com o seu brasão original, o qual,

em Forma de medalhão, representava, no centro, um bloco monumental, ladeado por dois atletas, rodeado no todo pelo dizeres “Novo Hamburgo – Ordem e Trabalho”. O Bloco simbolizava o município recém-criado, e os atletas, os dois distritos, o de Hamburgo Velho e o de Novo Hamburgo, que o construíram e sustentavam, sob o lema de ordem e trabalho (PETRY, 1963, p. 143)³²⁷.

³²⁶ Segundo Schütz (1992, p. 99), em 1920 a população de Novo Hamburgo era de 8.520 habitantes.

³²⁷Homenagem ao município recém-criado.

Figura 32 - Brasão da Feira Centenária da Imigração, 1924 - Novo Hamburgo.



Fonte: Petry (1963, p. 143).

Tudo era motivo de satisfação. A feira e a criação da igreja de São Luiz Gonzaga reforçam a pujança da localidade de Novo Hamburgo que se emanciparia de São Leopoldo, em cinco de abril de 1927, com a ativa participação dos Kroeff, em especial de Jacob Kroeff Netto, seu primeiro intendente (LUZ, 2010). Das constantes visitas para trabalhar e depois namorar, Lutzenberger continua o relato do seu evento amoroso com Emma.

Bem, o caso não era tão fácil, mas bastante complicado, velhos pioneiros são adestrados para procedimentos rudes, então, de qualquer maneira, os hamburgueses olharam de maneira raramente tão surpreendente estupidificados como naquela ocasião, quando eu, numa bela manhã, diante da nova igreja, desci do carro com o Karl Jakob Kroeff Filho³²⁸ como o novo genro. Aí eu era então o noivo e fui mostrado como tal por todo o lugar com sucesso misturado, hoje ainda não conheço todos as pessoas, que me abraçaram naquele momento como o novo "parente" (LUTZENBERGER, 1929, p. 74)³²⁹.

O modo sucinto com que Lutzenberger retrata a relação não condiz com a realidade, pois foram meses de namoro e dezenas de cartas³³⁰ em que dividia e comentava o seu dia a dia com a jovem Emma, ela na casa dos trinta, e ele com mais de 40 anos³³¹. A sua rotina de visitas e inspeções *in loco* na obra de Novo Hamburgo o ajudaram a cuidar e "levantar" informações sobre a "ministrante superiora da paróquia" (LUTZENBERGER, 1929), a solteirona que o

³²⁸Não sei por que razão Lutzenberger acrescenta o "KARL". Nome de batismo? Talvez.

³²⁹O casal Jacob Filho e Thereza Steigleder tiveram 11 filhos. Dos quais 8 com prole, muita gente, ainda mais se comparada com uma família reduzida como a de Lutzenberger.

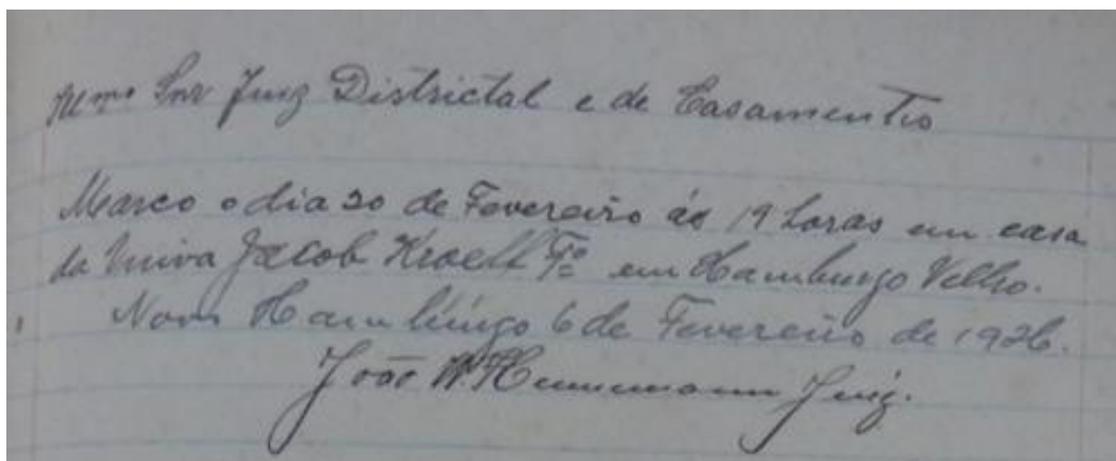
³³⁰ Algumas destas remissivas despertaram maior curiosidade e, foram traduzidas pela pacienciosa Lara que, como eu via a riqueza do avô pela primeira vez. As cartas foram pouco "aproveitadas" nesta tese. O tempo urge e não se pode dar conta de diversidade de assuntos e possibilidades desenterrados do tesouro "Lutz". Uma lástima, mas é preciso ser um investigador honesto e reconhecer que deixamos relevantes informações para trás.

³³¹Relembrando seu nascimento ocorreu em 13 de janeiro de 1883 e, à época do namoro, 1926.

encantava. A igreja e a religião tiveram protagonismo no surgimento do futuro casal que se formou ao longo da construção do templo. Para o engenheiro, destacam-se as razões passionais; para Emma, se confirma a presunção divina e sua assertiva intervenção. Essa será uma divisão contínua do casal, a crente Emma em sua busca por redenção, observando os valores tradicionais do credo católico, e o descrente Lutzenberger tentando conciliar as suas decepções da guerra e os compromissos com o divino aprendidos em tenra idade. Lutzenberger, aquele “alemão” da igreja São José e o responsável pela nova paróquia de Novo Hamburgo, São Luiz Gonzaga³³², se tornou um hamburguense honorário e criou outra fonte de renda fora da capital, mas o trabalho “temporário” da igreja se tornou uma fonte prolongada no interior³³³ e uma publicidade bem-vinda aos negócios. Conhecido pela elite católica local, não encontrou maiores resistências da família Kroeff e do seu futuro sogro que consentia com o casamento, razão forte o suficiente para o resto da família. Era preciso dar conta da burocracia e da eterna interferência do Estado nos negócios privados. Lutzenberger, na condição de alemão, precisava resolver quesitos legais.

Na documentação original preservada no Arquivo Público Estadual do RS (APERS), o responsável pela papelada é o futuro cunhado, o advogado Jacob Kroeff Netto, irmão mais moço de Emma e político “borgista” do PRR, sem dúvida um dos morubixabas da região.

Figura 33 - Documento de Casamento de Joseph Lutzenberger/Emma Kroeff



Fonte: Arquivo Público Estadual do RS (APERS)

³³²Jesuíta que com muitas posses de família, escolheu o caminho religioso morrendo cedo. Pelo visto não teve uma vida muito repleta, para a sua biografia (ARQUIVOGOSPEL, 2021).

³³³No Museu do Vale dos Sinos, uma relação datilografada (aproximadamente em 1980) de uma dezena de casas construídas por Lutzenberger e que ainda [r]existem. Reforçando a sua rede e os bons negócios naquela região.

No documento oficial, a descrição apresentada é de engenheiro, além de uma série de declarações, certidões, certificados, registros, atestados comprobatórios e a cópia traduzida de seu passaporte. Desses atestados, o primeiro é datado de sete de janeiro de 1926³³⁴, e respeitando as normas legais, ambos solteiros, desimpedidos, logo, hábeis para se casarem. Há uma sequência de documentos, destacando-se a página do recorte para ampliá-lo e torná-lo mais legível na Figura (32). No documento, constam as assinaturas dos nubentes, local, data e a razão da festividade.

Figura 34 - Assinaturas dos noivos



Fonte: Arquivo Público Estadual do RS (APERS)

Nesse ínterim, entre a tomada de decisão de ambos, Emma e Lutzenberger, e a consumação do casamento, houve o triste evento da morte do tenente-coronel³³⁵ Jacob Kroeff Filho. Razão pela qual a cerimônia dupla, envolvendo o casamento de Emma e sua irmã Olga Kroeff com Pedro Adams Filho, foi singela e sem exageros, respeitando o “patriarca” falecido em quatro de fevereiro do mesmo ano. A mãe das noivas, Thereza Kroeff, a “viúva”, não foi mencionada por seu nome, apenas como proprietária da casa, local da cerimônia realizada. Assim, a alegria da união teve também um gosto amargo, quando as últimas duas filhas solteiras do casal Kroeff finalmente se casaram e deixaram o lar parental. De certo modo, esse era o papel esperado para as jovens mulheres de então, casar e serem as melhores mães e esposas

³³⁴ Portanto, com o contrato já encerrado com a firma Weise.

³³⁵ Patente militar de caráter honorífico que em parte substituía o título de nobreza, mesmo no tempo da monarquia, para os “mandões locais” e membros da Guarda Nacional, milícia estadual com forte caráter de policiamento ostensivo. Jacob Kroeff Filho era membro do PRR e apoiou os governos instalados após o golpe de quinze de novembro de 1889. O título lhe foi dado em seis de abril de 1891, ato 236 (AHRS: livro L-620, página 247). Essas patentes, aos poucos caindo em desuso, seriam utilizadas nos documentos do casamento realizado no segundo distrito de São Leopoldo (futura cidade de Novo Hamburgo). A presença de Jacob Kroeff era marcante. Lutzenberger achava tudo isso muito estranho e fazia graça da patente do sogro, tão elevada e sem qualquer tipo de formação militar, pois o tenente bávaro era obrigado a fazer “reciclagens anuais” para se manter como oficial da reserva.

possíveis. E para esse fim os pais despendiam esforço, horas de educação e tudo o mais que envolvesse tornar “prendadas” as moças de então. Para a família Kroeff esse ciclo se encerrava e abria-se outro para a recém-casada e nova integrante da Família, agora Emma Lutzenberger.

Figura 35 - Casal Emma e José (o urso) passeando na pacata Novo Hamburgo



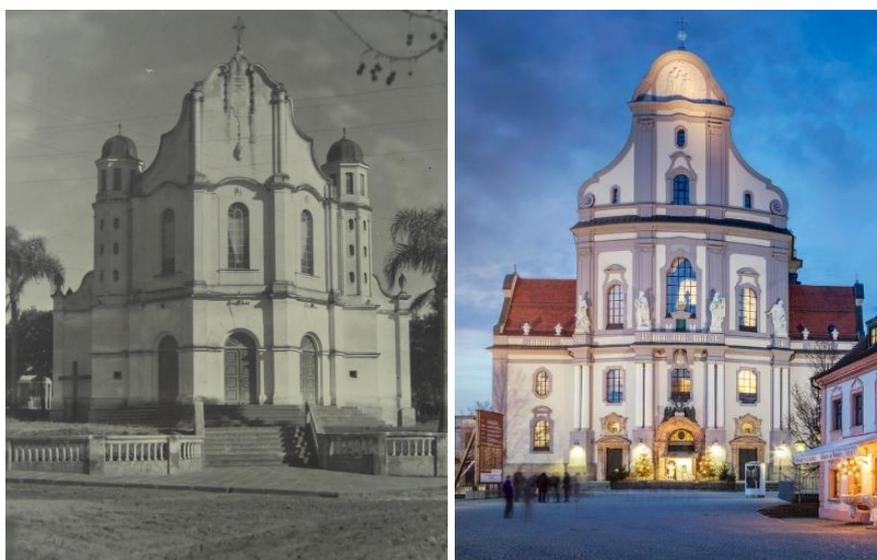
Em uma tradução “aproximada”: hoje faz exatamente seis meses³³⁶ que Emmy e seu urso educam um ao outro. Aqui estou na dúvida entre duas possibilidades: agora a coisa ficou arruinada/prosperou até o fim sobre a qual: sem dúvida ela agora está sentada/não resta nenhuma dúvida. Bonzinho segue - se gostar - o urso [tradução]

Fonte: Arquivo Lutzenberger

³³⁶ Essa pode ser outra referência para o tempo de seis meses do namoro de ambos.

O lar de Emma, na cidade de Novo Hamburgo, não seria esquecido, muito menos as fortíssimas conexões de seus novos parentes tanto os Adams quanto os Kroeff. Lutzenberger realiza uma dezena de construções para a elite local. Como diz o velho ditado: é sempre bom e aconselhável unir o útil ao agradável. Na sua história de vida, Lutzenberger dá vasa à situação em outros documentos, e como na ilustração por ele produzida da bela Emma sempre distinta e elegante diante do grande desengonçado e animalesco Lutzenberger que se autorretrata como um urso, besta corpulenta e submissa aos caprichos da exigente amada. Na Figura 34 ele retrata o casal Emma e José (o urso) passeando na pacata Novo Hamburgo às vésperas do casamento e reconhecendo a "pujança" da sua companheira em 15/02/1926.

Figura 36 - Frontão da igreja matriz São Luis de Novo Hamburgo / Figura 37 - Frontão da igreja de Altötting (Alemanha)



Fonte: Arquivo Lutzenberger / Fonte: Volkskultur, 2022.

Emma³⁴² era a penúltima filha do casal Kroeff, sendo apenas mais velha do que Hildegart³⁴³, a irmã caçula. Parecia ser, em parte, uma escolha impossível, o seu casamento, porque Emma tinha idade suficiente para ser “tia” quando iniciou seu namoro, em 1925, e com mais de 30 anos numa realidade dividida entre a religião e os cuidados da mãe Thereza, essa uma senhora gasta pelas constantes gestações. Emma tinha as suas funções na igreja da Piedade, em Hamburgo Velho³⁴⁴.

³⁴² Maria Emma Elza Kroeff nascida em 23 de dezembro de 1893.

³⁴³ “Maria” Hildegart (nascida em 17 de setembro de 1898). Casou-se em 10 de junho de 1922 com Luiz Adolpho “Gaston Englert”, figura que desempenhou importante papel no governo de exceção do Estado Novo.

³⁴⁴ Nossa Senhora da Piedade de Hamburgo Velho, criada em 1875, mas instalada apenas em 1880 (SANTOS, 2017, p. 225)

A esse respeito, Santos (2017) colabora para que se entenda a criação do novo templo ser a Matriz de Novo Hamburgo, revestido da maior importância eclesiástica. Para tanto, criou-se uma comissão, sendo um dos responsáveis o empresário Pedro Adams Filho (cunhado de Lutzenberger). Em 1921, a comunidade católica se organizou em Novo Hamburgo, tornando-se autônoma de Hamburgo Velho, “fato que se efetiva em 1925. A inauguração da primeira igreja ocorre nesse mesmo ano” (SANTOS, 2016, p. 223).

Nas imagens percebem-se as semelhanças nos dois templos, numa clara influência arquitetônica e estética que Lutzenberger trouxe da terra natal. Na família Kroeff, o pai de Emma, Jacob Kroeff Filho, marchante de sucesso sofre um fortíssimo revés na Grande Guerra³⁴⁵, o que consumiu grande parte de sua fortuna. Contudo, era ainda membro da elite local, tanto política quanto econômica, e sua prole era “material raro e desejável” para o matrimônio. Portanto, o casamento tinha um forte apelo social, cabendo aos pais dos nubentes a permissão para a consumação da união. Logo, para as filhas Kroeff casarem a conversa era outra³⁴⁶. O pretendente haveria de ter um status próximo ao da família e, se possível, uma cultura igualmente relacionada, que traria outros benefícios para as famílias dos noivos, o que não fugia das intenções econômicas e da construção das redes sociais. Quesitos esses plenamente preenchidos e pensados por Lutzenberger. O casamento era o mecanismo que permitia criar as alianças para a formação de redes sociais mais amplas.

O matrimônio era, portanto, um assunto de família e, nesse sentido, eram, os interesses desta última, e não o amor romântico, que eram prioritários. [...] Como dizia a respeito ao futuro da família e de seus interesses, o casamento de jovens da elite era por demais importante para se deixar ao acaso à sua escolha pessoal, e é por isso que essas uniões eram em geral arranjadas (REGO, 2008, p.50).

³⁴⁵Reinheimer (2010, p. 193-4) reforça a ampliação do mercado externo frente a Grande Guerra e até uma certa euforia nos pecuaristas gaúchos. Jacob Kroeff Filho vende um grande lote de carne enlatada para a Inglaterra e investe pesadas somas de dinheiro para viabilizar a transação, colocando em risco a empresa Kroeff Wiltgen, da qual era sócio majoritário. O que ocorreu é uma incógnita acalorada para os descendentes: a primeira seria que a carga estaria adulterada e assim não foi paga, arruinando parte da firma Kroeff Wiltgen. A segunda que coloca o ônus no comprador estrangeiro que foi a banca rota e não teve como honrar a mercadoria. Logo, o conflito trouxe, além das preocupações naturais, um trauma duplo para Emma, seu pai perde muito dinheiro e o marido viveu as desgraças de ser um combatente.

³⁴⁶Exemplo do poder de barganha e da interferência do pai da noiva, tem-se o caso da caçula do casal Kroeff, Hildegard, que era pretendida por Gaston Englert (filho de Luiz Englert, um dos constituintes de 1891 e “colega” de partido do centro, de curta existência, junto com Jacob Kroeff Filho). Quem fez esse relato foi sua filha Carmen Englert (2009), apontando que o seu pai exercia algumas atividades comerciais como representante de vendas, o que, necessariamente, o obrigava a viajar com alguma frequência para o interior do estado. Isso se tornou um forte impedimento para o casamento de ambos, pois seu futuro sogro não via com bons olhos essa situação de muitas viagens, dormir fora etc. Para que o casamento se materializa-se Gaston Englert preferiu consentir com o pai da noiva e cessar tais viagens, fixando a residência e sua atividade profissional em Porto Alegre. Puderam assim ambos selar seus votos de matrimônio.

Contudo, se casar, para Emma, pelo que se percebe, não era uma prioridade, muito menos a sua opção, pois, certamente, pretendentes não faltaram nos anos anteriores. E sua vida, do ponto de vista econômico, não mudaria muito, pois,

no passado, o casamento apesar de ser uma forma de garantia econômica futura ou ascensão social para a mulher não lhe possibilita independência financeira há apenas uma mudança de perspectiva, ela passa da dependência econômica dos pais para o marido (LUZ, 1995, p. 68).

Emma, pelo que consta, não tinha muitas atividades fora do círculo religioso, no qual era assídua e contumaz. A exceção era o convívio com os demais parentes, esses, numerosos, espalhados na região colonial de Novo Hamburgo e São Leopoldo e em Porto Alegre, para onde as irmãs mudaram-se após o casamento. Emma fora educada com o que a colônia oferecia de melhor, a incluir uma sólida educação religiosa das freiras do Sagrado Coração, em São Leopoldo, e das irmãs Santa Catarina, na escola praticamente vizinha ao seu lar em Hamburgo Velho. “A maior e mais bela herança que um pai pode dar a seus filhos é a escola” (FROSI, 2005, p. 81). Ser talhada aos olhos de Deus era outra prioridade desta família com estreitas ligações com a fé católica³⁴⁷. Assim, a devota Emma sabia “bem” ler e escrever em português e no alemão “clássico”. Mulher culta, vivia para o mundo interno da sua estendida família e para a formal e bem-comportada realidade da igreja Católica. Aspecto social este que não seria ameaçado, contudo, a sua vida mudaria abruptamente, trocando a vida interiorana em Hamburgo Velho³⁴⁸ (Novo Hamburgo) para a capital dos gaúchos. Quem casa quer um novo lar, o que significava que a esposa acompanhava o marido em sua moradia, no caso a residência

³⁴⁷A numerosa família Kroeff teve seus religiosos. Jacob Filho teve um irmão que seguiu a vida monástica, mas infelizmente morreu na Holanda antes de ser oficializado como Jesuíta, por outro lado seu neto “Paulão” Englert seguiu na ordem, chegando ao cargo de chefe da província gaúcha e diretor do colégio Anchieta em Porto Alegre. O coronel Kroeff teve duas de suas filhas, estudantes e noviças no internato do colégio São José, de São Leopoldo para se tornarem freiras, mas a morte atalhou os planos de ambas. Outra neta tornou-se a Irmã Alfreda, filha de Alfredo Wiltgen cunhado de Emma e testemunha no seu casamento, tendo uma relação bem próxima.

³⁴⁸Novo Hamburgo foi emancipado pelo então presidente do Estado Borges de Medeiros, quase à revelia da comunidade de São Leopoldo (em 05/04/1927), ocasionando problemas políticos e de ordem geográfica. Com o artifício político de não alterar os limites do município-sede São Leopoldo, eximindo assim a participação deste ente político na decisão final, essa coube apenas ao Estado, portanto, Borges de Medeiros. Com a expansão de Novo Hamburgo essa característica foi aos poucos se diluindo, contudo, os mais antigos seguem se pautando em externar essas divisões em relação ao local de moradia ou de nascimento. Logo, Emma e sua família (Kroeff) eram de Hamburgo Velho ou de Hamburgerberg seu nome mais antigo. Que não se desenvolveu como deveria sobre o trajeto do trem a três quilômetros da localidade, na época de sua construção (meados de 1874) a falta de condições técnicas devido ao acesso íngreme e o terreno acidentado. Sabe-se hoje que a questão principal seria o incremento no valor final da obra, razão pela qual ela foi interrompida e Novo Hamburgo se desenvolveu mais que o núcleo habitacional. Reinheimer (2010, p. 73) comenta que se alegou inclusive que na ausência de acesso por água o trem deveria ir até Hamburgo Velho, o que não ocorreu quando da construção da ferrovia original. Contudo, o trem chegaria a Hamburgo Velho em 1903 com a extensão da linha ferroviária até a cidade de Canela (RS) (ESTACOESEFERROVIARIAS, 2022). Novo Hamburgo já havia suplantado a importância de Hamburgo Velho como o centro do povoado.

de Lutzenberger, situada na rua Felipe Camarão, em Porto Alegre, onde Lutzenberger já reside há anos.

Figura 38 – Foto interna da residência de Lutzenberger na rua Felipe Camarão



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Novamente, Lutzenberger afeito a mudanças culturais, quase a frear o seu processo de assimilação, cria sua prole na cultura germânica. A escolha por Emma é vista com o olhar crítico do pesquisador, cujo objetivo não é diminuir o afeto ou levantar dúvidas do sentimento mútuo, mas entender as ações do imigrante tardio. Para não deixar dúvida, retoma-se o conceito de assimilação desenvolvido por Souza (2015, p. 57): “identidade social é também consequência da comparação que as pessoas fazem entre seus grupos e os outros grupos”. Nesse aspecto, se reforça a intenção e a ação de Lutzenberger em permanecer, se possível, no “próprio grupo étnico” (SOUZA, 2015, p. 57), mesmo que Emma tenha nascido no Rio Grande do Sul, portanto, uma teuto-gaúcha e não alemã como o marido, mas com grandes afinidades culturais entre o casal. Na Figura 38, a seguir, Lutzenberger retrata Emma mais assimilada na cultura gaúcha. Ela toma chimarrão diante do atônico urso Lutzenberger.

Figura 39 – Emma toma chimarrão



Fonte: Arquivo de Lutzenberger

Lutzenberger, de origem bávara, contrasta com a vida dos Kroeff oriundos da Renânia-Palatinado, na fronteira com Luxemburgo, com seu particular alemão falado, principalmente pelos avós paternos de Emma. Contudo, é necessário não ignorar as similaridades de uma mulher nascida e educada num lar “germânico” em escolas de freiras com essa origem em comum e que falavam o idioma alemão nas aulas. Tudo inserido em uma região com predomínio de habitantes desse nicho étnico-cultural específico. Na construção da identidade social há a preocupação dos “indivíduos a tentar interagir com os grupos do país anfitrião sem as amarras causadas pelas diversas origens étnicas. Em outras palavras, os indivíduos tentam em diferentes graus na sociedade que os recebe” (SOUZA, 2015, p. 57).

Na comunidade São José e demais associações alemãs, o que se apreende é essa distinção “[...] integrar-se em diferentes graus, ou intensidade na sociedade”. Nesse sentido, a união com Emma é um indicativo determinante para a maior manutenção de suas características culturais, a começar pelo idioma alemão, ou melhor, a manutenção como língua do cotidiano de ambos os membros do casal. Não se nega a necessidade do uso corrente da língua local, o português, essa não assimilação seria um impedimento para a atividade profissional e social de Lutzenberger. Não se trata de negar a assimilação e domínio da língua “anfitriã”, mas um meio

de fomentar mecanismos de manutenção de sua própria língua, que atrela, em parte, outros aspectos da cultura.

Portanto, há sempre uma disputa, pois “[...] a assimilação (as características culturais de origem são substituídas pelas do país anfitrião)” (SOUZA, 2015, p. 57). Lutzenberger foi competente, e por que não intencional, ao procurar uma esposa que se enquadrasse nesse perfil, possibilitando a sua “resistência” com uma assimilação mais “controlada” e em um grau que o satisfazia. Izumi (1973, p. 385), estudiosa da imigração japonesa, dá mostras disso: “[...] a fusão completa de duas culturas heterogêneas, podemos considerar tais acontecimentos como uma etapa inevitável para a consumação da assimilação”. A fusão plena, no caso de Lutzenberger, parece não ocorrer.

Certamente, existiu um interesse mútuo do casal e a atração, mesmo que despertada primeiro em Lutzenberger e correspondida por Emma, deveria ter alguma disposição para as credenciais físicas e culturais do futuro marido. Logo, a assimilação é encarada com a manutenção parcial dos traços da cultura original, ou primária de Lutzenberger e seus hábitos, com bagagem cultural da Bavária. Ele pode continuar a falar o idioma alemão em casa, sem sobressaltos... não renunciando o que havia trazido consigo. “Embora os padrões de comportamento sejam regidos pelos respectivos grupos a que a pessoas pertencem, os imigrantes não podem ainda abrir mão da bagagem cultural trazida do país de origem” (IZUMI, 1973, p. 385)³⁴⁹. Exemplo comum a tantos teutos no estado gaúcho, dentre eles o próprio Lutzenberger que reluta na assimilação plena ou no apagamento de seu ser germânico, parte da cultura e assim seus valores persistem com a cumplicidade de Emma.

Sob o ponto de vista econômico-social, sua rede aumenta, ganha novos parentes, e isso facilita sua penetração tanto em Novo Hamburgo quanto em Porto Alegre. Cria laços mais fortes e perenes na comunidade alemã e luso-gaúcha, sem se esquecer daquela junto à igreja católica que lhe dá ótimas oportunidades, pensando, assim, no reforço desses laços preexistentes. Conforme enfatizado em entrevista com a filha Rose, a percepção é que a mãe era muito ligada à religião e isso ajudava a seu pai, mesmo não praticante, pois era comissionado pelo clero para diversas atividades profissionais³⁵⁰. Algo não equivocado, mas as ligações de Lutzenberger já eram marcantes nesse nicho da sociedade civil. Sobre a rede é impossível evitar

³⁴⁹Ou não querem abrir mão de parcela significativa da sua bagagem cultural como ocorre com Lutzenberger.

³⁵⁰As vantagens que podem advir de um bom casamento são apontadas por Mattar (2010, p. 262) em estudo sobre a arquitetura e modernidade no 4º Distrito da capital gaúcha, relacionando o sucesso do arquiteto Saul Macchiavello após seu casamento com Heloisa Chaves Barcelos, “não só nos projetos de diversos palacetes, mas também [nos] prédios religiosos”. Seu sogro empresário construiu alguns prédios, o que pode ter sido uma vantagem ao novo membro da família.

ver os benefícios que se transformariam em convites e negócios futuros, pelo fato de ser cunhado de Pedro Adams Filho, figura de proa na indústria do Estado à época de seu casamento, dando um novo verniz ao engenheiro de crescente competência que agora seria também conhecido por sua parentela. Lutzenberger faria uso de seus novos contatos e de degrau por degrau ascendia entre os arquitetos em evidência no Estado. A figura (39) a seguir mostra Pedro Adams Filho e o cunhado José Lutzenberger tomando chimarrão juntos, o que avança o processo controlado de assimilação no RS.

Figura 40 – Pedro Adams Filho e José Lutzenberger tomando chimarrão



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Lutzenberger, em sua narrativa autobiográfica, faz questão de enfatizar ser um novo homem devido às muitas circunstâncias e não deixa dúvidas de seu amadurecimento, em relação à bebida alcoólica — a adorada cerveja, fato de muito apreciar o “pão líquido”, característica de sua Bavária. Sobre a beberagem, Lutzenberger reforça a vida moderada, e a nova cidade, Porto Alegre, o havia ajudado nos hábitos mais saudáveis (LUTZENBERGER, 1929, p.73), e Emma seria muito grata a esse homem mudado e comportado. Seus lazeres seriam mais sóbrios, como as caminhadas, as cavalgadas, as espiadelas nos eventos públicos e com a ajuda de seu caderninho tomava “notas” com os pequenos esboços, noções que seriam aprimorados na tranquilidade de seu escritório. A vida de casado demandava maior organização e rendimentos. Já acostumado ao modo de vida, leva consigo a empregada porto-alegrense contratada em sua chegada, outra adaptação à vida local.

Porque então a Emma me agarrou pelo braço e a Olga, o Pitt³⁵¹, ficou como é, à noite partimos num trem adicional – por conta do Pitt – para Porto Alegre e através do *Faschingstrudel* para a rua Felipe Camarão, 586, onde a velha negra “Theres”, que eu trouxe para o casamento, como minha, lavadeira, por assim dizer, num longo discurso introduzia novos tempos, que devem formar oportunamente os curtos registros da segunda parte deste livro (LUTZENBERGER, 1929, p.74)³⁵².

Sem dúvida, esse outro aspecto da assimilação é o contato com pessoas de outras origens étnica, na realidade multiétnica do Brasil, talvez um choque para o bávaro. Neste sentido, é preciso dar visibilidade aos esquecidos e “transparentes”, que nem merecem a sua própria denominação cromática, logo é preciso mencionar os povos originais³⁵³. No entanto, é mais provável que Lutzenberger, em seu cotidiano em Porto Alegre, tenha tido mais contato com pessoas de outras etnias, como a de origem africana, dentre elas a “Theres”, empregada e futura babá de seu filho José Antônio, esperado com grande expectativa. Logo, a vida seguiu seu curso natural. Casado e com lar, Lutzenberger deseja uma família. Cansado de viver nas acomodações temporárias, quartos de hotéis, interrompeu esse hábito e se mudou para uma casa na rua Felipe Camarão, em Porto Alegre (RS), a nova morada do casal. Cresciam, assim, suas raízes, cada dia mais profundas, no solo gaúcho. Tornar-se mais gaúcho “externamente” era a pauta da vez.

Lutzenberger foi econômico e até raso em sua descrição de um evento culminante para ele: Emma, seus filhos e netos que eram, em última análise, o seu público-alvo e leitores de suas memórias, o que era reforçado por suas próprias palavras:

Com estas linhas eu quero contar-lhes, meus filhos e talvez netos, de tudo o que tornou-se conhecido por mim, em parte pela própria lembrança, em parte pelos registros e narrações, sobre nossos antepassados. Também quero contar sobre os altos e baixos da minha própria vida (LUTZENBERGER, 1929, p. 1).

Lutzenberger, de modo novo, reafirmava, como alemão, casado com uma moça de mesma etnia, que possibilita a manutenção do idioma no lar e de costumes do catolicismo comum na Bavária natal. Características que possibilitam o desenvolvimento adequado dos papéis sociais.

No plano do modelo ideal, o homem e a mulher devem ser pares, o que significa que devem compartilhar características físico-sociais e religiosas. Diferenças importantes podem resultar em crise entre o casal, porque “não puxam parêlho no trabalho e (sexualmente) não ficam satisfeitos

³⁵¹“Pitt” é o apelido de como era conhecido no seio familiar o empresário Pedro Adams Filho, considerado o pai da indústria calçadista no Rio Grande do Sul (FAY; SCHEMES; PRODANOV, 2010). Pessoa de grande fortuna e vereador no município de São Leopoldo no ano de 1927, entrega o cargo e une-se aos emancipadores de Novo Hamburgo.

³⁵² Tradução não encontrada. (N.T.)

³⁵³ Que seriam retratados mais tarde nas suas artes, as séries de postais (lendas Brasileiras).

um com outro”. Além disso, o casal desparelho não consegue desempenhar bem os papéis sociais e darem conta de seus domínios de gênero (WOORTMANN, 2012, p. 28).

Na escolha da esposa várias foram as etapas e requisitos, aos poucos, atendidos. O que lhe faltava eram os filhos, que logo viriam.

Figura 41 – Noivos José e Emma



Fonte: Arquivo Lutzenberger

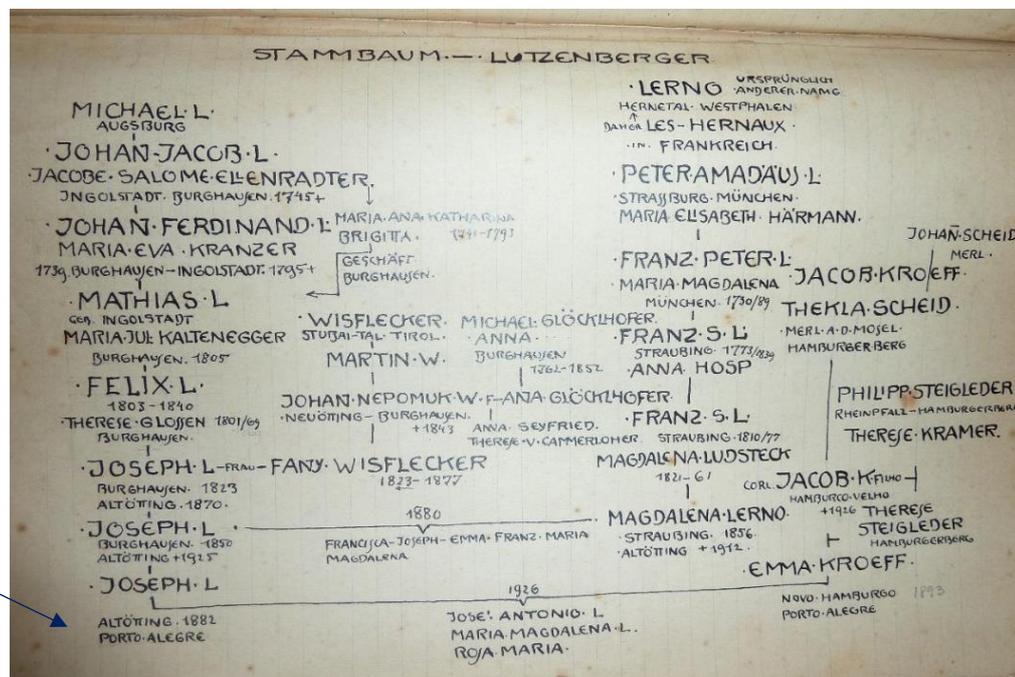
As ligações relativas ao casamento e os “bens” “recebidos” na autobiografia Lutzenberger destaca que seus rendimentos antes do casamento eram da ordem de “Balanço 1º de fevereiro de 1926 – solteiro Saldo – 35:000x000 Mil-réis”. E ao casar seu patrimônio conjugal se eleva para “Saldo – 273:570x000 Mil-réis” em junho de 1926, pois incluía terras, participação em empreendimento e demais atividades do sogro (LUTZENBERGER, 1929, p. 74). Mesmo que Lutzenberger refira a supervalorização de alguns desses bens, no entanto ele contribuiu para a totalização dos recursos, e Emma trouxe recursos financeiros para a família e ampliou a rede de conhecidos: Espécie – 520x000; Banco Alemão – 10:000x000; Casa da Felipe Camarão – 40:000x000; Honorários atrasados – 10:000x000; Comp. Geral de Indústrias – 3:000x000; Fábrica Frytag – 12:000x000 (LUTZENBERGER, 1929, p. 74). Após esses dados econômicos, a tese avança para o quarto capítulo que apresenta os anos finais da vida de

Lutzenberger como residente em Porto Alegre. O surgimento de seus descendentes e as guinadas políticas no Brasil e mundo.

4 DESCENDÊNCIA, ASCENSÃO PROFISSIONAL, AUTORITARISMO

4.1 A PROLE

Figura 42 – Genealogia de Joseph Lutzenberger



Fonte: Memórias Lutzenberger (1929, p. 5)

Mesmo com idade avançada Emma é uma companheira fértil e os filhos surgem. No quesito assimilação, com o surgimento de descendentes “nativos” o processo recebe outro destino por parte do [pai] imigrante e é impactado pelas novas vidas da família. O imigrante enfrenta uma mudança estrutural em seu cotidiano: a roda de conhecidos aumenta, o convívio com pessoas de outros grupos étnicos também se amplia, há, portanto, um crescente contato com outra realidade, e, aos poucos, o próprio Lutzenberger tem que assumir funções ligadas ao pátrio poder. Seus filhos têm amigos que visitam a família e, assim, interagem com outras camadas da sociedade “lusogaúcha”. Há maior interferência na criação dos filhos com outra cultura primária, com valores diferentes daqueles em que Lutzenberger foi moldado: a ordem social na monarquia, os costumes, eventos coletivos, o clima etc. Há, inclusive, um mal-estar quando os filhos de imigrantes já nascidos na nova pátria não querem aprender o idioma originário, ou o dialeto do pai, pois não entendem isso como uma perda, ou algo prioritário em sua vida e negam as suas origens, como no exemplo citado por Rios (1959, p.46): “envergonham-se de serem considerados italianos e falam com desprezo dos seus compatriotas” e, para tanto, nem é preciso estar em tempo de guerra como será a realidade a partir de 1942

quando o Brasil torna-se inimigo declarado da Alemanha e da Itália. Contudo, esse não é propriamente o fenômeno assistido no seio da família Lutzenberger, da repulsa ao passado estrangeiro, em especial no caso de José Antônio, mas as filhas Rose e Magdalena não fizeram questão de manter a prática do alemão após a morte da mãe ou muito menos para adquirirem a cidadania do pai, respeitando os trâmites legais. De qualquer modo, Lutzenberger tem, em casa, novos agentes para aumentar a sua interação com pessoas que têm o português como língua única, como foi o caso da empregada doméstica Thêre, os amigos dos filhos e os parentes da esposa. Logo, o círculo de pessoas em contato com a família Lutzenberger cotidianamente se modifica e amplia a necessidade de se falar português na presença dos estranhos.

Figura 43 – Primogênito Lutzenberger e “Thêre”



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Lutzenberger reconhece a necessidade do domínio do idioma local para sua prole, evitando que os filhos não fossem identificados como estrangeiros devido ao sotaque, o que poderia provocar alguma zombaria ou discriminação. Era preciso dotar os filhos da possibilidade de ascensão social, e ser bem-sucedido passa, cada vez mais, por essa interação com o mundo dos falantes de português, sua lógica e possibilidades. Lutzenberger tem que aceitar esse fato e a interferência gerada pelos filhos. Os novos convívios são encarados como necessários para adquirir os hábitos locais. Incluem-se, nesse rol: os hábitos alimentares,

sociais, ritos e uma série de condutas em sociedade que são incorporados no dia a dia de seus filhos, e precisam ser reforçados pela educação em casa. Os filhos de imigrantes estão normalmente mais imersos na cultura receptora do imigrante do que da cultura anterior dos ancestrais. Isto é: as roupas e tantas outras questões que poderiam ser vistas com estranhamento por Lutzenberger, são, de fato, a “única” realidade de seus filhos. Com o passar dos anos e o seu crescimento, eles retornam para casa e passam a interferir na conduta dos mais velhos, ou transmitir valores e a cultura local com mais energia e frequência. Assim, o lar do imigrante também passa a ser outra esfera crescente de assimilação, mas Lutzenberger, receoso, impõe algumas condições básicas, agindo como barreira de contenção à aceleração proposta pela realidade dos filhos. Contudo, seus filhos, em diferentes matizes, espelham o mundo exterior, a sociedade gaúcha, causando a troca de preceitos mais arraigados. Lutzenberger será também influenciado pela esposa e a família dela.

O primeiro filho³⁵⁴, veio ao mundo, garantindo a maior satisfação paterna, recebeu o mesmo nome do pai, José Antonio Kroeff Lutzenberger, com o acréscimo do Kroeff, e também herdou o seu apelido familiar: o Jolch (“Íolti“). O “Antonio“, parece ter sido contribuição materna, sempre às voltas com a religião. Ele veio ao mundo cheio de expectativas de um desejoso pai. O parto teve suas complicações devido ao enforcamento do cordão umbilical, mas José Antônio nasceu em casa, sem sequelas, “em 17/12/26 – 17h30 da tarde, presidido pela tia Hildegard, assistido por Mahlchen Lackmann e com apoio técnico de Ludovica Wetter, com 4.700kg de peso, cabeça grande e cabeleira preta” (LUTZENBERGER, 1929, 75)³⁵⁵. A criança foi festejada e deu início a outra etapa no processo de assimilação de seu pai, que seria responsável pelos filhos brasileiros a caminho. Além do ponto de vista econômico, em que haveria de prover para mais pessoas, sua crescente família gaúcha exigia um aumento nas suas redes sociais, conseguir novos trabalhos e mais rentáveis. A roda dos negócios girava a seu favor e, aos poucos, Lutzenberger tornava-se mais gaúcho culturalmente, parecendo-se mais e mais com os locais.

José Antônio foi batizado na igreja construída por seu pai e frequentada por sua mãe. Os padrinhos: Clovis Kroeff³⁵⁶ e Ilka Wiltgen, primos maternos, estreitando os laços com a crescente rede familiar. Os Kroeff, família bem numerosa que por casamento, igualmente,

³⁵⁴ “Um guri”, no linguajar local.

³⁵⁵ Tia Hildegard Kroeff Englert, irmã mais nova de Emma e casada com Gaston Englert (ver Palácio do Comércio). Mahlchen Lackmann, irmã mais velha de Emma e, por fim, com apoio técnico da parteira Ludovica Wetter, contratada para esse fim.

³⁵⁶ Filho de Nicolau Kroeff (irmão de Emma) que acumulou vários prêmios e distinções como produtor rural. Possuía a fazenda Paquete (localizada em Capela de Santana/RS), onde depois de formado José Antônio passava dias para aprimorar o seu ofício de engenheiro agrônomo.

alicerçaram novas alianças, em especial com os Wiltgen, com quatro casamentos entre as duas famílias. A segunda criança do casal foi Magdalena, nome em homenagem à mãe de Lutzenberger. Emma contribuiu com o primeiro nome, “Maria” Magdalena Kroeff Lutzenberger³⁵⁷ que não era utilizado em seu cotidiano, mas devia ser lembrado quando aprontava algo de levado. Em casa e na família era conhecida como Magda ou Táta. Nasceu em 10.05.28, às 18h, talvez prematura, mas sem sequelas e com a tradicional cabeleira negra da família. Respeitando as demandas de Emma, Táta foi batizada numa cerimônia dupla com o primo Luiz Adolfo Englert, em 13.05.28, tendo como padrinhos Olga e Pedro Adams Filho, trazendo para mais perto o proeminente e endinheirado cunhado, que teria morte prematura, em 1935, arruinando a sua próspera firma e futuros trabalhos para Lutzenberger.

Por fim, para completar a família, a última a vir a lume foi Rosel Maria Kroeff Lutzenberger, mas que sempre foi chamada de Rose, ignorando o “L” final, que soaria estranho em contraste com a sonoridade de Rose, em português. A ideia era prestar homenagens a tia de Lutzenberger, mas no Brasil Rosel não pegou. E para não perder a ligação com o divino, Emma adicionou o nome sagrado de Maria a sua última filha, descrita assim por seu pai; “era a mais gorda de todos e faminta dia e noite. Batizada no dia seguinte pelo padre Hutter. Padrinhos Tia Lili (Munike) e tio Viktor Englert” (LUTZENBERGER, 1929, 75)³⁵⁸. O que deveria ser uma alegria só acabou por ser mais uma enorme preocupação para o casal, em especial para Emma, que no final da gravidez passou pelo grande susto ao saber que seu marido havia caído de um andaime, em uma das obras que administrava:

As menções sobre ela conservaram-se algo imprecisas, pois naquela ocasião recém o pai, como sempre quando a mãe não pode cuidar, tinha tido – novamente um acidente numa construção – uma fratura craniana na frente esquerda, alguns dias no Hospital Alemão e teve que deixar a cabeça fundir-se novamente (LUTZENBERGER, 1929, p. 75)³⁵⁹.

Foi nesse período, nas décadas de 1920-1930, que a cidade de Porto Alegre se verticalizou, em especial no centro da cidade (MATTAR, 2010), com a construção de prédios mais altos e, talvez, Lutzenberger tenha sido vítima das más condições de trabalho, tão comuns aos métodos precários e perigosos na construção civil, onde os empregados ganham pouco e enfrentam muitos riscos à saúde. Pelo que se constata, as atividades profissionais de

³⁵⁷Pessoa da família que mais forneceu informações sobre a vida de seu pai e familiares para o presente trabalho, sempre me recebendo com carinho e atenção.

³⁵⁸Viktor Englert, muito ligado à comunidade religiosa São José onde exerceu atividade de coordenação, estreitando os laços com o ramo familiar de sua cunhada Hildegard Englert.

³⁵⁹O Hospital Alemão, atual Hospital Moinhos de Vento de Porto Alegre, teve que trocar o nome devido às questões de nacionalização, que envolviam pessoas e instituições.

Lutzenberger eram tão violentas quanto as presenciadas na Grande Guerra que, apesar do morticínio, ele não se queixou tanto dos traumas vividos por lá, nem se feriu com tamanha gravidade, pois não relata se utilizou licença médica a seu favor como fizera na juventude no internato.

Outra questão importante à política regional nessas décadas foi o fim da hegemonia do PRR, que quase perdeu o poder, em 1923, quando, após uma eleição estadual claramente fraudada, tendo a oposição se armado, por pouco não destituiu o supostamente reeleito Borges de Medeiros. Para evitar o derramamento de sangue, a Constituição Estadual foi modificada e a reeleição proibida, obrigando ao partido a escolha de um substituto: Getúlio Dornelles Vargas, venceu o pleito seguinte sem dificuldades e assumiu, em 1928, em um governo de coalizão, buscando apagar os antigos ressentimentos e agudos traumas políticos. Em seu governo, com o estado pacificado, houve investimentos em vários setores da economia gaúcha, que pôde respirar um pouco mais, aproveitando-se da curta calmaria política e social. Em 1929, com a quebra da Bolsa de Valores em Nova Iorque (E.U.A.), o caos retornou em forma de recessão econômica mundial, sendo um dos êmbolos para o golpe de 1930 impetrado pelo próprio Vargas e seus comparsas.

Lutzenberger, desde 1925, já havia organizado a sua vida profissional e trabalhava como autônomo. Disso decorreu a necessidade de dominar o idioma português, estabelecer conexões com pessoas com grandes posses econômicas, a elite social, que encomendava as construções, das quais tirava o seu sustento, pois eram mais bocas a serem alimentadas, vestidas e mantidas em sua casa.

A família Lutzenberger estava em sintonia com os papéis predominantes para a época, com divisão *oposta* de tarefas. Emma, a provedora interna do lar e dos cuidados com os filhos, e José Lutzenberger, o provedor econômico ligado ao mundo externo. Nesse sentido, Karawejczyk (2019) apresenta a distinção entre a figura pública masculina e feminina, em sua análise sobre a “pretensão” feminina de maior participação política, ou seja, poder votar e ser votada. O homem público era possuidor de valores positivos para a sociedade, em contrapartida, “a mulher é obrigada a se comportar de forma exemplar para não receber a alcunha de mulher pública e, portanto, sem valor, correndo o risco de ser ridicularizada e mal vista pela sociedade” (KARAWEJCZYK, 2019, p. 73). Assim, a presença de Emma no mundo externo tinha por justificativa, fazer compras ou frequentar o centro da cidade e o tradicional “footing” na Rua da Praia como ilustra a figura (43) a seguir com suas filhas.

Figura 44 – Magdalena, Emma e Rose na rua da Praia (Porto Alegre)



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Lutzenberger não a cerceava tanto assim, mas eram as práticas da época, quando a mulher era reconhecida como sexo frágil e as saídas do aconchego do lar deviam, invariavelmente, estar ligadas às necessidades dos filhos ou do lar. Pelo visto na Alemanha a coisa não diferenciava muito dos padrões gaúchos.

Especialmente na Alemanha, durante tanto tempo os três famosos K do Kaiser, Kinder, Kueche und Kirke (crianças, cozinha e igreja) tinham constituído o código da vida das mulheres... (A FEDERAÇÃO, edição 234, 25/10/1926, p.3).

Em certa ocasião, em raríssima exceção, Magdalena comentou que sua mãe Emma se atrasou e demorou mais do que o habitual de seu compromisso na rua, algo que, no primeiro momento, irritou Lutzenberger. Mas, por ser muito brincalhão e sarcástico, ele resolveu deixar a raiva de lado e acendeu algumas velas para os santos e colocou suas filhas de prontidão, ajoelhadas, à espera da mulher pública, para espanto de Emma, que não entendeu a cena toda. O atraso foi, portanto, recriminando de maneira jocosa, mas essa era uma situação grave, pois qualquer mãe deveria evitá-la a todo custo. O fato acabou em risadas e entrou para o anedotário da família Lutzenberger.

Cabe destacar que durante a Grande Guerra Mundial muitos empregos “masculinos” foram ocupados pelas mulheres, e essa mudança de paradigma levaria um bom tempo para chegar ao Brasil, onde a função prioritária, exclusiva, para Emma e tantas outras, era cuidar do

lar. Neste sentido, “a guerra destrói, por necessidade, as barreiras que opunham trabalhos masculinos e trabalhos femininos e que vedava às mulheres numerosas profissões superiores” (THÉBAUD, 1992, p. 49).

Sobre os filhos, Emma concordou que Lutzenberger escolhesse os nomes, e ele sempre fazia questão de evocar alguma pessoa significativa na sua vida, na Alemanha. Contudo, esclarece a filha Magdalena Lutzenberger, via história oral, Emma³⁶⁰ não renunciaria à forte orientação religiosa para os filhos, caso contrário não haveria casamento algum. Ter fé e ser educado nesses preceitos era fundamental e Lutzenberger, católico não praticante, de maneira alguma se opôs, logo concordou que neste quesito, a educação, em especial a religiosa, seria um dos predomínios de sua esposa devota, numa rara situação em que o dito sexo frágil ou dominado teve supremacia sobre o masculino, costumeiramente o dominante.

Nesse sentido, José Antônio estudou um período no colégio dos Irmãos Maristas São Jacó (PEREIRA, 2016, p. 58), e Magdalena no colégio Santa Catarina, ambos em Novo Hamburgo, no regime de internato. Rose teve mais sorte e não precisou passar por esse modelo de educação. Mas nem com o apoio do marido a religiosidade foi transmitida com êxito. Magdalena reconhece que seguiu por algum tempo os predicados religiosos para agradar a mãe, mas os seus irmãos, ao atingirem a maturidade mínima, evitaram os preceitos de “fé”, deixando uma Emma bastante chateada, mas que pouco poderia fazer diante da recusa de José Antônio e de Rose, pois a fé católica na família haveria de morrer consigo.

O lar era organizado e gerido por Emma, que pouco saía e se dedicava ao máximo à educação dos filhos, complementada pelo pai quando presente. Na função de dona de casa cabia a Emma prover os intramuros — alimentação, vestuários e cuidados específicos aos filhos —, de acordo com as normas imaginadas para os casais e a sociedade dos anos 1920-30 no RS.

Desta maneira é na família e no casamento que se sedimenta o viver feminino: a mãe amorosa e a esposa dedicada. [...] aquelas que desejavam trabalhar e competir com os homens, eram vistas como uma ameaça à família e a ordem da sociedade” (LEAL, 1995, p. 45).

Não há dúvidas sobre o papel desempenhado por Emma, que era cozinheira experimentada, e cuidava com afincamento de todos, conforme se expressa o filho José Antônio:

Minha mãe nunca ganhou um tostão em emprego, mas que linda e significativa infância nos deu! E quanta coisa boa fazia, comidas maravilhosas, tricôs e bordados, roupas de todo tipo, cuidava de um jardim que me deu profundo contato com a Natureza. Quanta sabedoria ela nos ensinou! Sua contribuição ao Produto Nacional Bruto era zero. Então era atraso aquilo (DREYER, 2004, p. 122-123)?

³⁶⁰E isso é uma daquelas oportunidades onde a história oral contribui de maneira decisiva na compreensão das relações privadas não encontradas em lugar algum.

De personalidade mais autônoma do que de Emma e Magdalena, em entrevista Rose se queixou muito dessa dicotomia, com a mãe “severa” que limitava o seu desenvolvimento, ou suas ambições em contraste com o pai mui tolerante com as diabruras do filho homem. Era preciso entender o momento histórico. Rose queria mais do que o seu mundo feminino lhe permitia, mas era como a vida da mulher deveria ser levada então. Rose expressa, portanto, questões de tratamento não equânimes de gênero, e o seu lugar, o lugar da mulher em sociedade nos anos 1940, em Porto Alegre. Ela chega ao ponto de criticar o pai por ser machista e ter outra conduta em relação a ela. Sua opinião obtida em relato oral (LUTZENBERGER, 2019) que se quer negar, o silêncio:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, [...] uma memória subterrânea da sociedade civil dominada ou por grupos específicos de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLACK, 1989, p 8-9).

Contudo, não se pode comparar a sociedade de então com a de hoje, mas Rose apresenta indagações que buscam dotar cada dia mais as pessoas de tratamento e possibilidades de igualdade. Lutzenberger foi criado em condições especiais, privilegiadas, era o filho homem mais velho e deveria, semelhante à realeza, ter prerrogativas específicas e exclusivas ao seu “posto”.

Figura 45 - Rose Lutzenberger



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Portanto, ele veio ao mundo cercado de uma realidade oposta à que sua filha tanto queria, cercado de “privilégios, favores e tolerâncias de todo a ordem, aceitando e produzindo diferentes tratamento aos membros familiares com base nos antagonismos - o masculino e o feminino” (LUZ, 2019, p. 100-101), e, no caso de Lutzenberger, por ser o mais velho garantia o morgado em relação à firma familiar. Mesmo ciente das dificuldades que o pai lhe impôs e Emma assentiu, Rose reconhece que o amor dos pais pelos filhos era o mesmo, mas o tratamento, não. Queria sair, ter a liberdade ofertada ao irmão homem e negada para si devido a sua condição biológica e social.

Figura 46 - Rose, desenhada pelo pai



Fonte: Hädrich (2021, p.125)

Com os três filhos, a moradia ficou apertada, e mudar de residência era o próximo passo a ser feito. Essa mudança, já mencionada, seria facilitada com a ajuda da herança recebida pela morte do pai de Emma, ocorrida em 1926. A esse respeito, Lutzenberger, em suas memórias, relaciona de quanto eram os bens herdados por Emma e o quanto ele tinha de bens, após o seu desligamento da firma Weise, Mennig & Cia. Mesmo com a considerável ajuda do sogro é preciso considerar e somar ao pecúlio familiar o sucesso que Lutzenberger atingiu. Assim, foi possível pensar em uma casa maior. E Lutzenberger a projetou ao seu gosto.

Figura 47 - Casa Lutzenberger restaurada



Fonte: Kiefer, 2021

O terreno para a futura moradia foi adquirido no dia vinte de abril de 1928³⁶¹, mas a casa só começaria a ser edificada em 1930³⁶², com uma particularidade, pois, no projeto original apresentado na prefeitura havia a ideia de serem duas moradias separadas no mesmo prédio (HÄDRICH, 2021, p. 119), o que deixou algumas características físicas na edificação. Ao que parece, a ideia inicial era para que a casa “desocupada” trouxesse retorno econômico, supondo-se que a intenção de Lutzenberger fosse a de garantir uma renda extra, alugando-a. Mesmo sendo uma suposição e hipótese, é preciso lembrar que anos antes, em 1928-9³⁶³, o cliente Bastian Pinto encomendou a obra da rua São Carlos esquina com a rua Hoffman, onde Lutzenberger desenvolveu um complexo prédio em que cada espaço interno era redimensionado para ser a moradia de um operário de fábrica. Essa construção se localizava no bairro Floresta, colado aos bairros Navegantes e São João, “onde se concentrava a maioria das fábricas” (PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 237). Portanto, próximo do trabalho ou a meio caminho do centro da cidade, outro local com aglomeração de postos de trabalho.

³⁶¹Registro de Imóveis da 1ª. Zona em 4 de maio de 1928, no livro 3-P, fls. 173, sob o no. 48.985 e houve por construção própria. O imóvel avaliado em Cr\$ 4.000.000,00, para questões legais do inventário, quando da morte de Lutzenberger (1951) (processo 9091, 250 p.2 (de 21/08/1950) (APERS).

³⁶²Luz (2004, p. 203) sugere o mês de novembro de 1929 como o período que Lutzenberger finaliza o projeto.

³⁶³Subdivisão das obras na rua São Carlos ocupariam respectivamente os números 753; 759; 765, e na esquina da rua Hoffmann números 477 e 459 (LUZ, 2004, p. 199),

Figura 48 - Casa de aluguel de Oscar Bastian Pinto



Fonte: Vila Flores, 2021.

Assim, no início do projeto de sua moradia (1930), Lutzenberger teria seguido a tendência do mercado, conceito bastante explorado para um dos seus principais clientes. Sem uma resposta clara, o que se sabe é que a ideia do aluguel foi abortada e a família Lutzenberger se mudou para lá em 1932, ocupando a totalidade do apertado prédio da rua Jacinto Gomes. Além de o terreno ser irregular, foi preservada uma ampla área nos fundos da construção para um pátio estreito e comprido. Ali, o futuro entusiasta da natureza José Antônio tinha seus animais de estimação e cuidava do jardim, trazendo de suas andanças com primos e amigos, pelos morros da cidade, novas espécies “que renderam fascinantes descobertas” (PEREIRA, 2016, p.55), invariavelmente deixadas no pátio familiar.

Figura 49 - Placa indicativa de Lutzenberger



Fonte: Foto do autor

A casa oferecia a oportunidade de melhor acomodar os filhos se comparada à anterior, provavelmente um apartamento na rua Felipe Camarão, adquirido por Lutzenberger nos tempos de solteiro. Todos os quartos dos filhos eram localizados no terceiro pavimento da construção. As filhas dividiam o quarto e José Antônio teria o seu particular. O casal também “morava” no último piso, o que obrigava a todos utilizarem a escada de degraus estreitos. O projeto reservava junto da entrada da casa o escritório de Lutzenberger (Figura 48), deixando clara a dicotomia entre domínio privado e o público da construção.

A casa, portanto, era uma idealização de Lutzenberger, seu reduto seguro contra as interferências externas, o seu forte, pois “[...] o imigrante tendeu a contrapor vida privada a vida pública” (FAUSTO, 1998, p.27), o que transformava seu novo lar em um capítulo a parte no seu processo de assimilação, fato que só aumentava a importância de sua morada na rua Jacinto Gomes, número 39. A instituição física do lar era especial e única na sua trajetória pessoal. Lutzenberger passaria ali vinte anos ininterruptos, e, frisa-se, era algo bastante raro na vida desse indivíduo nômade, com muitas andanças, conforme já apresentado nos capítulos anteriores: houve o tempo do internato, após o retorno para casa, o período acadêmico e as perambulações por Munique. Graduado, passou pelos constantes remanejamentos profissionais, que, necessariamente, ocasionaram as trocas de cidades e regiões com frequência, sem se esquecer da guerra, na qual rodou por quatro anos sem lar, nem destino, entre a França e a Bélgica.

Após muito percorrer sentia-se mais preso ao lar, ao país que o adotara, portanto, há, da parte dele, intencionalidades que são óbvias para um observador mais atento ou estudioso de sua trajetória profissional, pois “[...] é quase impossível não reconhecer o padrão e cores da bandeira da Baviera utilizado no revestimento dos pisos, ...” (HÄDRICH, 2021, p. 127). Mas as pistas deixadas a mostra são mais rotundas e numerosas.

Para Lutzenberger e os imigrantes, em sua constante realidade dupla, a terra natal coabita seu lar de Porto Alegre (RS), sendo mencionada e explicitada de outras maneiras, e o lembrete é uma constante. Assim, não é por acaso que decora a janela do térreo para o segundo piso com um vitrô onde expressa a sua duplicidade como imigrante (SAYAD, 1998; TEDESCO, 2006; SILVA, 2006).

Essa menção é mais perceptível aos seus convidados por utilizar elementos menos estilizados e estanques, evitando a polissemia tão comum nas imagens e as possíveis interpretações dos observadores. Como figura central apresenta um animal, a menção explícita ao seu sobrenome, Lutzenberger, que aparece graficamente na figura do Lince já extinto. As bordas da figura central são intercaladas com imagens aborígenes e estrangeiras. E como o vitrô

é posicionado no alto da parede, Lutzenberger representa também a questão temporal, posicionando os elementos germânicos abaixo dos elementos nacionais, isso é presumível. Ele se sente, e se representa ao mesmo tempo, como um nativo e um estrangeiro cultural³⁶⁴. Identifica-se, portanto, com os símbolos da sua terra natal: Alemanha, Bavária, via símbolos pátrios: bandeira, escudos, divisão militar, esses elementos se encontram mais abaixo. Outro fator que merece destaque é a preocupação com as dimensões das representações, tendo o mesmo tamanho aproximado de todas as figuras alusivas. Há um contraste com os elementos com os quais ele se refere a sua vida atual, a realidade nos trópicos, como a bandeira do Brasil, as cores do RS, bandeira essa mais acima, representando o tempo presente, a situação atual da casa de Lutzenberger e sua prole. Expressa, assim, a assimilação, entendida como um processo em andamento, e aí reside e coexiste a dualidade que não cessa, que não é perfeita nem simétrica, mas constante. Mesmo em uma representação artística, Lutzenberger não apresenta a fusão de elementos, o que é nacional permanece lado a lado de suas origens, a contaminação não é evidente e nem explícita, pois, parece que carregava, de fato, em si a dualidade de seu ilustrativo vitrô.

Figura 50 - Vitrô do lar dos Lutzenberger



Fonte: Residência de Lutzenberger

Lutzenberger se esforçou para manter a morada da família como um lar alemão; criou essa zona de conforto e satisfação para si, e o faz no uso dos elementos físicos. Para tanto, criou uma cozinha com móveis e utensílios importados da Alemanha — os potes de mantimentos, a decoração e o estilo de lá permanecem vivos (HÄDRICH, 2021, p. 123). Mas teve a mesma preocupação em relação à assimilação cultural, ou seja, nos elementos sociais. Com os filhos e

³⁶⁴É preciso reforçar a questão cultural. A casa é concluída em 1932 e por volta de 1936 pede a sua naturalização brasileira e a recebe, sendo, portanto, um indivíduo nacionalizado, que mantém seus marcantes traços culturais.

a esposa tudo era expresso em alemão, pois “em casa, o alemão era a língua oficial, ensinada pelos pais desde a mais tenra infância” (PEREIRA, 2016, p.55). Nisso não se intimidava e mantinha viva a sua língua primária, e, como registrado na entrevista com a sua filha Rose, - “E ai da gente falar em português com o pai, era recriminado na hora!” Não só o linguajar era em alemão, mas Lutzenberger se esforçava e oferecia todo tipo de literatura comum a sua formação e cultura germânica. José Antônio comenta sobre os livros que recebeu, entre os quais os de aventura infanto-juvenil de Carl May, escritor de grande popularidade que, além de narrar aventuras, ensinava “princípios de lealdade e nobreza de caráter” (DÖNHÖFF, 2002, p. 65). Esse era apenas uma das influências, pois a dimensão literária oferecida ao jovem José Antônio era mais abrangente, com periódicos ou “importantes obras de divulgação científica. Nunca consegui me livrar desse vício” (LUTZENBERGER, 1978, p. 204-205).

A exceção permitida era quando houvesse outro falante de português no grupo ou estranhos ao núcleo familiar. Nesse sentido, é preciso lembrar que “[...] a identidade e a etnicidade são sempre construções históricas, e não heranças recebidas como parte de algum tipo de essência cultural e biológica” (LESSER, 2015, p. 21). Lutzenberger estava ciente disso e fazia valer seus valores e preocupações em relação à cultura progressiva, germânica, preservada com afinco em seu lar. Falava-se alemão, pensava-se como um alemão.

O Natal era outra época especialíssima para a família germânica. Sem esquecer as comemorações religiosas, missas e afins reforçados pela rígida Emma, Lutzenberger, mais alheio à religião, fechava uma sala da casa que seria aberta somente no Natal. Nela estavam os presentes, como as revistas esperadas com afeição por José Antônio, e a *tanenbaum* (a árvore de Natal), tradicional nas comemorações natalinas na Alemanha que, no lar dos Lutzenberger, era presença constante e montada com esmero.

A casa possuía a sua porção comercial — escritório de Lutzenberger, onde o idioma português devia ser mais frequente — localizada no térreo, sendo o primeiro cômodo para quem adentrava no prédio. Essa era uma característica dos imóveis de Porto Alegre nas décadas de 1930-40³⁶⁵, pois as casas tinham essa função dupla do público e do privado “na parte superior, com mundo do trabalho, no térreo, e através deste, com o negócio na calçada, e com toda a vida pública da rua” (URBSNOVA, 2021). O escritório era também seu ateliê, com as telas, mesa de desenho e demais ferramentas que julgava necessário, e anexo a esse havia a sala escura para

³⁶⁵Luz (2004, p. 173) retrocede essa dicotomia do público nos primeiros andares com o privado nos andares superiores, já no primeiro projeto assinado por Lutzenberger em Porto Alegre (1921), que foi “o projeto de uma casa de moradia e armazém” para Paulinho Gonçalves, na rua Voluntários da Pátria, esquina com a rua Moura de Azevedo. Essa zona abrigava os grandes armazéns e neste projeto específico houve a junção da atividade “pública” com a privada (morada).

as fotografias, que seria o lavabo para os clientes. José Antônio conta que o pai produzia uma quantidade considerável de pinturas, mas as armazenava sem o devido cuidado, até o dia em que houve um princípio de incêndio na casa. Assustado, Lutzenberger providenciou um cofre para proteger suas produções artísticas (LUTZENBERGER, 1978).

Figura 51 - Estojo de aquarelas e material de desenho técnico



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Contudo, era no escritório que passava maior parte de seu tempo, quando em casa. Era um homem caseiro, afirma sua filha Rose. Era lá onde desenhando e recebia os clientes para garantir o sustento familiar. Além de ser seu reduto para se afastar dos filhos e fumar sossegado, hábito que manteve por um bom tempo e foi a sua provável causa de morte.

O lar, a casa retratada na Figura 45, tem a enganosa sensação de ser muito ampla, mas ao visitá-la, o que chama a atenção é o espaço estreito, e seu enganoso pórtico. Houve, nesse projeto, outra intenção de Lutzenberger: a de abrigar o seu jardim oblongo. Contudo, a casa acomodou muito bem os Lutzenberger que fizeram dela a sua morada. E isso por muitos anos seguidos, e a barricada contra o mundo externo³⁶⁶. As filhas moraram lá por décadas e José Antônio, ao retornar para o Brasil, também escolheu morar ali, dividindo a morada novamente com as irmãs.

4.2 ATIVIDADE PROFISSIONAL AUTÔNOMA E DOCÊNCIA

Na questão profissional, Lutzenberger colheu os frutos de seus longos cinco anos de trabalho na firma Weise. Essa sua “imobilidade” é uma exceção em sua vida profissional, que chegou ao seu meio termo. Lutzenberger tinha o hábito de mudar, de modo recorrente, de

³⁶⁶Exceto na ascensão de Getúlio Vargas em 1930-1934-1937 e de Adolf Hitler em 1933, que atribularam em muito a vida dos pacíficos teutos no RS.

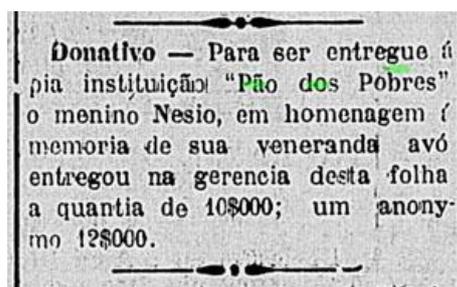
vínculo empregatício, sempre às voltas com um nova frente a ser cobiçada, além das disputas com o pai que desejava vê-lo à frente do negócio familiar. Essa prioridade poderia ser trocada pela carreira pública, assegurando para si as garantias trabalhistas de tornar-se um funcionário de carreira do estado bávaro. Lutzenberger ao buscar sempre a sua autonomia ignorou as opiniões do pai, que eram mais lembretes do que cobranças para si. No Rio Grande do Sul, Lutzenberger alterou a sua realidade e deixou de trocar de emprego todo ano. Poderia ser um amadurecimento da sua parte, igualmente motivado pela falta, por aqui, de uma rede própria de contatos, o que, sem dúvida, deve ter ajudado na sua aparente inércia empregatícia.

Portanto, foram mudanças que Lutzenberger proporcionou a si mesmo. Tornou-se estável e estático, permanecendo na mesma casa, na mesma cidade, em busca de trabalho. Não havia trabalhado para a mesma empresa, ou empregador, por tanto tempo. Seu ímpeto jovem, pelo que se constata, estava se esgotando, e serenar era uma opção mais ordinária e plausível em seus planos, o que reforçava a mudança de paradigma: a cada dia dava mais sinais de que o Rio Grande do Sul seria o seu destino propriamente dito. A esse respeito, o fenômeno se repetiu em muitos imigrantes que acreditavam que a mudança seria temporária e o retorno para a sua terra natal ocorreria em breve. Esse fato os levava a retardar o processo de assimilação: “[...] os japoneses foram reconhecendo a dificuldade, se não a impossibilidade, de retornar ao país de origem. Dessa percepção decorreu a tendência a “aculturar-se”” (FAUSTO, 1998, p. 52 -53) de maneira mais rápida e, porque não, definitiva, aceitando a cultura receptora como a sua própria. Nesse sentido, o empenho de Lutzenberger foi reforçado pelo interesse profissional e pelas decorrências óbvias disso: o domínio do idioma nativo, a ampliação dos contatos a *network* etc. Sob o prisma da cultura, Lutzenberger continuava “esperançoso” do seu retorno, pois preservava, dentro do possível, a sua cultura ancestral. Educaria os filhos no sentido de que deveriam acatar a cultura alemã. E mesmo com o nascimento deles, a volta seria uma opção mais acessível se todos dominassem o idioma alemão e parte da cultura da Alemanha.

Lutzenberger se tornou, aos poucos, um destacado arquiteto engenheiro que iniciava outra obra de vulto na cidade de Porto Alegre, o Orfanato Pão dos Pobres, fato que o levou novamente a tratar com os religiosos e gente importante - da política e da economia gaúcha. Suas negociações com a entidade começaram em 1925, e sua condição profissional era a de autônomo. Projetou o complexo religioso que continha o templo propriamente dito, a escola, e para os órfãos e alunos mais necessitados, as moradias, para os jovens aprendizes passavam a noite, com toda sorte de cuidado. Essa foi outra obra a que Lutzenberger se dedicou com paixão e teve repercussão na sociedade local. A obra seria a remodelação completa da antiga instituição, que fora construída nos terrenos avantajados do antigo palacete do Barão de

Nonohay, adquirido no distante ano de 1899 (A FEDERAÇÃO, Edição 159, 13/07/1899 – n. 159, capa). A instituição ganhara destaque e precisava de melhores acomodações. Sua origem remontava à Revolta Federalista de 1893-5, com a função de amenizar o sofrimento das viúvas e encaminhar as centenas de órfãos que a contenda deixou desamparados. As doações eram de praxe (como a reproduzida na Figura 52). O Pão dos Pobres era e é uma instituição de elevada consideração na capital gaúcha.

Figura 52 - Anúncio de doação ao Pão dos Pobres



Fonte: A Federação (Edição 111, 22/05/1924, p. 4)

As primeiras obras que abrigariam a escola e os necessitados foram iniciadas por volta de 1904 e concluídas em 1909, com o projeto de Afonso Hebert. Já em 1907, o responsável pela ordem francesa Lassalistas visitou a instituição e recomendou mudanças e melhorias nas instalações. As alterações foram finalizadas em 1916, pelo futuro colega de escritório de Lutzenberger, o arquiteto tcheco Josef Hruby, e podiam abrigar um total de 40 jovens. Mas a ordem religiosa queria ampliar sua ação social³⁶⁷, e, para tanto, deveria ter condições de receber ainda mais alunos em instalações mais espaçosas: “as novas instalações em estimativas favoráveis poderiam abrigar mais de 300 órfãos (LUZ, 2004, p. 240). Nesse sentido, foi criado o projeto definitivo, elaborado e doado pelo arquiteto Hipólito Fabre (LUZ, 2004, p. 239). Por ser uma obra com forte apelo social, caridosa, no auxílio dos jovens necessitados, a construção envolveria uma gama considerável de pessoas influentes e poderosas para garantir os fundos necessários para levantá-la: a mídia, políticos e pessoas eminentes queriam associar-se a esta importante iniciativa, o que justifica a ação benemérita desse arquiteto. Contudo, sem maiores explicações, o próprio arquiteto Fabre pediu exoneração da função, alegando, polidamente, a falta de tempo para a obra, algo muito estranho e com pouco fundamento, pois, como aponta Luz (2004, p. 241): “na verdade, o questionamento feito ao projeto de Fabre deve ter sido o real motivo do elegante pedido de afastamento deste último”. Assim, ao se remontar a trajetória

³⁶⁷O Pão dos Pobres daria um grande salto na quantidade de pessoas atendidas.

profissional de um arquiteto, e de Lutzenberger de maneira específica, esbarra-se em pontos não claros, e no próprio tempo presente em que a situação ocorreu houve a deliberada intenção de se colocar panos quentes sobre as circunstâncias, o que impossibilitou o acesso aos fatos e muito menos à verdade vital para o trabalho do historiador, e isso, infelizmente, foi recorrente na trajetória de Lutzenberger.

Diante da recusa de Fabre, o Pão dos Pobres realizou uma concorrência aberta, com nove arquitetos interessados, mas, para surpresa geral, não se escolheu um vencedor, pois não houve projeto escolhido e os concorrentes foram dispensados sem maiores alardes. No entanto, a questão não tinha sido resolvida, e mesmo alegando, para o desfecho do concurso, projetos muito dispendiosos, a ampliação deveria ocorrer. Por fim, entre as propostas negadas na concorrência, a Comissão acabou por acatar o projeto do arquiteto e engenheiro Lutzenberger que, pessoalmente, seria responsável pela execução da obra.

De uma disputa sem muita lisura, em que Lutzenberger era quem dispunha do menor poder de barganha, mesmo assim seria ele o maior beneficiado ao se tornar o responsável por outra obra de grande monta na capital dos gaúchos. A Comissão Auxiliadora, responsável pelos destinos das construções, era comandada por Eduardo Secco, cônsul honorário do Chile e um dos grandes comerciantes na época, o que dá mostras da importância desta instituição caridosa. Nesse sentido, o próprio governo do PRR, tão cioso com o seu orçamento estadual, todos os anos doava considerável soma para a instituição³⁶⁸. Mas isso não bastaria para erguer as paredes. Os demais recursos viriam de doações, da captação por tómbola, ou para uma expressão mais corrente de uma rifa, para a qual Lutzenberger fez uso de seus conhecimentos gráficos e ajudou na criação da arte para a disputa. Essa seria outra obra a render-lhe muito trabalho, reconhecimento e novos vínculos empregatícios em sua profissão, e as relações conexas o ajudaram muito. Em 1929, Secco precisou ausentar-se e assumiu a comissão outro membro, Oscar Bastian Pinto, que, das muitas pessoas influentes envolvidas no processo, era conhecido de Lutzenberger por ser membro da Comunidade São José. Esse fato não passou despercebido e levantou dúvidas: esse importante membro da comissão poderia ter interferido a favor do projeto do seu conhecido?

A construção do orfanato levou alguns anos que ocuparam, esporadicamente, o arquiteto que diversificava o seu *portfólio* e ampliava a sua *Network*.

³⁶⁸Em 1923 foram quatro contos (\$4.000\$000). O auxílio à propaganda do Estado recebeu a metade disso. (A Federação, Edição 244, 18/10/1924, p. 9).

Figura 53 - Prédio do Pão dos Pobres (1930)



Fonte: Fotosantigasrs, 2022.

Diante da responsabilidade de construir mais um templo-escola, era etapa importante, para a criação de sua rede social a *Network* profissional. Outra característica dessa obra era o diário, no qual Lutzenberger anotava o andamento da obra (LUZ, 2004), não sendo esse documento encontrado em seus arquivos. Contudo, foi possível identificar a imagem a seguir, pois ela dá conta de outra característica marcante nas obras de Lutzenberger que, invariavelmente, desenvolvia algum tipo de arte acessória para seus projetos.

Figura 54 - "Cartão-postal" do Pão dos Pobres



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Em seu arquivo se tem o contato com caderno de fotografia de Liège (Bel), Gand (Ale) e o bico de pena de Altbüdingen (Ale) e outros cartões avulsos de cidades europeias, constatando certa obstinação pelo formato retangular do cartão postal³⁷⁰ de 10 cm x 15 cm (aprox.).

³⁷⁰Seu filho José Antônio também colecionava cartões postais das localidades em que passava, eles ilustram a tese de Pereira (2016). Para Flores (2007, p. 65), o apogeu do cartão postal “vai de 1900 a 1930, quando surgiram colecionadores e o costume de enviá-los como lembranças a pessoas amigas”.

Essa é uma característica e um “agrado” aos seus clientes. O orfanato do Pão dos Pobres não foge à regra, e a instituições devem ter entregado cópias aos seus patrocinadores.

Figura 55 - Prédio do Pão dos Pobres



Fonte: Sul21, 2022.

Para a construção de sua rede, e devido à natureza de sua profissão, Lutzenberger precisou cercar-se de pessoas com o capital necessário para as edificações que possuíam excedentes financeiros para investimentos. Era necessário, portanto, se aproximar da elite da cidade³⁷¹, de pessoas com dinheiro para ser reinvestido na geração de maiores dividendos. Outra forma recorrente de buscar trabalho pelos arquitetos eram os concursos ou concorrências de projetos específicos. Ao que se sabe, Lutzenberger participou de alguns concursos e, historicamente, é mais fácil identificar aqueles em que foi vitorioso, pois, ao ser determinado o vencedor, a papelada dos concorrentes era destruída. O concurso, em linhas gerais, apresentava alguns parâmetros para a futura construção, destinação, por exemplo: uma igreja, uma casa de comércio etc., a localização da obra, com alguns detalhes da topografia do terreno e a área a ser utilizada. Essas eram as exigências da banca organizadora, algo que nem sempre era possível ou plausível devido ao excesso de detalhes ou à falta de clareza no edital, que, às vezes, atendia mais as necessidades políticas da comissão organizadora do que a razão mais objetiva de como o vencedor seria reconhecido, que parâmetros seriam levados em conta para a escolha do melhor projeto e o fim específico, além do limite orçamentário.

Mesmo que toda a banca fizesse questão de se declarar isenta, condição alheia ao ser humano, mais aceitável seria esperar a indiferença humana do que a isenção propriamente dita. Nesse sentido, Lutzenberger era um desfavorecido, mesmo que as concorrências, em sua

³⁷¹E aqui, mesmo aberto a críticas, é preciso reconhecer as dificuldades de definir ou encaixar pessoas e grupos, de maneira definitiva, no que possa ser posicionado como elite, apenas, pois, como “os pesquisadores estão confrontados com o desafio de explicar os contornos da elite ou grupo social” (NORONHA, 2011, p. 100). Mas essa não é uma das prioridades da tese, assim sendo pode-se deixar o conceito vago, e nomear aquelas pessoas com destaque: seja econômico, político ou social, que assim perfazem a elite em cada categoria.

maioria, fossem anônimas e os projetos não marcados, evitando os constantes favorecimentos para o concorrente “A” ou “B”, isso nem sempre era o que ocorria. De alguma ou outra maneira, as comissões partiam de alguns pressupostos, tinham pontos de vista e expectativas, e, nesse sentido, Lutzenberger era pouco aquinhado, não tinha acesso a alguma dica, ou particularidade sobre a comissão organizadora. Nem mesmo algum conhecido que poderia ajudá-lo a projetar de maneira mais próxima aos desejos da banca, desconhecia a cultura local e a política envolvendo as concorrências públicas. Enfim, Lutzenberger teria que trilhar uma carreira mais longa para ser um dos preferidos das bancas ou para ter alguma vantagem sobre seus concorrentes nativos e suas redes sociais já estabelecidas.

Com o passar do tempo, Lutzenberger contornou essas dificuldades iniciais, de não possuir a sua *Network*, superando, aos poucos, essa barreira “natural”. Suas relações se ampliaram, inclusive ao ser apadrinhado, por Oscar Bastian Pinto³⁷², entre outros, que se encaixou nesse perfil de empreendedor. Oscar estudou no colégio Nossa Senhora da Conceição dos padres jesuítas, em São Leopoldo, e frequentava a Comunidade da Igreja São José, local provável de encontro entre Lutzenberger e seu futuro cliente que, portanto, partilhava o uso do alemão e a cultura germânica. Era engenheiro formado em Porto Alegre, em 1900. Teve alguma atividade inicial como funcionário público, mas logo enveredou para o comércio e atividade bancária, sendo sócio do Banco Pelotense, que, mesmo sendo um banco de atuação local, era uma importante instituição de crédito no Estado. Finalizado, em 1929, o trabalho no Pão dos Pobres, Lutzenberger já tinha começado “a sua parceria com a família Bastian Pinto, para a qual projetaria vários prédios destinados à locação, e o edifício Bastian Pinto” (WEIMER, 2004, p. 109).

³⁷² “Em 1926 foi da diretoria da Companhia Sul Brasil de Seguros. Em 1928 estava também na Companhia União de Seguros e era diretor do Banco Porto Alegrense. Em 1929 era presidente da Associação de Proprietários de Imóveis (em 1939 essa associação teve participação no Plano Diretor da cidade) (URBSNOVA, 2021)”.

Figura 56 - Aquarela - prédio Bastian Pinto / Figura 57 - Prédio Bastian Pinto atual



Fonte: Urbsnova, 2022. / Fonte: *Google street view*, 2022.

Dessa parceria conseguira mais contatos. Outra questão a ser levantada em específico é que a igreja São José e o orfanato Pão dos Pobres eram obras de contínua ampliação, com novos prédios e a finalização dos já existentes, o que garantia rendimentos contínuos ao arquiteto. O prédio de cinco andares e terraço³⁷³, retratado nas Figuras 56/57, teve um impacto na cidade devido à tecnologia e a característica de que cada andar tinha um uso específico, além do cuidado com o lixo e a higienização do lugar, como se constata na reportagem acompanhada pelo arquiteto³⁷⁴. O prédio foi considerado de luxo, não sendo poupados recursos para tanto, e “possuem pias e banheiros esmaltados, cada um dispendo de aquecedores a gás. As paredes são revestidas de escariola³⁷⁵, sendo que os assoalhos são envernizados” (JORNAL ESTADO DO RIO GRANDE, EDIÇÃO 211, 26/06/1930, p. 08).

A vida profissional de Lutzenberger ia muito bem, e ele progredia na concorrida profissão. Era natural, portanto, que ficasse conhecido e pudesse tirar proveito da sua *Network*, trabalhando para a igreja e gente endinheirada como Bastian Pinto. Era preciso empreender em

³⁷³“Hoje, porém, o Bastian Pinto *pode* ser considerado de modesta altura comparado a vários de seus vizinhos, conforme se pode ver na imagem do *Google Street view*” (ANALUIZAKOEHLER, 2022).

³⁷⁴ Estado do Rio Grande, Edição 211, 26/06/1930, p. 08.

³⁷⁵Escariola - revestimento / acabamento dado a paredes ou pilares, que simula o mármore polido.

outros campos da construção civil. Em sua trilha pelos projetos de Lutzenberger, Luz (2004) faz uma relação das principais obras realizadas pelo arquiteto, arquivadas no Arquivo Moisés Vellinho³⁷⁶ que conta com grande parte da documentação referente à fiscalização e aprovação das edificações construídas na capital gaúcha. O mesmo não pode ser dito da burocracia no interior do Estado, que nem sempre tem o mesmo cuidado ou carece de órgãos competentes para exercer tal função. Nas andanças de Lutzenberger pelo interior do Estado gaúcho: Caçapava do Sul, Santo Ângelo, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul, Feliz, Lajeado, além, é óbvio, da região metropolitana de Porto Alegre, a “inexistência de fiscalização do exercício profissional, naquela época, e os arquivos municipais, no interior do estado, até os dias de hoje, não permitem que sejam identificados quantas e quais seriam estas obras” (LUZ, 2004, p. 205). Isso leva o pesquisador a constatar, em sua pesquisa, a ausência de projetos novos assinados no período de 1932 e 1935, e, semelhante ao que diz Luz (2004), sentem-se as dificuldades de saber qual foi a produção arquitetônica em outras cidades.

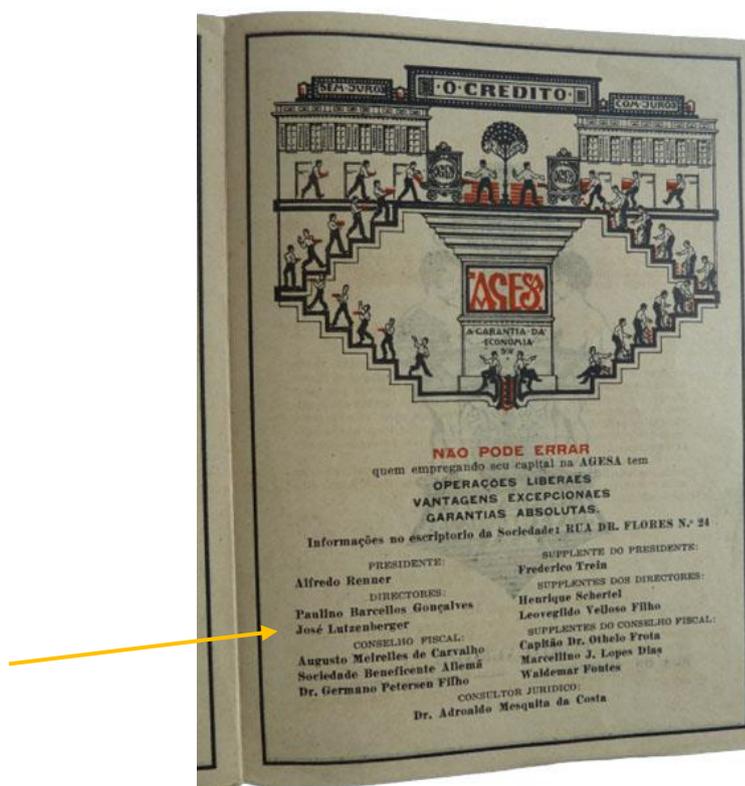
Além de continuar a administrar as obras em execução, sobre o hiato profissional de Lutzenberger pode-se alegar dois aspectos: que ele estaria realizando alguns projetos no interior, em especial nas cidades de Novo Hamburgo e São Leopoldo, pois, em visita ao memorial do Vale do Sinos (Arquivo Municipal de Novo Hamburgo), há apenas uma relação das casas preservadas³⁷⁷ e projetadas por Lutzenberger, sem indicar o período que foram construídas ou encomendadas. Outra explicação é que sua *network* o direcionou para outra atividade correlata à construção civil, e assumiu a direção da AGESA – A “Garantia da Economia” S.A., consórcio responsável pela construção, venda e financiamento de casas populares, oferecendo um projeto padrão para as modestas moradias. Sem muitos dados sobre essa entidade, chega-se a ela por meio de anúncios na mídia, em 14 de agosto de 1933³⁷⁸, quando se realizou a assembleia geral de constituição da entidade. Seus conexos começaram a gerar outras ligações, o que levou Lutzenberger a tentar a sorte fora da “prancheta”, contudo, ele produziu a arte no impresso (folheto) que explica e vende o conceito aplicado pela AGESA, que ele decidiu adicionar ao seu arquivo particular.

³⁷⁶Arquivo Municipal de Porto Alegre que reúne grande parte das plantas dos projetos de Lutzenberger e demais arquitetos do período.

³⁷⁷Trata-se de um documento da década de 1990 não numerado ou identificado, apenas datilografado, e que indica a localização e o proprietário que encomendou a moradia.

³⁷⁸Como indicado no anúncio do Jornal A Federação, Edição 185, 09/08/1933, p. 7. Outra fonte é o jornal de 5 de abril, editado em Novo Hamburgo, com alguns anúncios da AGESA, portanto, a abrangência do empreendimento não era restrito a Porto Alegre.

Figura 58 - Folheto da AGESA



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Em vinte e nove de maio 1936, no jornal “Diário de Notícias” (Edição 075, 29/05/1936, p.5) há uma nota que ajuda a explicar o que ocorreu com a AGESA, que passou a fazer parte de uma das maiores seguradoras do Estado: a Previdência do Sul. A princípio, o negócio se expandiu e atraiu mais capital e outros interessados de porte. Pelo que se percebe, o sucesso fora efêmero porque a mesma nota do Diário de Notícias relaciona o pagamento dos dividendos e mostra, em suas duas palavras finais, a real situação da AGESA: “em liquidação”. Essa expressão revela o término, ou o desenlace de contas de qualquer empresa em vias de fechar, o que deixa evidente que essa etapa na vida de Lutzenberger junto a AGESA - Previdência do Sul³⁷⁹, findava, pois ela estava sendo extinta. Lutzenberger perdia, assim, o cargo, o tempo investido e talvez algum capital apostado na ideia. Passado o tropeço era melhor seguir em frente. Como reclamava das oportunidades que teve de enriquecer na Alemanha e não soube ter a competência e a paciência para fazer as melhores escolhas, se continuasse a

³⁷⁹Para os interessados, há na Edição 171 de A Federação, de 27.06.1934, p. 7, as atas das assembleias deliberativas realizadas em 21 e 18 de junho, onde Lutzenberger estava presente em ambas, para a aprovação da fusão com a seguradora Previdência do Sul. A nova empresa AGESA Previdência do Sul passa dos 300:000\$000 contos originais para 500:000\$000 com a entrada do novo sócio que muda seu nome fantasia também. Cada cota passa a valer 500\$000. Em 8 de abril de 1935 há outra assembleia que conta com a presença de Lutzenberger (A Federação, Edição 107, p. 6).

escrever a sua autobiografia talvez dedicasse mais algumas linhas a essa derrocada financeira da AGESA.

Devia arregaçar mais uma vez as mangas e voltar ao que sabia fazer de melhor, que eram as suas criações, e, necessariamente, retomar o rumo e a prancheta. Nesse contexto, um pouco antes, em 1934, mas ainda envolvido na AGESA, propôs um projeto para o novo Sanatório para tuberculosos, estrategicamente localizado nos limites de Porto Alegre, em Belém Velho, zona afastada, rural, e com pouca população. A obra tinha obtido um estímulo extra e nota no jornal “A Federação”, com os dez contos (10:000\$000) do espólio de Frederico Mentz, um rico empresário teuto-gaúcho, e a comissão organizadora liderada pelo médico Pereira Filho fazia alarde da situação. Sobre a sua intenção de “colaboração”: “os engenheiros arquitetos Monteiro Neto e José Lutzenberger já ofereceram gentilmente os seus serviços profissionais para a confecção de projetos para o Sanatório” (A FEDERAÇÃO, Edição 57, 09/03/1934, p. 4)³⁸⁰.

A nota jornalística não possui clareza, e pergunta-se: trabalhariam juntos ou os dois tiveram a mesma ideia, se apresentando individualmente para a comissão? A ideia não prosperou e o contato inicial e a oferta de Lutzenberger não tiveram continuidade. De qualquer modo, Lutzenberger tinha outro projeto engavetado do Leprosário Rio-Grandense (Figura 59) e decidiu apresentá-lo na Exposição do Centenário Farroupilha que movimentou a capital gaúcha a partir de vinte de setembro de 1935. Esse foi outro importante avanço na construção e na comprovação das crescentes redes sociais, por parte de Lutzenberger, que se destacaram, e ele conseguiu participar de uma das principais exposições que ocorreu em seu tempo de vida no RS. Contou com o entusiasmo do governo que bancou uma série de pavilhões e prédios³⁸¹ localizados no Parque Redenção, e depois, em virtude da exposição, foi renomeado de Parque Farroupilha. A Exposição era bastante saudosista e remontava aos feitos dos farrapos republicanos de 1835 a 1845, quando um grupo representativo de gaúchos, indignado com os impostos federais, pegou em armas e decretou uma república isolada no império brasileiro, durante a guerra civil.

³⁸⁰João Monteiro Neto era arquiteto de crescente importância em Porto Alegre e para o presente estudo cabe ressaltar, entre outras coisas, que ele será um dos membros da comissão julgadora do cartaz de propaganda da Exposição Centenária da Revolução Farroupilha de 1935 (A Federação, Edição 162, 16/07/1934, p. 4).

³⁸¹A única edificação que sobrou é o vultoso prédio do Instituto de Educação General Flores da Cunha, esse projetado pelo amigo de Lutzenberger, Fernando Corona. Mesmo sendo o Instituto de Educação a escola pública mais antiga em atuação contínua no estado, seu prédio, a pretexto de reforma, está abandonado há mais de duas administrações estaduais. Estudei ali e fui alfabetizado no prédio anexo, fato que possibilitou muitas atividades da minha vida, incluindo terminar o presente estudo. A alfabetização é uma profunda mudança da vida de um indivíduo, e como estudo trajetórias de vida nesta tese, é com extrema tristeza que denuncio o estado de abandono da educação estadual, se nem o Instituto de Educação está imune ao desrespeito e ao desinteresse do Estado gaúcho, o que dizer do resto do ensino público estadual. Lamentável.

Portanto, participar desse megaevento era um privilégio na sociedade de então, destinado a poucos, e Lutzenberger teve a competência de ser um deles. Assim, o arquiteto colhia mais frutos de sua interação na sociedade gaúcha, era figura que merecia o destaque que obteve no “certame” farroupilha. Houve, inclusive, a publicação da brochura: *Exposição do Centenário Farroupilha, Pavilhão Cultural - Secção de Belas Artes, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935*. Com capa de Fernando Corona, o que leva a crer que o arquiteto espanhol já fosse “íntimo” dos responsáveis pela organização estadual e, no caso específico, das atribuições relegadas ao Instituto de Artes. Nesse pavilhão, durante a exposição houve modéstia por parte de alguns integrantes na seção dos amadores, pois “alguns nomes, como o de José Lutzenberger, apresentaram trabalhos melhores do que diversos inscritos na secção dos artistas” (GUIDO, 1957, p. 196). Mas essa suposta modéstia era, de fato, a preocupação profissional de Lutzenberger em atrair seus clientes para a construção de casas, prédios e afins, pois não queria ser um retratista para a elite gaúcha. Para melhor organizar a exposição, as obras eram numeradas, e as de Lutzenberger receberam esses números:

Pinturas a óleo: Gaúcho (459); anoitecer (460).

Aquarelas: Retrato (461); No campo (462); No jardim (463); Interior (464); Interior (465);

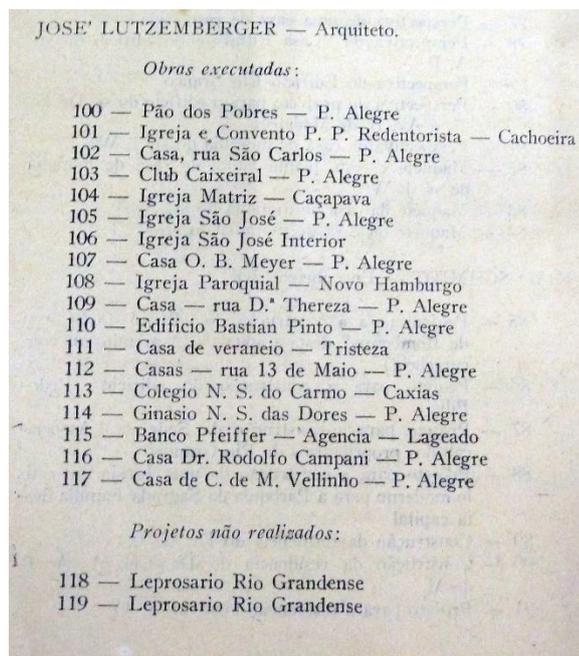
Desenhos: O brasileiro (466); O gaúcho (467); O imigrante (468); O parágrafo (469); O progresso (470); Boatos (463) (EXPOSIÇÃO, 1935, p. 25-6).

Presume-se que as obras seriam apresentadas em grupo ou agrupadas por artista. Contudo, a sua participação não se resume a isso, expor seu talento artístico, e, conforme já mencionado, Lutzenberger não queria ser “confundido” como artista habilidoso. Ele se considerava muito mais um arquiteto profissional, com formação superior, e esperava ser reconhecido dessa forma. Para tanto, nas comemorações do centenário também expõe como arquiteto profissional, o que deve ter sido o motivo de maior satisfação e de expectativas pessoais. Nesse sentido, o pavilhão cultural também recebia as plantas de 17 empresas ou profissionais autônomos³⁸² da construção civil, mais o adendo de nove cidades gaúchas³⁸³ que complementaram a exposição com fotos e plantas baixas das suas regiões. Coube, portanto, a Lutzenberger expor a sua lista de obras (veja-se na Figura 59):

³⁸²A título de curiosidade, o arquiteto Fernando Corona ficou fora da exposição, contudo, a empresa construtora Azevedo, Moura & Gertum apresentou a perspectiva do Instituto de Educação General Flores da Cunha, que muito provavelmente tenha sido desenhado por Fernando Corona.

³⁸³Porto Alegre, Novo Hamburgo, Santa Vitória do Palmar, Piratini, São Borja, Ijuí, Bagé, Caxias do Sul e Cruz Alta.

Figura 59 - Relação das obras na Exposição do Centenário Farroupilha



Fonte: Catálogo do Pavilhão Cultural (EXPOSIÇÃO, 1935, p. 44)

Figura 60 - Pavilhão Cultural, em 1935



Fonte: ARQUITETURA (1999, p.15)

O Pavilhão Cultural (Figura 60) utilizou as recém-inauguradas obras da Escola Normal “General Flores da Cunha”, utilizando 68 salas do Colégio.

Quanto ao projeto não realizado de Lutzenberger – Leprosário Rio Grandense - Luz (2004, p. 200) sugere que o projeto é de 1929 e se trata de um hospital a ser construído “na ilha Francisco Manuel” (ao Sul do Guaíba). Contudo, o uso da ilha foi abandonado, mas o leprosário

seria edificado em Itapuã (RS), anos mais tarde³⁸⁵, mas não foi utilizado o projeto de Lutzenberger.

A Exposição Farroupilha, em grande medida, “foi o evento-símbolo da celebração da conquista da modernidade e do ingresso de Porto Alegre na nova ordem urbano-industrial” (BELLO, 2002, p. 105), sendo um êxito, tanto pelo número de pessoas que presenciaram a exposição quanto pela importância cultural e política que ela proporcionou, estendendo-se um pouco mais que o programado, o que trouxe mais publicidade para o evento³⁸⁶ e aos seus participantes.

Assim, muitos visitantes puderam ter contato com as obras do arquiteto bávaro que, pouco a pouco, se “misturava” com as pessoas e a cultura local. Mas não se ignora o caráter regionalista das suas obras expostas como artista amador³⁸⁷. Sua assimilação avançava e era uma figura mais afeita a tais mudanças. Lutzenberger daria outro passo definitivo em sua carreira e no processo, agora acelerado de aculturação. Queria transmitir o que sabia aos outros e, para tanto, tinha os meios, não apenas por sua sólida formação acadêmica, mas pelos laços e rede social que o “contratariam” para esse fim. Lutzenberger tomou partido e proveito de suas relações pessoais e profissionais, e a Exposição Farroupilha seria mais uma etapa para levá-lo ao Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, IBA. Lutzenberger ampliou a atuação profissional, mirando outras áreas, e entrou no magistério para dividir seus conhecimentos no campo do desenho e arquitetura.

No entanto, para se tornar funcionário público, o candidato, necessariamente, teria de ser brasileiro nato ou naturalizado. Diante de tal exigência, Lutzenberger, antes de se “oferecer” ao serviço público, deveria, do ponto de vista legal, resolver essa pendenga. Esse seria mais um aspecto da sua assimilação a ser imposta. Tinha esposa, filhos, residência fixa, motivos pelos quais poderia legalmente exigir a sua nacionalização sem maiores sobressaltos. De acordo com a legislação, poderia pleitear o vínculo empregatício, no estado gaúcho, ao formalizar sua conversão em um cidadão naturalizado.

³⁸⁵ Em busca de dados sobre a necessidade da construção de um Leprosário, essa campanha seria levada a cabo pelo jornal A Federação que, em suas páginas, apresenta muitas notas sobre o que estava acontecendo em outras unidades da União, portanto, trata-se de tema sensível.

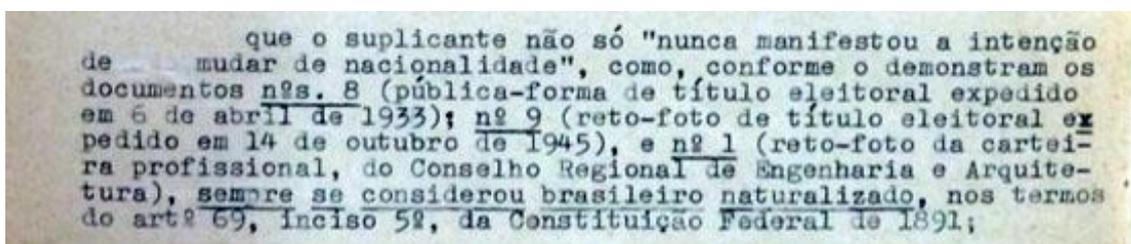
³⁸⁶ Cabe ressaltar as eternas disputas entre o interventor Flores da Cunha, que, às vezes, atuava com forte oposição ao regime Vargas, ameaçando organizar levantes armados, e em outras ocasiões, desistia de atitudes mais enérgicas em relação ao mandatário da nação, aceitando pacificamente os excessos daquele (CAMPOS, 2001).

³⁸⁷ Entre outras que merecem destaque: Gaúcho (459); No campo (462); O brasileiro (466); O gaúcho (467); O imigrante (468) (EXPOSIÇÃO, 1935, p. 25-6), pois retratam temas inerentes ao estado gaúcho e o seu processo de assimilação.

Assim, encaminhou os papéis para a nacionalidade secundária, a brasileira, que em breve seria a sua principal. Essa era e é um direito individual, pois cabe ao futuro cidadão o desejo de procurar a mudança de sua situação legal perante o Estado em que reside. Contudo, a segunda cidadania e a sua “aceitação da mudança [...] constitui ato voluntário do Estado, consequência de sua soberania” (FERRANTE, 1983, p.43), razão pela qual o governo tende e exigir um número considerável de documentos probatórios, como se dessa dificuldade o indivíduo repensasse o seu desejo de adquirir a outra cidadania. Aos poucos, Lutzenberger dava mais um passo para a sua nacionalização, sua assimilação legal e plena.

O pedido foi realizado por volta de 1933, obedecendo ao argumento jurídico, baseado no artigo 69, quinto inciso, da Constituição Federal de 1891, o qual assim rezava: “aos estrangeiros que possuïrem bens imóveis no Brasil e forem casados com brasileiros ou tiverem filhos brasileiros contanto que residam no Brasil, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade” seria concedido o documento de naturalização. Lutzenberger vivia amparado pela lei, mesmo sem o rigor que surgiria nos anos seguintes, a partir de novembro de 1937, quando o governo passou a se preocupar sobremaneira com cada um dos indivíduos, acirrando a necessidade crescente de liberações, salvo-condutos e renovação de documentos ou pendengas oficiais. E Lutzenberger, à revelia da formalidade, utilizou o nome José, ao invés de Joseph. Esse aspecto fugia à preocupação do Estado em um primeiro momento, mas, como se quer demonstrar, isso ia ficando arriscado e complicado em um Estado que tendia a se expandir em todas as direções, mesmo que para isso invadissem as boas e consagradas normas da convivência social da democracia representativa.

Figura 61 - Excerto do processo de naturalização de Lutzenberger



Fonte: APERS - Processo 9091, m250, p.2 (de 21/08/1950)

Com o passar do tempo houve crescente controle do Estado, dia a dia mais autoritário, em todos os níveis, sobre a população, o que levou Lutzenberger a se registrar, em dez de dezembro de 1935, possivelmente atualizando a sua condição profissional junto ao Conselho

Regional de Engenharia e Agronomia, CREA-RS³⁸⁸, órgão que regulava a atividade profissional de engenheiros e arquitetos³⁸⁹. Seu processo, na entidade, não foi encontrado pelo pesquisador Weimer (2004), mas teve-se a sorte de encontrar sua identidade profissional, com o registro CREA-RS número: 189.

Figura 62 - Carteira do CREA-RS de Lutzenberger



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Às vésperas do Estado Novo e com todas essas mobilizações e ataques a indivíduos e cidadãos que se seguiriam, Lutzenberger foi convidado a entrar no I.B.A, em 1937. O Instituto havia sido convertido, em 1936, em Curso de Artes Plásticas, CAP, visando uma repaginação da instituição. A esse respeito, “a escola tinha se renovado, com efeito, mas ainda permanecia ligada aos ideais “sociais” conservadores das gerações anteriores” (SCARINCI, 1982, p. 62). Contudo, a história do IBA³⁹⁰ remonta a 1908, em Porto Alegre, quando um grupo de intelectuais e artistas locais³⁹¹, com o apoio do governador Carlos Barbosa, fundou uma

³⁸⁸“O CREA-RS, com sede e foro na cidade de Porto Alegre e jurisdição no Estado do Rio Grande do Sul, instituído pela Resolução nº 2, de 23 de abril de 1934, na forma estabelecida pelo Decreto Federal nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933, e mantido pela Lei nº 5.194, de 24 de dezembro de 1966, para exercer papel institucional de primeira e segunda instâncias no âmbito de sua jurisdição (CREA-RS, 2021).

³⁸⁹Em 2010 foi criado o CAU: “O Conselho de Arquitetura e Urbanismo é uma autarquia criada pela Lei 12.378/2010, que regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo no país” (CAURS, 2021).

³⁹⁰Nos arquivos do IBA/ UFGRS há um exemplar da brochura do próprio IBA referente à inauguração do novo prédio, em julho de 1943. Nas páginas iniciais da publicação há um resumo histórico, ou a biografia da instituição, da qual retiramos alguns subsídios, a incluir a foto do casarão onde o IBA começou em 1908.

³⁹¹ Algo raro no país, pois poucas foram as iniciativas que “caberiam não ao poder público, mas ao domínio particular. Disso são exemplos [...] o Instituto de Belas Artes de Porto Alegre” (CUNHA, 1981, p.49).

entidade para o aprendizado das Belas Artes, em especial o desenho³⁹² e a música. Era uma sociedade com uma mantenedora, nomeada de congregação, quem, de fato, regia a instituição, dando pouca voz às reivindicações tanto dos alunos quanto dos mestres³⁹³. O sisudo instituto era bastante rígido em seu regulamento (SIMON, 2003), proibindo manifestações sem a anuência da dita mantenedora, e, assim, infelizmente, nascia a escola tomada pelo autoritarismo, com um corpo burocrático pouco tolerante, sendo norma nos anos que se seguiram.

A admissão era mediante a feitura de uma prova de aptidão, e o candidato deveria ter conhecimentos básicos da língua portuguesa e aritmética, além de ser moralmente adequado, com a comprovação a partir de laudo de professores idôneos. Esse regulamento foi alterado em 1928, mas para o ingresso dos alunos continuou sendo exigida a prova de aptidão. O aluno cursava três anos, tendo noções básicas de desenho ou música; o quarto ano seria exclusivo para aqueles que quisessem se tornar docentes licenciados. Pode-se afirmar que a escola de Belas Artes era elitizada, pois recebia apenas pessoas da classe social média e alta. Esse regulamento manteve-se praticamente inalterado até o período que Lutzenberger entrou na Instituição, em 1937. As alterações mais importantes seriam realizadas na estrutura da instituição e no mote com que seu diretor a direcionaria, em decorrência das mudanças políticas e das transformações sociais tanto na capital gaúcha quanto no país como um todo, com reflexos sociais e no mundo do trabalho, em especial no da construção civil.

O país e a cidade de Porto Alegre, nas décadas de 1920-30, passaram por um incremento em sua urbanização, com prédios maiores, mais “frequentes” e elaborados. Essa mudança demandou novos profissionais, e houve uma disputa entre as Faculdades e cursos de Engenharia e os de Belas Artes, pois, ambos ampliariam a sua atuação, oferecendo ao mercado o curso que preparava o profissional que cuidava das edificações no seu aspecto técnico e estético. Houve, portanto, na sociedade urbana, em especial nas capitais do país, uma crescente demanda por esse profissional que deveria ser moldado com um ensino específico, ausente nas escolas superiores, dominadas pelas engenharias como de costume. Em um primeiro momento, isso forçava a criação de cursos técnicos para suprir a crescente demanda. Com o passar do tempo, esses profissionais teriam uma formação mais longa e elaborada, que incluía a educação

³⁹²O currículo preparatório oferecia basicamente desenho: perspectiva e sombra; desenho figurado (de 1908-10). O novo currículo elaborado em 1928 acrescentava as disciplinas de Desenho Geométrico e de Projeção no curso geral (SIMON, 2003, p. 167).

³⁹³Esse conselho que administrava a instituição. Cabia ao presidente da Congregação distribuir as aulas e designar os professores para cada disciplina, fato que gerou uma revolta em 1934 liderada por Tasso Côrrea. Ele, mais comedido e afinado com os poderosos, seria indicado para a direção do IBA (SIMON, 2003, p. 157) pelo Decreto n. 6.193, assinado pelo interventor federal Flores da Cunha, em 1936.

superior. O IBA, atento a isso e condizente com a legislação que favorecia a inclusão de escola de arquitetura nas instituições de “Belas Artes”, também queria aproveitar esse novo nicho educacional. O próprio IBA passou por mudanças estruturais, destacando-se a figura de seu diretor Tasso Bolivar Dias Corrêa, uma liderança que impulsionava a instituição a ser maior e mais reconhecida no seio da sociedade gaúcha. Tasso buscava maior autonomia para o IBA e não era um dos dirigentes mais favoráveis à unificação do curso de Belas Artes com as diversas Faculdades ou escolas superiores nas universidades estaduais que começavam a surgir no país, e o RS não ficaria fora desse processo em andamento.

Por ser um momento tanto de transição cultural quanto política — os atribulados anos dos golpes de 1930 e 1937 —, foi nesse período que começaram a surgir as universidades estaduais, com o objetivo da centralização plena dos estudos superiores em instituições únicas. A década foi marcada pela crescente fusão política e administrativa, e o poder deveria ser dominado por um grupo cada vez menor de pessoas. E a educação, infelizmente, não fugiu a essa sina marcada pelo processo agudo de unificação das diversas escolas livres, modalidade que caracterizou o surgimento, décadas antes, dos cursos superiores.

Mesmo com a forte intromissão da União em cada ente da Federação, na educação houve relativa tolerância e coube a cada unidade federativa criar as suas próprias entidades centralizadas de ensino superior: as universidades locais ou estaduais. O Rio Grande do Sul começou a se articular para criar sua universidade estadual, originalmente denominada UPA - Universidade Porto Alegre, e, em 1934, Tasso Correa teve dúvida e temeu pelo futuro do IBA. Naquele contexto, ele questionava, junto ao corpo de professores, o futuro mais correto para o IBA, dentro ou fora da estrutura centralizada, onde o instituto seria subserviente à mantenedora universitária.

Em decorrência dessa discussão houve intensa disputa relativa ao entendimento de ensino e de doutrinação unificadora. Simon (2003) declara que os golpistas de 1930, lideranças ligadas aos movimentos de sedição de 1930, e futuramente de 1937, viam com bons olhos a centralização e a pouca autonomia atribuída às escolas superiores, asfixiando ainda mais o poder decisório e a fundamental autonomia de cada escola superior ou institutos. Mesmo num lento e difícil encadeamento, o IBA, em vinte e quatro de outubro de 1933, três anos após o primeiro golpe getulista, oficializou suas intenções de fazer parte da futura UPA³⁹⁴ (SIMON, 2003, p. 296), e, finalmente, aderiu ao novo sistema aglutinador, mas mudou em 1936, o nome para CAP - Curso de Artes Plásticas e a postura.

³⁹⁴O mesmo autor comenta que de 1934 a 1939 a fusão não foi completa o que ocasionou a “situação” da existência de *dois* institutos de Belas Artes paralelos.

Depois de 1936, a Escola pioneira, heróica e livre, deveria dar o lugar a um Curso que se apoiava num paradigma que desejava se socializar [...] comandada pela racionalidade taylorista (SIMON, 2003, p. 220).

Em paralelo ao contexto conturbado de disputa da criação das universidades havia outra questão em aberto: quem ensinaria os arquitetos? Esse mote deu visibilidade ao CAP, e Tasso, habilmente, enveredou para essa seara, pois foi exatamente nesse período que foram convidados os três novos professores: Luís Maristanes de Trias³⁹⁵, José Lutzenberger e Fernando Corona, esse último escultor que se tornou arquiteto, mais bem aceito pelo mercado do que pelo IBA por não possuir a educação formal mínima, considerado uma contratação dúbia por alguns membros do colegiado. Sua entrada na instituição criou atritos sem que ele tivesse ministrado uma única aula. Logo, Corona precisou do apoio especial do diretor, que, obrigatoriamente, tinha que justificar a sua escolha. Assim, Tasso fez uso de subterfúgios e alegou que Corona seria responsável pela nova disciplina de escultura, ou tridimensionalidade, matéria nova que igualmente tinha como objetivo a criação do curso de arquitetura. Tasso olhava o futuro da instituição e criava alguns inimigos internos. Assim, não satisfeita, e levando em conta o modo arbitrário de Tasso tanto na escolha quanto na forma de admissão destes três novos professores, a conselheira do CAP, Nair Sgrillo, votou contra a contratação desses grupos, pois não via com bons olhos a presença de Corona e muito menos a forma autoritária utilizada pelo diretor Tasso Correa para contratar os três novos professores com base em suas prerrogativas *ad referendum*, sem evocar os canais habituais de contrato, com o consentimentos do conselho, ou por seleção, via concurso, a mais adequada. Destaca-se que Corona era conhecido de Lutzenberger e era o escultor espanhol que possuía os contatos e a relação com a instituição de ensino (IBA), o que Rose Lutzenberger faz questão de realçar. A longa amizade de Lutzenberger com Corona iniciara na construção da Igreja São José (em 1923), e fora mantida em trabalhos que exigiam a mão habilidosa do escultor ibérico que era recomendado e contratado para realizar obras em que as fachadas exigiam embelezamento ou escultura. Em suas memórias, Corona (1977, p. 160) menciona a fachada do Clube Caixeiral e o projeto de Lutzenberger: “[...] ele me dissera gostar da maneira como eu tratava a escultura decorativa”. Os colegas se viam quase que diariamente no IBA, “a nossa amizade cresceu e eu a cada vez o admirava mais” (CORONA, 1977, p. 160). Corona retribuía assim as encomendas feitas por Lutzenberger e a indicação para a escola. Já o arquiteto bávaro contava, após anos de empenho e articulações, com uma ativa *network* na cidade.

³⁹⁵Pintor de origem espanhola.

No IBA, a questão dos três novos professores seria resolvida, em parte, pois, de fato, no ano seguinte (1937), o concurso foi levado a cabo, tendo sido Lutzenberger aprovado plenamente como os demais colegas. O mal-estar inicial de sua entrada ruidosa pelos bastidores fora ultrapassado, e Lutzenberger não recebeu qualquer tipo de recriminação posterior, a julgar pelo silêncio das filhas. Lutzenberger, por sua atuação no IBA, iria garantir uma receita fixa de 14.400\$000 anuais ou 1.200\$000 mensais (SIMON, 2003, p. 319)³⁹⁶ para equilibrar as contas em casa, mas, como de praxe, a educação não era um meio de garantia de sustento. Para Lutzenberger era um adicional: a atividade docente na escola de Belas Artes era parcial ou “bico”. A esse respeito, em “informação verbal”, Rose (Lutzenberger, 2019) foi bastante crítica em seu relato, “o instituto de hoje³⁹⁷ nada tem a ver com o da época do pai, uma pequena escola de artes, onde ele dedicava algumas manhãs ou tardes³⁹⁸ durante a semana”³⁹⁹. Contudo, a crítica da filha não incluiu a realidade inicial, em que cada professor contribuía com sua parte para a melhoria da instituição, pois seu padrinho no IBA, Corona (1957, p. 261), fez uma revelação interessante: “[...] cada professor aceitava o contrato para lecionar duas cadeiras, percebendo remuneração apenas por uma.” Essa realidade mudaria e Lutzenberger trabalharia mais horas no futuro.

Tasso Corrêa recorria ao reforço de professores arquitetos no CAP e Ernani Dias Corrêa, seu irmão, foi contratado temporariamente para os quadros da instituição de ensino⁴⁰⁰. Ernani Corrêa influenciou o diretor, mostrando que o IBA poderia implementar um curso de arquitetura, ao aproximar as Belas Artes da Arquitetura, profissão que ganhava destaque na sociedade de crescente urbanização. O próprio Ernani Corrêa se formou em um “IBA”, o ENBA (Escola Nacional de Belas Artes) do Rio de Janeiro, que oferecia o curso de arquitetura, um modelo a ser replicado pelo IBA gaúcho. Na instituição federal, Ernani Corrêa foi colega do proeminente arquiteto Lúcio Costa, corresponsável pelo projeto de Brasília (DF)⁴⁰¹ décadas a frente, portanto, indiferente à nomenclatura da instituição de ensino, o importante era dotá-la

³⁹⁶Havia a discussão das vantagens em ser funcionário efetivo ou contratado anualmente pelo IBA. Essa é sina tão comum ao magistério em todos os níveis e modalidades, pois há mais de oito anos que o governo gaúcho não realiza concurso para preencher as vagas dos profissionais da educação. O que se fazia antigamente ainda é praxe para os governos que querem poupar às custas dos trabalhadores da Educação e demais setores que o governo tem atuação social em prol dos desfavorecidos.

³⁹⁷Mesmo que o termo hoje se presta mais a designar o presente atual, em relação a fala de Rose é mais adequado se utilizar o “tempo presente” de sua atuação profissional, que se encerra por volta do ano de 1990.

³⁹⁸O contrato foi preservado e se encontra nos Arquivos do IBA/ UFRGS.

³⁹⁹ Como contratado, a jornada de trabalho era de 12 horas semanais e estipulava, se necessário, horas extras determinadas pela própria escola.

⁴⁰⁰Eram, portanto, quatro novos professores em dois anos.

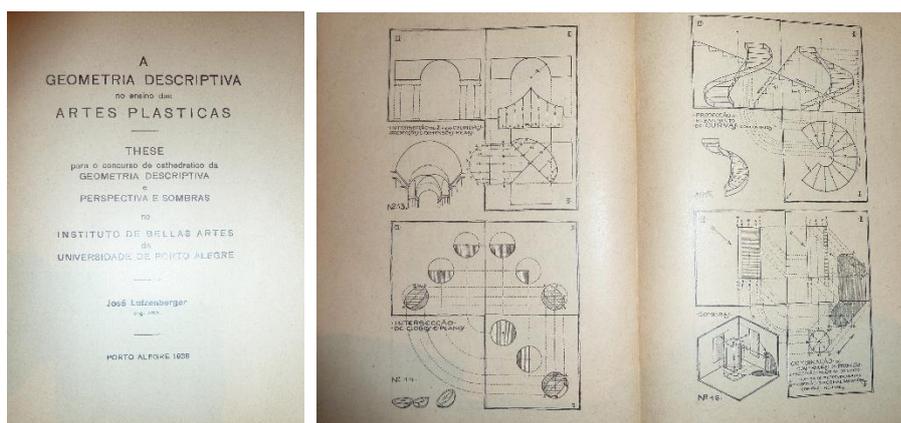
⁴⁰¹O colega nos trabalhos da nova Capital Federal, Oscar Niemayer paraninfo da primeira turma de arquitetura do IBA (1949), faz críticas a cidade de Porto Alegre, por seu atraso em relação às demais capitais brasileiras que aderiram ao modernismo.

dos meios necessários para qualificar seus alunos, como ocorrera com Lúcio Costa e Ernani Corrêa.

No Rio Grande do Sul, após a entrada de Lutzenberger e Corona, a instituição de ensino se encaminhava para a criação do curso de arquitetura, intenção óbvia como destaca Simon (2003): o corpo docente do Instituto de Belas Artes era composto por 50% de arquitetos, além de Ângelo Guido, crítico de arte, que ganhava fama na cidade de Porto Alegre e seria responsável pela disciplina de História da Arte e sucessor de Tasso Corrêa anos mais tarde na direção da escola, reforçando as ambições de Tasso e Guido de criar o curso de Arquitetura. Logo, a entrada de Lutzenberger no CAP (IBA) foi um ato pensado e planejado por seu diretor Tasso Corrêa, em sintonia com as mudanças no cenário da construção civil nas maiores cidades do país. Em sua estada por lá, Lutzenberger ganhou prestígio entre os alunos por seus cursos e forma simpática com que ministrava as aulas (LUZ, 2004). Para lecioná-las desenvolveu uma pequena apostila de próprio punho, da qual se extraiu o trecho a seguir:

Compreendendo que a prática da geometria descritiva não depende de muitos conhecimentos, mas da imaginação exercida pela técnica, o aluno, e mais tarde o artista ou técnico, enfrentando problemas da geometria descritiva, não pensará que jamais viu, perdeu ou esqueceu o caso em questão, mas executará o trabalho com os elementos essenciais da geometria descritiva, a definição, a projeção e o rebatimento (LUTZENBERGER, 1938)⁴⁰².

Figura 63 - Material didático de Lutzenberger (IBA)



Fonte: Arquivo Lutzenberger⁴⁰³

⁴⁰²LUTZENBERGER, 1938.

⁴⁰³A “tese” original encontra-se nos Arquivos do IBA/ UFRGS.

Trata-se de um guia, pois não se imagina que todo o seu conhecimento se resumisse a isso, pois dar aula sempre abarca o carisma, o envolvimento e a dedicação do professor, e nem só pelo currículo se avalia um profissional da educação.

Sob o ponto de vista da assimilação, esse era um passo à frente dado por Lutzenberger que teria contato com uma gama maior de pessoas, ampliando o leque de “porto-alegrenses” com quem conviveria, incluindo os jovens adultos e ingressos na escola. O IBA seguia firme no intuito de criar o curso de arquitetura, e Lutzenberger, proeminente arquiteto, dava maior legitimidade ao processo de ampliar os cursos oferecidos pela instituição de ensino. A escola colheu os bons ventos, e devido ao crescente aumento do número de alunos, as instalações se tornaram acanhadas e precárias (CORONA, 1977) e geraram a necessidade de expansão das dependências do instituto. E, em 1941, a instituição iniciou a construção da nova sede em imponente prédio. O projeto foi elaborado por Ernani Corrêa e Fernando Corona, esse fiador de um empréstimo em favor da construção.

Para a edificação propriamente dita, a empreiteira foi escolhida/indicada por Lutzenberger. Simon (2003, p. 437), estudioso do IBA, deduziu que Lutzenberger foi o escolhido para indicar a construtora devido ao prestígio oriundo, em parte, do vistoso Palácio do Comércio.

Figura 64 - Ato de assinatura do novo prédio do IBA



Fonte: INSTITUTO (1942, p. 12).

Esse imponente prédio, cheio de controvérsias, fora entregue à cidade há pouco tempo, concluído em 1940, com a presença do mandatário máximo e ditador Getúlio Vargas. A façanha de construir o novo prédio foi alcançada com os esforços e a doação de muitos. Lutzenberger, com um grupo considerável de artistas, doou algumas das suas produções para serem vendidas ou leiloadas, garantindo um fluxo maior na caixa da escola (INSTITUTO, 1943).

Nos quinze anos em que trabalhou no IBA (1936-1951), Lutzenberger acompanhou as mudanças da instituição, do curso de artes aplicadas, passando para o curso técnico e, finalmente, o tão sonhado curso superior de arquitetura⁴⁰⁴. Seguindo os passos da instituição, foi responsável pelas disciplinas de: Geometria Descritiva, Perspectiva e Sombras, Arte Decorativa (I e II), Estereometria⁴⁰⁵ (SIMON, 2003) e construção-topográfica. Também caberia ao professor Lutzenberger uma série de atribuições pertinentes ao ensino e à burocracia decorrente das necessidades de uma instituição que crescia ao longo dos anos. Algumas dessas atividades extras eram: avaliar as provas práticas dos candidatos a calouros; organizar os salões⁴⁰⁶ e demais eventos culturais, sem se esquecer de ser “obrigado” a inscrever algumas de suas obras para o estímulo e valorização das exposições realizadas ou associadas ao IBA. Talvez, a exceção tenha sido quando ele, pessoalmente, mandou uma série, relativa à Grande Guerra Mundial, de aquarelas e desenhos seus para a exibição no Museu Militar da Bavária, em 1937⁴⁰⁷, tendo sua obra boa receptividade na terra natal, pois, “nas raras mostras em que participou durante a vida, o fazia quase que obrigado” (LUTZENBERGER, 1978, p. 205). E, como disse seu filho, José Antônio, seu pai preferia presentear os amigos e em especial seus familiares com suas aquarelas, desenhos ou obras de nanquim do que expô-las para os desconhecidos. Era Emma quem pedia tais mimos, que eram recorrentes, para presentear os sobrinhos noivos, primos aniversariantes e nas demais ocasiões especiais.

Lutzenberger já convivia com um número considerável de cidadãos da etnia germânica, em seu dia a dia. Com a sua entrada no IBA ganhou o convívio de outra parcela da população, relacionada ao mundo das artes em Porto Alegre, que o tornou mais conhecido neste nicho e adaptado socialmente as suas novas relações. Tinha, portanto, o âmbito do mundo da construção

⁴⁰⁴A partir de maio de 1945 Lutzenberger acompanhou as obras da construtora Azevedo, Moura & Gertum em Porto Alegre.

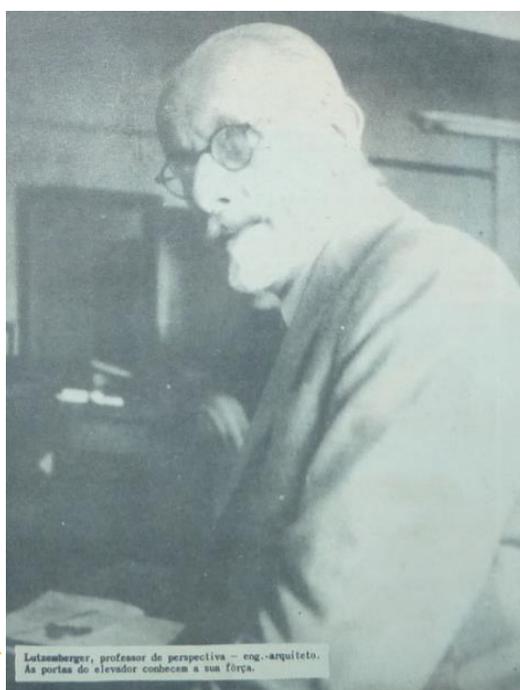
⁴⁰⁵Área da geometria que estuda e calcula os volumes dos sólidos.

⁴⁰⁶O primeiro que Lutzenberger participou do júri foi justamente no 1o. Salão de Belas Artes do RS, realizado em três de novembro de 1939 (SIMON, 2003, p. 651).

⁴⁰⁷O museu demonstrou interesse em adquirir as aquarelas, mas a família julgou irrisória a quantia oferecida e o negócio não foi adiante. Nessa negativa pesou muito a venda anterior de uma das coleções para a APLUB (Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil) com sede em Porto Alegre e que investia em obras de arte, hoje falida, impossibilitando o levantamento de informações sobre a negociação e o futuro incerto das obras. Rose comenta que o dinheiro recebido pela APLUB foi gasto e o bem mudou de mãos, causando arrependimento a época.

civil e das artes, além do convívio com parentes e os amigos da sua prole. O crescimento do IBA e a mudança de alguns professores renovaram o clima da instituição, “permitindo que surjam novos valores” (SCARINCI, 1982, p. 105). O IBA se tornou, aos poucos, uma referência na cidade, e seu prédio foi um marco dessa mudança. Sobre a atuação de Lutzenberger no IBA, ficou famosa a sua chegada ao elevador do prédio novo, concluído em 1943, com portas retráteis. Nelas, ao entrar e sair, devido à energia com que Lutzenberger fechava a porta pantográfica, todos sabiam que o arquiteto bávaro estava presente na escola, fato que entrou nos anais da instituição a ponto de ser eternizado na legenda da Figura 65, publicada na Revista Espaço, editada pelos membros do IBA.

Figura 65 - Aula de Estereometria Lutzenberger docente



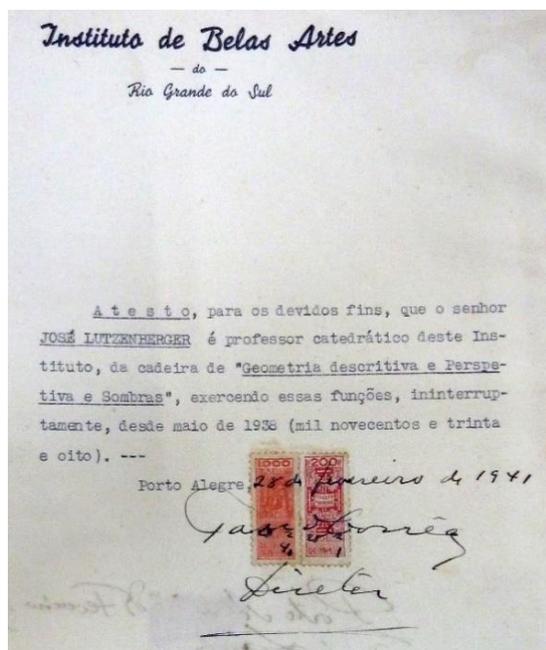
Fonte: Espaço 5 (1949, p. 24)

Tem-se acesso a um resumo da vida profissional de Lutzenberger, nas Belas Artes, pois essa documentação foi elaborada em agosto de 1950, em função do pedido de nacionalidade brasileira definitiva de Lutzenberger junto ao Governo Federal, fato que levou o arquiteto a atender as demandas legais, tendo como anexar os vários documentos comprobatórios⁴⁰⁸ de seu trabalho junto à instituição. Simon (2000, p. 650) aponta a data inicial da docência de Lutzenberger em vinte e cinco de abril de 1938, no entanto, o documento elaborado pela

⁴⁰⁸A pasta do arquivo é confusa em relação a sua numeração, pois apresenta vários números datilografados, a lápis etc. (APERS).

secretaria do IBA indica a data de 12 de maio de 1938⁴⁰⁹ e até sete de janeiro de 1939. Nesse ínterim (dez de dezembro de 1938)⁴¹⁰, Lutzenberger se inscreveu no concurso, sendo aprovado, garantindo a sua mudança no quadro funcional da Universidade Estadual de Porto Alegre. Assumiu a função de professor catedrático concursado, em vinte e três de janeiro de 1939. Após esse período não houve mais mudança na carreira, à exceção da sua nomeação definitiva que só ocorreu em 1º de janeiro de 1946 (Decreto n. 1 do governo do Estado/RS). Em 1948 pediu o adicional por decênio, ou a “gratificação de magistério”. Esperou alguns anos e a gratificação só lhe foi concedida às vésperas de sua morte, em agosto de 1951. Lutzenberger passou a receber Cr\$ 9.000,00 (cruzeiros) mensalmente a partir de maio de 1951 e o retroativo ao ano de 1948.

Figura 66 - Atestado do início da docência no IBA



Fonte: Arquivo do IBA/ UFRGS

Outro fato relacionado à sua admissão na docência é que Lutzenberger teria influenciado a carreira de suas filhas, pois ambas foram alunas do IBA, tendo Rose se tornado professora da instituição, chegando ao zênite da carreira como titular na disciplina de Arte Decorativa. Fato que só foi possível devido à morte de Lutzenberger. Seu posto de professor foi assumido pelo artista italiano Aldo Locatelli, e com a morte súbita deste, em 03/09/1962. Abriu-se a

⁴⁰⁹O contrato inicial de Lutzenberger tinha a validade até trinta e um de dezembro de 1938, ou seja, o ano escolar. Essa triste realidade de contratos temporários é ainda uma ideologia presente nos governos gaúchos que não fazem concurso público para o magistério há mais de oito anos.

⁴¹⁰O livro-ata do concurso referente ao ano de 1938 encontra-se no Arquivo do IBA/ UFRGS.

possibilidade da contratação de novo professor regente (em 1963). A relutante e tímida Rose⁴¹¹ escreveu às pressas um artigo sobre o tema: Arte Decorativa e sua aplicação, mas só aceitou participar do concurso pelo apoio de Fernando Corona, que, mais uma vez, demonstrou gratidão para com o amigo falecido José Lutzenberger.

Aqui se retoma a questão de gênero e da escolha familiar de colocar as duas filhas no IBA. Rose, de maneira direta, comenta que os pais não sabiam o que fazer com as filhas sem futuro, pois não tinham namorados ou maridos e muito menos profissão. A questão sobre o futuro delas foi resolvida em uma conversa entre o casal, quando Emma aconselhou o marido a levar as duas moças solteiras para o trabalho e matriculá-las por lá mesmo. Essa era uma opção para as mulheres: seguir carreira no magistério ou nas artes. Situação nova e mais frequente na Europa após a Grande Guerra (1914-1918), que gerou a possibilidade de as mulheres serem “admitidas nas instituições de Belas Artes” (HIGONNET, 1992, p. 403) sem maiores constrangimentos.

Lutzenberger acatou a sugestão da esposa, e as filhas foram aconselhadas a estudar artes. Esse fato propiciou um bom futuro para ambas, pois Magdalena também foi professora e seguiu a carreira, inicialmente na rede estadual, ensinando às crianças a arte tão vital para as nossas vidas. Depois, na função de redatora e de igual relevância como assistente da direção da Revista do Ensino, publicação da Secretaria de Educação e Cultura do RS. Esse veículo didático incentivava a aplicação de experiências pedagógicas, no caso de Magdalena, e o uso das bonequinhas de papel (LUTZENBERGER; FÁVERO, 1965)⁴¹². Ela também participou do salão artístico do IBA, em 1961, com duas obras intituladas: Anoitecer (181); Mariposas (182)⁴¹³.

Às vezes, na vida, é preciso amadurecer as opções e ações tomadas no dia a dia, portanto, a entrada sem grandes preocupações, como foi o caso de Lutzenberger no IBA, que já havia sido incorporada, de maneira definitiva, na Universidade Rio Grande do Sul, depois federalizada com a nomenclatura UFRGS⁴¹⁴, uma importante via para Lutzenberger que

⁴¹¹ Se reproduz a minibiografia de Rose, que com o exemplo do pai vagou em busca de aperfeiçoamento profissional.

“Rose Maria Kroeff Lutzenberger (Porto Alegre, RS, 1929). Escultora, designer e artista gráfica. Filha de José Lutzenberger. Graduiu-se em Artes Plásticas na Escola de Belas Artes da UFRGS. Em 1959 viajou aos Estados Unidos com estágio nas universidades de Yale e Harvard Sculpture Center, Nova York. Estagiou também na Folkwangschule für Gestaltung, em Essen, na Alemanha. Obteve medalha de prata no I Salão Pan-Americano de Arte, em 1958, e primeiro prêmio em escultura no II Salão de Artes Visuais da UFRGS, em 1973. Expôs individualmente na Galeria Dinasty, em Buenos Aires, 1966. Participou do 6º e 7º Panorama de Arte Atual Brasileira, no MAM, São Paulo, 1974 e 1975. A partir dos anos 50 desenvolveu também design de joias. Até a década de 1980 foi professora do Instituto de Artes da UFRGS (UFRGS, 2022).”

⁴¹²LUTZENBERGER; FÁVERO, 1965.

⁴¹³Respectivos números das obras no catálogo, que infelizmente não apresenta a reprodução. Na mesma exposição Rose tem três obras aceitas (183; 184; 185).

⁴¹⁴Mas o seu nome permanece o mesmo: UFRGS, não se pronunciando a letra “F”.

garantiu a pensão para a esposa. O que seria apenas um “bico”, tornou-se o aprofundamento do processo de assimilação na sociedade gaúcha com diversas ramificações positivas para a família como um todo, incluindo seu falecido pai que, de alguma maneira, estaria bastante contente, pois o filho cabeça-dura, finalmente havia seguido a recomendação e os benefícios de trabalhar para o governo, mesmo no Brasil.

4.3 PALÁCIO DO COMÉRCIO

Conforme foi feito em relação à Igreja São José, a edificação do Palácio do Comércio mereceu igual abordagem por ser uma obra de dimensões generosas, localizada em zona privilegiada, o que exigiu muito esforço e competência, Luz (2004) e Hädrich (2021) consideram uma obra total, tal o envolvimento criativo de Lutzenberger. Portanto, outro marco na carreira desse engenheiro arquiteto. Mas antes, cita-se a controvérsia e a trajetória desta obra.

Conforme o desejo da Junta Comercial do RS, esse prédio teria vindo a lume anos antes, tendo como projeto legal inicial a Lei 510, de vinte e três de dezembro de 1929, que foi assinada pelo governador Getúlio Vargas. Mas devido à turbulência daquela agitada década, nos loucos anos 1930 (os golpes de 1930 / 1937), o prédio sofreu longa espera para surgir devido às inúmeras interrupções de toda ordem. Passados os apuros das sedições de 1930, foi constituída uma banca para realizar a concorrência para o projeto e a construção do prédio da nova sede da Junta Comercial/RS. O local escolhido seria às margens do Guaíba, numa zona central da cidade anexa ao mercado público. No entanto, a área escolhida já tinha destino prévio para logradouro público arborizado, e “constitui-se em prejuízo à comunidade” (LUZ, 2004, p. 261). Mas os protestos por parte de grupos específicos foram ignorados, e o lugar considerado “vago” teve o edital lançado em março de 1931. Outra particularidade e um benefício raro destinado ao novo prédio seria o limite que a construção ocuparia, não respeitando a norma vigente na cidade e o recuo do prédio em relação à via pública. Ele poderia ocupar o máximo de espaço respeitando a margem mínima destinada à calçada (LUZ, 2004). O primeiro edital, mesmo com a presença de vários concorrentes, não alcançou os objetivos da comissão organizadora, que, por ter plenos poderes, organizou uma segunda concorrência (em fevereiro de 1935)⁴¹⁵. Igualmente, essa concorrência não surtiu os efeitos desejados, e embora tenha sido vencida por Fernando Corona⁴¹⁶, o projeto não foi escolhido nem ele beneficiado como vencedor.

⁴¹⁵Era um ano festivo para o RS e ter o prédio finalizado ou próximo disso seria uma realização bastante comemorada na esteira da Exposição Centenária da Revolução Farroupilha.

⁴¹⁶A esse respeito, parece que Corona não guardou mágoas pública de Lutzenberger.

Lutzenberger ficou bastante interessado pela vultosa concorrência e participou dos dois editais, no segundo com o pseudônimo de “Naja”, mas infelizmente não obteve boa colocação (HÄDRICH, 2012, p. 97). Na segunda concorrência seu projeto ficou em segundo lugar, aproximando-se dos desejos “inalcançáveis” da banca da Junta Comercial.

O desejo de muitos anos, de se construir “logo” o prédio, teve, no entanto, outras reviravoltas. Com uma aparência horrível aos olhos dos profissionais interessados, e não entendendo a procrastinação da banca, levantaram-se suspeitas sobre a lisura do processo como um todo. Tudo se arrastava de maneira incômoda para a Junta Comercial e os seus mandatários, e era imperativo não haver mais atrasos, e “resolveu-se, então, em 1936, nomear uma comissão especial, assistida por um engenheiro arquiteto”, e o texto do jornal enfatizava a capacitação dupla para, em conjunto, realizar “o projeto que atendesse a todas as conveniências materiais da Associação Comercial” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Edição 244, 18/11/1940, p. 16). A nota do jornal informa que José Lutzenberger seria o “proyecto” assistente técnico, e que o projeto fora definitivamente aceito. O jornal também informa que, a partir do projeto finalizado e elaborado por Lutzenberger⁴¹⁷, se fez a concorrência pública para escolha da empresa que realizaria a construção, vencida pela Azevedo Moura & Gertum, com assinatura do contrato em junho de 1937. Sobre o Palácio do Comércio, seu amigo Corona (1957, p. 242) o descreve com a aparência e a influência de seu criador: “caracteriza bem a personalidade do artista que o concebeu, e tanto a fachada como os salões, expressam o espírito decorativo de toda a sua obra”.

Lutzenberger foi o arquiteto engenheiro escolhido, e foi diferente do ocorrido anos antes na seleção do Orfanato Pão dos Pobres, quando ainda era um profissional novato na cidade, sem vínculos com pessoas importantes. Para a seleção do Palácio do Comércio, ele gozava de prestígio e tinha um forte aliado, o cunhado Gaston Englert, que, segundo Luz (2004), era uma aliança que impulsionaria Lutzenberger. Weimer (2004, p. 109)⁴¹⁸ reforça esse ponto de vista, pois: “[...] o cunhado de Lutzenberger foi eleito para uma das diretorias da Associação e tratou logo de anular o concurso realizado para encarregar Lutzenberger de apresentar novo projeto, que foi levado a canteiro”. Weimer (2004) que certamente influenciou a opinião de Luz (2004), supervalorizam as possibilidades atribuídas a Gaston Englert no período que compreende ambos os concursos, pois Gaston era uma figura política de relativa importância, mesmo que em ascensão pois seria nomeado futuramente para cargos estatais de maior importância como

⁴¹⁷A primeira reunião como responsável pelo projeto ocorreu em dezoito de agosto de 1936. Os valores acertados em vinte e dois de maio do mesmo ano, e os honorários de Lutzenberger seriam de 9:600\$000 (Nove contos e seiscentos mil réis) (LUZ, 2004, p. 261-2).

⁴¹⁸Empregado da firma Bier e Ullmann (GERTZ, 2005, p. 66), para quem Lutzenberger construiria, em 1937, a casa do senhor Ullmann, na rua Marques do Pombal.

diretor do Banco do Estado do Rio Grande do Sul – BANRISUL (GERTZ, 2005, p. 66) e para ser membro do seletto grupo da DASP⁴¹⁹ gaúcha em 1939. Contudo Gaston, ainda focava a sua atividade política no período, na associação rural, viajando pelo interior em prol dos produtores rurais. Logo, parece ser uma explicação, não invalidada, mas pouco efetiva para justificar o direcionamento da maioria da instituição e da totalidade dos membros do colegiado da Junta Comercial em favor de Lutzenberger. Era preciso contar com o consentimento de outros membros, algo que falta aos pesquisadores evidenciarem. Outra questão que surge em relação ao apoio incondicional de Englert a Lutzenberger é quando o cunhado político faz pouco caso do problema que Lutzenberger iria enfrentar, em 1942⁴²⁰. Portanto, julgar que só Englert poderia remover as travas diante de Lutzenberger faz pouco sentido. Teria “imposto” aos demais membros da comissão esse nepotismo desenfreado? Sem sombra de dúvida, Lutzenberger foi favorecido, pois foi escolhido, mesmo sendo o segundo colocado na última concorrência pública. Mesmo que a comissão estivesse dentro de suas prerrogativas legais, de ignorar o resultado, não parece correto justo escolher o projetista fora da concorrência pública.

Nesse contexto, arrolam-se outras questões: a aceitação pacífica de Corona por não ser o escolhido; a pressa que a instituição tinha em resolver o problema; e a própria competência de Lutzenberger, que não seria motivo suficiente para a escolha unilateral: “também é necessário salientar a maturidade e o reconhecimento profissional que, então, já gozava Lutzenberger” (LUZ, 2004, p. 256). Mesmo ciente dos crescentes atropelos cometidos com o golpe de 1930, o fato era que pouco se comentava, nos espaços públicos, questões como a escolha de um arquiteto fora das regras previamente estabelecidas. O que se reforçava, a partir de 1937, quando o autoritarismo, ou as escolhas ao arrepio da ordem eram normas recorrentes, era prudente manter silêncio sobre as “coisas erradas” na administração estadual. A opção da comissão por Lutzenberger, cheia de idas e vindas, proporcionou um real ganho para o arquiteto que teve bastante trabalho, e, presume-se, retorno financeiro, por ser difícil quantificar ou precificar o esforço de alguém.

Na questão monetária, após a considerável recompensa garantida a Lutzenberger pelo Palácio do Comércio, tem-se uma ideia da vida do arquiteto a partir da entrevista com a filha caçula, Rose. Ela, via “informação verbal” se refere à condição econômica do pai não mais do

⁴¹⁹DASP: Departamento de Administração do Setor Público. Na ausência de eleições e para manter a burocracia, o Estado Novo criou esse departamento que era responsável pelo poder executivo e legislativo, assessorando a presidências da República e, tomando as devidas ações para manter o governo ativo. (Decreto-lei nº 579, de 30 de julho de 1938).

⁴²⁰Do abuso legal com o arresto dos bens de Lutzenberger, cobrado pelo governo brasileiro, dos cidadãos alemães residentes em solo nacional.

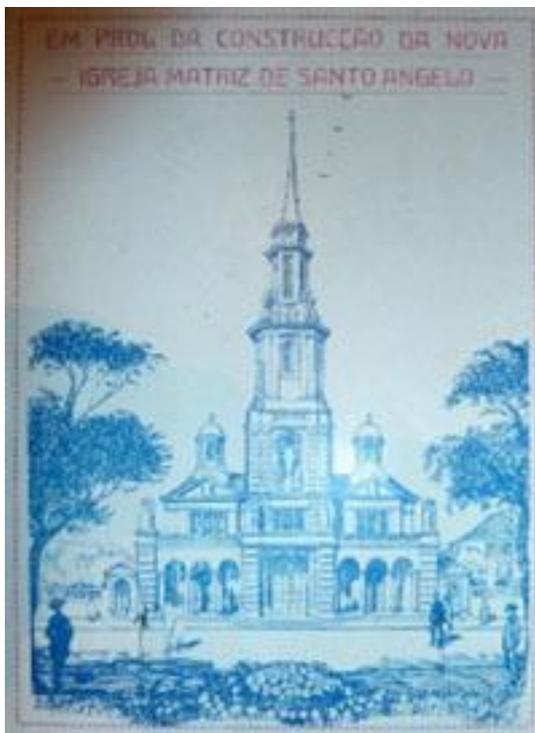
que razoável (LUTZENBERGER, 2019). Mesmo parecendo um exagero da parte dela, pois se vive em um país em que há a presença de miseráveis, Rose destaca que projetos iniciados, em considerável medida não eram concluídos. Clientes desonestos não pagavam ou executavam a obra com outro arquiteto ou empreiteiro, fato que muito reduzia a receita previamente acordada e esperada por Lutzenberger. Mesmo não desabonando as ponderações de Rose, é muito difícil atestar tais fatos profissionais, pois os acordos de boca se perdem com o passar dos anos sem deixar registro, ficando apenas a amargura de Lutzenberger e sua incidência no orçamento familiar. É difícil apontar com que frequência Lutzenberger “caía” de cabeça num projeto que poderia render uma receita considerável para ser tudo esquecido ou abortado num segundo momento. Ao que parece, dinheiro não faltava para a família Lutzenberger, mas Rose prefere destacar as dificuldades profissionais vividas por seu pai. Em sua autobiografia, há algumas passagens em que Lutzenberger se “pune” por ter escolhido o caminho menos rentável, como não ter assumido o negócio da tia Rosel ou outras escolhas econômicas. Transmite a sensação de que poderia ter alcançado um patamar socioeconômico mais elevado do que possuía. O quanto isso é percebido e incorporado por Rose é um mistério. A Figura 67 da igreja matriz de Santo Ângelo é um exemplo que pode confirmar a “perda” de tempo⁴²¹ e recursos por parte do arquiteto Lutzenberger. Esse projeto não saiu do papel, mas Lutzenberger despendeu tempo para os contatos e acordos, para a proposta básica e os refinamentos para a obra final, incluindo a visita ao local e a imensa frustração de um projeto que só consumiu, sem dar-lhe retorno algum. O quanto isso foi recorrente em sua vida profissional é difícil atestar, mesmo porque há dois exemplos de concorrência pública⁴²², em que ele não foi escolhido, mas optaram por contratá-lo. Se Lutzenberger cobrava a médio do mercado, um valor aproximado de seus colegas ou se pedia demais, supervalorizando a sua hora de trabalho, são questões que dificilmente se pode conferir. Além disso, em outras ocasiões profissionais, se oferece para trabalhar de graça, por exemplo, no Sanatório Belém ou quando contratado no magistério do IBA e assumiu trabalhar dobrado, estreitando os laços com a direção que o procurou, beneficiando toda a sua família.

Ao que parece, a vida era boa o bastante para a família Lutzenberger viver sem excessos ou carências de ordem financeira.

⁴²¹LUZ (2004, p. 167) informa que Lutzenberger ficou em segundo lugar em uma concorrência em Santa Cruz do Sul (RS) em 1926.

⁴²²Orfanato Pão dos Pobres e Palácio do Comércio.

Figura 67 - Cartão postal da igreja de Santo Ângelo (RS)



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Outro projeto que não “decolou” foi o realizado para o Leprosário Rio-Grandense (CENTENÁRIO, 1935, p. 44), conforme o catálogo da Exposição Farroupilha de 1935⁴²³. Mesmo assim, deve ter sido frustrante para um profissional gabaritado se empenhar em um beco sem saída. Lutzenberger teve, como qualquer profissional, seus reveses, gastou e investiu em propaganda, como na publicação: Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, a começar em 1930, repetindo nas edições anuais de: 1935, 1937 e 1940.

Figura 68 - Anúncio do escritório de Lutzenberger

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL — CAPITAL		VOL. IV
748		
H. Gertun & Cia., pr. 15 de Novembro, 52, § 4737. ✚ Huger.	João Baade, r. S. Antonio, 369.	FAZENDAS POR ATACADO E FABRICAS
Haupt & Cia., r. 15 de Novembro, 48, § 4199. ✚ Hapeteco.	José Hraby, res.: r. Fernando Gomes. -16.	
Luchinger & Cia., r. das Flores,	José Lutzenberger, r. Felipe Camarão, 586, § 5890.	
	Pablo O. Baehr, pr. Senador Flo-	
		Adolfo Schilling, r. Voluntarios da Patria, 219, § 2354.

Fonte: Almanak Laemmert (1931, p. 748).

⁴²³ Exposição no Centenário Farroupilha, 1935.

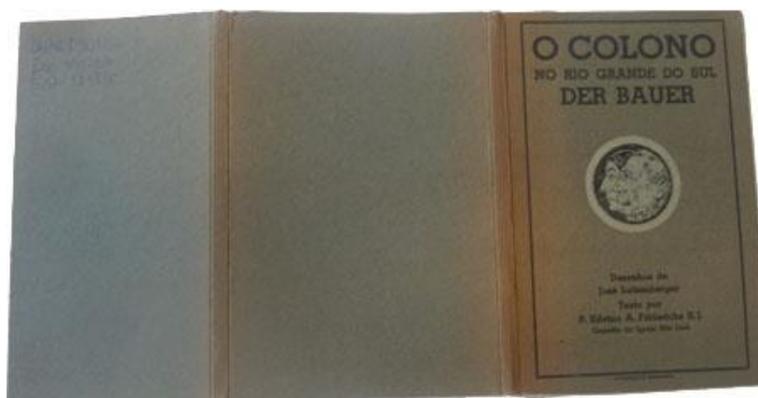
Mas se esses anúncios deram retorno é uma questão em aberto. Outra possibilidade aventada e utilizada por Lutzenberger, mesmo sendo uma aventura de menor força econômica se comparada ao prestígio e ao valor de um imóvel, foi a venda de suas coleções de cartões postais, ideia que levou a cabo já nos finais da sua vida. Ao todo foram cinco séries intituladas: Lendas Brasileiras, Porto Alegre de ontem, O Colono, O Gaúcho, O Caixeiro Viajante em que retratou cenas cotidianas no Rio Grande do Sul. Ele tinha apreço a essa mídia, sendo tática recorrente criar cartões postais que retratavam seus projetos finalizados, imagina-se que os oferecesse como brindes, sem gerar recursos financeiros extras.

Figura 69 - Referência de estojo - série cartões postais



Fonte: Arquivo Lutzenberger

Figura 70 - Estojo – séries dos cartões postais



Fonte: Lutzenberger (1951)

Para retratar a nova realidade: nos pampas, os gaúchos, os imigrantes e os contos fantásticos das lendas brasileiras era preciso conhecer em detalhes o que Lutzenberger iria desenhar. Assim, buscou entendimento nas publicações que abordavam essas temáticas, andou a cavalo nas fazendas do seu falecido sogro e conhecidos. Mas, principalmente, se cercou de gente que poderia auxiliá-lo a aprimorar a verossimilhança de suas obras, com os eventos narrados visualmente, na tarefa de descrever com acuidade, o que lhe era raro e desconhecido, mas não menos interessante.

Em determinada ocasião sentou-se na praça da matriz em Porto Alegre para estudar a figura do gaúcho posicionada na parte de trás do monumento que homenageia a figura do patriarca Julio de Castilhos. Em outras oportunidades, na busca por um repertório maior e conhecer em detalhe as roupas típicas (pilchas) dos gaúchos entrou em contato com o aluno e veterano de seu filho na Faculdade de Agronomia, João Carlos “Paixão Cortes”, que ainda estudante, iniciara a luta pela preservação da cultura do interior⁴²⁵, movida a cavalo e pela tradição atávica dos costumes e das lidas campeiras. O uso de imagens, figuras que ilustram essa tese buscam igualmente demonstrar a noção que Lutzenberger em suas andanças se contamina e retratava, ficando mais gaúcho em seu exercício artístico, ou avançando na sua assimilação cultural.

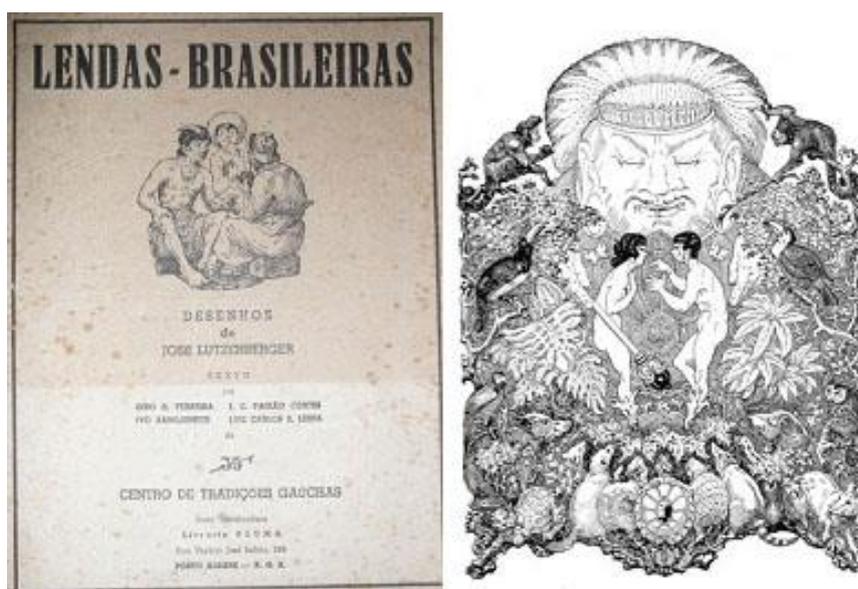
Lutzenberger teria comentado em família, e a filha Rose via “informação verbal” relatou, que se fosse possível ele iria a todos os lugares a cavalo (LUTZENBERGER, 2019). Nada mais típico para um gaúcho do campo. Não só adorava esses animais abundantes por aqui, mas se encantava com a paisagem gaúcha que conheceu nas idas ao interior do estado. Exercitava a sua verve de retratista, como o fazia em cada novo local de trabalho no Velho Mundo. Repetia o hábito por aqui, mas em outra paisagem e cultura. Gostava do que via e se inteirava das novas realidades agrárias. Quando viajava para o interior prezava cavalgadas e caminhadas, sentia o cheiro do campo, alimentava-se com a comida local, abundante no preparo de carne assada, a preferência dos gaúchos. Emma cozinhava cotidianamente em casa mais acostumada à culinária gaúcha, pois o imigrante fazia o ajustamento gastronômico que incluía “churrasco para os dias festivos” (RIBEIRO; POZENATO, 2002, p. 92). Além do hábito da carne de rês, semelhante ao gosto do gaúcho fronteiriço, Lutzenberger vivia em cima do “pingo” quando possível nas suas viagens interioranas.

Aos poucos, ouvia histórias e se interessava pelas lendas, “estórias” e folclore do RS. Tudo o que lhe concernia era motivo para aprofundar seu conhecimento tanto em publicações quanto diretamente na fonte, contando com a ajuda de pessoas proeminentes na sua obra sobre as “Lendas Brasileiras” (LUTZENBERGER, 1950), dentre outros de Paixão Cortes e Barbosa Lessa, ícones do folclore gaúcho.

⁴²⁵Criado em Porto Alegre em 1938 o “35 CTG, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, cujo nome evoca a Revolução Farroupilha de 1835” (OLIVEIRA, 2006, p. 95), dentre os oito fundadores quatro contribuíram com textos das Lendas Brasileiras (LUTZENBERGER, 1950).

A autobiografia Lutzenberger demonstra a capacidade e a vontade de ir ao encontro de fatos que lhe eram caros, por exemplo, pesquisou na biblioteca de Munique e não descansou até encontrar registros do seu ascendente nobre.

Figura 71 - Lendas brasileiras (capa e ilustração)



Fonte: LUTZENBERGER (1950)

Em terras gaúchas fez isso em relação aos Kroeff, família de sua esposa, procurando parentes, entrevistando-os e lendo artigos sobre suas origens. Imagina-se que teve o mesmo cuidado, nas obras visuais, pois Lutzenberger não apenas reproduzia o que via mas “produziu desenhos em aquarela e bico de pena com grande apuro técnico e afinada sensibilidade” (HÄDRICH, 2021, p.13). Para isso foi preciso contaminar-se com fatos e personagens do imaginário que permeavam o entorno sulista. Sua técnica voltou-se a serviço das novas paisagens, dos tipos “raros” que muito se diferenciavam dos bávaros, dos berlinenses e dos tchecos do seu passado no velho mundo.

Essa outra etapa do processo de assimilação é reconhecida pela fidelidade em que copia a sua nova redondeza. A cada dia avançava em sua assimilação, era mais um cidadão local e se transformava em artista local. Tinha a preocupação de captar os aspectos da vida social de seus novos conterrâneos. Lutzenberger progredia, conhecia tanto a cultura riograndense e fazia dela seu repertório, quanto treinava, aguçava seu olhar e o traço, obstinado em seu exercício artístico. As imagens reproduzidas na presente tese dão conta de sua percepção e adoção parcial dos valores locais. Segundo o filho José Antônio: “a arte lhe era uma atividade quase religiosa. [...]

Todos os dias dedicava algumas horas à pintura. Pintava pelo simples prazer de pintar” (LUTZENBERGER, 1978, p. 205). Para ele era um passatempo, uma diversão que exercitava a mente, o olhar e as mãos, pois a “tela [é] como uma cortina ente nós e o olhar invejoso do “tempo” e o avanço rabugento da “decrepitude”. Felizes são os pintores, pois não estarão sozinhos” (CHURCHILL, 2012, p. 15). Nas telas retratava o que via no RS de seu tempo ou o que sentia do RS mitológico.

O principal era realizá-las, sem preocupação ou catalogar com datas, títulos ou até algum resumo sobre elas. Talvez, tem-se, aí, outra razão que reforça a sua aversão às exposições. Em uma oportunidade, ainda criança, sua filha Rose resolveu dar “pitaco” em uma dessas obras e foi duramente recriminada, pois o pai não gostou da crítica da jovem, segundo ela em relato risonho. Sobre sua baixa tolerância à crítica Krebs (1953, p. 9) relata uma discussão, na secretaria do IBA, sobre a acuidade da ilustração “Kerb” do álbum: O Colono, que seria muito rural. “[...] Lutzenberger arregalou os olhos, cresceu para nós e falou enérgico, naquele sotaque que nunca perdeu: - Não senhor! É absolutamente certo!” A Discussão se prolongou, “[...], mas Lutzenberger não cedeu”.

Figura 72 - Cavaleiro europeu / Figura 73 - Cavaleiro gaúcho



Fonte: Arquivo Lutzenberger (caderno de esboços)

Sua técnica estava também a serviço de sua assimilação. O artista recebia grandes doses de influência e mesmo sendo um quase nobre europeu, se inteirava da cultura popular dos pampas com interesse. Constata-se, nas figuras a seguir, os dois tipos de cavaleiros, que denunciam o seu processo de assimilação. O primeiro, notadamente europeu e medieval, o segundo em construção, o gaúcho apeado em tempo presente.

Lutzenberger ambicionava aprimorar a sua técnica e a capacidade de contar visualmente histórias gauchescas. Em contraste ao período vivido na Europa, no RS se dedicava, a reproduzir cenas cotidianas, privilegiava mais os tipos humanos do que as grandes obras de arquitetura, temática recorrente em suas aquarelas das principais cidades alemãs onde residiu.

Transforma-se em intérprete, queria o detalhe, a minúcia das expressões, as faces das pessoas comuns que via em Porto Alegre. Sem saber tornou-se um hábil cronista, menos estrangeiro da realidade que não existe mais, das décadas de 1920-1950. A produção artística novamente indicava o seu processo assimilatório quando retratava o gaúcho na campanha e sua preocupação em reproduzir com fidelidade a vegetação nativa.

Figura 74 – Gaúcho tocando o gado



Fonte: MARGS, 2021.

Figura 75 - Gaúcho de carroça



Fonte: MARGS, 2021.

Neste sentido, produziu séries maiores de aquarelas com a intenção comercial, pensadas como pecúlio ou espólio para a esposa e a família. Não era a sua intenção vendê-las imediatamente, mas assegurar uma reserva financeira aos seus herdeiros. Uma dessas séries

destaca-se no interesse de ser assimilado culturalmente e produzir arte condizente com os valores locais: o “conjunto de obras que se tornará, a partir de então o arquétipo visual da Revolução Farroupilha” (GOMES, 2001, p. 25), com papel pedagógico assegurado para as outras gerações e isso não deve ser menosprezado, pois “somos também educados por imagens” (COSTA, 2011, p. 116).

Figura 76 – Soldado farroupilha mira



Fonte: Salister, 2020.

Nessa série Lutzenberger investigou os detalhes para desenhar os cavalos e os “soldados” com maior precisão histórica, em posição de ação, irrequietos, demonstrando outra faceta de Lutzenberger no processo assimilatório. Em uma primeira etapa mental se ambientava com tais características para produzi-las. Sua competência não se limitava à técnica, mas ao empenho com a preocupação histórica da Revolução Farroupilha, demonstrando conhecimento dos armamentos, das situações, dos ataques e dos avanços nas batalhas. Tudo isso sem perder a veia irônica e satírica - a sua personalidade permeando o seu traço. Como exemplo constata-se na figura 76 o soldado farroupilha concentrado no intento de não errar o alvo, que se confunde com (você) o observador.

Aos poucos, Lutzenberger mescla-se e enriquece sua arte, aprimora a versatilidade dos cavalos que tendem a ficar agressivos igualmente como seus ginetes. Nas aquarelas, como na fotografia, há “sugestões de significados invisíveis que ultrapassam o enquadramento das duas dimensões” (LEITE, 1998, p. 43). Reproduzia essa energia cinética das movimentações e incorporava a imagem do boi, como na Figura 77 - Estouro da boiada, dentre tantos outros, exemplifica a característica marcante de suas obras sem precedentes em sua arte europeia que privilegiava a arquitetura.

Figura 77 - Estouro da boiada



Fonte: O Gaúcho (LUTZENBERGER, 1950).

Passou a desenhar cenas mais bucólicas e com gente, como artista captou o RS do campo e da cidade. Ainda sobre sua arte: “Lutzenberger brinca com os limites das molduras ou margens, geralmente definidas por ele mesmo” (HÄDRICH, 2021, p.18).

Figura 78 - Carnaval de rua de Porto Alegre



Fonte: MARGS, 2021.

Lutzenberger avançou na temática urbana, ao retratar cenas do carnaval popular em Porto Alegre, que em 1941, sob a tutela do Estado Novo e, por decisão do interventor municipal proibiu a venda de certas bebidas alcoólicas. O Decreto de então relacionava as bebidas que podiam ser vendidas: vinho, chopp, cerveja, whisky e champagne. O que, “em termos concretos, essa resolução dizia que estava proibida a venda de cachaça” (GERTZ, 2005, p. 143).

Lutzenberger relata, em parte, na sua assimilação cultural, pois mesmo que não quisesse ser assimilado, sua arte vai se impregnando de valores e aspectos locais, não perde, contudo, a técnica aprendida na Europa, mas incorpora nos seus trabalhos a vivacidade, os tipos e a energia gaúcha. Com o passar dos anos e a convivência com os gaúchos e suas festas características, Lutzenberger sofre a influência destes eventos o que fica visível em seus trabalhos artísticos mais pessoais. Espera-se que o leitor consiga essa captar realidade. Razão de se apresentar a ilustração que traduz a efervescência praticada nas ruas da capital em momento festivo.

Em relação à adaptação profissional, a assimilação teve início já nos primórdios de sua chegada. Luz (2004, p. 251) faz referência ao projeto da sua casa (1931): “Lutzenberger resolvia as plantas residenciais conforme a tradição local, oriunda do período colonial brasileiro”. Era preciso respeitar o clima e as características regionais. E com o passar do tempo, sua atuação na construção civil também sofreu a influência da cultura local, seus projetos incorporaram aspectos característicos da construção realizada em Porto Alegre.

4.4 O ESTADO NOVO E O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

“[...] o povo consente porque é persuadido da necessidade da autoridade; inculcam nele a ideia de que um homem é mau, virulento e demasiadamente incompetente para saber o que é bom para ele. É a ideia fundamental de todo governo e de toda opressão” (GOLDMAN, 2007, p.33).

Nos anos finais de Lutzenberger é imperativo apontar as questões políticas que repercutiram na vida dos teutos imigrantes: o surgimento do Estado Novo e a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como inimigo declarado da Alemanha, Itália e Japão. O Estado Novo⁴²⁶ se caracterizava como um estado de exceção, coercitivo (FIGUEREDO, 1983), na ausência de eleições e escolha dos representantes políticos pela sociedade brasileira. Ao assumir o poder via ato violento, o novo regime fechou o poder legislativo em todas as esferas e passou a escolher os chefes do executivo estaduais e municipais, denominados interventores. Essa anomalia, com o fim dos pleitos e da participação popular, era para ter uma ação “temporária” para reorganizar o país, mas perdurou por anos, nos quais o governo federal teve a frente, o ditador gaúcho Getúlio Vargas. A ilustração de Lutzenberger (Figura 79) destaca a relevância dos votos nas eleições e a participação popular, pois num regime democrático representativo, talvez seja esse o sustentáculo principal, as eleições periódicas, fator preponderante que mantenha o regime democrático em funcionamento.

⁴²⁶De 10 de novembro de 1937 a 29 de outubro de 1945.

Figura 79 - Eleição



Fonte: MARGS (2001, p. 41).

Outra questão sensível ao estado gaúcho, segundo Colussi (1996, p. 66), foi a chegada do novo regime levemente antecipada, começando em “19 de outubro de 1937” com a retomada da intervenção federal no Rio Grande do Sul. Como adendo, os governos, em grande medida, são uma interferência e até uma intromissão na vida das pessoas comuns, julgadas pelos seus mandatários, como indivíduos incapazes de se autogovernarem, razão pela qual se cria uma burocracia, em especial a máquina coercitiva, para tomar “conta” da população. O Estado Novo foi um exemplo de que a incapacidade do povo ocorre em níveis extremamente elevados, a ponto de o Estado determinar como o cidadão deveria levar a sua vida. Esse regime novo se tornou o responsável pelo uso excessivo da “arbitragem política e regulatória”, em doses nímias e quebra o padrão que intercala em valores aproximados a dominação “consensual e coercitiva” (TAVARES, 1982, p. 15). Mesmo ciente de que “toda relação de poder implica a submissão de alguém ao comando de outrem. O núcleo semântico do poder é, portanto, a capacidade de imposição de uma vontade sobre a outra” (COMPARATO, 2017, p. 12).

Um dos principais aspectos do Estado Novo foi a relevante discrepância entre a ação política “consensual e coercitiva” em relação aos habitantes do Brasil, pois, “os regimes nacionalistas, de modo geral privilegiam a autoridade em detrimento do consenso” (PEDROSO, 2005, p. 47). Assim, todos deviam submissão a um único sistema, personificado na figura central de Getúlio Vargas que possuía, abaixo de si, uma intrincada rede de bajuladores e

apoiadores. Esse recorte político e histórico, antes do desenvolvimento desta tese, seria hipótese de estudo, de que o Estado Novo seria problema suficiente para as relações sociais, em especial, o violento processo de “nacionalização” imposto às comunidades de imigrantes ou aos seus descendentes, com fortes traços residuais da cultura europeia ancestral. Lutzenberger não fugiria dessa sina e a esse tratamento forçado de assimilação de cima para baixo.

A noção histórica da nacionalização forçada, marcante na cultura gaúcha, aponta inúmeras publicações sobre o tema. Seus quistos étnicos localizavam-se, predominantemente, no interior, e, em certa medida, apresentavam grandes focos habitacionais com o elemento “estrangeiro” senão na maioria, mas de uma proporcionalidade populacional grande, possibilitando a permanência da língua e dos costumes alheios aos brasileiros, como se houvesse uma mini pátria dentro da nação brasileira. A esse respeito faz parte do folclore o exagero atribuído aos teuto-descendentes em favor da causa e adoração ao nazismo. Parte dessa cultura é encontrada no mapa “elaborado”, mais um retrato do desejo do Instituto Geográfico de Leipzig⁴²⁷ do que a realidade mental dos imigrantes: “por ele se podia verificar o número de cidades gaúchas com maioria alemã” (SILVA, 1998, p. 38), que servia de base ou dava mostras precisas dos supostos apoiadores do regime totalitarista germânico.

Mesmo para o cidadão Lutzenberger, o “problema” da mini pátria não fugia das áreas urbanas do Estado, de Porto Alegre e das demais cidades gaúchas, núcleos originais da colonização tanto italiana quanto alemã, que mantinham uma cultura “em paralelo”, tolerada por um bom tempo, mas que devia ser eliminada e pertencer ao passado. A autoridade do Estado Novo queria alquebrar esses imigrantes que faziam uso de língua estrangeira com hábitos alheios aos “nossos” brasileiros. Riqueza cultural essa a ser eliminada e enquadrada na nova moldura nacional, do padrão sociopolítico exigido pelo regime varguista. A esse respeito é preciso redobrar a atenção aos relatos preservados no livro: “nós, os teutos-gaúchos” (FISCHER, 1996) que não deixa dúvida do quanto esse governo autoritário (Estado Novo) perseguiu e deixou marcas no seio da comunidade teuta no Rio Grande do Sul. O livro corrobora o consenso entre os historiadores sobre as perseguições. Contudo, o que está em aberto é a questão do quanto Lutzenberger e demais membros desse grupo seriam, de fato, perseguidos como o ânimo que se presenciou durante o Estado Novo, regime a frente da nação brasileira durante o período de guerra. As perseguições seriam igualmente violentas e rotundas? Para a presente tese a questão fica em aberto, mas destaca-se a angústia que se percebe na leitura do livro ao relatar os humores de uma época que muitos não querem lembrar, testemunhos esses

⁴²⁷*Institut für Auslandskunde, Grenz und Auslanddeutch* - Instituto de estudos estrangeiros, fronteira e alemão no estrangeiro.

que possuem afinidade com o proferido em entrevista por Rose Lutzenberger que sentiu na pele o que é ser perseguida por possuir uma cultura considerada inaceitável (LUTZENBERGER, 2019).

O governo autoritário, nada consensual e muito coercitivo, tomava para si as determinações e decisões que iam contra o âmago do indivíduo e das sociedades, “viveiros” da cultura ancestral. O Governo Federal decidiria o quanto nacional esses núcleos coloniais, as sociedades e seus habitantes poderiam manter de sua cultura e existência ancestral.

Esse era o pensamento identitário nacional, uma declarada ambição e prioridade para o Estado Novo que, aliado ao nacionalismo exacerbado, “tende a levar à intolerância com o diferente, pois esse aparece como uma ameaça de destruição da própria identidade, que precisa produzir, reproduzir sempre o semelhante” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016 p. 83)⁴²⁸. A identidade nacional, com a implementação do Estado Novo, se tornou unificada e uma das pedras de toque do governo que rasgara a Constituição, fechara os partidos etc. O país e seus habitantes deveriam ter a mesma cultura, hábitos e, se possível, a identidade padrão de Norte a Sul.

Portanto, se faz necessário focar, aqui, no Estado Novo e sua ideologia homogeneizadora, pois, os teutos entraram nesse rol que transformava os diferentes em iguais, seja por boa vontade, por violência implícita ou explícita. Ao longo deste estudo percebe-se que o ato de implementar o modelo de padronização dos habitantes era mais um aspecto do pano de fundo para as transformações impostas ao objeto de estudo: Lutzenberger. As arbitrariedades do Estado Novo contra o “imigrante” e seus descendentes, seriam motivos suficientes para se entender as perseguições contra a cultura alemã no estado gaúcho. Contudo, esse panorama autoritário e coercitivo se agravou exponencialmente e tomou outra dimensão com a entrada do Brasil no conflito mundial. Desta ação bélica decorreram as consequências mais agudas e graves que foram sentidas por Lutzenberger e os demais teutos. Neste sentido, foi necessária uma ampla leitura do que fora o Estado Novo, centrado na prática cotidiana e abusiva do Estado e nos seus reflexos para a população gaúcha.

Nesta tese, a preocupação recai sobre os habitantes hifenizados, como Lutzenberger e tantos outros com uma cultura ativa e presente de seu passado europeu⁴²⁹. A expressão – “hifenizado” - dá conta das particularidades do Rio Grande do Sul: “estado povoado por múltiplas etnias (luso-brasileira, teuto-brasileira, ítalo-brasileira, entre outras), o fenômeno é

⁴²⁸Há outros aspectos a se arrolar, mas parte desta mentalidade estreita é a razão do surgimento do perigo Alemão.

⁴²⁹ E asiático em relação aos japoneses em São Paulo.

amplamente conhecido. Comportam uma identidade hifenizada” (GUTREIND, 2010, p.85), ou seja, caberia ao Estado Novo “acabar” com os habitantes hifenizados.

Assim, constata-se um incremento rotundo no controle social por parte do Estado, em relação ao cidadão comum, durante o Estado Novo. “A expressão controle social tem sido utilizada como sinônimo de controle da sociedade civil sobre as ações do estado”, mas a nova conotação surge a partir do “[...] período da redemocratização dos anos de 1980” (BRAVO; CORREIA, 2012, p. 127). Logo, quando se utiliza a expressão controle social essa está relacionada à inversão do que se está acostumado a ouvir e praticar desde 1980, quando a função da sociedade é tolher as disfunções e abusos do Estado e seus servidores e não o contrário como ocorreu no Estado Novo.

Em suma, ao falar em controle social se está com a declarada intenção de denunciar a postura coercitiva do regime varguista que decidiu e impôs o modo cotidiano de como a vida deveria ser levada. Relacionado com o surgimento do DEOPS (Delegacia Especial de Ordem Política e Social), em 1933, portanto, anterior ao Estado Novo, o apoio popular seria fundamental. “A convivência da população, partícipe e colaboracionista, envolvida pelo discurso oficial, foi fundamental para o efetivo trabalho da polícia política” (PEDROSO, 2005, p. 138) e abriu espaço para um regime mais coercitivo e, em alguns aspectos, mais popular.

O Estado Novo era visto de maneira breve nas suas ações deletérias, escalonadas até 1942, ocasião em que o Brasil decidiu declarar guerra contra os países do eixo, com consequências mais graves para Lutzenberger e sua família, afetando o seu modo particular de vida, aumentando o controle social sobre eles. Mas o período prévio à questão bélica no país não foi nada brando e ocasionou, entre outras questões, o encerramento das casas legislativas, com a criação de tribunais de exceção (CAMPOS, 1982), o fechamento das agremiações políticas, pois “os partidos haviam perdido sua razão de ser. [...] porque os seus programas não correspondiam às realidades palpitantes da vida nacional” (VARGAS, 1939, p. 134). Além disso, houve o recrudescimento das relações sociais, com atos expiatórios, o acúmulo da violência implícita e explícita para moldar seus cidadãos e inclusive sua conduta social e privada. A “violência” foi um termo de infinitos desdobramentos. Além da violência física, falava-se de “violência simbólica, de violência psicológica, de violência econômica e de violência institucional” (FONSECA, 2000, p. 167). Sem dúvida, algumas dessas violências foram marcas e tendências mais agudas no Estado Novo, e a política de Estado era combater com grande voracidade essa sociedade mais aberta e tolerante e seus cidadãos hifenizados (GUTREIND, 2010).

A violência institucional parte do governo, com o enorme desejo de tudo controlar e nacionalizar. A doutrinação e a dominação incluíam o uso dos símbolos pátrios, que ganhavam evidência, e seu uso e repetição eram a norma vigente, pois, uma mentira dita muitas vezes acaba por se tornar uma verdade “mágica”, essa que ocorre “através do uso da imprensa e da adoção de símbolos e datas nacionais” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 54), as principais referências sociais para a população que deve abdicar de seus antigos hábitos e valores. Assim, tudo que não se enquadra numa expectativa pouco tolerante e inclusiva precisa ser alterado pela mão do Estado Novo, cada dia mais onipresente na sociedade e nos lares brasileiros. Para Lutzenberger, os reflexos são imediatos, e, a partir de 11 de novembro de 1937, “o problema da assimilação do elemento estrangeiro as células vivas da Nação mereceu do Estado Novo cuidados e atenções só dispensados as causas de interesse verdadeiramente nacional” (OLIVEIRA, 1938, p. 14).

Oliveira (1938) analisa o conjunto de leis que emergiram para constranger e modificar a postura do cidadão nativo e do elemento estrangeiro, mesmo que nacionalizado e residente permanente, como no caso de Lutzenberger. Em consequência, exigia-se que a cada ano Lutzenberger voltasse à “delegacia” para carimbar sua carteira de identidade de estrangeiro⁴³⁰. Mesmo formalmente nacionalizado, para o Estado Novo havia a radicalização da exigência em relação aos seus cidadãos ao implementar leis mais abusivas e invasivas. Nesse documento era necessário que Lutzenberger assinasse “Joseph” e não o habitual “José” em uso corrente desde a sua chegada em 1920⁴³¹.

⁴³⁰Cidadão nacionalizado, inclusive com direito a voto. O comprovante mais antigo encontrado é uma referência à eleição constitucional de 1933, quando foram escolhidos os representantes dos estados. O Estado Novo era frontalmente contrário aos pleitos.

⁴³¹Conforme o contrato que ele assina com a firma Weise Mennig & Cia.

Figura 80 - Identidade de estrangeiro / Figura 81 - Validação anual da identidade



Fonte: Arquivo Público do Rio Grande do Sul - APERS

O Estado Novo tende ao totalitarismo e a dominação não é apenas legal, mas abarca o aspecto cultural. O próprio mandatário da nação, via discursos, aponta o norte político a ser seguido e, seus discursos viraram livros-bíblia para o controle social mais efetivo por parte dos órgãos repressores, nas esferas nacionais, estaduais e municipais.

Houve uma escalonada na ambição de seus líderes, o que levou, inegavelmente, ao incremento do uso da violência, baseado em leis arbitrárias e sem a aprovação popular. Nos casos mais extremos, devido à pressa ou à demanda do Estado Novo, se atropelou essa pantomima jurídica e o uso da força foi deliberado. O crescente nos abusos foi alcançado, em grande medida, pela falta de vozes opositoras e o Estado Novo deu-se ao luxo de expandir seus inúmeros tentáculos, chegando aos cantos distantes e ermos do poder central. O estado nacional de exceção vivido desde 1930 se agravou⁴³², pois, Getúlio Vargas já “antes de 1937, acalentava um regime centralizadamente forte, prova disso é a política de interventoria deliberada nos estados para dirimir lideranças e oligarquias regionais” (NUNES, 2004, p. 39).

Em seu arranque na fatídica data de 27 de novembro de 1937, o Estado Novo foi decidido e foi violento: “acabam-se os regionalismos” (NUNES, 2004, 45), a ponto de se

⁴³²Nunes (2004) salienta que a Constituição de 1934 fora uma “pedra no sapato” do ditador gaúcho.

queimar⁴³³ todas as bandeiras estaduais na pira da pátria unificada, que regenerava a nação. Esse ato incluiu a bandeira gaúcha e farroupilha, que Getúlio Vargas deve ter crescido olhando-a com o devido silêncio respeitoso, ela era hasteada ou se narrava a epopeia farroupilha, parte da cultura histórica e política republicana do RS. No dia em questão, sob a tutela do fogo, ignorou toda a sua importância e trajetória histórica do pavilhão gaúcho para reduzi-la a cinzas. Só lhe interessava a manutenção e o incremento do poder, poder acima de tudo, nem que para isso devesse prender Borges de Medeiros (ainda em 1932), e negar a história republicana gaúcha, pois não haveria mais o estado sulista, mas um imenso contínuo Brasil.

Por ser um país muito extenso, e a tecnologia de então não atender aos rompantes de Vargas, o estado nacional haveria de compor novamente com as elites regionais, para o RS, com a possibilidade de nuances na execução do processo de nacionalização uniforme. Isso daria algum espaço a esse Estado e às suas particularidades, tendo-se para esta análise por base os escritos de Abreu (2007); Axt (2005); Colussi (1996); Cortés (2007); Kipper (1979); Gertz (1991; 1994; 2002; 2004). No estado gaúcho, o processo de nacionalização tem, além da via tradicional, a revalorização do regionalismo pampiano e a figura do gaúcho da fronteira. “Assim, se o governo estadonovista impregnou uma nova identidade nacional, no plano cultural o Rio Grande do Sul acabou por integrar os colonos ao gaúcho” (AMARAL, 2013, p. 251) estereotipado, lembrando o habitante típico da campanha gaúcha⁴³⁴. Os principais caminhos para a nacionalização desses colonos, outrora inatingíveis, seriam as estradas de rodagem, as vias de comunicação e acesso. Uma das prioridades do interventor federal Cordeiro de Farias seria o plano rodoviário a ser implementado no estado sulista, anunciado no discurso de quatro de março de 1938 (HARNISCH, 1941, p. 544).

Sobre a metamorfose de colono para gaúcho trajado e falante de português é possível encontrar exemplos, como no cemitério de Taquara (RS), na lápide de Fridolino Dörr, falecido em 11/01/1937, em que se pode ver “a confluência das culturas germânica e gauchesca, através da fotografia” (BLUME, 2015, p. 110) do imigrante ou filho de alemães. Na lápide de Fridolino Dörr foi incluída sua foto pilchado, uma tendência que o governo estadual, dentro de suas possibilidades, empregou no processo de homogeneização dessa gente estrangeira esquecida no campo. Mas essa não era uma questão exclusiva do campo, nem alheia aos teutos citadinos, como Lutzenberger, que também deveria amoldar-se a um estereótipo mais urbano de gaúcho.

⁴³³Não se deve perder de vista o valor simbólico do uso do fogo que extingue, aniquila e destrói por completo. Em outras circunstâncias o ditador alemão, Adolf Hitler, achou por bem fazer o uso simbólico do fogo ao queimar os livros contrários ao seu regime.

⁴³⁴Um dos primeiros pesquisadores sobre a figura do gaúcho do campo a cavalo foi Jacques (2014) que certamente influenciou a “gurizada” do CTG 35 e ajudou a moldar o estereótipo do gaúcho.

Diante do exposto, era preciso se preparar para a guerra que surgia no horizonte. Mas o Brasil não tomou partido imediato no conflito mundial, não havia pressa por parte do ditador Vargas, que não escondia suas afinidades político-administrativas com Hitler e Mussolini. Sua postura era ganhar tempo, pois o presidente do país queria angariar maiores benefícios para a nação brasileira.

Poucas opções teve o Brasil. A Alemanha, mais uma vez, fez uso de seus submarinos (MASON, 1975) para, novamente em vão, dominar o oceano Atlântico, o que acarretou o afundamento de várias embarcações brasileiras ou de bandeira nacional, ocasionando, além dos prejuízos materiais, a morte desnecessária de seus tripulantes civis. Mesmo com tratativas diplomáticas, os torpedeamentos não cessaram (SILVA, 1998), e cada dia mais a opinião pública via a nação alemã e seus descendentes como inimigos declarados do Brasil.

Para piorar a imagem já desgastada do nazismo, essas tragédias náuticas que maculavam a posição da Alemanha recebiam destaques na mídia, como no grupo jornalístico Diários Associados, que publicava o Diário de Notícias em Porto Alegre, com ruidosa campanha para arrecadar fundos que seriam convertidos em aviões para a Força Aérea Brasileira (FAB), apelidados com os nomes dos navios torpedeados (TORRES, 1999, p. 201).

Na política doméstica havia a delicada situação nas relações exteriores e a enorme pressão exercida pelos EUA aliado da Inglaterra contra a Alemanha, que necessitava de parceiros na América Latina. Soma-se a questão política a geográfica, pois o nordeste brasileiro era uma área estratégica chegar à África e dominar o Atlântico Sul. Sobre esse apoio recebido do maior parceiro comercial das Américas, Fachel (2002, p. 71) comenta que o apoio nacional inicial era tímido, mas depois alardeado em prol da política externa dos EUA, fato que “favoreceu as violências contra qualquer elemento germânico, [...] até judeus de origem germânica, perseguidos por Hitler foram vítimas desta prática política”. Preger (2011, p. 77) comprova essa triste sina: “Meus pais não foram presos, mas muitos alemães da nossa comunidade israelita o foram” por falar o idioma alemão. Por ser membro de uma família de médicos, Preger (2011, p. 107) destaca a aculturação indireta que o Estado Novo promovera: “no tempo da guerra, não havia revistas, periódicos e livros de medicina em idioma húngaro ou alemão, mas somente em inglês”⁴³⁵, idioma aprendido com a ajuda de um gramofone, discos, dicionários e livros didáticos. No entanto, essa influência não causava mal-estar ao sisudo Estado Novo, que recebia os norte-estadunidenses, sem vínculo cultural algum com o Brasil, de braços abertos, cuja dominação e aculturação seriam sentidas nas décadas seguintes.

⁴³⁵Para a ira de José Antônio, o mesmo aplicava-se para as suas revistas e periódicos em geral.

As tratativas Brasil-Alemanha para que cessassem os ataques aos navios nacionais não progrediu e logo o Brasil se viu obrigado, perante a sua própria opinião pública, a romper relações com os países do eixo. Fora isso, foi preciso marcar a forte presença do elemento “estrangeiro” e alemão no RS. Por esse motivo, essa etnia passa a receber um cuidado especial em relação às demais existentes no Estado, mesmo que todas as outras etnias, em menor ou maior grau, fossem igualmente hifenizadas. O Censo de 1940 não deixa dúvidas sobre o quão numeroso era esse grupo no Rio Grande do Sul: “15.279 cidadãos alemães, mais 7.543 naturalizados, portanto 22.822 no total – sem considerar algumas centenas de milhares de descendentes” (GERTZ, 2005, p. 147). O censo ainda deu conta da presença de apenas 199 japoneses no Estado, um contingente numericamente irrisório se comparado à população japonesa de São Paulo, etnia que igualmente sofreu intimidações nas terras paulistas. Assim, “uma vasta campanha de brasilidade passou a tomar como alvo imigrantes japoneses e alemães” (LESSER, 2015 p.233) e seus descendentes, o que justifica, naquele Estado, o relato de um de seus moradores: “crescemos ouvindo falar do “perigo japonês” e em “perigo alemão”, principalmente durante a segunda Guerra Mundial” (RIOS, 1959, p 41). Mas o mesmo autor não omite o quão inadequado seria falar em “perigo italiano”, “expressão que, hoje, nos parece inteiramente absurda” (RIOS, 1959, p 41). Com o agravamento das relações diplomáticas, a ruptura foi levada a cabo no dia 28 de janeiro de 1942, e a declaração de guerra em 31 de agosto de 1942, e o que já estava ruim tornou-se pior para os teuto-gaúchos no RS.

A imprensa tanto nacional quanto local fez uso da expressão recorrente “perigo Alemão”, em uma verdadeira caça às “bruxas”, que tinha como ideal igualar todos os teutos e descendentes (a incluir os perseguidos judeus) numa mesma posição de inimigos do Brasil, como se todos os possuidores ou falantes da cultura alemã fossem nazistas entusiastas do regime autoritário de Hitler. Essa também era uma questão reforçada pelo endurecimento das relações sociais no período de guerra e do Estado Novo, pois “na construção totalitária, era importante a generalização. Como ponto de partidas, descendentes, naturalizados, visitantes, imigrantes, todos eram, sem distinção, considerados “estrangeiros”” (CANCELLEI, 1994, p. 156). O controle social, ou a mão do Estado Novo, seria sentido de maneira mais atuante e forte contra esses grupos marginalizados. Uma das primeiras consequências era ser incluído numa categoria de “não nacional”, portanto, a generalização que comenta Cancelli (1994) no declarado maniqueísmo que levava a divisão do que era genuinamente nacional e exaltado daquilo que era de fora, estrangeiro particularmente pertencente ao eixo do mal: as nações da Itália, Japão e Alemanha.

Assim, a vida começou a ser mensurada no período da Segunda Guerra Mundial. As intimações de populares se tornaram mais habituais, e malhar Hitler tinha o mesmo apelo social de falar mal de alemães, que estava na ordem do dia. Os teutos ou simpatizantes tinham que comparecer nas delegacias para esclarecimento, ou atender à crescente burocracia. Tudo era motivo de dúvida e dos esclarecimentos “necessários”. Num segundo momento houve o modismo social e se passou a recriminar e coibir atos vistos agora, em tempo de guerra, como imperdoáveis. Proibiu-se o uso do idioma alemão e demais línguas dos inimigos da nação. Com a declaração de guerra, num piscar de olhos, coube aos cidadãos genuinamente brasileiros tornarem-se cúmplices para extirpar os traços culturais estrangeiros do solo nacional. A lei draconiana valia também nos ambientes privados, e essa era uma questão delicada até para os Lutzenberger que passaram a temer os vizinhos de um dia para o outro. O perigo externo da intimidação chegava cada dia mais perto, e a cunhada de Gaston Englert, Dolla, casada com Rudi, passou por apuros, pois seu vizinho, chefe de polícia, Darcy Vignoli, ouviu da casa deles aquilo que não deveria, o idioma alemão: “Houve denúncia do “crime”, foram tomados depoimentos, mas tudo terminou com o compromisso de não falar mais alemão” (MENDONÇA, 2012, p. 148) em lugar algum.

Figura 82 – Mulheres fofocando



Fonte: Margs (2001, p. 42)

Certamente, essa questão chegou ao lar de Lutzenberger que teve cuidados redobrados, pois o momento não lhes era propício, a fofoca e o denunciamento eram questão de Estado, de estado de guerra, e a conversa descabida, algo mal interpretado, poderia ter gravíssimas consequências: “[...] a fofoca serve para informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública” (FONSECA, 2000, p. 42).

A etiqueta social no Estado Novo, em especial em tempos de guerra, exigia a denúncia, mesmo que vazia e sem sentido, pois “tudo foi objeto de investigação: toda e qualquer denúncia era aceita, até mesmo brigas de vizinhos ou familiares, porque nesses desentendimentos domésticos podiam-se descobrir pessoas envolvidas com a oposição” (BELLINTANI, 2002, p. 145) ao Estado Novo. Neste sentido, a ilustração realizada por Lutzenberger (Figura 82), mesmo que para outra situação social, pode exemplificar como a conversa fiada poderia acarretar consequências sérias para aqueles que eram difamados nessas conversas corriqueiras que acabavam por especular sobre a conduta da vida alheia.

O medo da delação não impedia, às vezes, de se falar em alemão no lar, mas os cuidados eram maiores, em especial com os vizinhos e com pessoas que guardavam alguma desavença antiga. O médico Doris Schlatter, morador na cidade de Feliz, cujo hospital e logomarca foram projetados por Lutzenberger, tomou a decisão de proibir os filhos de falarem alemão fora de casa, contudo, “sua família poderia manter o alemão exclusivamente nas refeições” (MENDONÇA, 2010, p.69). Como confirma Rose, via “informação verbal”, algo semelhante ocorreu na casa dos Lutzenberger, que queriam a todo custo evitar confusão com a lei. Ela ficava angustiada com as saídas profissionais do pai, com o seu estereótipo inconfundível de alemão, portanto, a vítima ideal de assédio ou intimidações com populares exaltados e nacionalistas. Sua apreensão era dividida com a mãe e a irmã Magdalena, a exceção era o primogênito, José Antônio, valente e provocativo, não perdia a oportunidade de falar alemão na calçada, nos bondes e comprar brigas desnecessárias sobre o tema. Como concluiu Rose: “- Tu conheceste a figura, né! Ele não tinha jeito mesmo!” (LUTZENBERGER, 2019)

As diabruras de José Antônio eram bromas de adolescente, provocativas, mas infelizmente a situação era delicada o que o obrigou a repensar sua valentia juvenil. Até Lutzenberger pai teria que se explicar, pois parte de seus depósitos foi arrestada pela União como indenização pelas ações dos submarinos alemães, isso em decorrência do Decreto-lei nº 4.166, de 11 de março de 1942⁴³⁷, mesmo ele sendo naturalizado desde 1933, portanto, isento aos olhos desta regulamentação jurídica. Contudo, ele foi “surrupiado” ao ter que transferir um

⁴³⁷ Que “Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil”. Sendo atualizado: DECRETA:

Art. 1º Os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas, respondem pelo prejuízo que, para os bens e direitos do Estado Brasileiro, e para a vida, os bens e os direitos das pessoas físicas ou jurídicas brasileiras, domiciliadas ou residentes no Brasil, resultaram, ou resultarem, de atos de agressão praticados pela Alemanha, pelo Japão ou pela Itália.

Art. 2º Será transferida para o Banco do Brasil, ou, onde este não tiver agência, para as repartições encarregadas da arrecadação de impostos devidos à União, uma parte de todos os depósitos bancários, ou obrigações de natureza patrimonial superiores a dois contos de réis, de que sejam titulares súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas. (depois reformulado, vide Decreto-lei nº 4.806, de 1942)

total de CR\$ 17.578,50 de suas contas para o Banco do Brasil da União. Nem o Estado brasileiro sabia como categorizar Lutzenberger, seja como cidadão naturalizado, estrangeiro, com visto de permanência etc. Não cabe aqui especular sobre sua real situação legal no país em um momento tão adverso.

Essa era uma questão delicada, do arresto de dinheiro, revelada em conversa com a filha caçula Rose, que não se sentia bem ao comentar o assunto e falar mal de seu parente poderoso. Ela não lembrava, com exatidão, dos eventos, mas chamava a atenção sobre a indiferença de seu tio Gastão Englert⁴³⁸ que não tomou nenhuma atitude em prol do cunhado. O político Englert tinha angariado mais prestígio junto da comunidade alemã e sua vontade em coibir os excessos da união ganhou destaque “no encaminhamento de problemas envolvendo a comunidade germânica, usando a sua influência para libertar da prisão colonos que tinham cometido o grave crime de falar mal o Português” (MENDONÇA, 2012, p.65). Infelizmente, os ataques alemães não cessaram, e foi cobrada de Lutzenberger outra parcela da indenização, e em 1944 teve que honrar com outros CR\$ 16.069,60 ainda referentes à indenização como cidadão alemão no final da agonizante guerra. Naquele período, Englert era, de fato, um político mais poderoso e com conexões com as mais altas esferas do poder nacional, mas preferiu, pela segunda vez, não interceder em favor do injustiçado cidadão naturalizado Lutzenberger. Por essa razão se levantam dúvidas de seu empenho “desproporcional” em ajudar Lutzenberger diante do impasse na escolha do projeto da Junta Comercial/RS e a falta de presteza em uma questão notadamente abusiva, em que ajudava até estranhos. De qualquer maneira, o assunto morreria ali, e parece que as mágoas entre Lutzenberger e Englert também foram ignoradas com o passar do tempo⁴³⁹.

Porto Alegre, cada dia mais taciturna, no período de 1942–1945 piorou muito. A histeria “antigermana atingiu alemães sem qualquer ligação política com o hitlerismo” (BISSÓN, 2009, p. 94), e houve a prisão de pessoas sem relação estreita ou direta com o regime, como a do arquiteto Julius Lohweg, que trabalhou para A. J. Renner e talvez tenha sido o colega que foi preso segundo a menção de Rose em seu relato oral (LUTZENBERGER, 2019). O cerco se estreitava e a agonia de Hitler seria sentida mais uma vez no Brasil; era preciso dar um fim ao nazismo e ao sofrimento em relação aos teuto-gaúchos.

⁴³⁸ Como outro teuto-gaúcho “qualquer” Englert também sentiu na carne o poder da discriminação, quando estava à frente do Instituto do Arroz do RS (FACHEL, 2002, p. 82), mesmo que fosse indicado para ser um dos membros da DASP-RS, em 1939. Sua filha Carmem Englert (2009) também havia mencionado os constrangimentos que vivenciou, em especial na escola, por possuir origens germânicas, durante os anos do conflito mundial nas décadas de 1930-40 (A entrevista ocorreu durante o meu mestrado).

⁴³⁹ Sobre o arresto jurídico, há uma cópia de baixa qualidade na pasta referente a atuação profissional de Lutzenberger no IBA/ UFRGS.

Antes que o fim de Hitler chegasse a termo, em 1942 houve outro marco decisório das relações entre a comunidade teuto-gaúcha e luso-gaúcha: atos repetidos, por dois dias a fio, de vandalismo, impetrados em agosto de 1942, quando casas de comércio foram pilhadas, destruídas, em Porto Alegre, Pelotas, São Lourenço do Sul (FACHEL, 2002) e Santa Cruz do Sul (RITT, 1999). Em menor escala, até em Gramado, a pacata e diminuta cidade serrana, presenciou as desavenças entre os imigrantes alemães e os membros da Liga de Defesa Nacional (SCHILLING, 2012, p. 60). Os tumultos e as perseguições foram inúmeros, pipocando entre os indivíduos no interior do Estado, pois onde houvesse um nacionalista ferrenho estadonovista e um descendente de imigrante alemão, o confronto se fazia presente. Sobre os “quebra-quebras”, iniciados em dezoito de agosto de 1942, principalmente em Porto Alegre e Pelotas, o que chama a atenção nos relatos (FACHEL, 2002) é a escolha seletiva de algumas casas em detrimento de outras, o que tira muito da expressão orgânica e espontânea dos populares, supostamente tomados pela ira de retaliação contra o governo alemão, ao atacar as lojas específicas e deixar ileso o comércio vizinho de outras empresas igualmente de proprietários “alemães”. As autoridades, entre as quais Coelho de Souza (Secretário de Educação e Cultura) e Aurélio Py (chefe de polícia), não condenaram os ataques, mas acusaram “os inimigos como sendo os verdadeiros causadores da desordem” (ABREU, 2007, p.181), demonstrando o despropósito da opinião dessas autoridades. Contudo, esse foi um ponto de inflexão nas relações entre a sociedade em geral e os teuto-gaúchos, passagem que agravou de vez a situação e entristeceu Rose, pois grande parte do seu relato tem como base esses terríveis acontecimentos na capital gaúcha. Era algo que motivava o reforço do policiamento ostensivo nas ruas e deixava o clima mais pesado para todos. As aglomerações eram cerceadas, e a falta de energia uma constante (IANSOGRODSKI, 2001, p. 37), seguida da ansiedade de que algo pior e imediato aconteceria com as redes de informantes e delatores crescentes.

Esse período Rose descreveu com grande nervosismo. Ela temia que seu pai fosse alvo de violência como a que havia ocorrido com os prédios do comércio de alguns “alemães”, ou recriminação nas ruas, mas ele precisava trabalhar, e indiretamente se expor. O que, em parte, fugia ao entendimento de Rose que tinha medo dos excessos e do linchamento indiscriminado. Quando se fala em uma postura politicamente correta daquele período, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, necessariamente essa postura era entendida como um convite para a sociedade praticar o denunciamento. Tudo era motivo para delatar alguém, pedir investigações ou apontar dedos acusatórios. Em um estado de exceção tudo precisava ser controlado e a própria população era convidada a fazer parte desse controle social extremo. Portanto, “ninguém está imune ao sistema que delega aos cidadãos comuns o dever de servir de olhos ao

Estado, mesmo porque, em dado momento, esses mesmos olhos que observam o inimigo podem se tornar, de hora para outra, o próprio inimigo que deve ser vigiado” (IENNACO, 2017, p. 27).

Isso se fazia necessário, pois todos eram espões em potencial. Hilton (1983, p. 259) mostra as caras do nazismo no país em seu livro: “A Guerra secreta de Hitler no Brasil”, tomando como base, entre outros, o fanático antigermanista Aurélio Py que produziu um relatório “dizendo que os alemães haviam organizado extenso sistema de espionagem”. Mesmo se referindo à imprensa do México, no episódio da guerra civil em que se tinha o hábito de “utilizar imagens mais dramáticas do que informativas” (BARBOSA, 2006, p. 44), constata-se o paralelo que serve para a postura das autoridades no Rio Grande do Sul e os seus relatórios da inteligência da polícia durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, as autoridades locais, segundo esses editores mexicanos, não queriam transmitir a verdade com uma fotografia próxima do real, mas conquistar a mente e corações para impor toda a sorte de abusos e perseguições. A mentira, em larga escala, era e é um potente aliado dos donos do poder, utilizado nos jornais mexicanos e pelas autoridades gaúchas indiscriminadamente a serviço de seus interesses.

Os fatos eram exagerados, um misto de expressões superlativas e engodo puro. Essas eram as principais ferramentas de alarde das forças policiais e coercitivas para impregnar o cidadão comum dessas bazófilas. Hitler, provavelmente, não se importara com a situação dos alemães e descendentes no RS. Em estudo focado no estado de São Paulo, Perazzo (1999) procura compreender o fenômeno do “Perigo alemão” e, com muito esforço, identifica aqui e acolá um ou outro cidadão alemão que contribuía com o nazismo, anotando os horários de embarcações, copilando dados publicados em periódicos locais, ou reproduzindo as informações policiais que surgiam no RS. Perazzo (1999) faz um arrazoado e tem as mesmas dificuldades de Hilton (1983) em mostrar as profusas correntes e os elos entre o nazismo e os teutos residentes no país. Magalhães (1998) aborda o pangermanismo que nem sempre é sinônimo de nazismo, ligação imediata que justifica muito dos excessos comuns à atividade policial ou de controle social. Aos três pesquisadores faltou o fermento intelectual e um pouco da realidade gaúcha para não se cometer os exageros de se basear uma sociedade em registros policiais. Certamente, a vida social é mais complexa e, em tempos de exceção, os relatórios governamentais são eivados de mentira, engodo e jornalismo estatal. Talvez tenha faltado a esses pesquisadores, em seu âmag, uma das principais conclusões da pesquisa de Pedroso (2005, p. 128), em seu estudo sobre a história policial em São Paulo, em que deixa claro o discriminatório parcialismo do método policial que acha o culpado antes das investigações. “Foi a lógica da desconfiança que perpassou as entrelinhas da legislação policial.

A desconfiança tornou-se, assim, a essência do pensamento policial”. Fato que permeia os relatórios policiais, dentre eles os produzidos por Py e tantos outros, que encontram aquilo que, muitas vezes, não existe e nunca existiu, mas é fruto de impressões prévias. Assim, nos tempos de guerras o número de nazistas no RS cresceu exponencialmente. Os inimigos da pátria eram qualquer um que a autoridade policial desconfiasse, por pura intuição ou preconceito.

Figura 83 – Decoração militar e José Antônio



Fonte: MARGS (2001, p. 36).

A cada dia havia novos estudos demonstrando que o integralismo e não o nazismo era a doutrina autoritária preferida por esses grupos periféricos que, numericamente, não eram representativos. Mas as necessidades da autoridade estatal, a dita governabilidade, se convertiam em verdade pura. Sempre parece um brutal exagero a postura de qualquer governo que se baseia em suposições próprias para limitar e intimidar seu cidadão daquilo que poderia “vir a ser”. A Alemanha poderia desembarcar em solo nacional, os descendentes de imigrantes poderiam adorar Hitler etc.

O Estado Novo era um estado autoritário que, presumidamente, queria combater o nazismo, era motivo para toda sorte de abusos e violências. Ser alemão ou demonstrar ser teuto-descendente era um crime punido não só com o vexame social, mas com o castigo jurídico também. Perante tal cenário social, uma das primeiras atitudes de Lutzenberger, mesmo no conforto de seu lar, foi mexer na decoração militar doméstica e esconder, nos porões do IBA, contando com a cumplicidade de colegas da instituição, sua memorabilia militar que, anteriormente, era mostrada sem pudor a cada um dos visitantes em sua casa. A Figura 83 reproduz o arranjo que Lutzenberger fez para exibir seus sabres de oficial no exército alemão. Quis o destino que um de seus elmos se perdesse para algum gatuno dentro da instituição de Belas Artes, conforme “informação verbal” oferecida por Magdalena.

Ainda sobre o lar, não se sabe se a família se sentiu obrigado a esconder o vitrô (Figura 50) que, por ser iluminado pelo lado do pátio e não da rua, o poupou de pedrada de algum popular indignado. Era preciso acalmar os ânimos e dar fim aos conflitos. Mesmo pagando a sua segunda parcela indevida das indenizações de guerra a vida precisava voltar à normalidade política e social. E era o que estava para acontecer, sem forças para combater em tantas frentes o nazismo é finalmente vencido pelos esforços dos aliados, que incluía o Brasil. Já em solo nacional o desgastado regime de Vargas é destituído e aos poucos à vida volta à normalidade, numa democracia representativa. Que incluía a volta de partidos, o fim da censura para publicações políticas, mais diálogo e principalmente os pleitos que são retomados depois de 1945.

A família Lutzenberger (José, Emma, Jose Antônio, Magdalena e Rose), aos poucos, esquecem os anos difíceis do conflito mundial, entretanto, como em 1918, muito da cultura alemã no estado gaúcho foi prejudicada e danificada. Mas os Lutzenberger novamente podiam falar o idioma alemão, sem recriminação; as espadas voltaram à parede da casa e a atuação na arquitetura, se limitou à docência. Lutzenberger já uma pessoa idosa e cansada, teria ainda mais alguns anos pela frente. O IBA lhe proporcionaria a tranquilidade e atividade nos anos finais de sua vida. A instituição ganhava corpo com o curso superior e não restava muito mais a Lutzenberger do que praticar a pintura, as caminhadas e os bate-papos com Emma. Aproveitava o conforto do lar, já não ambicionava tanto, mas retomou o processo inacabado de sua naturalização, e iniciou a apicultura e cuidava do jardim. Vivia alegre com sua companheira de tantos anos, cercado dos filhos.

Figura 84 – Comemoração dos 25 anos de casamento



Fonte: Arquivo Joaquim Barbosa

Mesmo que falte o registro manuscrito é possível ver algumas semelhanças entre a declaração de um “velho italiano”, radicado no RS, para exemplificar os sentimentos que nutriam Lutzenberger e seu desejo pela cidadania brasileira. “Morando há 30 anos no Brasil, em terra Gaúcha, onde tenho todos os meus interesses e sem projeto de retorno, sinto-me italiano culturalmente e afetivamente” (ALBERTI, 2014, p. 89). Querendo ou não, Lutzenberger havia mudado muito, se familiarizado com as coisas da terra de sua esposa e descendentes, e bem ou mal era um indivíduo assimilado, mesmo reconhecendo sua cultura, como reforçam as impressões deixadas por Alberti (2014, p. 89) mais uma vez: “sinto as minhas raízes italianas e toscanas ainda mais fortes”. Lutzenberger era um bávaro-gaúcho, pois “as culturas, conseqüentemente, são materiais e espirituais. Não se mantêm estáticas” (REIS, 1972, p. 26). Lutzenberger era um ser em movimento que a cada dia tornava-se mais rio-grandense, pertencia mais à sociedade gaúcha.

Com seu trabalho, havia alcançado um considerável pecúlio que deixaria em conforto a esposa e os filhos, e essa não era sua maior preocupação. As filhas tinham futuro nas artes e na carreira do magistério, seu filho havia ganhado uma bolsa de estudos e iria para a Lousiana (EUA). Contudo, alguns meses antes da viagem do filho, Lutzenberger sentiu-se desconfortável e procurou ajuda médica. A saúde apontava os problemas da velhice e, infelizmente, fora diagnosticado com câncer, doença que avançava e Lutzenberger perdeu o seu ânimo habitual.

Com o avanço da moléstia, Lutzenberger encontrava-se com a saúde debilitada, já em estado terminal. Nessas condições precárias teve que se despedir às pressas do primogênito que embarcava para os EUA em busca de aperfeiçoamento profissional no campo que escolhera: da agronomia. “Pouco antes da viagem, Joseph teve uma súbita melhora e insistiu para que o filho

não adiasse o embarque, arriscando-se a perder a bolsa de estudos” (PEREIRA, 2016, p. 61). Em uma rara oportunidade, José Antônio concordou com o pai que veio a falecer apenas dois dias após a sua chegada no Estados Unidos. Sobre a viagem do filho ao exterior que coincidia com a sua “saída da vida”, Lutzenberger teve o desgosto de reviver a amarga tristeza da lembrança de sua própria trajetória, quando abandonou a Alemanha e precisou dizer isso a seu pai. Como dizem os estudiosos da história, os eventos, mesmo que “idênticos”, não se repetem; eles rimam. E Rose, via “informação verbal” comentou a aceitação do pai em relação às escolhas dos filhos maduros, respeitando a escolha profissional de cada um deles (LUTZENBERGER, 2019).

Lutzenberger tinha aceitado o seu destino, a morte, e ficou por um bom tempo falando com o padre de confiança de Emma, a portas fechadas, preservando a privacidade e a possível confissão plena. Ao lado da porta, ela o esperava, e a confissão não acabava. Emma, angustiada, torcia para que houvesse uma reconversão final do marido, que aceitaria a Jesus, Deus e essas questões comuns ao catolicismo. Segundo a “informação verbal”, da sobrinha Carmen Englert, a conversa passou de horas. E ao seu término, o religioso saiu bastante contente, e logo abordado pela nervosa Emma que indagou ao padre sobre a conversão, ao que ele calmamente respondeu: “- Falamos de tantas coisas, mas ele está pronto, independente da crença”. Consternada, Emma agradeceu ao religioso (ENGLERT, 2009).

E como acomete a todos, Lutzenberger teve sua última noite de sono, e às oito horas e cinquenta minutos no dia dois de agosto de 1951 faleceu. Quem tratou das questões legais foi o seu cunhado Gaston Englert. O médico que assinou o laudo foi Waldemar Job. Lutzenberger, “faleceu de metástase pulmonar e cerebral, câncer de próstata”⁴⁴⁰. Pode-se dar números finais à análise biográfica que se encerra junto ao leito de morte, em sua casa na rua Jacinto Gomes, 39, numa manhã, em Porto Alegre.

A esposa Emma enterrou os restos mortais do marido no cemitério porto-alegrense São José II (quadra 05 jazigo 135), que é adornado com três placas de bronze para embelezar a sepultura. A única placa que ainda está lá é a central de baixo relevo que reproduz as fachadas da Igreja São José e o Palácio do Comércio além de contar outros elementos ricos na simbologia fúnebre da época:

As plantas oferecem ainda uma analogia interessante: como era de praxe nas obras tumulares da Casa Aloys, a simbologia das duas pátrias dos falecidos teuto-brasileiros, representadas pelo carvalho e pela palmeira, aqui o carvalho, em representação da pátria materna, não foi complementado com a palmeira “correspondente” (CARVALHO, 2022. p. 256).

⁴⁴⁰Obituário encontrado no Arquivo Lutzenberger.

A família segue residindo na rua Jacinto Gomes, onde a vida de Emma segue sem o seu companheiro e para além das saudades, ao que parece mantém o conforto material. No arquivo de Lutzenberger, mesmo que de maneira avulsa é possível ver parte do espólio deixado pelo arquiteto, que inclui ações, telefone e outros bens acumulados ao longo dos anos. Outra vantagem assegurada para Emma foi a pensão de professor universitário, que mereceu reajuste em 1951 via ação legal, assinado pessoalmente pelo presidente de então, Getúlio Vargas. Outra vantagem agraciada a Emma, graças ao emprego estatal do marido, foi o plano de saúde, benefício igualmente estendido aos filhos. Pode parecer irônico, mas muitas disputas entre José Lutzenberger e seu pai, ainda na Alemanha, eram travadas em função das virtudes de um estável emprego no governo, tecla que seu pai sempre enfatizou. No final, essa questão se mostrou bastante favorável à viúva do filho e aos seus netos.

Mapa IV – Estado do Rio Grande do Sul e cidades com as principais obras de Lutzenberger



Fonte: Guianet.com.br. - Mapa do Rio do Sul, 2023 (Adaptado)

Ainda sobre a família é possível dizer que as filhas não deixam o lar, da rua Jacinto Gomes, imediatamente e moraram juntas inclusive após a morte de Emma⁴⁴² que ocorreu em 26/08/1969.

O outro membro da família, o agrônomo José Antônio (17/12/1926 -14/05/2002), mais independente, trilhou sua vida migrando para a Alemanha, perfazendo o caminho oposto ao pai, trabalhando ininterruptamente para a empresa multinacional do ramo químico BASF. Galgou promoções ano a ano, razão que o levou a morar nas diversas subsidiárias da empresa, como na Venezuela, quando Lilly, sua filha mais velha, nasceu, ou ainda no Marrocos, local de nascimento de sua segunda filha, Lara. Contudo, em determinado momento de sua vida repensou o que estava fazendo contra o meio ambiente e decidiu mudar radicalmente de atividade profissional (PEREIRA, 2016). Retornou para Porto Alegre e por um bom tempo voltou a morar com as irmãs Magdalena (10/05/1928 – 20/11/2017) e Rose (11/12/1929 – 02/08/2021), na rua Jacinto Gomes. Suas irmãs não casaram e nem deixaram herdeiros, restringindo os Lutzenberger teuto-gaúchos às filhas de José Antonio, Lilly, que possui duas filhas. Além do casal de filhos de Lara, totalizando os quatro bisnetos de Joseph Franz Seraph Lutzenberger, ou simplesmente José Lutzenberger.

⁴⁴²Nascida em Hamburgo Velho em 23/12/1893.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito, ao longo desta pesquisa, foi fazer uma incursão no tempo e no espaço das vivências de Lutzenberger, de "seu" tempo presente que já não existe, mas por teimosia e competência se avançou para dar maior inteligência a esse passado histórico, num estudo analítico biográfico sobre Joseph Lutzenberger, para se obter mais respostas sobre a imigração alemã, por meio de seus indícios pessoais. Nessa jornada, descobriu-se uma gama de novos resíduos históricos não descaracterizados. Uma nova força na elaboração das questões que ainda não foram sanadas, portanto, a imigração é um tema que proporciona novas descobertas. A tese, as análises e, eventualmente, alguma descoberta tiveram por objetivo contribuir para a compreensão do fenômeno da Imigração alemã, numa desconhecida Porto Alegre das décadas de 1920 a 1950; embora distante, mas com as informações constantes no corpo do estudo: número de pessoas que moravam na capital e sua verticalização predial; e o levantamento de seus líderes e administradores, os ditos intendentess, que pouco dialogavam com os cidadãos. Espera-se que essa cidade do passado tenha ficado um pouco mais familiar e conhecida.

A trilha que se imaginou calca-se em metodologias que auxiliam a falta de objetividade e excessos comuns na busca do passado e na necessidade de evitar a repetição, pois, escrever sobre Lutzenberger é, portanto, encontrar novas maneiras verídicas para a análise de uma vida, de uma biografia dentro da imigração alemã para o Rio Grande do Sul. Vida essa que é um microcosmo que ecoa e reproduz situações semelhantes a tantos outros indivíduos, recorrentes no fenômeno da imigração, na maioria das vezes ato coletivo, pois se mudam com a família a reboque, fato que não ocorre com Lutzenberger que vem sozinho.

Peculiaridades que são demonstradas ao longo da tese, na análise biográfica esmiuçada, desse indivíduo com suas contradições, aspirações e virtudes. As lições e aprendizagens com a sua trajetória ajudam a compreender amplamente as particularidades que uma pessoa oferece na sua trajetória única de mudar de lar. O presente estudo contempla tópicos genéricos que abrem o leque de possibilidades para o entendimento mais abrangente do fenômeno da imigração, não necessariamente de indivíduos germanizados, mas daquele homem ou mulher que se arranca da terra para fixar-se em outro solo, mais fértil para as suas raízes. Nesse sentido, para se compreender a biografia mais coletivizada, ou a prosopografia, método utilizado para compreender quem eram os proprietários da firma Weise e Mennig, e porque eles foram atrás de Lutzenberger, dentro do contexto do Rio Grande do Sul "germanizado". Essa é outra via para demonstrar e entender como o fluxo em várias levas dotou o RS de significativa população teuto-descendente.

Sobre o tema e sua limitação há uma complementaridade acadêmica, pois o primeiro passo, ainda no anteprojeto, foi pesquisar as produções já existentes sobre imigração, em especial a alemã para o Brasil. Essas são evidências, conhecimentos, caminhos e possibilidades já descritas, nas quais se insere o ato de pesquisar sobre a assimilação de Lutzenberger, que abre nova possibilidade para encaminhar e aprimorar a temática em aspectos ainda pouco aventados. A tese avança não em ser única, mas por partir de um arranjo incomum, entender, com o auxílio da análise biográfica, o processo de assimilação. Assim, ao longo de décadas pode-se estudar e analisar as mudanças em direção à assimilação cultural de Lutzenberger na nova sociedade. Esses novos arranjos de estudos do passado ajudam a evitar a repetição e a saturação, em uma temática que, notoriamente, produz, todos os anos, muitos textos. Analisa-se e descreve-se a sua atividade profissional, seu casamento e filhos, etapas descritas e que criam o embasamento para aspectos que se perderiam caso não se focasse um indivíduo ou pequeno núcleo como o lar dos Lutzenberger.

O período escolhido compreende a análise em solo nacional, coincide com a época das vivências de Lutzenberger no Rio Grande do Sul. Mesmo que sua trajetória seja anterior, o que obrigou a ver a fase pregressa a sua imigração, na Europa. Isso foi possível pelas próprias evidências que Lutzenberger, como cronista de seu tempo e historiador para o futuro, agora nosso passado, deixou registradas. Sua infância, adolescência e parte da fase adulta são recontadas por suas próprias palavras. Bebeu-se com intensidade e senso crítico a narrativa dessa trajetória que Lutzenberger resolveu contar para os filhos. Essas escritas contribuíram para compreender as escolhas e decisões e o momento de partir para o Novo Mundo. As recorrentes citações na autobiografia do objeto de estudo são informações que poderão auxiliar novos estudos e análises futuras. Lutzenberger é, portanto, uma fonte que emerge e enriquece a pesquisa dos investigadores do passado gaúcho e europeu. O uso das citações foi deliberado; espera-se que colaborem para outros textos.

Esse imigrante teve sua essência criada na Bavária, o que gerou a curiosidade e o interesse para se levar a cabo a pesquisa. Era ele imigrante sem a mínima noção do idioma português, do que era ser brasileiro, e, muito menos, gaúcho, figura que para muitos é o habitante da Argentina. Mas por que ele veio, afinal, para o RS?

Estudar história é desbravar terras inóspitas em uma luta constante contra o esquecimento e o apagamento. A esfera do passado é soterrada com energia por um presente que não quer perder seu protagonismo e para ele pouco importa quem foi Lutzenberger. Foi um ecologista? Ou um desenhista? Mas é parte importante de nosso ofício valorizar as trajetórias coletivas e individuais. A atividade intelectual, na história, começa com a ação de limpar o pó

que contamina o esforço de recriar, de reconstruir o passado ao se aglutinar os vestígios de toda ordem. Aquilo que, de fato, é útil para se iniciar uma análise, uma análise histórica objetiva.

Mas o óbvio nem sempre reflete a realidade, e pode-se levantar uma série de novas evidências da escolha de uma pessoa para migrar. É, portanto, em alguma medida, a história de muitos, de milhares que mudam de lugar, de vida e de cultura. O trabalho acadêmico visou olhar com atenção especial para Lutzenberger, esse alemão que vem para o hemisfério Sul em busca da prosperidade, felicidade, de solo fértil lá negado a ele, mesmo com ótimas qualificações e extremamente capacitado. Sua escolha não é fruto do acaso, mas do destino. Portanto, volta-se à temática genérica para evidenciar o porquê deste destino, algo que acometeu a escolha de milhares de seus conterrâneos europeus. Essa saga coletiva e bastante numérica está à beira de completar seu segundo século de existência, em 2024, é fato muito antigo em um país jovem e desigual.

Para colocar Lutzenberger no mapa do RS é preciso entender essas ondas migratórias contínuas para o Sul do Brasil, oriundas dos diversos reinos alemães. Essa foi uma das primeiras atividades da tese que possibilitaram a vinda desse imigrante que falava a língua comum a muitos de seus futuros conterrâneos, os teuto-gaúchos. Lutzenberger veio não só porque necessitava, mas veio na esteira de uma realidade comum a muitos alemães, ou que possuíam cultura similar. Assim, para entender o fenômeno individual volta-se para o coletivo, pois há o “hábito” de migrar para o RS, e a tese dá conta desse fenômeno, pois assim o fizeram os antepassados de Weise e Mennig, responsáveis pela decisão de Lutzenberger de evadir-se de sua vida na Alemanha e escolher Porto Alegre.

Portanto, há, ao longo da tese, essa constante necessidade de se olhar o fenômeno macro para se entender o micro e partir do individual para chegar ao coletivo, o que destaca a metodologia empregada no auxílio da pesquisa e responder as questões apontadas para a contribuição da ciência da história. Optou-se por uma mescla de metodologias, exigidas pelas particularidades do objeto de estudo. Portanto, não se limitou a uma metodologia singular, mas se adaptou o que cada um ofereceu para compreensão do passado e a obtenção de novas informações para o campo historiográfico.

Os imigrantes produzem muitas histórias romanceadas que justificam uma atitude extrema de levantar o acampamento e mudar de rumo completamente. Lutzenberger não foge à regra e dá evidências raras de sua escolha, mesmo que para isso se “esconda” atrás de um erro de cálculo matemático, pois para ele faltava a exata noção de quanto valia a moeda nacional do Brasil em relação ao marco alemão. Confessa que a situação alemã não indicava coisa melhor. Essa é uma óbvia contradição, que se consegue apontar, pois, ao longo de sua vida profissional,

faz questão de mudar de realidade, mesmo tendo alcançado as expectativas de seus superiores. Chega a receber proposta de aumento na prestigiosa firma Reinhardt & Süssenguth de arquitetura em Berlim, fato que corrobora a sua qualificação no trabalho, mas declina a oferta e prefere “perambular” em busca de outro vínculo empregatício.

Nesse contexto, lembrou-se de duas exceções que pouco têm a ver com o seu esforço ou resultado de sua qualificação, como na péssima experiência em Praga (Tcheca), em que era rejeitado pelos colegas que o viam como alguém muito caro e indesejado pela sua condição de “invasor”, ou quando trabalhava demais e recebia de menos no acanhado escritório que montou com um colega de Faculdade. Fora isso, destacava-se nos afazeres profissionais e como opção pessoal decidiu variar, não por necessidade trabalhista. Sua vida, vez por outra, era mudar de rumo, trocar de emprego e fugir da orientação do pai que lhe pedia para se acalmar e tornar-se funcionário público estável e estático. Sem querer, em seu relato autobiográfico, Lutzenberger demonstra insatisfação e desejo de começar uma nova atividade em lugar diferente, de tempos em tempos. Tinha em si essa característica, certa aflição. Sobre o anúncio da firma brasileira, que seria uma fortuna em marcos convertidos, foi algo quase mitológico, pois mesmo sendo econômico, nesse aspecto reconheceu que foi preciso mais de um mês para dar conta da burocracia entre ambos os países: Brasil e Alemanha. E é crível aceitar que nesse período não investigou melhor a situação do câmbio? Queria viajar, queria experimentar. Uma Alemanha destroçada e seu desejo o fizeram aceitar a nota promissória da firma Weise e Mennig. Mesmo criticando como pouco competentes os seus colegas-chefes, cumpriu o contrato estipulado e ficou sem maiores alardes por cinco anos no mesmo emprego, fato raro, sem paralelo na sua vida anterior.

A contradição é uma evidência, mas não necessariamente foge à tradição familiar, pois as filhas descrevem o interesse do pai por novas culturas e experiências. Conclui-se que Lutzenberger imigrou por vários fatores, como é comum aos imigrantes que almejam um futuro melhor, em outro lugar. Nesse caso não foge à regra ao fugir das dificuldades da Alemanha, buscando a felicidade longe da dor.

Outra importante contribuição atingida foi o relato mais amplo do tempo de guerra, mesmo que se entre neste quesito em conflito com a tradição tanto da família quanto dos amigos, Fernando Corona, em especial, que transcreveu as vivências para o digital, perpetuando as impressões que obtivera no contato com Lutzenberger. Poucas são as exceções em tempo de guerra, mas o soldado é imputável pelos seus crimes que nem são encarados com tal. Mas é evidente que um oficial que faz curso para o uso mais eficaz, entenda-se mortal, de um estratégia bélica, está ciente que sua ação levará, necessariamente, ao sofrimento e morte de

seus inimigos. Essa é uma realidade que não se pode negar a respeito de Lutzenberger. Como o caso do “senhor Gás”, título que Lutzenberger dá a si mesmo. Infelizmente, ele se contaminou com o estado de loucura que é uma guerra, em especial uma guerra que tudo destrói por quatro longos anos. Em seu relato do período parece corriqueiro demais, e a narrativa é indiferente e sem um caráter reconciliatório, como demonstraram outros veteranos em seus diários públicos⁴⁴³. Lutzenberger transmite a sensação de que ele não errou ou que tenha feito alguma reflexão mais séria de sua participação militar. Não menciona a camaradagem tão comum nessas situações extremas e omite o nome de qualquer parceiro de combate. E esquece-se de mencionar o cachorro adotado e retratado em suas aquarelas e na mini escultura que fez de seu amigo peludo. Cita, de maneira indiferente, estatísticas dos companheiros de pelotão mortos. Essa perspectiva histórica não era a esperada no início da pesquisa, mas é uma dura realidade que se revela para o pesquisador que se encanta, cada dia mais, com suas aquarelas e retratos, mas teve essa amarga decepção. Levantar a vida de alguém é se surpreender, às vezes negativamente. E a tese também tem essa função, de levantar pontos obscuros ou não comentados nos relatos conhecidos de Lutzenberger. Não é possível ignorar sua passagem nos campos de extermínio coletivo que virou a Europa central. Até então na história registrada, nunca se havia matado tantas pessoas durante um período contínuo como foi a Primeira Guerra Mundial. Não era esse o objetivo da pesquisa, revelar o empenho de Lutzenberger na guerra, mas a superficialidade ao relatar não deixa dúvidas sobre isso, quando, por exemplo, dos cursos que fez para matar o inimigo com o uso de gás mortífero, e sobre isso cria até um apelido para si. Neste sentido, Lutzenberger está imerso em um nacionalismo exacerbado do ponto de vista do pesquisador, que sente forte antagonismo com essa tranquilidade, certa indiferença que ele, em sua autobiografia, expressa no trecho que compreende o período do confronto bélico.

A sua atuação profissional, embora não seja um revolucionário, para aceitar e acatar as tendências vanguardistas do mercado, ele assimila o expressionismo na arquitetura em voga na capital gaúcha e demais tendências que, eventualmente, surgiram em seu tempo ativo como arquiteto. Projeta ao gosto dos seus clientes locais. Entra em contato com a realidade comercial deles para criar seus prédios. A própria casa é um estudo e um processo de assimilação das normas e condutas vigentes em Porto Alegre, pois divide a sua residência, respeitando a influência do momento, e depois, mesmo desistindo, dá mostras dessas interferências. Seus projetos são atualizados com as tendências do mercado, logo, da realidade gaúcha que, aos poucos, se impôs, e ele a aceita realizando obras de inegável valor que não podem ser

⁴⁴³Piccolo (1934); Renn (s.d.); Lintier (1957); Satto (2015); Sanmartin (1957)

consideradas alheias ao conjunto das demais construções da capital. Suas produções arquitetônicas são ecléticas nos estilos empregados, e certamente não as projetaria na sua Alemanha natal. É mais um exemplo de assimilação: projeta com tendências locais. O Palácio do Comércio reflete isso, a capacidade de modificar seus projetos ao longo dos anos e ao aceitar as influências locais.

Em relação à sua arte, ela é encantadora e deveria ser bem mais conhecida pelos gaúchos. Ali há muitas evidências, como se demonstrou na tese, de sua lenta e gradual assimilação. As evidências são muitas e passam pela escolha da temática, dos tipos retratados, da fauna e flora do Rio Grande do Sul, em que Lutzenberger aprofunda seus estudos e faz incursões culturais para aperfeiçoar a verossimilhança de seus traços a nanquim, ou borados com água e tintas, do que passa a ver, enxergar e observar no RS. E a isso se pode atribuir a bagagem cultural e prática que ele se empenha em ter e dominar. Lutzenberger quer saber como representar as roupas, como identificar o nível socioeconômico dos elementos que descreve visualmente. Em parte, o presente estudo é ilustrado com várias de suas belas aquarelas, e se comenta sobre elas de maneira direta quando abordam algo específico, como foi o “surgimento” dos bois nas suas representações artísticas. Ou quando pesquisou sobre as lendas brasileiras, indo atrás de fatos, versões e aparência de seres mitológicos que Lutzenberger nem fazia ideia de que existiam. E isso é assimilação, tornar-se parte do outro, e possuir o entendimento comum a uma cultura que, aos poucos, passa a ser sua, sem nunca esquecer o duplo, a vivência antiga que não cessa e fica na mente do imigrante.

As preocupações indiretas são quando as ilustrações se apoiam e se relacionam no tema descrito, como no Estado Novo, e dois correligionários a pichar na parede a ilustração da palavra proibida: “vota” (figura 79). Ou quando não se pode falar em alemão devido às denúncias dos vizinhos, as três matronas estão a cochichar, a falar mal, possivelmente dos outros. Suas ilustrações fidedignas são realizadas pelo interesse que ele tem em dominar e saber fazer da maneira correta. Lutzenberger assemelha-se ao historiador que quer reproduzir o evento passado com fidelidade.

Mais por desejo próprio e influenciado pelo conhecimento voluntário é que Lutzenberger sente necessidade de aprender. Busca pessoas conhecidas, fala com entendidos, quer refletir como ilustrador-cronista a verdade dos fatos. Seus retratos visualmente descritivos, urbanos e do campo são prova incontestada de sua assimilação, pois não se trata apenas de habilidade artística, há por detrás das crônicas visuais a interação de seu entorno, das novas experiências acumuladas. Não seriam fruto só da capacitação artística. É esse o caso, dentre

outros, da série “Os Farrapos” (figura 50) que se torna ícone do período e uma importante referência para os novos artistas locais.

Como esmiuçado no quarto capítulo, parte de sua assimilação ganha em aceleração ao decidir casar e constituir família. Mesmo escolhendo uma moça em que seu processo e intensidade da mudança cultural ocorressem em menor intensidade, fala em alemão com ela. É inegável que começa uma vida de casado mais próxima a de seus conterrâneos locais, o relacionamento afetivo é uma guinada que não pode ser subvalorizada. Isso vale para os seus filhos, pois a vida ganha outros aspectos que reforçam a direção tomada, com o casamento com Emma Kroeff, aos poucos e cotidianamente adquire hábitos, valores que, mesmo sendo Lutzenberger uma pessoa atávica e que nega suas transformações, com a vivência familiar se adapta à sociedade gaúcha, assimilando-se. Muda sua relação, precisa ganhar mais dinheiro, troca de alimentação: come carne de gado com frequência e comemora aniversários em churrascos dos parentes.

Aos poucos se torna conhecido e participa da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, um marco político-cultural na cidade e estado, com afluxos de grande público. Toma partido para si das vantagens de ter “trânsito” entre as elites locais, pois é esse um dos caminhos percorridos para tornar-se professor. São suas redes sociais, a “*network*”, se ampliam, via contatos profissionais e familiares, com a conexão criada junto de Emma, ao conhecer o cunhado Gaston Englert e tantas outras figuras importantes no cenário local. Na construção da igreja São José, conversa com pessoas de relevo social, como Bastian Pinto e tantos outros ricos teutos que o contratam para criar suas residências, sendo várias delas na região colonial de Novo Hamburgo / São Leopoldo, sem se esquecer de seu colega e amigo Fernando Corona que terá relevância em sua escolha para tornar-se docentes no IBA (1937). Outro canal em que Lutzenberger atua com eficácia são as comunidades religiosas, pois, ele constrói igrejas em Porto Alegre, Caçapava do Sul, Novo Hamburgo e chega perto em Santo Ângelo e Santa Cruz do Sul, deixando patente suas relações com o clero e os membros leigos. Sem esquecer que Lutzenberger foi escolhido para finalizar o Orfanato Pão dos Pobres, outra instituição religiosa de relevância no cenário social de Porto Alegre.

No processo de assimilação, outro fator de destaque é a entrada de Lutzenberger na docência. Torna-se um professor estrangeiro que só poderia entrar no setor público com os seus papéis em “*dia*”. Essa é uma lacuna legal, que o pesquisador não conseguiu determinar, pois Lutzenberger será tratado ora como estrangeiro ora como cidadão naturalizado, e mesmo assim assume a cadeira de Geometria Descritiva no IBA. É a evidência de seus conhecimentos

técnicos, mas revela a mesma desenvoltura na língua e nos costumes, nas artes, pois participa de muitas exposições relacionadas com a temática local.

No casamento decide ir com calma na sua assimilação, mas os ventos mudam e o país dá uma guinada autoritária. O Estado Novo recoloca Lutzenberger como um estrangeiro, com menos direitos e maiores deveres. A tese apresenta considerações sobre esse estado nocivo e antidemocrático, quando o poder de um indivíduo é sentido por todos os demais. Outra situação criada nessa onda coercitiva foi o projeto de aniquilação das individualidades, seguido da nacionalização ou assimilação das culturas periféricas, como os teuto-gaúchos no rol da cultura e dos hábitos brasileiros. A assimilação é forçada e formal, com maior ênfase no interior (afastado dos grandes centros populacionais), em que os cidadãos, em especial os teuto-gaúchos, precisam aparentar e serem o mais parecido possível com o tipo local, o estereótipo do gaúcho fronteiriço. Isso é evidenciado na lápide do colono que se pilcha, começo de uma realidade que vira norma no Estado Novo. No caso de Lutzenberger, seriam as idas à delegacia para prestar contas como um adolescente diante do pai. Ele se apercebe da sua situação de estrangeiro e pouco assimilado aos olhos daquele regime autoritário e coercitivo. Mas isso era apenas um digestivo para o que viria a frente, e a entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra que se alastra nos campos europeus. A violência se confunde com o formalismo estatal com início mais simbólica. Mas há um natural recrudescimento das normas e leis que mudam o nível de violência e passam às vias de fato: é proibido falar em alemão e as leis antidemocráticas e excludentes emergem com voracidade e em quantidade a partir da declaração de guerra do Brasil aos países do eixo.

Surge, então, uma novidade que parecia ser uma exceção, mas se torna uma norma para Lutzenberger que tem seus bens por duas vezes arrestados para bancar os prejuízos causados por sua nação natal. A situação é péssima e motivo para aumentar a animosidade entre os teutos e os “nativos”. O cenário é propício para atos violentos, e os aproveitadores e radicais depredam lojas identificadas como alemãs e as ameaças são a regra cotidiana no estado gaúcho. Sobre esse período, a jovem Rose Lutzenberger (2019) relata o quão distante parecia o processo de assimilação de seu pai, que entra em “retrocesso” formal. A agonia para os Lutzenberger, seguida de dúvidas e medos, até 1945, quando a calmaria retorna com o fim da guerra e aos poucos o Brasil ruma para democracia representativa.

Após 1945, a carreira profissional de Lutzenberger declina, não projeta mais. Ele se dedica com mais afinco à docência, à família e aos seus lazeres, pois não perde o hábito de desenhar. Aproveita a vida estável de ancião. Retoma o projeto interrompido pelo Estado Novo e a guerra para se ajustar aos trâmites legais na sua pátria definitiva, o Brasil, mas pelo que se

sabe não é ressarcido pelas abusivas indenizações que lhe foram tributadas em nome do governo alemão.

Nesse contexto, nas palavras finais da tese, espera-se ter contribuído para o processo criativo acadêmico ao se apresentar novas informações, análises e conhecimentos que possam ser úteis como saberes para a construção do prédio da ciência, essa árdua criação coletiva. Almeja-se tê-la ajudado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Luciano Arrone de. **Um olhar Regional sobre o Estado Novo**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O significado das pequenas coisas: História, prosopografia e biografemas. *In*: AVELAR; Alexandre Sá; SCHMIDT, Benito (org.). **Grafia da vida**. Reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Xenofobia, Medo e Rejeição ao Estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.
- ALMEIDA NETO. Antonio S. de. **Representações Utópicas no Ensino de História**. São Paulo: UNIFESP, 2011.
- ALVES, J.V. Portella. **Os blindados através dos Séculos**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1964.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Uso e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- AMARAL, José Luiz Martins. **Juventude Brasileira. O Lado Fascista do Estado Novo**. Caxias do Sul: Maneco Livraria e Editora, 2004.
- AMARAL, Sandra Maria do. **O Teatro do Poder**. As Elites Políticas no Rio Grande do Sul na Vigência do Estado Novo. Ijuí: UNIJUÍ, 2013.
- AMSTAD, Theodor. **Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul (1824- 1924)**. Trad. de Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
- ANDRADE, Julieta. **Identidade Cultural no Brasil: estudo de casos**. Vargem Grande Paulista: Editora e Empreendimentos, 1999.
- ARENDDT, Isabel Cristina; SILVA, Haike Roselane Kleber da. **Representação do Discurso Teuto-católico e a Construção de Identidades**. Porto Alegre: EST, 2000.
- ARENDDT, Isabel Cristina (org.). **História da Imigração: possibilidade de escrita**. São Leopoldo: OIKOS, 2013.
- ARQUITETURA COMEMORATIVA – Exposição do Centenário Farroupilha. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL- APERS. **Processo 9091 m250 p.2**, de 21/08/1950.
- ARTHUR, Max. **Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- AVELAR; Alexandre Sá; SCHMIDT, Benito (org.). **Grafia da vida**. Reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- _____. **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- ÁVILA, Gabriel da costa. **Ciência, objeto da História**. São Paulo: Alameda, 2019.
- BARROS, José d'Assunção. História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH – Revista de História**, n.15, p.235-256, 2005.

BAPTISTA, Maria Teresa Paes Barreto. **José Lutzenberger no Rio Grande do Sul: Arquitetura, Ensino e Pintura (1920-1951)**. Porto Alegre: PUCRS, 2007 (monografia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus Eternos Intendentes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BAKOS, Margaret Marchiori. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 12, n. 33, p. 213-226, 1998. <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9421>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BALDWIN, Hanson W. **Batalhas ganhas e perdidas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1978.

BARBOSA, Elaine Senise; MAGNOLI, Demétrio. **O mundo em desordem – Liberdade versus igualdade – V.1 1914-1945**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARROS, José d'Assunção. História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH – Departamento de História Universidade Federal de Ouro Preto, Revista de História**, n.15, p.235-256, 2005.

BARTOV, Omer; GROSSMANN, Atina; NOLAN, Mary (orgs). **Crimes de Guerra: culpa negação no Século XX**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005. 376p.

BECKER, Sérgio. **Porto Alegre Centro Cultural**. Porto Alegre: EVAGRAF, 2006. 80p.

BELLINTANI, Adriana Iop. **Conspiração contra o Estado Novo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BELLO, Helton Estivalet. Arquitetura e Planejamento Urbano em Porto Alegre: dos anos 30 aos anos 70. In: KRAWCZYK, Flávio. **Da Necessidade do Moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002. p. 95 – 120.

BERGER, Peter I.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

BEZERRA, Holien. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

BISSÓN, Carlos Augusto. **Moinhos de Vento. Histórias de um bairro de Porto Alegre**. 2. ed. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: IEL, 2009.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história das Guerras**. São Paulo: Fundamento, 2014.

BLANC, Claudio. **Primeira Guerra mundial**. A guerra que acabaria com todas as Guerras. Barueri: Camelot, 2019.

BLIN. **Pequena história da Grande Guerra (1914-1918)**. Rio de Janeiro: Americana, 1939.

BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes do cotidiano**. São Leopoldo: OIKOS, 2015.

BOWLER, Gerry. **Papai Noel: uma biografia**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

- BORGOÑO, Miguel Alvarado. **Aculturações: o vazio da cultura ou o delírio da identidade.** Campinas: Editora da Unicamp, 2017.
- BRANCO, Fernando. **Novelas Submarinas.** Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1936.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade & Etnia.** Construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRUM, Ceres Karam; MACIEL, Maria Eunice; OLIVEN, Ruben George (orgs.). **Expressões da Cultura Gaúcha.** Santa Maria: UFSM, 2010.
- BRUM, Rosemary Fritsch. Vida Privada e Promessa. *In:* CONSTANTINO, Núncia Santoro de; RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio (Org). **De pioneiros a cidadãos: imagens da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1960).** Porto Alegre: Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, 2005.
- BULÇÃO, Clóvis. **Os Guinle.** A História de uma Dinastia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- CAMPOS, Derocina Alves. **Federalismo versus centralização: a década de 1930 no Rio Grande do Sul.** Rio Grande: FURG, 2001.
- CAMPOS, Reynaldo Pompeu de. **Repressão Judicial no Estado Novo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2021.
- CANCELLI, Elisabeth. **O mundo da violência.** A Polícia da era Vargas. Editora UNB, 1994.
- CANES, Anna Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre.** Porto Alegre: EU/ Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.
- CARNEIRO, Deivy Ferreira. Os usos da biografia pela micro-história italiana: Interdependência, biografias coletivas e network analysis. *In:* AVELAR; Alexandre de Sá;
- CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **História e Arte Funerária dos Cemitérios São José,** em Porto Alegre. 2. ed.; E-book. São Leopoldo: Oikos, 2020.
- SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **O que pode a biografia.** São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- CASTRO, Hebe. História Social *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História.** Rio de Janeiro: ELSEVIER, 1997. Cap. 2, p. 76-96.
- CAVALCANTI, Pedro. **A presidência Wenceslau Braz: 1914-1918.** Brasília: Editora Universidade de Brasília/ UNB, 1983.
- CASELLA, Paulo Borba. **Tratado de Versalhes na história do direito internacional.** São Paulo: Quartien Latin, 2007.
- 1º. CENTENÁRIO Igreja São José 1871-1971. Porto Alegre: [s.e.], 1971. (Livro usado)
- CELSO, Alex. **10 alemães veem o Brasil... Hoje e amanhã.** Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1942.
- CHÉRADAME, André. **O plano pangermanista desmascarado.** Rio de Janeiro: LIVRARIA GARNIER, 1917.
- CHARTIER, Roger. **À beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietações.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHURCHILL, Wiston. **Pintar como passatempo.** Rio de Janeiro: ODISSEIA, 2012.

- COELHO, Adolfo. **Nos bastidores da Grande Guerra**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1934.
- COLUSSI, Eliane Lucia. **Estado Novo e municipalismo gaúcho**. Passo Fundo: Ediupf, 1996.
- COMPARATO, Fábio Konder. **A oligarquia brasileira: visão histórica**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2017.
- COMPAGNON, Olivier. **O adeus à Europa**. A América Latina e a Grande Guerra. Rio de Janeiro: ROCCO, 2014.
- CONSTATINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. 1990. 389 f. Tese (Doutoramento em História Social) Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 1990.
- CONSTATINO, Núncia Santoro de. Redes Sociais e ocupação de espaços econômicos: Imigrantes italianos em Porto Alegre. *In: De RUGGIERO, Antonio; FAY, Cláudia Musa; (orgs). Imigrantes empreendedores na História do Brasil*. Estudos de Casos. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.
- CONSTATINO, Núncia Santoro de. *In: RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio (Org). De pioneiros a Cidadãos: imagens da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1960)*. Porto Alegre: Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, 2005.
- CORONA, Fernando. **Caminhada nas artes 1940-76**. Porto Alegre: Editora da UFRGS / Instituto Estadual do Livro DAC/SER-RS, 1977.
- CORONA, Fernando. 50 anos de formas plásticas e seus autores. *In: Enciclopédia Rio-grandense*. Tomo 3 – Rio Grande Atual. Canoas: Editora Regional, 1957.
- COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e Educação – um panorama. *In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.)*. 2ed. **Cultura, poder e educação** um debate sobre estudos culturais em educação. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.
- CUNHA, Célio da. **Educação e autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Cortez, 1981.
- D'ÁVILA, Naida Lena Menezes. Na trajetória da modernidade: o lazer e a moral nos anos 50 em Porto Alegre. *In: KRAWCZYK, Flávio. Da Necessidade do Moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002.
- D'AVILA, Rosemeire. **Lembranças da imigração**. Cenas e cenários de vida dos imigrantes espanhóis em Bauru 1892-1930. Bauru: EDUSC, 2004.
- DAMASCENO, Athos. **Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: Globo, 1962.
- DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martín Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- De RUGGIERO, Antonio; FAY, Cláudia Musa (orgs). **Imigrantes Empreendedores na História do Brasil. Estudos de Casos**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.
- De RUGGIERO, Antonio; FAY, Cláudia Musa; GERTZ, René (orgs). **Vivências da Primeira Guerra Mundial entre Europa e o Brasil**. São Leopoldo: OIKOS; UNISINOS, 2015.

- DEL PRIORE, Mari. Biografia, biografados: Uma janela para a história. *In*: AVELAR; Alexandre Sá; SCHMIDT, Benito (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE PROPAGANDA - DNP. O açúcar sob o governo Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: DNP, 1939.
- DOBERSTEIN, Arnold Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DOMINGUES, Moacyr. **A Nova Face dos Muckers**. São Leopoldo: Rotermund, 1977.
- DÖNHOF, Marion. **Minha Infância na Prússia**. São Paulo: ED. 34, 2002.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: USP, 2009.
- DREYER, Lilian. **Sinfonia Inacabada: A vida de José Lutzenberger**. Porto Alegre: VIDICOM, 2004.
- DUARTE, Eduardo. **O Centenário da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (1824-1924)**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1946.
- DUPEUX, Louis. **História Cultural da Alemanha 1916-1960**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- EAKIN, Paul John. **Vivendo Autobiograficamente**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- ENGLUD, Peter. **A Beleza e a Dor - Uma história íntima da primeira guerra mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ENCICLOPÉDIA Rio-grandense. Canoas: Editora Regional, 1957.
- ESCOBAR, Juan Pablo. **Pablo Escobar. Meu Pai**. As histórias que não deveríamos saber. São Paulo: Planeta, 2015.
- ESPAÇO 5 ANOS de Arquitetura. Porto Alegre, Revista **Espaço de Arquitetura, urbanismo e arte**, n. 4, p. 6-26, dez. 1949.
- EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO FARROUPILHA. Pavilhão cultural - Secção de Belas. Artes Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935. Catálogo Ilustrado (Brochura)
- ARQUITETURA COMEMORATIVA – Exposição do Centenário Farroupilha. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- FACHEL, José Plínio Guimarães. **As violências contra alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, Pelotas e São Leopoldo do Sul**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2002.
- FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FARREL, Santiago. **Tudo o que Você Precisa Saber sobre a Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Planeta, 2018.
- FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. *In*: NOVAIS, F. A.; SCHWARCZ, Lília Mortiz (org.). **História da vida privada no Brasil IV: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FAY, Claudia Musa; SCHEMES, Claudia.; PRODANOV, Cleber Cristiano. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. **História Econômica & História de Empresas**, v. 13, n. 1, 10 jul. 2012.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

- FEIJÓ, Alceu. **A Imagem além do Tempo**. Novo Hamburgo: um Cultural, 2016.
- FERGUSON, Niall. **O Horror da Guerra**. Uma provocante análise da primeira guerra mundial. São Paulo: Planeta, 2014.
- FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (Orgs.). **Imigração: diálogos e novas abordagens**. São Leopoldo: OIKOS, 2012.
- FERNANDES, Graça. **A Europa a Ferro, Fogo e Gás**. Porto: Seda Publicações, 2016.
- FERRANTE, Miguel Jeronymo. **Nacionalidade Brasileiros Natos e Naturalizados**. Brasília: Edição do Autor, 1983.
- FERRARI FILHO, Fernando. **Fernando Ferrari**. Ensaios sobre o Político das Mãos Limpas. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013.
- FERRARI, Livia. Conversas sobre Fernando Ferrari. In: FERRARI FILHO, Fernando. **Fernando Ferrari. Ensaios sobre o político das mãos limpas**. Porto Alegre: TOMO EDITORIAL, 2013.
- FERRO, Marc. **A Grande Guerra 1914-1918**. Lisboa: Edições 70, 1992.
- FERRO, Marc. **A colonização explicada a todos**. São Paulo: UNESP, 2017.
- FIGUEREDO, Paulo. **Aspectos ideológicos do Estado Novo**. Brasília: Senado Federal, 1983.
- FISCHER, Luís Augusto; Gertz, René Ernani (et. al.). **Nós, os teuto-gaúchos**. Ed. UFRGS, 1996.
- FLORES, Moacyr. Cartão postal: Amor e sensibilidade. In: FLORES, Moacyr (org.). **Cartões postais: imagens e história cultural**. Porto Alegre: Ediplat, 2007.
- FONSECA, Claudia. **Família, Fofoca e Honra**. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- FONTOURA, João Neves da. **Memórias. Borges de Medeiros e seu Tempo**. Porto Alegre: GLOBO, 1969. Vol. 1.
- FOUQUET, Carlos. **O Imigrante Alemão e seus Descendentes no Brasil (1808–1824–1974)**. São Leopoldo: 25 de julho, 1974.
- FROMKIN, David. **O Último Verão Europeu: quem começou a grande guerra de 1914?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- FROSI, Vitalina Maria. Dar escolas aos Filhos. In: CONSTANTINO, Núncia Santoro de; RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio (Org). **De Pioneiros a Cidadãos: imagens da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1960)**. Porto Alegre: Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, 2005.
- FULLBROOK, Mary. **História Concisa da Alemanha**. São Paulo: Edipro, 2012.
- FULLER, J.F.C. **A Conduta da Guerra de 1789 aos nossos Dias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1966.
- FUNDAÇÃO de Economia e Estatística - FEE. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS:1803-1950**. Porto Alegre: FEE, 1981. ilustr. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/publicacoes/digitalizacao/de-provincia-ide-sao-pedro-a-estado-do-rs-vol-1-1981.pdf>. Acesso em: 18.09.22.
- GALTIER-BOISSIÈRE, Jean. **História Secreta da Guerra** (v.1). Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1936.

- GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuniti (Org.). **Em Primeira Pessoa: abordagem de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume, 2009.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. Antropólogos na Mídia: comentários acerca de algumas experiências de comunicação intercultural. *In*: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (orgs). **Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998.
- GANS, Magda Roswita. **Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX: 1850-1889**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GARAMBONE, Sidney. **A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GERTZ, René Ernani. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.
- GERTZ, René Ernani. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991.
- GERTZ, René Ernani. **O Aviador e o Carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção História, 50).
- GERTZ, René Ernani. A construção de uma nova cidadania. *In*: MAUCH, Cláudia. **Os alemães no Sul do Brasil - cultura, etnicidade, história**. Canoas: Ed ULBRA, 1994.
- GERTZ, René Ernani. Reflexos da Primeira Guerra no Brasil: a Liga Gêrmanica. *In*: De RUGGIERO, Antonio; FAY, Cláudia Musa; GERTZ, René (orgs). **Vivências da Primeira Guerra Mundial entre Europa e o Brasil**. São Leopoldo: OIKOS; UNISINOS, 2015.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. **O queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito (org.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: UFRGS; FGV, 2009.
- GOMES, Paulo. **José Lutzenberger, cronista** seguido de cronologia e principais referências bibliográficas e iconográficas. Para Madalena e Rose, companheiras na constituição deste trabalho. Porto Alegre, 2001. (apostila)
- GONÇALVES, Cássia. **O mal-estar do dominante**. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, 2019.
- GONÇALVEZ, Márcia de Almeida. Mestiço, pobre, nevrospata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. *In*: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito. **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: UFRGS/ FGV, 2009.
- GREGORY, Barry. **Argone 1918. A Força Expedicionária Americana**. Rio de Janeiro: Renes, 1979.
- GRIENEISEN, Vera. **Aspectos transculturais na arquitetura porto-alegrense**. A obra de quatro profissionais alemães entre 1900 e 1950. 2019. 387 p. Tese (Doutorado em

Arquitetura) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2019.

GRIESS, Thomas E. Estudo de um Caso de Contra-insurreição – Kitchenr e os Bôeres. In: WEIGLEY, Russel F. **Novas dimensões da história Militar** (v. I; II). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1981-2.

GRINBERG, Keila; Salles, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial-Vol. III-1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GUIDO, Angelo. Trinta anos de pintura. *In*: Enciclopédia Rio-grandense Tomo 3 – Rio Grande Atual. Canoas: Editora Regional, 1957.

GUTREIND, Ieda. **Comunidades Judaicas no interior do RS: Santa Maria**. Santa Maria: Editora UFSM, 2010.

HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. **O Rio Grande do Sul, a Terra e o Homem**. Porto Alegre: Globo, 1941.

HASSE, Geraldo. **Eucalipto. Histórias de um Imigrante Vegetal**. Porto Alegre: Já Editores, 2006.

HÄDRICH, Caroline. **A arte e o ofício de José Lutzenberger (1882–1951)**. 2021, 165 p. Dissertação (mestrado em Artes visuais), Instituto de artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

HÄDRICH, Caroline; RAMOS, Paula. José Lutzenberger (1882–1951) e a obra de arte total no Palácio do Comércio em Porto Alegre (1936–1940). **Revista Seminário de História da Arte**, v. 1, n. 7, 2018. (ISSN 2237-1923)

HEMEROTECA VIRTUAL da biblioteca nacional. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 11.11.2022.

HIGONNET, Anne. Mulheres, imagens e representações. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente O século XX**. Porto; São Paulo: Edições Afrontamento; EBRADIL, 1992.

HOGG, Ian V. **Os canhões 1914-18 a guerra da artilharia**. Rio de Janeiro: Renes, 1978.

IANSOGRODSKI, David. **Obrigado, Porto Alegre**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2001.

IENNACO, Claudia Reche. **A sociedade Vigia. O medo como instrumento de controle social**. Belo Horizonte: Editora D'PLACIDO, 2017.

IOTTI, Luiza Horn (org.). **Imigração e Colonização: Legislação de 1747-1915**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001. (Prefácio de Núncia Santoro de Constantino; e Introdução).

INSTITUTO de Belas Artes – I.B.A. do Rio Grande do Sul. **Grande Exposição de Belas Artes**. Março de 1942. Catálogo. Porto Alegre: Globo, 1942.

INSTITUTO de Belas Artes – I.B.A. do Rio Grande do Sul. **Inauguração do Edifício**. Julho de 1943. Porto Alegre: Globo, 1943.

IZUMI, Seiichi. A estrutura psicológica da colônia Japonesa no Brasil. *In*: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (org). **Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil**. São Paulo/ Petrópolis: USP/ Vozes, 1973.

JACOBSON, A.; ANTONI, A.. **Das antecipações de Julio Verne às realizações de hoje**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1938.

- JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979.
- JACQUES, João Cezimbra. **Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul**. Santa Maria: UFSM, 2014.
- JOHNSON, J. E. **Guerra no Ar. História da aviação de Caça**. Porto Alegre: Globo, 1966.
- JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo horizonte: Autêntica, 2000.
- JUKES, Geoffrey. **Desastre nos Cárpatos – 1916**. Rio de Janeiro: Renes, 1979.
- KARAWCZYK, Mônica. Mulher deve votar? O código Eleitoral de 1932 e a conquista do sufrágio feminino através das páginas dos jornais Correio da Manhã e A Noite. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2019.
- KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. *In*: KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra Inês (org.). **Micro-História, Trajetórias e Imigração**. São Leopoldo: Unisinos, 2015.
- KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra Inês. Investigação e formalização na perspectiva da Micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. *In*: KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra Inês (org.). **Ensaio de micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Unisinos, 2016.
- KEEGAN, John. **História Ilustrada da Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- KLUG, João. Imigração no Sul do Brasil. *In*: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial**-Vol. III-1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, (Cap. VI).
- KLÜGER, Ruth. Verdade, mentira e ficção em autobiografia e romance autobiográficos. *In*: GALLE, Helmut (et al.). **Em primeira pessoa**: abordagem de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume, 2009.
- KIPPER, Maria Hopper. **A Campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz (1937-1945)**. Santa Cruz do Sul: Associação Pró-ensino em Santa Cruz do Sul, 1979.
- KITCHEN, Martin. **História da Alemanha moderna** de 1800 aos dias de hoje. São Paulo: Cultrix, 2013.
- KRAWCZYK, Flávio (org.). **Da necessidade do Moderno**: o futuro da Porto Alegre do século passado. Porto Alegre: Unidade Editorial; Secretaria Municipal da Cultura, 2002.
- KREBS, Carlos Galvão. O Kerb através da Arte. **Diário de Notícias**, 21/07/1953. (sem edição)
- KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia política. **Estudos Históricos**, v.3, n.24, 1999.
- LANDO, Aldair (org.). **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1981.
- LEAL, Elisabete. **Mulher e família na virada do século – o discurso da federação**. *In*: HAGEN, Acácia Maria Maduro; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Sobre a rua e outros lugares reinventando Porto Alegre. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul / Caixa Econômica Federal/RS, 1995

LEÃO, Sílvia Lopes Carneiro. Novo Hotel Jung. s.d. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: https://ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_0/0_Silvia.pdf. Acesso em: 11-11-2022.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Texto Visual e Texto Verbal. *In*: FELDMAN-BIANCO; Bela; LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Desafios da Imagem**. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. São Paulo: Papyrus, 1998.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Unesp, 2015.

LEVI, Giovanni. Uso da biografia. *In* AMADA, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LEWINSOHN, Richard. **Os aproveitadores da guerra através dos séculos**. Porto Alegre: Editora Globo, 1942.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Reginâmio Bonifácio de. **Memórias de Velhos: sobre terras e gentes** [livro eletrônico] / Reginâmio Bonifácio de Lima. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020. Ebook.

LINTIER, Paul. **Minha Peça (Recordações de um artilheiro)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1957.

LOPES, José. **Colecionismo, arquivos pessoais e memórias patrimoniais**. Porto Alegre: Cirkula, 2017.

LORIGA, Sabrina. **O Pequeno x da Biografia à História**. Belo horizonte: Autêntica, 2011.

LOUÇÃ, João Carlos. **A Precariedade Generalizada dificulta que os jovens possam se projetar no Futuro**. Disponível em: <https://wort.lu/pt/sociedade/a-precariedade-generalizada-dificulta-que-os-jovens-se-possam-projetar-no-futuro-60cb0339de135b9236a15fda>. Acesso em: 01.10.2021.

LOUREIRO, Isabel Maria. **A Revolução Alemã [1918-1923]**. São Paulo: UNESP, 2005. (Revoluções do Século XX).

LOURINHO, Manuel H. **Prisioneiros Portugueses na Alemanha** (Guerra de 1914-1918). Porto: Edição do Autor, [s.d.]

LUTZENBERGER, Joseph. **Unsere Vorfahren und wir** [Nossos Antepassados e Nós]. Porto Alegre: Autobiografia manuscrita em alemão, 1929. Acervo particular da Família Lutzenberger.

LUTZENBERGER, José. **A Geometria descritiva no ensino das Artes Plásticas** – Tese para o concurso de cátedra da Geometria Descritiva e Perspectiva e Sombra no Instituto de Belas Artes da Universidade de Porto Alegre. Porto Alegre: s/ed, 1938. (apostila)

_____. **Lendas Brasileiras**. Porto Alegre: Plumas, 1951.

_____. **O Colono**. Porto Alegre: Mercantil, 1950.

_____. **O Caixeiro Viajante**. Porto Alegre: Mercantil, 1950.

_____. **O Gaúcho - O Gaúcho Antigo no Rio Grande do sul**. Porto Alegre: Mercantil, 1950.

_____. **Porto Alegre de Ontem**. Porto Alegre: Mercantil, 1950.

LUTZENBERGER, José Antônio Kroeff. Como pensava meu pai. *In: Almanaque Correio do Povo*. Porto Alegre: Caldas Junior, 1978.

LUTZENBERGER, Maria Magdalena Kroeff; FÁVERO, Marilena. A Arte Popular na Escola. *Revista da Educação*, n.95, ano XII, p. 29-32, ago., 1965.

LUZ, Anna Maria Hecker. **A Vida Cotidiana da Mulher Adolescente: sexualidade, gravidez e maternidade no Rio Grande do Sul, 1920-1995**. Porto Alegre: PUC/RS, 1995. Tese (doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-graduação em Educação, 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108227/000129421.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19/07/2019.

LUZ, João Hecker. **Jacob Kroeff Filho - Jacob Kroeff Neto: o Hoteleiro, o Coronel, o Intendente - 1855 a 1966**. Porto Alegre: PUC/RS, 2010. 174 p. Dissertação (Mestrado em História), Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3936>. Acesso em: 19/07/2019.

_____. Um cochicho sobre Joseph Lutzenberger: o machismo dos imigrantes alemães do Rio Grande do Sul por vozes femininas. *In: FAY, Claudia Musa; MENDES, Isa (Orgs). Trajetórias de Vida e Estudos Autobiográficos*. Experiências com História Oral. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

LUZ, Maturino Salvador Santos da. **“Ide todos a José” – A Arquitetura de Joseph Franz Seraph Lutzenberger (1920–1951)**. 2004. 323 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. **A Comunicação e Aculturação: a colonização holandesa no Paraná**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **A Política de Colonização do Império**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

MACMILLIAN, Margaret Olwen. **A primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Globo, 2014.

MACMILLIAN, Margaret Olwen. **Paz em Paris, 1919: a Conferência de Paris e seu mister de encerrar a Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MAEYAMA, Takashi. O antepassado, o imperador e o imigrante: religião e identificação de grupo dos japoneses no Brasil rural (1908-1950). *In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (orgs). Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil*. São Paulo/ Petrópolis: USP/ Vozes, 1973.

MAGALHÃES, Marionilde Brephol de. **Pangermanismo e Nazismo**. A trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: UNICAMP, 1998.

MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Elaine Senise. **Liberdade versus Igualdade – vol. I. O mundo em desordem**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MARGS - Museu de arte moderna do Rio Grande do Sul. Margs. José Lutzenberger [Catálogo de Exposição]. Porto Alegre: Secretaria de Cultura/RS, 2001.

MARTELO, David. **Origens da Grande Guerra** Rumo às trincheiras. Percurso político-militar (1871-1914). Lisboa: Edições Sílabo, 2013.

MASON, David. **Submarinos alemães a arma oculta**. Rio de Janeiro: Renes, 1975.

MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade em Porto Alegre**: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º distrito – Porto Alegre, 2010. 354 f. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, 2010.

MAUCH, Cláudia et al. **Porto Alegre na virada do século 19**: cultura e sociedade. Porto Alegre; Canoas; São Leopoldo: Ed. Universidade UFRGS; Ed. ULBRA; Ed. UNISINOS, 1994.

McMEEKIN, Sean. **O expresso Berlim – Bagdá** O Império Otomano e a tentativa da Alemanha de conquistar o poder mundial 1898-1918. Rio de Janeiro: Globo, 2011.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. Políticas públicas e a participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre *In*: KRAWCZYK, Flávio. **Da necessidade do Moderno**: o Futuro da Porto Alegre do século passado. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002.

MENDONÇA, Renato. **Hospital Schaltter**: a trajetória de Gabriel, Doris José e Theo Tássilo. Porto Alegre: Edição Independente, 2010.

MENDONÇA, Renato. **A trilha de Luiz e Malvina Englert e seus Filhos**. Porto Alegre: Editora do Autor, 2012.

MENEGOTTO, Renato. Habitação multifamiliar em Porto Alegre: Anotações sobre obras de construtores italianos nos anos 1920. *In*: De RUGGIERO, Antonio; FAY, Cláudia Musa. **Imigrantes empreendedores na História do Brasil** – Estudo de casos. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2014, p.207. p.91-114.

MESSENGER, Charles. **A Guerra de Trincheiras França e Flandres, 1914-18**. Rio de Janeiro: Renes, 1978.

MILZA, Pierre. **As relações Internacionais de 1871 a 1914**. Lisboa: Edições 70, 2007.

MIYAO, Susumu. **Nipo-Brasileiros – Processos de Assimilação**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racista. no Brasil. *In*: SPINK, Mary Jane Paris (org.). **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

MONSAGRATTI, Guisepppe. A Grande Guerra interpretações (1914-1918). *In*: De RUGGIERO, Antonio; FAY, Cláudia Musa; GERTZ, René (orgs). **Vivências da Primeira Guerra Mundial entre Europa e o Brasil**. São Leopoldo: Oikos; UNISINOS, 2015.

NASCIMENTO, Maria Regina do. Fios que se entrelaçam: a Santa Casa de Misericórdia e a urbanidade em Porto Alegre, no século XIX. *In*: **Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre**. Histórias Reveladas. Porto Alegre: Editora da ISCMPA, 2009.

NORONHA, Andrius Estevan. O uso da prosopografia para o estudo de elites locais: o caso dos empresários de Santa Cruz do Sul. *In*: HEINZ, Flávio M. (org.). **História social de elites**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Nós e eles**: relações culturais entre brasileiros e imigrantes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da Identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15. 2006.

_____. **Identidade etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

- PEDROSO, Regina Célia. **Estado Autoritário e Ideologia Policial**. São Paulo: Associação Editoria Humanitas; FAPESP, 2005.
- PEREIRA, Elenita Malta. **A ética do convívio ecossustentável: uma biografia de José Lutzenberger**. Orientador: Benito Bisso Schmidt. 2016. 630 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2016.
- PEREGO, Jeanne. **A Baviera de Joseph Ratzinger** Guia prático aos locais de origem de Bento XVI. São João do Estoril: Lucerna, 2006.
- PERRAZZO, Priscila Ferreira. **O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.
- PETRY, Leopoldo. **Novo Hamburgo: o Florescente município do Vale do Rio dos Sinos**. São Leopoldo: Rotermund e Cia, 1964.
- PETERSEN; Sílvia Regina; LUCAS, Maria Elisabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho 1870-1937**. Porto Alegre: UFRGS; TCHÊ, 1992.
- PICCOLO, Francisco. **O inferno dos prisioneiros da Grande Guerra**. São Paulo: Editorial Libertas, 1934.
- POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro v. 2, n. 3, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- POSSAMAI, Paulo César. Pioneiros. *In*: CONSTANTINO, Núncia Santoro de; RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio (Org). **De Pioneiros a Cidadãos: imagens da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1960)**. Porto Alegre: Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, 2005.
- PREGER, Claus Michael. **“Doktors” Contos de Memória – Médicos alemães, austríacos e húngaros no Rio Grande do Sul durante no século 20**. Porto Alegre, Libretos, 2011.
- PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias Narrativas & Histórias: a imigração espanhola em Porto Alegre (1940–1970)**. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.
- RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e cidadania *In*: MAUCH, Cláudia. **Os Alemães no Sul do Brasil - cultura, etnicidade, história**. Canoas: ULBRA, 1994.
- RAVAZZOLO, Ângela. **Poesia e precisão** As aquarelas de José Lutzenberger como representação da história e do cotidiano (1920-1951). 2005, 176f. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2005.
- RÊGO, André. **Família e Coronelismo no Brasil, uma história de poder**. São Paulo: A Girafa, 2008.
- REINHEIMER, Dalva. **A Navegação Fluvial na República Velha Gaúcha**. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- REIS, Arthur César Ferreira. **A valorização da cultura no Brasil**. Florianópolis: Secretaria do Governo de Santa Catarina – Departamento de Cultura, 1972.
- REMOND, Rene (Org). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- RENN, Ludwig. **!Guerra!** Diário de um soldado alemão. Buenos Aires: Claridad, [s.d].

- RIBEIRO; Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente. **Terras & Gente** Aspectos históricos, culturais da área do AHE Quebra-queixo. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- RIOS, José Arthur. Aspectos Políticos da Assimilação do Italiano no Brasil. **Publicações Avulsas da Revista Sociologia**, São Paulo n.4, p.3-75, 1959.
- RITIVOI, Andreea. **Empatia, Intersubjetividades e compreensão narrativa**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- RITT, Marlene Therezinha Jungblunt. A intolerância e a cultura: a invasão do jornal Kolonie. *In*: SCHNEIDER, Eleonor José (org.). **Fragmentos da vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.
- ROSENWEIN, Barbara. **História das Emoções problemas e métodos**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ROJAS, Carlos. **Micro-história italiana**. Modo de uso. Londrina: EDUEL, 2012.
- RORTY, Richard. **Verdade e Progresso**. Barueri: Manole, 2005.
- ROTERMUND, Wilhelm. **Os dois vizinhos e outros textos**. Porto Alegre: EST, 1997.
- SANMARTIN, Olyntho. **Escola da Morte – Memórias do Conflito de 1914-1918**. Porto Alegre: Globo, 1957.
- SANTA CASA. **Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: Histórias Reveladas**. Porto Alegre: ISCMPA, 2009.
- SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdade ou falsa?** Barueri: Estação das Cores, 2019.
- SANTOS, Antônio Augusto Mayer dos. **Prefeitos de Porto Alegre**. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2012.
- SANTOS, Rodrigo Luis dos. **Tramas enlaçadas: política, religião e educação no Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX**. Editora Fi, 2018.
- SANTOS, Rodrigo Luis dos. **Nomes, Laços e Interesses: formação de redes sociais e estratégias políticas de católicos e evangélico-luteranos em Novo Hamburgo/RS (1924-1945)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-graduação em História, São Leopoldo. 2016.
- SANTOS, Turibio. **Mentiras... ou não?** Uma quase autobiografia. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SATTO, Christian. A Grande Guerra na Itália. *In*: De RUGGIERO, Antonio; FAY, Cláudia Musa; GERTZ, René (orgs). **Vivências da Primeira Guerra Mundial entre Europa e o Brasil**. São Leopoldo: Oikos; Unisinos, 2015.
- SCARINCI, Carlos. **A gravura do Rio Grande do Sul – 1900-1980**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- SCHILLING, Suzana Porcello. **Edith Travi uma mulher de fibra**. Porto Alegre: Movimento, 2012.
- SCHMIDT, Benito. **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHMIDT, Benito. Grades invisíveis para rebentar: memórias de um militante de esquerda brasileiro sobre as prisões argentinas (1975-1979). *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito (org.). **Grafia da vida**: reflexões experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

SCHMIDT, Benito. Contar vidas em uma época presentista: a polêmica sobre a autorização prévia *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SCHNEIDER, Eleonor José (org.). **Fragments da vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

SCHREINER, Renate. **Entre Ficção e Realidade. A imagem do Imigrante Alemão na Literatura do Rio Grande do Sul**. Lajeado, Santa Cruz do Sul: Fates, Unisc, 1996.

SCHUPP, Ambrosio. **Os Muckers**: a tragédia do Ferrabrás. 4. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1993.

SCHÜTZ, Liene M. Martins. **Novo Hamburgo sua história, sua gente**. Novo Hamburgo: [s.e]. 1992.

SCHWARZ, Gudrun. “Durante a Guerra total, nós moças queremos estar longe onde realmente podemos fazer alguma coisa”. *In*: BARTOV, Omer; GROSSMANN, Atina; NOLAN, Mary (orgs). **Crimes de Guerra**: culpa negação no Século XX. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.

SCHWARTZMANN, Simon. **Estado Novo, um autorretrato**. Brasília: UNB, 1983.

SERVA, Mario Pinto. **O voto secreto ou a organização de Partidos Nacionaes**. São Paulo: Imprensa Methodista, [s.d].

SERRES, Michel. **A Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SEYFERTH, Giralda. **A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. *In*: MAUCH, Cláudia. **Os alemães no Sul do Brasil** - cultura, etnicidade, história. Canoas: ULBRA, 1994.

SILVA, Haike. **Entre o Amor ao Brasil e ao Modo de Ser Alemão**: a história de uma liderança étnica (1868-1950). São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Germanismo entre amigos: cartas entre Friederichs e Meyers. *In*: GOMES, Angela Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

SILVA, Hélio. **Alemães atacam navios brasileiros 1939-1942**. São Paulo: Edições ISTOÉ, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. XV ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço da. O povo X der Pöbel. *In*: MAUCH, Cláudia. **Os Alemães no Sul do Brasil** - cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed ULBRA, 1994.

SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço da. Associar-se com Patrícios. *In*: CONSTATINO, Núncia Santoro de; RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio (Org). **De pioneiros a Cidadãos**: imagens da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1960). Porto Alegre: Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). **Cultura, poder e educação** um debate sobre estudos culturais em educação. 2 ed. Canoas: Ulbra, 2011.

SIMON, Ciro. **Origens do Instituto de Artes da UFRGS etapas entre 1908 – 1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema de artes visuais no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Tese Doutorado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

SONDHAUS, Lawrence. **A primeira guerra mundial história completa**. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA, Ana. Língua de imigrantes em um cenário multiétnico: o português brasileiro em Londres. *In*: FERREIRA, Aparecida (org.). **Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas: Pontes, 2015.

SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande (I, II, III)**. Porto Alegre: SULINA, 1969.

SPINK, Mary Jane Paris (org.). **A cidadania em construção uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

SPITZER, Leo. **Vidas de Entremeio. Assimilação marginalizada na Áustria, no Brasil e na África Ocidental 1780-1945**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358-399, jan./abr. de 2017. Tradução de: Meaning and Understanding in the History of Ideas. *In*: SKINNER, Quentin. *Visions of Politics*. Londres: Cambridge University Press, 2001, v. I, cap. 4, p. 57-89.

STEVENS, W. O.; WESTCOTT, A. **História do poderio Marítimo**. São Paulo: Companhia Nacional, 1958.

STRAUB, Jürgen. Memória autobiográfica e identidade pessoal. Considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa. *In*: GALLE, Helmut et al. **Em primeira pessoa: abordagem de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume, 2009.

STOLTZ, Roger. **Cartas de imigrantes**. Porto Alegre: EST, 1997.

STONE, Norman. **Primeira Guerra Mundial uma história concisa**. Lisboa: Don Quixote, 2010.

STRAUB, Jürgen. Memória autobiográfica e identidade pessoal. Considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa. GALLE, Helmut (et. al.). **Em primeira pessoa: abordagem de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume, 2009.

TALMON, J.L. **Romantismo e revolta Europa 1815-1848**. Lisboa: Editorial Verbo, 1967.

TAVARES, José Antônio Giusti. **A estrutura do Autoritarismo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

TAVARES, José Antônio Giusti. **Representação Política e Governo J.F. de Assis Brasil**. Dialogando com os pósteros. Canoas: Editora da ULBRA, 2005.

TEDESCO, João Carlos. **Imigração e Integração cultural: interfaces**. Brasileiros na região de Vêneto. Santa Cruz do Sul; Passo Fundo, EDUNISC/ UPF, 2006.

TELLES, Leandro Silva. **A Bismarckrunde em Porto Alegre**. Separata do Livro, Anais do 1º. Simpósio de História da imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 1974.

TESLA, Nikola. **Minhas invenções**. A Autobiografia de Nikola Tesla. São Paulo: UNESP, 2012.

THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra O triunfo da divisão sexual. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Porto; São Paulo: Edições Afrontamento; EBRADIL, 1992. p.31-93.

TORRES, Andréa Sanhudo. **Imprensa política e cidadania**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

TOYNBEE, Arnold. **O Terrorismo alemão na Bélgica**. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1917.

TRINDADE, Héliq; NOLL, Maria Izabel. **Subsídios para a História do Parlamento Gaúcho**. Porto Alegre: CORAG, 2005.

TRUDA, Leonardo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1930.

TRUZZI, Oswaldo. Assimilação Resignificada: Novas Interpretações de um Velho Conceito. Rio de Janeiro, **Revista de Ciências Sociais**, v. 55, n. 2, p. 517-553, 2012.

TUBINO, Nina. **A Germanidade no Brasil**. Porto Alegre: Nova Prata, 2007.

TRUZZI, Oswaldo. Assimilação Resignificada: Novas Interpretações de um Velho Conceito. Rio de Janeiro, **Revista de Ciências Sociais**, v. 55, n. 2, p. 517-553, 2012.

____ (org.). **Imigração nas Américas**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

____. Redes, migrações e economia étnica na experiência paulista. *In*: DE RUGGIERO, Antonio; FAY, Cláudia Musa. **Imigrantes Empreendedores na História do Brasil – Estudo de casos**. Edipucrs, 2014.

ULMANN, Hermann. Viagem ao Brasil. *In*: CELSO, Alex. **10 alemães veem o Brasil...Hoje e amanhã**. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1942.

VAINFAZ, Ronaldo. **Micro-história** Os protagonistas Anônimos da História. São Paulo: Campus, 2002.

VARGAS, Anderson Zalewski. Moralidade, autoritarismo e controle social em Porto Alegre na virada do século 19. *In*: MAUCH, Claudia et.al.. **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre; Canoas; São Leopoldo: Ed. Universidade UFRGS; Ed. ULBRA; Ed. UNISINOS, 1994.

VARGAS, Getúlio. **A Nova Política do Brasil**. O Estado Novo, Tomo V, de 10 de novembro de 1937 a 25 de julho de 1938. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939.

VARGAS, Pedro. **A relação Patrimonial na Restauração de Bens Culturais**. O mercado de Porto Alegre e os caminhos invisíveis do negro. Curitiba: Appris, 2017.

WEIMER, Amir. Guerra, Genocídio e os Judeus soviéticos do Pós-Guerra. *In*: BARTOV, Omer; GROSSMANN, Atina; NOLAN, Mary (orgs). **Crimes de Guerra: culpa negação no Século XX**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005. p.231-258

WEIMER, Günter. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: UFSM, 2004a.

- WEIMER, Günter. **Arquitetura erudita da imigração alemã**. Porto Alegre: EST, 2004b.
- WEIMER, Günter. **1945**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- WEIMER, Günter. (org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. Série Documenta 15.
- WEIMER, Günter. **Arquitetos e Construtores Rio-grandenses na Colônia e no Império**. Santa Maria/RS: UFSM, 2006.
- WEIMER, Günter. A arquitetura de Porto Alegre e a imigração alemã. *In*: MAUCH, Cláudia. **Os alemães no Sul do Brasil**. Cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed ULBRA, 1994.
- WEGERER, Alfred. **Como se chegou à Grande Guerra**. Leipzig, [Brochura] 1933.
- WENETZ, Ileana. Sociabilidade e gênero: negociações/imposições no espaço do recreio. *In*: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da (org.). **O Esporte na Cidade** – Estudos Etnográficos sobre Sociabilidades Esportivas em Espaços Urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 117-132 p.
- WILLEMS, Emílio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. XV ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- WOORTMANN, Ellen. Diálogos sobre parentesco: memórias, história e antropologia. *In*: FERNANDES, Evandro (org.). **Imigração: diálogos e novas abordagens**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- ZALLA, Jocelito. **O Centauro e a Pena: Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.
- ZWEIG, Stefan. **Brasil, um País do Futuro**. Porto Alegre: LPM, 2008.

Outras Referências

JORNAIS E REVISTAS

JORNAL A FEDERAÇÃO. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&pagfis=12712>.

Edições de A Federação:

- A Federação, Edição 159, 13/07/ 1899 – capa
- A Federação, Edição 207, 2/09/1918, p. 2.
- A Federação, Edição 166, 24/09/1919, p.7.
- A Federação, Edição 195 - 09/08/1919, p. 8.
- A Federação, Edição 197, 22/08/1919, p.7.
- A Federação, Edição 224, 24/09/1919, p.6.
- A Federação, Edição 174, 29/07/1920, p.5.

A Federação, Edição 299, 29/12/1920, p.3.
 A Federação, Edição 225, 28/09/1922, p.6.
 A Federação, Edição 27, 31/01/1922, p.6.
 A Federação, Edição 225, 28/09/1922, p. 6.
 A Federação, Edição 56, 07/03/1923, p.8.
 A Federação, Edição 75, 31/03/1923, p.5.
 A Federação, Edição 92, 21/04/1923, p.4.
 A Federação, Edição 93, 21/04/1923, p.4.
 A Federação, Edição 109, 10/05/1924, p. 5.
 A Federação, Edição 111, 22/05/1924, p. 4.
 A Federação, Edição 244, 18/10/1924, p. 9.
 A Federação, Edição 243, 25/10/1926, p.3.
 A Federação, Edição 185, 09/08/1933, p. 7.
 A Federação, Edição 171, 27/06/1934, p. 7.
 A Federação, Edição 057, 09/03/1934, p. 4.
 A Federação, Edição 162, 16/07/1934, p. 4.
 A Federação, Edição 107, 08/04/1935 p. 6.

Almanak Laemmert. Rio de Janeiro: Laemmert, 1931.

Correio do Povo, Porto Alegre, 6/10/1974.

Diário de Notícias, edição 075, Porto Alegre, 29/05/1936, p.5.

Diário de Notícias, edição 244, Porto Alegre, 18/11/1940, p. 16.

Revista Máscara. Porto Alegre, n. VII, ano XI, junho de 1928. (Jantar de despedida do ex-governador Borges de Medeiros).

Relação das entrevistas

ENGLERT, Carmen Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz em 10/03/2009.

LUTZENBERGER, Rose Maria Kroeff. Porto Alegre. Entrevista concedida a João Luz e Fernanda Ambiedo em 19/05/2019.

Arquivos Privados

Arquivo José Lutzenberger

Arquivo Joaquim Barbosa

Arquivos Públicos

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs), livro L-620, página 247 (acervo Leis estaduais).

Arquivo IBA/ UFRGS, Livro ata dos anos: 1937/1938.

- Registro profissional de José Lutzenberger.

- Processo administrativo de José Lutzenberger para obtenção de gratificação por tempo de magistério.

Arquivo Municipal Moisés Vellinho (Porto Alegre -RS).

Arquivo Junta Comercial do Rio Grande do Sul.

- Contrato número 8.408 de 1917 - união comercial entre os engenheiros Willybaldo Leonard Weise e Eduardo Mennig.

- Contrato número 9.711 de 1919 - mudança de nome fantasia para Weise, Mennig & Cia.

- Contrato número 10.719 de 1921 - Contrato de sociedade entre arquiteto e Engenheiro José Lutzenberger e a Firma Weise, Mannig & Cia (15 de janeiro de 1921).

Arquivo Público Estadual do Rio Grande do Sul (APERS).

- Processo 9091 m250 de 21/08/1950.

Arquivo do Vale do Rio do Sinos (Novo Hamburgo-RS).

Material Virtual:

ALTÔTTING - HERZ BAYERNS. A Madona de Altötting. Disponível em: <https://altoetting.de/en/tourism-altoetting/pilgrimage/the-madonna-of-altoetting/>. Acesso em: 11.11.2022.

ALTÔTTING - HERZ BAYERNS. Rotas de Peregrinação. Disponível em: <https://altoetting.de/en/tourism-altoetting/pilgrimage/the-madonna-of-altoetting/>. Acesso em: 11.10.2022.

ALSÁCIA-LORENA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Als%C3%A1cia-Lorena>. Acesso em: 11-08-2022.

AQUARELA. Soldado farroupilha mira. Disponível em: http://lutzenberger.com.br/farrapos_07.htm. Acesso em: 10/12/21.

BURACK, Cristina. Onde nascer dá direito automático à cidadania? Disponível em: <https://dw.com/pt-br/onde-nascer-d%C3%A1-direito-autom%C3%A1tico-%C3%A0-cidadania/a-46114151>. Acesso em: 10.10.2022.

CÂMARA LEGISLATIVA E PREFEITURA DE PRAGA. Disponível em: https://pt.frwiki.wiki/wiki/Nouvel_H%C3%B4tel_de_Ville_de_Prague. Acesso em: 12.10.2021.

CARTÃO-POSTAL” do Pão dos Pobres. Disponível em: Arquivo Lutzenberger / <https://sul21.com.br/noticias/2011/11/pao-dos-pobres-instituicao-beneficente-de-inspiracao-francesa/>. Acesso em: 28/12/2022.

CASA LUTZENBERGER RESTAURADA. Disponível em: <https://kiefer.com.br/portfolio/casa-lutzenberger/>. Acesso em: 10-10-21.

CATEDRAL METROPOLITANA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_Metropolitana_de_Porto_Alegre. Acesso em: 12-09-2022.

COMUNIDADE SÃO JOSE. Disponível em: <https://comunidadesaojose.com/comunidade/>. Acesso em: 20-10-21.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO. Disponível em: <https://caurs.gov.br/apresentacao/>. Acesso em: 10/10/21.

CREA-RS. Disponível em: <https://www.crea-rs.org.br/site/index.php?p=instituicao>. Acesso em: 10/10/21.

DICIONÁRIO *ON-LINE* DE PORTUGUÊS. Vitória de Pirro. Disponível em: <https://dicio.com.br/vitoria-de-pirro/>. Acesso em: 11-10-21.

DIETRAMSZELL. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Dietramszell>; <https://flickr.com/photos/balou008/51117747213>. Acesso em: 12.11.2022.

ELTHON John. Rockman (música). Disponível em: <https://letras.mus.br/elton-john/20095/traducao.html>. Acesso em: 26.02.2021.

ESTADO DO RIO GRANDE (jornal), Edição 211, 26/06/1930, p. 08. Reportagem: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA. HAMBURGO VELHO. Disponível em: http://estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/hamburgo.htm. Acesso em: 11-10-2022.

FERNANDO FERRARI. Mãos limpas. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Ferrari. Acesso em: 10.11.2022.

FREEPIK. LINCE EURASIANO. Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-gratis/lince-euroasiano-no-parque-nacional-da-baviera-no-leste-da-alemanha_15390477.htm. Acesso em: 12.09.2021.

FRIEDRICH VON THIERSCH. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Friedrich_von_Thiersch. Acesso: 12.10.2022.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 11-11-2022.

GNADENKAPELLE (ALTÖTTING). *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Gnadenkapelle_\(Alt%C3%B6tting\)](https://de.wikipedia.org/wiki/Gnadenkapelle_(Alt%C3%B6tting)). Acesso em: 12.11.2021.

IMAGEM DO prédio *Bastian Pinto* no *Google Street view*. Disponível em: <https://analuizakoehler.com/becodorosario/o-palacete-bastian-pinto/>. Acesso em: 10/01/22.

INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. Disponível em: <http://ufrgs.br/acervoartes/artistas/l/lutzenberger-rose>. Acesso em: 12/12/22.

JOSEF MENGELE. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Josef_Mengele. Acesso em: 11.11.2022.

KAPELLPLATZ (Altötting). *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Kapellplatz_\(Alt%C3%B6tting\)#/media/Datei:A%C3%96_pano_Kapellplatz.jpg](https://de.wikipedia.org/wiki/Kapellplatz_(Alt%C3%B6tting)#/media/Datei:A%C3%96_pano_Kapellplatz.jpg). Acesso em: 11.10.2021.

KURFURST MAXIMILIAN GYMNASIUM, BURGHAUSEN. Disponível em: <https://inspirock.com/germany/burghausen/kurfurst-maximilian-gymnasium-a591225461>. Acesso em: 11.12.2021.

LINCE. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lince>. Acesso em: 12.11.2021.

LUDWIG VON GEBSATTEL. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Ludwig_von_Gebsattel. Acesso em: 11.11.2021.

MARGS. Catálogo de obras. Disponível em: <https://margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/J/40832/>. Acesso em: 11.11.2022.

MARGS. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/J/40832/>. E também em: [https:// google.com](https://google.com). Acesso em 10/01/22.

MARY ONE. THE IMMACULATE. Mary of the day. Disponível em: <https://immaculate.one/our-lady-of-the-day-may-27-our-lady-of-altotting-bavaria-germany#.Y0hNyv3MKpo>. Acesso em: 12.11.2021 e 11.11.2022.

MAPAS I, II, III. República-tcheca, 2023. Disponível em: <https://www.queroviajarmais.com/republica-tcheca/>. Acesso em: 20.02.2023.

MAPA IV. Rio Grande do Sul (Adaptado). Disponível em: <https://guiagnet.com.br/links/externos/mapa/110-rio-grande-do-sul-rs>. Acesso em: 20.02.2023.

ORFANATROPIO PÃO DOS POBRES PORTO ALEGRE. Disponível em: <https://flickr.com/photos/fotosantigasrs/11014746626/in/photostream/lightbox/>. Acesso em: 28/12/2022.

OSVALD POLÍVKA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Osvald_Pol%C3%ADvka. Acesso em: 12.11.2021.

PÃO DOS POBRES/ NOTÍCIA. Disponível em: / <https://sul21.com.br/noticias/2011/11/pao-dos-pobres-instituicao-beneficente-de-inspiracao-francesa>. /Acesso em: 28/12/2022.

PRÉDIO BASTIAN PINTO. Disponível em: [https:// google.com/maps](https://google.com/maps). Acesso em: 10/01/22.

PRÉDIO DO PÃO DOS POBRES (1930). Disponível em: <https://lickr.com/photos/fotosantigasrs/11014746626/in/photostream/lightbox/>. Acesso em: 28/12/2022.

PENTECOSTES. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em: 10.11.22.

PLANO DIRETOR DA CIDADE. Em 1929 Lutzenberger foi presidente da Associação de Proprietários de Imóveis (em 1939 essa associação participou do Plano Diretor da cidade). Disponível em: <https://urbsnova.wordpress.com/vilaflores/>. Acesso em: 10/12/21.

QUE SE ENTENDE POR GRANDE NATURALIZAÇÃO? Disponível em: <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/96232/que-se-entende-por-grande-naturalizacao>. Acesso em: 10-10-2022.

RIO SALZACH. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Salzach. Acesso em: 12.11.2021.

RODOLFO, PRÍNCIPE HERDEIRO DA BAVIERA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rodolfo,_Pr%C3%ADncipe_Herdeiro_da_Baviera. Acesso em: 11.10.2022.

RUA DA PRAIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rua_da_Praia. Acesso em 11-11-2022.

SALISTER. Disponível em: [http:// lutzenberger.com.br/arquitetura07.htm](http://lutzenberger.com.br/arquitetura07.htm). Acesso em: 10-10-2020.

SÃO LUIS GONZAGA. Disponível em: <https://arquivogospel.com.br/quem-foi-sao-luis-gonzaga/>. Acesso em: 11.10.2021.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <https://significados.com.br/cdf/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20CDF%3A&text=CDF%20significa%20%E2%80%9Ccabecabe%C3%A7a%20de%20ferro,n%C3%A3o%20resistiria%20e%20poderia%20estourar>. Acesso em: 24/12/2022.

SOCKER, Júnior Jorge Luis; MANENTI, Leandro. Novo Hamburgo: o patrimônio arquitetônico da “cidade industrial”. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t1_novo_hamburgo.pdf. Acesso em: 22-12-22.

UFRGS. Acervo de artistas. Disponível em: <http://ufrgs.br/acervoartes/artistas/1/lutzenberger-rose>. Acesso em: 12/12/22.

VILA FLORES. Disponível em: <https://urbsnova.wordpress.com/vilaflores/>. E também em: <http://vilaflores.org/>. Acesso em: 10/01/21.

WILLKOMMEN AM KUMAX. Meher leser. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://kumax.de/wp/>. Acesso em: 12.11.2021.

ANEXOS

Anexo I - Diploma Impresso de Engenheiro e Arquitecto Joseph Lutzenberger.
Real Escola Técnica da Bavária em Munique. 8 de agosto de 1906.

DIE
KÖNIGLICH BAYERISCHE TECHNISCHE HOCHSCHULE
ZU MÜNCHEN

ERTEILT MIT DIESER URKUNDE AUF GRUND DER ALLERHÖCHSTEN VERORDNUNG VOM 10. JANUAR 1901 UND NACH DEN
BESTIMMUNGEN DER VOM K. STAATSMINISTERIUM DES INNERN FÜR KIRCHEN- UND SCHULANGELEGENHEITEN UNTERM
10. JANUAR 1906 GENEHMIGTEN DIPLOMPRÜFUNGSORDNUNG
DEM STUDIERENDEN DES ARCHITEKTUR-FACHES

HERRN **JOSEPH LUTZENBERGER** AUS ALTÖTTING
GEBOREN AM 13. JANUAR 1882 ZU ALTÖTTING
DEN GRAD EINES
DIPLOM-INGENIEURS

NACHDEM DERSELBE DEN BESITZ EINES VORSCHRIFTMÄSSIGEN REIFEZEUGNISSES UND DIE VORGESCHRIEBENEN HOCH-
SCHULSTUDIEN NACHGEWIESEN SOWIE DIE ORDNUNGSMÄSSIGE DIPLOMPRÜFUNG UND ZWAR

IM JAHRE 1904 DIE VORPRÜFUNG MIT DEM PRÄDIKATE „GUT“
IM JAHRE 1906 DIE HAUPTPRÜFUNG MIT DEM PRÄDIKATE „MIT AUSZEICHNUNG BESTANDEN“
AN DER K. TECHNISCHEN HOCHSCHULE ZU MÜNCHEN
ABGELEGT HAT.

MÜNCHEN DEN 8. AUGUST 1906

DER REKTOR
DER K. TECHNISCHEN HOCHSCHULE.
gez. DR. W. v. DYCK.

DER VORSITZENDE
DER HAUPTPRÜFUNGS-KOMMISSION.
gez. HOCHEDER.

L.S.

Anexo II - Resumo da Atividade Militar de Joseph Lutzenberger (LUTZENBERGER, 1929, p. 69 -70).

Serviços:

01.10.1906 - Voluntário de um ano do 3º Batalhão Bávaro de Pioneiros (Munique).
 01.04.1907 - Recruta.
 01.07.1907 - Suboficial.
 30.09.1907 - Na reserva.
 08.05.1908 - Vice-sargento da reserva.
 25.06.1910 - Tenente da reserva no 3º Batalhão Imperial dos Pioneiros patente nº 41.
 26.07/19.09.1911 - Exercício da reserva no 3º Batalhão de Pioneiros.
 07.09.1912 - Transferido para o 4º Batalhão de Pioneiros.
 06.06/31.07.1913 Exercício da reserva no 4º Batalhão de Pioneiros.
 04.08.1914 - Mobilização no 4º Batalhão substituto. 2ª Companhia posicionada à frente.
 22.09.1914 - Como chefe do transporte substituto nº1 e 2 para o regimento de pioneiros, não
 chegado lá em 26.06.14 na 3ª Companhia de Pioneiros de Campanha do III Corpo
 do Exército Bávaro.

01.01.1915 - Transferido para 1ª Companhia Pioneiros de Campanha do II Corpo do Exército
 Bávaro.
 13.07.1915 - Promovido a primeiro-tenente de infantaria do regimento com a patente nº 296.
 27.12.1915 - Transferido para 1º Batalhão Substituto de Pioneiros.
 01.01.1916 - Transferido para o setor de granadeiros substitutos.
 01.02.1916 - Como chefe da companhia de granadeiros do 6º Bávaro ao campo.
 26.10.1918 - Como chefe para a companhia de pioneiros 11 batalhão de pioneiros 6ª Divisão
 Bávara de Infantaria.
 20.12.1918 - Liberado do 6º Batalhão de Pioneiros para Wiesbaden.

Participação em batalhas:

22.09.14/23.09.14 - Batalhas na altura do Maas.
 22.09.14/25.09.14 - Batalhas na altura do Maas e conquista do Forte Camp des Romains.
 25.09.14/31.12.14 - Lutas em St. Mihiel.
 02.01.15/06.10.15 - Em Bois Boulé e sítios em Apremont.
 08.12.15/27.12.15 - Bosque de Aprémont e Ailly.
 29.01.16/20.02.16 - Batalhas entre Mass e Mosa.
 15.03.16/20.03.16 - Batalhas em Priesterwald.
 21.07.16/07.08.16 - Batalha de Verdun nas cercanias da vila de Fleury e no reduto de
 Thiaumont.
 08.08.16/29.09.16 - Lutas em Argonnerwald.
 26.10.16/05.05.17 - Lutas por posição na Flandres francesa.
 05.05.17/20.05.17 - Batalha de primavera junto a Arras.

(Página 70 do original)

21.05.17/07.09.17 - Lutas de posição na Flanders francesa e Artois.
 22.09.17/09.10.17 - Batalha de outono em Flanders.
 10.10.17/06.02.18 - Lutas de posição em Artois.

07.02.18/20.03.18 - Lutas de posição em Artois e marcha para a grande batalha na França.
21.03.18/29.03.18 – Grande batalha na França.
26.03.18 - Combate em Boyelles e Boissy.
02.04.18/09.04.18 – Lutas de posição em Flanders 17/18.
10.04.18/15.04.18 – Lutas em Ipern – Boyer.
24.04.18/01.05.18 – Descanso atrás do 4º exército.
12.05.18/30.07.18 – Lutas de posição diante de Verdun.
14.08.18/27.08.18 - Batalhas do exército em Roye.
28.08.18/16.09.18 - Batalhas de retirada diante de St. Quentin e Roye.
17.09.18/09.10.18 - Batalha de defesa entre Cambrai e St. Quentin.
10.10.18/04.11.18 - Lutas antes e na posição de Hermann.
18.10.18 - Batalha em Le Petit Verly, Grougies e Aironville.
04.11.18 - Batalha em Etreuse e Le Grand Verly.
05.11.18/11.11.18 - Lutas de retirada diante da posição Antuérpia-Maas.
12.11.18/19.12.18 - Evacuação das áreas ocupadas e marcha para pátria.

Distinções e Condecorações

03.03.1911 - Medalha Príncipe Regente Luitpold.
05.12.1914 - Cruz de Ferro II Classe.
02.03.1915 - Distinção de mérito bávara militar com espada.
05.12.1916 - Cruz de Ferro I Classe.

Anexo III - Reprodução do certificado de *Oberlieutenant* (oficial militar) de Joseph Lutzenberger (BAPTISTA, 2007, p. 19). Munique, 13/07/1915.



Anexo IV - Junta comercial/RS (Porto Alegre) - Contrato n. 10.719 de 1921. Contrato de sociedade entre arquiteto e Engenheiro José Lutzenberger e a Firma Weise, Mannig & Cia (15 de janeiro de 1921).

em 10.719

1.ª via

Contracto social.

Entre os abaixo assignados engenheiros civis Wilibaldo A. Weise, Eduardo Menning cidadãos brasileiros e o Architecto José Lutzenberger natural da Allemannha todos residentes n'esta capital, fica contractado uma sociedade para a exploração do ramo da Engenharia civil, Architectura e Mecanica commercial sob as seguintes condições:

I.

A sociedade girará sob a razão social de Weise, Menning & Cia com sede a rua dos Andradas 585 sendo o seu capital de 10.000.000 rs dez milhos de reis em partes iguaes.

II.

Cada socio obriga-se por este contracto empregar e dedicar-se com toda a sua actividade em favor e progresso da firma que faz parte, porém é licito sob o apoio geral dos socios interessar-se em outras empresas ou negocios, salvo estas empresas ou negocios não prejudicarem os interesses e o nome da firma supra.

III.

De common accordo com o socio Architecto José Lutzenberger podem os socios engenheiros civis Wilibaldo A. Weise e Eduardo Menning executar conjunctamente pelo prazo d'este contracto, trabalhos de medições por conta propria não sendo estes trabalhos nada que ver com a firma Weise, Menning & Cia pagando estes a firme pelo aproveitamento do escriptorio 25% dos actuaes alugueis.

IV.

Cada socio é facultado retirar mensalmente do caixa e importância de trescentos mil reis para os

suas despesas individuais.

I.

O balanço é semestralmente feito em 1º de Janeiro e 1º de Julho de cada anno corrente, sendo cada socio interessado com uma terça parte nos lucros e perdas. O capital de reserva de firma necessario a sociedade será determinado por maioria dos socios. O lucro resultante que se verificar por balanço será repartido em partes iguais.

VI.

Todo o inventario é propriedade da firma, salvo a propriedade de cada socio, que lhe é documentada.

VII.

Com o cargo de gerente ficará encarregado um dos socios por maioria de votos.

VIII.

Cada socio tem o direito de assignar a firma, não podendo assignar lettras, notas promissórias, cheques, ou qualquer compromisso financeiro, sem assignatura d'um outro socio. É vedado aos socios pessoalmente assignar lettras, notas promissórias e prestar fianças. Cada socio responsabilisa-se com seu capital particular pelos negocios por elle feito em nome da firma quando elle não tenha consultado os outros, e dará seu balanço pessoal de todos os negocios por elle feito em nome da firma.

IX.

O contracto tem o prazo de cinco annos isto é de 1º de Janeiro 1921 até 1º de Janeiro 1926, podendo ser prorrogado de commun accordo de dois socios sem o prazo de 3 mezes ou incontinenti quando se poder provar certamente que um dos socios tenha prejuizo.

dicado e firma, e este perderá em totum todos os seus direitos d'este contracto.

X.

Por morte de um dos socios, a sociedade poderá continuar até terminação do seu prazo sob a gerencia do socio sobrevivente e assistencia de um fiscal idoneo por parte dos herdeiros do socio fallecido, salvo o caso do art. 353 doCodigo Commercial. Se não fôr vier aos interessados a continuação nas condições acima propostas proceder-se-ha balanco fazendo-se abatimento de vinte por cento sobre o total das dividas activas, e o quintão que couber aos herdeiros do socio fallecido será pago pelos sobreviventes em cinco letras de igual valor, a prazo de seis, doze, dezoito, vinte e quatro, trinta e seis (6, 12, 18, 24, 30) sem juros.

XI.

O prazo social é de cinco annos, findo estes e não sendo nenhum dos socios avisado por escripto que quer a dissolução ou liquidação da firma ou sociedade fica valido o presente contracto em todas as suas clausulas por mais um anno e assim por diante até se resolver a liquidação.

XII.

O infractor d'este contracto perde os direitos d'este contracto e está sujeito a multa que os socios prejudicados pela infracção convençãoarão.

XIII.

E por se acharem de perfeito accordo obrigam-se os signatarios por si e por seus herdeiros a cumprir em o presente contracto que va e escripto pelo proprio punho do socio enq.^{to} Willybaldo de Aguiar e que assignam em presenca de duas

As testemunhas lavrando quatro vias
de igual teor das quais uma será
arquivada na Junta Commercial.

Como Testemunhas
Paulino Barcellos Fonseca
Geminio Freitas

Porto Alegre, 15 de Janeiro de 1921
p.p. Edgard de Almeida
João Inácio



Reconhecemos as assignaturas acima dos
partes contractantes e damos fe.

Em test. de verdade.



em 10.719 — 10 mil.

A segunda, terceira e quarta vias são de igual teor e
são entregues ao devedor para a guarda da
Junta Commercial sob o nº 10.719.

Francisco Lourenço Chaves



aviso 1000.00

pagos ao valor mil réis. Deata repma o segundo original
expuro e arquivado no livro
Recibo de verdade



JUNTA COMERCIAL, INDUSTRIAL E SERVIÇOS DO RIO GRANDE DO SUL
De acordo com o disposto no artigo 78, inciso no Decreto Federal nº 1800/96, certifica a
autenticidade desta cópia reprográfica, cujo original está arquivado nesta Junta Commercial sob o

nº 10.719

em 15 de 01 de 1921

Certifico que até a data presente:
() existe (m) ato(s) posterior(es) arquivados nesta Junta Commercial
() este é o único ato arquivado nesta Junta Commercial
() este é o último ato arquivado nesta Junta Commercial.

Sandra Maria Gonçalves
Servidor Designado
ID: 1751581



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br